UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Abílio Pedro Galengale

Envelhecimento e identidade narrativa: uma análise de estilos de vida, trajetórias sociais e sociabilidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo (Moçambique)

Porto Alegre – RS
2026

Abílio Pedro Galengale

Envelhecimento e identidade narrativa: uma análise de estilos de vida, trajetórias sociais e sociabilidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo (Moçambique)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre – RS

2026

CIP - Catalogação na Publicação

Galengale, Abílio Pedro
Envelhecimento e identidade narrativa: uma análise de estilos de vida, trajetórias sociais e sociabilidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo (Moçambique) / Abílio Pedro Galengale.
-- 2026.
179 f.
Orientadora: Cornelia Eckert.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2026.

1. Envelhecimento e identidade narrativa. 2. Narrativas biográficas. 3. Sociabilidade de pessoas idosas. 4. Estilos de vida. 5. Vulnerabilidade. I. Eckert, Cornelia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Abílio Pedro Galengale

Envelhecimento e identidade narrativa: uma análise de estilos de vida, trajetórias sociais e sociabilidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo (Moçambique)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Aprovado em: Porto Alegre, 30 de janeiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cornelia Eckert (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS)

Prof. Dr. José Rivair Macedo
Programa de Pós-Graduação e Historia de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS)

Prof. Dr. Johannes Doll
Programa de Pós-Graduação em Educação de Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE/UFRGS)

ATA PARA ASSINATURA Nº _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
ANTROPOLOGIA SOCIAL - Mestrado Acadêmico
Ata de defesa de Dissertação

Aluno: Abílio Pedro Galengale, com ingresso em 26/02/2024
Título: **Envelhecimento e identidade narrativa: uma análise de estilos de vida, trajetórias sociais e sociabilidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo (Moçambique)**
Orientador: Profª Drª Cornelia Eckert

Data: 30/01/2026
Horário: 09:00
Local: IFCH/UFRGS Laboratorio Antropologia Social

Banca Examinadora	Origem
Ana Luiza Carvalho da Rocha	UFRGS
Jose Rivair Macedo	UFRGS
Johannes Doll	UFRGS

Porto Alegre, 30 de janeiro de 2026

Membros	Assinatura	Conceito
Ana Luiza Carvalho da Rocha		Aprovado
Jose Rivair Macedo		APROVADO
Johannes Doll		aprovado

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: ( ) Sim (X) Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.
A aprovação ou reprovação deve ser expressa por cada avaliador com os termos "Aprovado" ou "Não Aprovado". Conforme regimento do programa, não há conceitos A, B, C ou D para avaliação de defesas.

Abílio Galengale
Aluno

Orientador

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Av. Bento Gonçalves, 9500 Prédio 43322 - 205D - Bairro Agronomia - Telefone 33088220
Porto Alegre - RS

Agradecimentos

Antes de tudo, agradeço a Deus, o Todo-Poderoso, pelo dom da vida. À minha família; minha esposa, minha filha, minha mãe, meu pai, minhas irmãs e aos meus irmãos por entenderem o meu afastamento do país neste último ano do mestrado, pelo incentivo e confiança que me conferiram na prossecução deste nobre interesse académico. Estendo também meu afeto aos meus sobrinhos, que, só de lembrá-los, renovam minhas energias.

Meus especiais agradecimentos vão para minha orientadora, Profa. Dra. Cornelia Eckert, cuja dedicação acompanhou cada etapa desta trajetória acadêmica. Suas aulas, observações, esclarecimentos e o cuidado presente em cada orientação foram decisivos para a realização deste trabalho. Ao lado da Profa. Ana Luiza da Rocha, compõe uma parceria marcada pela firmeza intelectual e pelo compromisso ético qualidades raras no ambiente acadêmico, o que torna ainda mais significativo o modo acolhedor e atencioso com que ambas sempre me receberam.

Agradeço ao Professor Handerson Joseph, coordenador do PPGAS/UFRGS, cuja presença constante foi essencial para acolher dúvidas e encaminhar questões do percurso acadêmico. À Profa. Fabiene Gama, sou grato pelo acolhimento tanto na disciplina de Antropologia Visual quanto no estágio docente na mesma área. Essa disciplina, central para minha trajetória de pesquisa e para o trabalho com imagens, sempre se destacou como uma verdadeira experiência metodológica.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo acolhimento. Agradeço em especial aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) cujos ensinamentos e partilhas contribuíram para a minha trajetória no curso de mestrado.

Agradeço aos colegas do Banco de Imagem e Efeitos Visuais (BIEV) pelas conversas intensas e instigantes que mantivemos/mantemos ao longo do percurso, sempre orientadas pelo interesse comum em explorar a imagem, a etnografia de duração e os estudos antropológicos sobre sociedades complexas. A convivência nesse núcleo, marcado por interesses diversos e ao mesmo tempo convergentes na prática antropológica, ampliou minha compreensão sobre a importância de pensar e tratar o tempo como dimensão constitutiva da pesquisa. Esse ambiente coletivo teve papel fundamental na forma como aprimorei meu olhar e amadureci as escolhas analíticas que estruturam este trabalho.

Meus agradecimentos mais profundos vão para Dona Ana Marta da Costa, secretária da Associação Hiphunane, cujo acolhimento generoso abriu as portas para que eu pudesse conhecer e acompanhar de perto os idosos da organização. Sua disponibilidade, confiança e sensibilidade foram fundamentais para que este trabalho ganhasse vida. Estendo minha gratidão a todos os parceiros de pesquisa, que compartilharam comigo conhecimentos, experiências e informações essenciais para a construção desta etnografia. Cada gesto, cada conversa e cada momento de partilha contribuiu de forma decisiva para que este estudo se tornasse possível. Sem o compromisso e a colaboração de cada um, este trabalho não teria se materializado.

Aos meus amigos e colegas da Antropologia, agradeço por tornarem a vida acadêmica mais leve. A companhia de vocês nas aulas, nos laboratórios e nos trajetos de volta para casa se transformou em memórias que levo comigo nesta caminhada. Aos amigos de fora da academia, deixo minha gratidão por serem como uma segunda família e pelo apoio constante ao longo dos anos, e da vida que nos acompanha.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização desta pesquisa. Grande parte da minha formação acadêmica e a própria estadia no Brasil só se concretizaram graças ao apoio deste conselho. Expresso aqui minha sincera gratidão.

Resumo

Este estudo antropológico sobre o envelhecimento em contexto de vulnerabilidade urbana, resulta de uma pesquisa etnográfica desenvolvida entre 2023, 2024 e o início de 2025 no Bairro de Tsalala, Matola, Maputo, Moçambique. Propõe-se reconhecer e compreender como as pessoas idosas vivenciam o envelhecimento em condições de vulnerabilidade urbana. A análise concentra-se nas narrativas biográficas, exploradas nos estilos de vida, trajetórias sociais, redes de interação, marcadores sociais, condições de acesso à saúde, aspirações futuras e visões de mundo, para além de processos de internamento dos mortos. A metodologia integrou a observação participante e direta das práticas cotidianas, entrevistas não diretivas, análise de redes sociais, e o uso de registros fotográficos e fílmicos para a coleta de dados. Tais narrativas evidenciam que o envelhecimento nesse contexto, se constrói pela articulação de experiências individuais com relações coletivas. Verificou-se que as trajetórias de vida, marcadas por deslocamentos forçados, guerras, trabalho árduo e instabilidade econômica ultrapassam a mera condição de fragilidade, ao invés disso, revelam modos de existir sustentados por práticas cotidianas de resistência e solidariedade. Nos estilos de vida manifestos nos cuidados domésticos, na agricultura, nas redes de poupança ou nas iniciativas comunitárias, o trabalho configura-se como o eixo imprescindível na organização da vida na velhice, confere dignidade e sentimento de pertença às pessoas idosas nos espaços que habitam. As trajetórias sociais aprofundam essa compreensão ao demonstrar que homens e mulheres, atravessados por distintos marcadores sociais, assumem múltiplos papéis, reinventam formas de cuidar, prover e participar da vida coletiva. As formas de sociabilidade, particularmente as redes de vizinhança, o apoio religioso e a ajuda mútua, emergem como pilares de sustento diante da carência de políticas públicas eficazes. Nessas narrativas, destaca-se igualmente a dimensão simbólica da velhice, marcada nos relatos rituais sobre o enterramento dos mortos que registram vínculos, atualizam memórias e fortalecem a coesão comunitária. Nas aspirações dos idosos, relativas à legalização de terrenos, ao fortalecimento de associações, à melhoria das condições de vida, evidencia-se que, mesmo perante as limitações materiais, permanece viva a vontade de projetar futuros possíveis. Compreender o envelhecimento em Tsalala significa reconhecer sujeitos que negociam diariamente as fronteiras entre precariedade e dignidade, articulando saberes, afetos e práticas que fornecem suporte às suas vidas e visões de mundo. Essas vivências, caracterizadas pela tensão entre vulnerabilidade e dignidade, sustentam-se no trabalho, na solidariedade e nas redes comunitárias. Suas narrativas revelam criatividade, força para enfrentar a precariedade, reinvenção de papéis sociais, manutenção de vínculos afetivos e simbólicos, negociação cotidiana das condições de vida e afirmação de pertença, memória e esperança de um futuro melhor.

Palavras-chave: envelhecimento; identidade narrativa; narrativas biográficas; sociabilidade; vulnerabilidade.

Abstract

This anthropological study on aging in the context of urban vulnerability is the result of ethnographic research conducted between 2023, 2024, and early 2025 in the Tsalala neighborhood, Matola, Maputo, Mozambique. It proposes to recognize and understand how older people experience aging under conditions of urban vulnerability. The analysis focuses on biographical narratives, explored through lifestyles, social trajectories, interaction networks, social markers, conditions of access to health, future aspirations, and worldviews, in addition to the processes of internment of the dead. The methodology integrated participant and direct observation of daily practices, non-directive interviews, social network analysis, and the use of photographic and film records for data collection. These narratives show that aging in this context is built by articulating individual experiences with collective relationships. It was verified that life trajectories, marked by forced displacement, wars, hard work, and economic instability, go beyond the mere condition of fragility; instead, they reveal ways of existing sustained by daily practices of resistance and solidarity. In lifestyles manifested in domestic care, agriculture, savings networks, or community initiatives, work is configured as the essential axis in the organization of life in old age, conferring dignity and a sense of belonging to older people in the spaces they inhabit. Social trajectories deepen this understanding by demonstrating that men and women, crossed by distinct social markers, assume multiple roles, reinventing ways of caring, providing, and participating in collective life. Forms of sociability, particularly neighborhood networks, religious support, and mutual aid, emerge as pillars of sustenance in the face of the lack of effective public policies. These narratives also highlight the symbolic dimension of old age, marked in ritual accounts of the burial of the dead, which register bonds, update memories, and strengthen community cohesion. In the aspirations of the elderly, relating to the legalization of land, the strengthening of associations, and the improvement of living conditions, it is evident that, even faced with material limitations, the will to project possible futures remains alive. Understanding aging in Tsalala means recognizing subjects who daily negotiate the boundaries between precariousness and dignity, articulating knowledge, affections, and practices that provide support for their lives and worldviews. These experiences, characterized by the tension between vulnerability and dignity, are sustained by work, solidarity, and community networks. Their narratives reveal creativity, strength to face precariousness, reinvention of social roles, maintenance of affective and symbolic bonds, daily negotiation of living conditions, and affirmation of belonging, memory, and hope for a better future.

Keywords: aging; narrative identity; biographical narratives; sociability; vulnerability.

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 – Mapa de Moçambique e países limítrofes 19

Figura 2 – Mapa da Província de Maputo 21

Figura 3 – Mapa da cidade de Matola 23

Figura 4 – Mapas de localização da cidade de Matola na Província de Maputo 24

Figura 5 – Mapa do bairro de Tsalala, localizado na cidade da Matola 25

Fotografia 1 *– Sr. Fernando Januário Machava em sua casa.* ***Fonte:*** *Foto do autor. Maputo, 25 de Setembro 2024* 27

Fotografia 2 – Dona Amália Samuel Chipendane e Sr. Josias Azarias em sua casa. Fonte: Foto do autor. Maputo: 19 de Julho de 2024 28

Fotografia 3 – Casa da dona Marcela Francisco Murura. Fonte: Foto do autor. Maputo: 16 de julho de 2024 28

Fotografia 4 *– Rua da casa de Dona Beatriz em direção ao Km 15. Fonte: Fotografia do autor. Maputo, 3 de abril de 2024.* 30

Fotografia 5 *– Moradias a bermas de rua abertas, crianças em circulação.* ***Fonte:*** *Maputo, 17 de Março de 2024.* 30

Fotografia 6 *– Ruas abertas, concertação de pessoas, árvores, barracas e acúmulo de materiais de construção nas bermas.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 07 de Agosto de 2024* 31

Fotografia 7 *– Ruas de areal, montões de areia e pedras de construção, quintais de vegetais (espinhosas).* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 28 de março de 2024* 31

Fotografia 8 *– Materiais de construção acumulados nas ruas de circulação.* ***Fonte:*** *Registro fotográfico realizado. Maputo, 18 de Maio de 2024* 32

Fotografia 9 *– Ruas parcialmente coberta de pedras e terra abatida, delimitada por muros de blocos.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 20 de Maio de 2024.* 32

Fotografia 10 *– Rua de areal com traços de ordenamento do espaço urbano no bairro.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 21 de Maio de 2024* 33

Fotografia 11 *– Ruas alagada, evidenciando os desafios da mobilidade urbana na rotina dos moradores nos tempos antecedidos pelas chuvas* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 11 de Abril de 2024* 33

Fotografias *12; 13. Construções em alvenaria* ***Fonte****: Fotografia do autor: Maputo, 25; 28 março de 2024* 34

Fotografias 14; 15 *– Construções em caniços.* ***Fonte****: Fotografia do autor: Maputo, 25 março de 2024* 35

Fotografia 16 *- Parte externa da residência da Dona Rosa Faife.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024.* 37

Fotografia 17 *- Parte interna da residência da Dona Rosa Faife.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024* 37

Fotografia 18 *- Dona Rosa Faife, caminhado pelo espaço doméstico.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024* 38

Fotografia 19 *– Dona Amelia Samuel Chipendane em sua residência.* ***Fonte.*** *Fotografia de autor. Maputo, 17 de Março de 2024* 39

Fotografia 20 *– Sr. Jossias Azarias em sua residência.* ***Fonte.*** *Fotografia de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024* 39

Fotografia 21 *– Vista dos condomínios e do ambiente no entorno da Associação Hi-Phunane.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 27 de fevereiro de 2024.* 40

..... 41

Fotografia 22 *– Senhor Banda Alexandre Nhocuane em frente aos seus canteiros de cultivo.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 13 de Maio de 2024* 41

Fotografia 23 *– Dona Amélia Muamba em sua residência, diante de seus canteiros de cultivo.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 20 de maio de 2024* 41

Fotografia 24 *– Dona Amélia Samuel, diante de seus canteiros de cultivo em sua residência.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 18 de maio de 2024* 42

Fotografias 25; 26 *– Sr. Gabriel Muianga em actividades da machamba.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 07 de agosto de 2024.* 42

Fotografias 27;28 *– Sr. Gabriel e o autor.* **Fonte:** Fotografia de Lázaro Galengale. *Maputo, 08 de janeiro de 2025* 43

Fotografias 29; 30 *– Sr. Gabriel ajustando escada e descendo para o interior do peço* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 8 de Janeiro de 2025* 44

Fotografias 31 *– Poço de Sr. Gabriel com matope já esvaziado.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 08 de Janeiro de 2025* 45

Fotografias 32*– Poço de Sr. Gabriel após a conclusa de reconstrução.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 15 de Janeiro de 2025* 45

Fotografias 33 *– Ruas abertas na inovação de Associação Hi-Punane.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025* 46

Fotografias 34 *– Arvores derrubadas, início das construções no interior da Associação.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025* 47

Fotografias 35 *– Culturas destruídas pela máquina escavadora, abrindo ruas na área da associação.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025* 47

Fotografias 36 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 15 de Maio de 2024* 49

Fotografias 37 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 17 de Junho de 2024* 49

Fotografias 38 *– Popança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor Maputo, 02 de Agosto de 2024.* 50

Fotografias 39*– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024.* 50

Fotografias 40*– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 01 de Outubro de 2024.* 51

Fotografias 41*– Popança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Novembro de 2024* 51

Fotografias 42*– Popança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Novembro de 2024* 52

Fotografias 43 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024* 53

Fotografias 44 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024* 53

Fotografias 45 *– Idosas na Associação Hi-Phunane, em seus encontros habituais e conversas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 1 de Maio de 2024* 54

Fotografias 46 *– Idosas na Associação Hi-Phunane, em momentos de cânticos e danças.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 1 de Maio de 2025* 55

Fotografias 47 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel nos estudos Bíblicos.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 22 de setembro de 2024* 56

Fotografias 48 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel o autor numa oração.* ***Fonte****: Registro fotográfico do Lazaro Galengale, Maputo, 27 de setembro de 2024* 56

Fotografias 49 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel e o autor nos estudos bíblicos.* ***Fonte****: Registro fotográfico do Lazaro Galengale, Maputo, 07 de Outubro de 2024* 57

Fotografias 50 *– Sr. Gabriel e os Irmão da igreja Adventista num estudo Bíblico.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor, Maputo, 15 de Outubro de 2024* 57

Fotografias 51 *– Sr. Gabriel no culto numa congregação.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor, Maputo, 05 de novembro de 2024* 58

Fotografia 52– Dona Rosa Faife. **Foto do autor**. Maputo, 18 de Maio de 2024..... 79

Fotografia 53 – Dona Rosa Faife. **Foto do autor**. Maputo, 18 de Maio de 2024..... 79

Fotografia 54: *Residência de Dona Amélia Muamba.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, data. 20 de Maio de 2024* 81

Fotografias 55; 56*– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de dezembro de 2024.* 82

Fotografia 57 *– Dependência de Dona Amelia Muamba em Construção.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Maio de 2024.* 83

Fotografia 58 *– Residência da dona Beatriz Elias Nhone.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 03 de Abril de 2024* 84

Fotografia 59 *– Dona Beatriz Elias Nhone em sua residência vedendo carvao de cozinha.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 07 de Dezembro de 2025.* 85

Fotografia 60 *– Quarto de Beatriz Elias Nhone em arrendamento.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 07 de Dezembro de 2025* 86

Fotografia 61 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, na varanda da sua residência diante do seu material de aluguer.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 08 de Agosto de 2024* .. 90

Fotografia 62 *– Jovens a alugar material de construção em casa do Sr. Banda Alexandre Nhocuane, enquanto ele monitora sentado.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 13 de Junho de 2024.* 91

Fotografia 63 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane falando da sua produção de plantas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 15 de Julho de 2024.* 92

Fotografia 64 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, apresentando a sua diversidade de mudas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 08 de Julho de 2024*..... 92

Fotografia 65 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, apresentando a sua diversidade de mudas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 10 de Outubro de 2024* 93

Fotografia 66*– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, falado das suas plantas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 15 de Julho de 2024* 93

Fotografia 67; 68 – Criação de Sr. Banda Alexandre Nhocuane. **Fonte**: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 12 de Agosto de 2024 94

Fotografia 69 *– Sr. Gabriel Muianga colhendo verduras em sua machamba.****Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 07 de Novembro de 2024*..... 97

Fotografias 70 e 71 *– Sr. Gabriel Muianga atendendo moradores interessados na compra de verduras e colhendo os produtos diretamente em sua machamba.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 12 de Outubro de 2024*..... 98

Fotografia 72 *– Sr. Gabriel Muianga a vendendo verduras em machamba da sua residência.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 02 de Fevereiro de 2025*..... 99

Fotografias 73 - *Sr. Fernando dentro da sua casa atividades.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 13 de Setembro de 2024* 152

Fotografias 74 *– Residência do Sr. Fernando Januário Machava.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 11 de Setembro de 2024* 153

Fotografia 75 *– Estrutura do banheiro construído por Fernando Januário Machava em sua residência.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 11 de Setembro de 2024.*..... 153

Fotografia 76; 77; 78 *– Obras artística pendurados na parede de Casa do Sr: Fernando Machava.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 25 de Outubro de 2024.*..... 154

Fotografias 79 *– Sr. Gabriel Muianga em suas atividades de machamba.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 13 de Setembro de 2024* 155

Fotografias 80 *– Sr. Gabriel Muianga e o Irmão Daniel.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 07 de Novembro de 2024*..... 156

Fotografias 81 *– Sr. Gabriel Muianga e o Irmão Daniel.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 06 de Janeiro de 2025* 157

Fotografias 82 *– Sr. Tenda a ser esticada no meio da rua para a realização de um velório.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 06 de Janeiro de 2025*..... 162

Apoio financeiro CNPq

Meu percurso acadêmico foi concluído com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que passou a financiar meus estudos a partir do 2º ano do curso por meio de uma bolsa de estudos (Processo: 131932/2025-0).

Esse apoio foi fundamental para que eu completasse as disciplinas curriculares e finalizasse a pesquisa que resultou nesta dissertação.

SUMÁRIO

Introdução 1
CAPITULO 1 – A realidade histórica e social do envelhecimento em Moçambique 7
1.1. Os problemas sociais à luz de uma revisão bibliográfica 7
1.1. Sobre a vulnerabilidade 7
1.2. Sobre experiências individuais e socioculturais 8
1.3. A política pública apontada pela literatura 10
1.4. Sobre a construção social do envelhecimento 11
1.5. Uma revisão bibliográfica de conceitos 14
CAPÍTULO 2 – Moçambique, Maputo, Matola e o bairro de Tsalala: contextos da pesquisa 18
2.1. Moçambique 18
2.2. Província de Maputo 19
2.3. Cidade Municipal de Matola 21
2.4. Bairro de Tsalala 24
2.5. Caminhando pelo bairro Tsalala, o que eu observo, o que eu fotografo 29
2.5.1. Práticas comunitárias, que registo a partir de observação, fotografia e anotações 48
CAPÍTULO 3 – Questões metodológicas e apresentação dos/as idosos/idosas, parceiros da pesquisa 59
3.1. Trajetória pessoal em direção ao tema do envelhecimento 59
3.2. A pesquisa etnográfica 61
3.3. Inserção na pesquisa de campo 62
3.4. Considerações metodológicas 64
3.5. Apresentação das pessoas idosas, parceiros desta pesquisa 65
CAPITULO 4 – Estilos de vida e rotinas diárias: o dia a dia dos/das idosos/as 78
CAPITULO 5 - Trajetórias sociais das pessoas idosas, incluindo suas ocupações, papeis familiares e status social ao longo da vida 101
CAPITULO 6 – As redes de interação, formas de sociabilidade (familiares, amizades) e participações comunitárias ou institucionais 116
CAPITULO 7 – Questões de gênero, religião e geração 128
CAPITULO 8 – As condições de acesso e de atendimento à saúde pública dos/das idosos/as 141
CAPITULO 9 - As aspirações futuras, sonhos e visões de mundo das pessoas idosas, considerando suas perspetivas sobre o envelhecimento e as mudanças sociais 147

CAPÍTULO 10 - A situação de enterramento dos mortos no bairro de Tsalala, Matola, Maputo 161
Considerações finais..... 167
Referências 172

Introdução

Moçambique aparece entre os piores países do mundo para viver e envelhecer. No Índice Global de Idosos de 2014 (IGI-2014), o país ocupa a 95ª posição entre 96 nações avaliadas, à frente apenas do Afeganistão, o último colocado na lista (Francisco e Sugahara, 2014). Embora o índice tenha incluído menos da metade dos 193 Estados-membros da ONU, os 96 países analisados representam cerca de 91% da população idosa mundial, o que confere relevância ao estudo. O relatório da HelpAge International, divulgado no Dia Internacional dos Idosos em 2014, aponta quatro fatores que explicam essa classificação: segurança de renda, condições de saúde, competências para a vida cotidiana e qualidade do ambiente onde vivem, e mostra que muitos idosos enfrentam dificuldades no acesso a serviços básicos, fragilidade na proteção social e limitações tanto na saúde quanto na inclusão social (Francisco e Sugahara, 2014).

É neste contexto que se insere o presente estudo antropológico baseado na pesquisa etnográfica desenvolvida com pessoas idosas em Matola Maputo entre 2023, 2024 e início de 2025, com objetivo de compreender como vivenciam o envelhecimento em meio à vulnerabilidade urbana, a partir da analise das narrativas biográficas[1], estilos de vida[2], trajetórias sociais[3], formas de sociabilidade[4], além de marcadores sociais como gênero, religião e geração, que influenciam suas condições de vida e visões de mundo.

---

[1] As narrativas biográficas são uma forma de produzir conhecimento que valoriza a experiência das pessoas. Elas dão voz a quem normalmente é silenciado, mostram conflitos e histórias esquecidas e ajudam a promover justiça social (Fantasia e Leite, 2013), colocando os próprios participantes no centro da pesquisa. Elas mostram como as pessoas entendem suas vidas, sentimentos e memórias. Não se limitam a relatar fatos, mas conectam a trajetória de cada pessoa ao contexto social, histórico e cultural em que vivem. As narrativas revelam como os indivíduos fazem escolhas, enfrentam dilemas e constroem suas identidades em uma sociedade complexa e cheia de contradições (Velho, 1968).

[2] Estilo de vida é o conjunto de hábitos, comportamentos, valores e práticas que definem a maneira como uma pessoa ou grupo vive (Alencar, 2007), mostra como cada indivíduo se relaciona com o mundo ao seu redor e faz escolhas que refletem suas preferências, crenças e o contexto social em que vive. Autores como Bourdieu e Velho entendem o estilo de vida como uma expressão das trajetórias sociais e dos habitus. Ele revela tanto as estruturas sociais que reconfiguram a vida das pessoas quanto as estratégias que elas usam para se diferenciar (Velho, 1998).

[3] Trajetória social é uma construção analítica feita pelo pesquisador a partir das histórias de vida e biografias, indo além do simples relato de uma existência. Ela representa a sequência de posições que um indivíduo ocupou ao longo do tempo em diferentes espaços sociais, considerando as mudanças contextuais e estruturais que influenciam essa movimentação. Inspirando-se nas críticas de Pierre Bourdieu à chamada "ilusão biográfica", Paulo Renato Guérios (2014) retoma a ideia de trajetória como um recurso que evita tanto uma leitura apenas subjetiva dos relatos quanto uma análise puramente estrutural. Assim, a trajetória social revela a relação entre experiências individuais e condições sociais objetivas. Ela permite compreender como os sujeitos se inserem em redes sociais, quais estratégias utilizam para se mover socialmente e como articulam aspectos individuais e coletivos, o micro e o macro (Guérios, 2014).

[4] O conceito de "forma de sociabilidade" refere-se aos modos como os indivíduos se relacionam em contextos específicos, carregados de sentidos simbólicos, afetivos e performativos. Proposto por Georg Simmel, a sociabilidade é entendida como uma forma lúdica de socialização, em que o valor está no simples ato de estar

Em termos específicos, a pesquisa busca coletar e analisar narrativas biográficas para compreender as experiências de envelhecimento e os processos de construção da identidade social das pessoas idosas; descrever e interpretar os estilos de vida e as rotinas diárias, identificando padrões e variações entre essas pessoas; investigar as trajetórias sociais, incluindo ocupações, papéis familiares e status sociais ao longo da vida; analisar as redes de interação social, como relações familiares, amizades e participações comunitárias; estudar de que modo os marcadores sociais [5] (gênero, religião e geração) influenciam as condições de vida, expectativas e desafios enfrentados; conhecer as condições de acesso e atendimento à saúde pública; e explorar aspirações futuras, sonhos e visões de mundo, considerando as perspetivas das pessoas idosas sobre o envelhecimento e as mudanças sociais, e descrever a situação de enterramento dos mortos no bairro estudado.

A pesquisa adota uma abordagem etnográfica, combinando observação participante e direta, entrevistas não diretivas, análise de redes sociais, registros fotográficos e fílmicos. O foco está nas experiências das pessoas idosas em um contexto de vulnerabilidade urbano num bairro periférico da província de Maputo em Moçambique.

A investigação dialoga com duas perspetivas teóricas sobre o envelhecimento em Moçambique, sendo a primeira, centrada na vulnerabilidade (Buchir, 2017; Francisco & Sugahara, 2008, 2012; Francisco, Fisker & Sugahara, 2013; Silva, 2011), destaca a ineficácia de redes de proteção social, a insuficiência dos serviços de saúde e a inadequação da implementação das políticas públicas para as pessoas idosas. A segunda perspectiva, voltada às experiências individuais e socioculturais (Daca, 2012; Fumo, 2017; Galengale, 2017; Luís, 2022; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003; Nhampossa, 2023; Nunes, 2003), defende a importância de reconhecer a vivência das pessoas idosas e criar programas de proteção social através de políticas públicas que melhorem sua qualidade de vida e saúde.

com o outro, oferecendo alívio às tensões da vida cotidiana (Simmel citado por Alencar, 2007). Para Simmel, trata-se de um jogo social em que o conteúdo da relação importa menos que a interação leve e prazerosa. Mais tarde, o conceito ganhou novas dimensões na antropologia urbana. Segundo Toledo (2016), a sociabilidade inclui também conflitos, diferenças e a construção de identidades coletivas. Ela deixa de ser apenas uma abstração teórica e passa a ser uma estratégia metodológica de escuta e aproximação. A forma de sociabilidade revela afetos, estilos de vida e disputas simbólicas, articulando a interação simbólica (Simmel), as dimensões afetivas e performativas (Toledo) e os processos etnográficos de construção de sentido.

[5] Macedo e Medeiros (2025), os "marcadores sociais" são categorias classificatórias como gênero, religião, geração (…) historicamente e socialmente construídas. Não atuam de forma isolada, mas se cruzam, produzindo experiências específicas de opressão ou privilégio. São instrumentos simbólicos e materiais de diferenciação, associados a normas, estigmas e desigualdades estruturais. Influenciam o acesso a direitos, recursos, oportunidades e reconhecimento social.

Ao reconhecer a primeira perspectiva, proponho que ela destaca a insuficiência do suporte social e a inadequação das políticas públicas voltadas ao idoso, mas a segunda torna fundamental porque amplia a compreensão do envelhecimento ao colocar no centro as experiências individuais e socioculturais, valorizando o conhecimento tradicional e sua articulação com práticas modernas de viver a velhice. No entanto, ao revisar essas abordagens, constato que ainda permanecem lacunas evidentes, sobretudo sobre a forma como os idosos vivenciam o envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana. É justamente nesse ponto que pretendo avançar, mostrando como essas experiências se desenrolam no cotidiano, aspecto menos explorado pela literatura moçambicana.

Sobre a construção social do envelhecimento, estudos em Moçambique (Francisco, Sugahara e Fisker, 2013; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003) mostram que esse processo é marcado por pobreza, violência, exclusão e dependência de redes informais. Já a literatura da antropologia brasileira e britânica (Debert, 1998; [s/d]; Featherstone, 1989; Barros [s/d]; Motta, 2002) destaca o envelhecimento como uma construção social atravessada por tensões entre juventude e velhice, tradição e modernidade, autonomia e fragilidade. Em contextos urbanos, a violência e o medo também incidem sobre a velhice (Eckert, 2002; Alves, 2002). Na Índia, Cohen (1998) critica a universalização da gerontologia ocidental e ressalta a importância das narrativas locais para compreender o envelhecimento.

Diante desse conjunto de reflexões, proponho que analisar o envelhecimento no bairro de Tsalala exige atenção às narrativas biográficas apresentadas pelas pessoas idosas. É a partir desse olhar que descrevo a realidade local e procuro mostrar como a velhice se constrói socialmente em um cenário de vulnerabilidade urbana. Com o objetivo de entender como os idosos vivenciam o envelhecimento nesse contexto e de contribuir para preencher lacunas teóricas e empíricas nos estudos sobre Moçambique, realizei um estudo etnográfico com pessoas idosas em situação de vulnerabilidade no bairro de Tsalala, apoiado pela teoria da identidade narrativa de Paul Ricoeur (Silva, 2017), que mostra como as pessoas se compreendem e se constroem ao longo do tempo.

No caso dos idosos, as narrativas têm papel fundamental para dar sentido às experiências vividas, pois é ao contar suas histórias que as ações e lembranças se organizam no tempo (Silva, 2017). A identidade se revela justamente nesse processo, quando cada pessoa responde à pergunta central, “quem fez determinada ação?” Assim, a narrativa descreve, constrói a vida, e, ao mesmo tempo, configura a identidade de quem conta, define tanto o personagem que o indivíduo é quanto a história que cria sobre si mesmo.

O envelhecimento se constrói a partir das narrativas biográficas (Brigeiro, 2024; Matta, 2010, Eckert e Rocha, 2013), que expressam as condições históricas, sociais e culturais das trajetórias de vida das pessoas idosas. Essas narrativas se cruzam com as histórias pessoais e revelam dimensões como as relações sociais, os valores culturais e o papel das instituições, e é nesse cruzamento que se definem as formas de viver e de contar a velhice.

Orientado pelo campo conceitual de Brigeiro (2024) e Matta (2010), e pela perspectiva teórica de Paul Ricoeur ([1991]; Silva, 2017) o envelhecimento, sobretudo em contextos de vulnerabilidade, aparece como uma construção contínua, que nasce das trajetórias de vida e das experiências vividas pelas pessoas idosas. Suas identidades narrativas organizam as histórias de cada um e ajudam a compreender a identidade do "si mesmo", no sentido proposto por Ricoeur (1991) em seu conceito de ipseidade o "si-mesmo como um outro". Para o autor, a identidade não é fixa, ela se transforma ao longo da vida, ganha forma nas relações e se constrói nas histórias que cada pessoa cria sobre si. Assim, somos feitos das narrativas que lembramos e interpretamos, e a ipseidade envolve a capacidade de assumir responsabilidade pelas próprias ações, reconhecendo a continuidade do sujeito no tempo.

É nesse cenário que se constrói a pesquisa, procurando mostrar como as pessoas idosas elaboram sentidos sobre o envelhecimento, negociam sua presença no espaço urbano e mobilizam saberes, memórias e práticas de resistência diante das vulnerabilidades impostas pelas transformações sociais, econômicas e políticas no contexto urbano em que vivem.

As redes de interação social na construção das experiências de envelhecimento no bairro estudado, seja por meio dos vínculos familiares, das amizades ou da inserção em espaços comunitários como a Associação Hi-Phunane que irei apresentar a seguir, constroem formas diversas de sociabilidade das pessoas idosas que respondem suas necessidades práticas. Essa associação das pessoas idosas surgiu de forma informal por volta do ano 2000 e ganhou estrutura em 2005, quando foi criado o seu Núcleo, com apoio da HelpAge, desde então, tornou-se um espaço importante de convivência, apoio social e trabalho coletivo.

O principal eixo da associação são as [6]*machambas* comunitárias, que funcionam como um espaço onde as pessoas idosas trabalham juntas e fortalecem seus laços. Ali, o cultivo não serve apenas para garantir alimento, ele cria relações de solidariedade, amizade e pertença. Muitos chegam à associação em momentos de fragilidade, por doença, perda de renda ou

[6] *Machamba*" é uma palavra usada em Moçambique para se referir a uma pequena plantação familiar. Trata-se de um espaço de cultivo agrícola, geralmente de subsistência, onde se plantam alimentos como milho, mandioca, batata-doce, feijão, hortaliças, entre outros.

solidão e encontram na machamba um lugar de acolhimento. É nesse espaço que retomam forças, se reconhecem uns nos outros e constroem, por meio do trabalho e da convivência, formas de cuidado e de vida comunitária.

Ao longo dos anos, a Hi-Phunane chegou a reunir mais de 350 idosos e contou com apoio de doadores como a HelpAge International, o que garantiu abastecimento de água, produtos agrícolas, painéis solares e atividades diárias. Hoje, a associação enfrenta dificuldades por falta de patrocinadores e pela perda do sistema de abastecimento de água, o que reduziu muito a produção agrícola. Ainda assim, permanece ativa graças às pequenas machambas e ao compromisso das vovós, que continuam buscando ali um espaço de apoio, dignidade e vida comunitária.

Em termos de organização, esta dissertação para além da presente introdução, estrutura-se em dez capítulos, seguidos das considerações finais. No primeiro capítulo, apresento a realidade histórica e social do envelhecimento em Moçambique. Discuto os problemas sociais identificados pela literatura, as principais perspetivas teóricas, o panorama das políticas públicas, a construção social do envelhecimento e uma breve revisão bibliográfica sobre os conceitos de pobreza, envelhecimento, identidade narrativa, vulnerabilidade e a definição de pessoa idosa.

No segundo capítulo, descrevo os contextos geográfico, histórico e político de Moçambique, da cidade de Maputo, do município de Matola e, em especial, do Bairro de Tsalala. Essa contextualização delimita o campo de investigação e situa as condições em que o envelhecimento e a vulnerabilidade urbana se manifestam. Apresento também a minha trajetória em campo, registrando práticas comunitárias observadas por meio de anotações, fotografias e interações cotidianas.

No terceiro capítulo, exponho as questões metodológicas, apresento os homens e mulheres idoso/as que participaram da pesquisa e descrevo o meu percurso pessoal até chegar ao tema do envelhecimento. O quarto capítulo dedica-se aos estilos de vida e às rotinas diárias, com o intuito de identificar padrões e variações que revelam as singularidades das experiências individuais e suas articulações com a vida comunitária.

No quinto capítulo, analiso as trajetórias sociais das pessoas idosas, incluindo ocupações, papéis familiares e posições sociais ao longo da vida. O sexto capítulo aborda as redes de interação, as formas de sociabilidade; familiares, amizades e relações comunitárias, e os vínculos institucionais que configuram o cotidiano das pessoas idosas no Bairro de Tsalala. No sétimo capítulo, examino como marcadores sociais, como género, religião e geração,

influenciam as condições de vida, as expectativas e os desafios enfrentados no processo de envelhecimento.

O oitavo capítulo discute as condições de acesso e os modos de atendimento no sistema público de saúde. Relato experiências que evidenciam dificuldades como escassez de medicamentos, falta de acompanhamento médico e fragilidade dos suportes familiares. No nono capítulo, apresento as aspirações futuras, os sonhos e as visões de mundo das pessoas idosas, considerando as suas perceções sobre o envelhecimento e sobre as transformações sociais ao redor.

O décimo capítulo descreve a situação de enterramento dos mortos no Bairro de Tsalala e analisa as práticas funerárias locais, destacando a morte como uma experiência coletiva marcada por tradições culturais, crenças religiosas e adaptações à vida urbana. Por fim, nas considerações finais**,** sintetizo as contribuições teóricas e etnográficas da pesquisa, evidenciando como as pessoas idosas constroem o envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana no Bairro de Tsalala, em Moçambique.

CAPITULO 1 – A realidade histórica e social do envelhecimento em Moçambique

1.1. Os problemas sociais à luz de uma revisão bibliográfica

Nesta pesquisa, apresento duas perspetivas dos estudos sobre o envelhecimento em Moçambique: por um lado a dos aspetos da vulnerabilidade e, por outro lado, a das experiências individuais e socioculturais dos idosos. Essas perspetivas permitem compreender o envelhecimento em Moçambique e contribuem para clarificar o problema de pesquisa.

1.1. Sobre a vulnerabilidade

Na perspetiva da vulnerabilidade, Francisco e Sugahara (2014), ao analisarem o "Índice Global de Idosos em Moçambique", sustentam que o país está entre os piores lugares do mundo para se envelhecer. Para os autores, o bem-estar dos idosos depende de fatores como estabilidade de renda, condições de saúde e um ambiente social favorável (…). Em outro estudo "*Romper a conspiração do silêncio"*, Francisco e Sugahara (2012) apontam a ausência de redes de proteção social para os idosos em Moçambique, a insuficiência dos serviços de saúde, a inadequação das políticas públicas e o contexto socioeconômico marcado pela pobreza, e faz uma crítica ao papel do Estado e das instituições responsáveis pela situação do envelhecimento, que não asseguram proteção social. Silva (2011), por sua vez, reforça a fragilidade econômica das famílias e a inexistência de redes de apoio social, fatores que intensificam a vulnerabilidade dos idosos.

Os problemas enfrentados pelos idosos em Moçambique encontram suas raízes nas questões estruturais e familiares. O desafio para se enfeitar não se limita à criação de políticas, inclui as dificuldades para garantir a sua implementação (Fisker & Sugahara, 2013), como se pode notar, no país, a Lei nº 3/2014, de 5 de fevereiro, foi elaborada para promover os direitos dos idosos, protegê-los contra discriminação e violência, garantir acesso a serviços de saúde, assistência social e condições de habitação adequadas, além de incentivar sua integração social e participação ativa em atividades culturais e recreativas. Essa legislação foi antecedida pela Resolução nº 48/2002, de 12 de novembro, uma política voltada para os idosos com o objetivo de combater a vulnerabilidade e melhorar seu bem-estar. No entanto, apesar dessas iniciativas, os idosos em situação de vulnerabilidade continuam enfrentando diversas barreiras, que podem ser ultrapassadas por meio da implementação adequada de programas de proteção social, como a pensão universal e a assistência financeira direta aos mais vulneráveis (Fisker & Sugahara, 2013).

Buchir (2017) ao analisar o crescimento da população idosa na estrutura demográfica[7] em Moçambique, destaca a importância de políticas públicas voltadas às necessidades específicas desse grupo, especialmente nas áreas de saúde e segurança social. Apesar do aumento da longevidade, Buchir ressalta que muitos idosos ainda enfrentam condições de vulnerabilidade devido à insuficiência de suporte adequado. Assim como Francisco e Sugahara (2014), o estudo de Buchir destaca a relevância de compreender as transformações demográficas e suas implicações para a formulação de políticas públicas eficazes.

Na leitura dos autores revisados, percebo que os idosos em Moçambique vivem situações de vulnerabilidade marcadas pela falta de redes eficazes de proteção social, pela insuficiência dos serviços de saúde e pela inadequação das políticas públicas. Apesar da existência de legislações, como a Lei nº 3/2014 e a Resolução nº 48/2002, a forma ineficaz como são implementadas impede que esses problemas sejam superados e, em vez disso, agrava ainda mais a pobreza que atinge essa realidade social.

1.2. Sobre experiências individuais e socioculturais

A perspetiva das experiências individuais e socioculturais considera as vivências dos idosos em Moçambique, suas narrativas pessoais e coletivas, bem como suas percepções e necessidades. Daca (2012) ao investigar a "depressão, ansiedade e qualidade de vida das mulheres idosas participantes do programa Envelhecimento Saudável em Moçambique" apresenta suas experiências em atividades físicas regulares exercidas com objetivo de melhorar

[7] Tânia Evelina Samuel Buchir, no estudo *"A Percepção Demográfica dos Idosos em Moçambique"*, mostra que o país vive uma fase inicial da transição demográfica. Apesar das taxas de fecundidade ainda serem altas, já se nota um crescimento da população idosa, resultado da redução da mortalidade e do rápido aumento populacional. Atualmente, as pessoas idosas representam pouco menos de 5% da população total. Esse grupo é considerado social e economicamente vulnerável e carece de políticas públicas específicas que atendam às suas necessidades. A autora baseou sua análise em dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017), considerando variáveis como região (Norte, Centro e Sul), gênero, estado civil, escolaridade, chefia de agregado familiar e local de residência (urbano ou rural). Os resultados mostram que, em todas as regiões, há menos homens idosos do que mulheres. O Centro concentra a maior proporção de pessoas idosas nas faixas de 65-69 e 70-74 anos. A diferença entre gêneros ainda não é muito marcada, o que confirma que a transição demográfica em Moçambique está apenas em seus primeiros passos. Em relação ao estado civil, a maioria das pessoas idosas vive casada ou em união, o que, segundo a autora, traz benefícios à saúde e ao bem-estar, sobretudo para os homens, já que o casamento tende a favorecer hábitos de vida mais estáveis. Outro dado importante indica que grande parte da população idosa não teve acesso à educação formal, uma realidade semelhante nas três regiões do país. À medida que aumenta o nível de escolaridade, diminui o número de idosos, reflexo das desigualdades históricas no acesso à educação. No que se refere à chefia dos agregados, a região Norte apresenta mais idosos nessa posição, ainda que as diferenças entre regiões não sejam muito expressivas. O estudo também aponta maior concentração de idosos em áreas rurais, enquanto no Sul há menos idosos vivendo nesse espaço. A variação entre áreas urbanas e rurais é pequena, mas segue o padrão observado em outros países em desenvolvimento. Na conclusão, Tânia Evelina destaca que, apesar das diferenças socioeconômicas entre regiões, elas não se refletem de forma significativa nas características demográficas da população idosa (Buchir, 2017).

a saúde mental e a sua qualidade de vida. O autor observa que, apesar de muitas participantes apresentarem sinais e sintomas de ansiedade, há aspetos positivos a destacar, a qualidade de vida ativa, o que indica a importância da participação dos idosos em programas de atividades físicas, iniciativas essenciais para promover autoimagem positiva, saúde mental e convívio social.

As experiências apresentadas por Daca (2012), apesar de sua relevância no protagonismo das pessoas idosas na participação em programas de atividades físicas essenciais para a promoção da autoimagem positiva, da saúde mental e do convívio social, acabam por excluir outros idosos que se encontram fora desses programas voltados ao envelhecimento saudável. No caso de Nhampoca (2003), por exemplo, que explora a relação entre a mendicidade e a integração social dos idosos na cidade da Beira, entende que as pessoas idosas naquela cidade se submetem às situações de mendicidade devido às suas condições socioeconômicas insustentáveis, a ausência de apoio familiar e a precariedade das redes de proteção social. Para Nhampoca a marginalização dos idosos mendigos reflete falhas sistêmicas na proteção social.

Em contrapartida, Fumo (2017), ao analisar a integração de idosos em dois centros de apoio à velhice em Maputo, destaca que os mais vulneráveis têm acesso e aceitação nessas instituições; no entanto, o autor não aborda como esses indivíduos vivenciam o envelhecimento nesses espaços de acolhimento. Já Luís (2022), ao investigar os critérios de seleção para o subsídio social básico durante a pandemia de Covid-19 em um bairro de Maputo, explora as experiências, sentimentos e opiniões dos beneficiários, muitos dos quais vivem em condições precárias, e utiliza seu estudo para criticar a atuação do Instituto Nacional de Ação Social (INAS) na distribuição inadequada dos subsídios, que, de modo geral, não são direcionados aos necessitados, enquanto o papel das instituições de assistência social básica deveria ser garantir a segurança social das pessoas em situação de vulnerabilidade (Nhampossa, 2023).

As experiências das pessoas idosas são de grande relevância no seio da sociedade, em particular na sociedade moçambicana. Sua transmissão oral permanece como um dado histórico que assegura a continuidade cultural e a coesão social, sobretudo nas comunidades rurais de Moçambique. Nunes (2003) argumenta que a diminuição do papel dos idosos, resultante da modernização e da introdução de novos atores, como a escola e o rádio, contribui para enfraquecer tanto a identidade cultural quanto os laços sociais. O autor defende a integração do conhecimento tradicional com as práticas modernas como forma de promover a solidariedade entre gerações e a resiliência cultural.

Lodovici e Santos (2011), em conversa com Terezinha da Silva sobre o bem-estar dos idosos em Moçambique, destacam a importância das experiências das pessoas idosas que se encontram excluídas por causa das transformações sociais e culturais que afetam de uma forma negativa as suas vidas, e colocam como saídas a educação do público no geral na promoção dos direitos humanos e contra a marginalização das pessoas idosas.

Galengale (2017), em seu estudo sobre as estratégias de reprodução social de um grupo de idosos no distrito de Boane, em Moçambique, mostra como essas experiências dos idosos são importantes na sustentação de si próprios e dos seus familiares através de atividades como agricultura, arrendamento de casas, participação em associações de ajuda humanitária e religiosa. Galengale reforça a relevância de se reconhecer as contribuições dos idosos e as diversas maneiras pelas quais eles se adaptam para a sua reprodução social, e desconstrói a visão de que são apenas recetores passivos de cuidados.

Ao analisar os autores que defendem a valorização das experiências individuais e socioculturais, percebo que eles chamam atenção para a importância de reconhecer as vivências dos idosos e de criar programas de proteção social que melhorem a qualidade de vida e a saúde. Eles também destacam como a continuidade cultural e a adaptação dos idosos se expressam em práticas, como atividades do dia a dia e a transmissão oral. No entanto, notam que esses elementos estão cada vez mais fragilizados pela modernização que enfraquece suas identidades, laços comunitários e ampliam a marginalização. Diante disso, consideram essencial valorizar o conhecimento tradicional, ao mesmo tempo em que se articula com práticas modernas e se investe em políticas públicas eficazes.

1.3. A política pública apontada pela literatura

Podemos sugerir que as duas perspetivas analisadas sobre o envelhecimento no contexto moçambicano revelam pontos fundamentais. A primeira, focada na vulnerabilidade, destaca os desafios estruturais enfrentados pelos idosos (Buchir, 2017; Francisco & Sugahara, 2008; Francisco & Sugahara, 2012; Francisco, Fisker & Sugahara, 2013; Silva, 2011). Esse olhar aponta a fragilidade econômica das famílias, ausência de redes eficazes de proteção social, a inadequação de políticas públicas, mesmo diante de legislações como a Lei nº 3/2014 e a Resolução nº 48/2012, cuja implementação limitada agrava a vulnerabilidade. Apesar de sua relevância, essa perspetiva prioriza uma abordagem macroestrutural e negligencia os detalhes das experiências individuais e socioculturais dos idosos. A segunda perspectiva, centrada nas experiências individuais e socioculturais (Daca, 2012; Fumo, 2017; Galengale, 2017; Luís, 2022; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003; Nhampossa, 2023; Nunes, 2003),

complementa essa análise ao valorizar as vivências dos idosos e a necessidade de programas de proteção social que promovam melhorias na qualidade de vida e na saúde. Destaca ainda a relevância da continuidade cultural, adaptação cotidiana dos idosos por meio de atividades e da transmissão oral, aspetos cada vez mais comprometidos pela modernização e pela presença de novos atores, como rádio, escola, que fragilizam identidades e laços comunitários, para além de reforçar a marginalização.

Ao reconhecer a primeira perspetiva, percebo que ela destaca a insuficiência do suporte social e a inadequação das políticas públicas voltadas aos idosos em Moçambique. Já a segunda me parece fundamental porque amplia a compreensão do envelhecimento ao colocar no centro as experiências individuais e socioculturais, que valoriza o conhecimento tradicional e sua articulação com práticas modernas de viver a velhice. No entanto, ao revisar essas abordagens, proponho que ainda permanecem lacunas importantes, sobretudo sobre a forma como os idosos vivenciam o envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana. É nesse ponto que pretendo avançar, para mostrar como essas experiências se desenham na vida diária, no ritmo das relações e das pequenas situações que nunca recebem atenção nos estudos.

1.4. Sobre a construção social do envelhecimento

Embora não existam estudos específicos sobre o bairro de Tsalala no contexto de envelhecimento, explorei pesquisas que tratam da temática em outras regiões, que se enquadraram aos desafios enfrentadas pelos idosos do bairro em estudado. O livro *"Envelhecimento em Moçambique, dinâmica de bem-estar e da pobreza"* (Francisco, Sugahara e Fisker, 2013), oferece uma visão geral das condições socioeconômicas dos idosos no país. Ainda que aborde o contexto nacional, essa análise é importante para compreender o bairro de Tsalala, onde as dificuldades estruturais, como pobreza e falta de proteção social, são evidentes. O trabalho destaca a necessidade de políticas públicas que levem em consideração as particularidades locais que envolvam as comunidades na criação de soluções de bem-estar para os idosos.

O tema da violência contra idosos, abordado por Mbiza (2022) no contexto de Katembe, Maputo, visibiliza questões semelhantes presentes no bairro Tsalala. A violência, tanto física quanto emocional, assim como a exclusão social, afetam os idosos em diversas regiões de Moçambique. No seu estudo, Mbiza explora como esses indivíduos enfrentam situações de abuso e negligência, suas estratégias de resistência e redes de apoio social.

Nhampoca (2003) no trabalho sobre a mendicidade entre os idosos na cidade da Beira, Moçambique, fala da marginalização de idosos em bairros periféricos. Embora o contexto

geográfico seja distinto, a exclusão social e a dependência de redes informais de apoio também são relevantes para conduzir o meu olhar sobre os idosos de bairro de Tsalala, que, muitas vezes, se encontram à margem da sociedade, mas buscam formas alternativas para dar a resposta aos seus estilos de vida.

Esses estudos (Francisco, Sugahara e Fisker, 2013; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003) abrem um campo para compreensão das condições enfrentadas pelos idosos em Moçambique e direcionam meu olhar para o contexto específico no bairro Tsalala.

A partir da literatura da antropologia brasileira, revisei a obra de Debert (1998), sobre a construção social da velhice, conceito aplicável ao contexto de Tsalala, na reconfiguração das redes sociais e nos papéis socias dentro do bairro. O estudo de Debert oferece uma reflexão sobre como os idosos negociam suas posições sociais em uma sociedade que valoriza a juventude, e traz elementos fundamentais para compreender as tensões entre tradição e modernidade no processo de envelhecimento.

Debert (s/d), ao estudar o *envelhecimento e o curso da vida* no Brasil, apresenta o conceito de "descronologização da vida", que introduz novas formas de compreender a velhice, como as noções de "meia-idade" e "aposentadoria ativa", ajustando as trajetórias de vida dos indivíduos. Essas transformações no curso da vida e no envelhecimento refletem como a pós-modernidade trouxe maiores mudanças às trajetórias individuais (Featherstone, 1989). No entanto, Debert (s/d) observa que, apesar de a pós-modernidade manifestar a intenção de libertar as pessoas das normas tradicionais, as idades cronológicas ainda desempenham um papel central na organização social e na definição das identidades. Por outro lado, Featherstone (1989) aponta que a desconstrução das categorias tradicionais de envelhecimento, embora ofereça novas oportunidades (meia-idade, aposentadoria ativa) também intensifica o estigma e a discriminação associados à velhice. Isso se agrava na cultura de consumo ocidental, que reforça a dicotomia entre juventude e velhice.

Barros (s/d), na análise da situação dos idosos sob a ótica dos próprios no Rio de Janeiro, diferencia "velhice" de "terceira idade". A primeira carrega conotações negativas, enquanto a segunda reflete uma mudança cultural positiva. A distinção entre velhice e terceira idade oferece, então, uma nova perspetiva, associada à ideologia individualista que busca manter padrões de juventude em pessoas envelhecidas. Esse pensamento permite compreender contextos em que a visão ocidental é dominante na definição da velhice.

Nessa mesma linha crítica, Cohen (1998), ao examinar a velhice na Índia, questiona a suposição de que o modelo gerontológico ocidental possa servir como referência universal. Para ele, essa perspectiva ignora diferenças culturais e reduz experiências diversas a um único

padrão explicativo. Com isso, Cohen defende que compreender a velhice exige atenção aos saberes locais e às narrativas das próprias pessoas, em vez de recorrer a visões totalizantes que pretendem dar conta de tudo. Essa preocupação encontra ressonância no estudo de Johannes Doll (2006) sobre o bem-estar na velhice. Doll argumenta que saúde, vínculos sociais e condições econômicas são importantes, mas não esgotam o que produz bem-estar, porque variam de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. Para o autor, o sentido que cada idoso atribui à própria existência influenciado por discursos científicos, religiosos, culturais ou midiáticos exerce um papel decisivo na maneira como se vive e se compreende o envelhecer. Por isso, não há uma verdade única sobre o que significa envelhecer bem, mas múltiplas formas de construir essa experiência.

Motta (2002), em sua pesquisa sobre o envelhecimento e a percepção do corpo no Rio de Janeiro, Brasil, destaca a importância das experiências simbólicas e culturais na construção da identidade dos idosos. A autora critica a visão que associa a velhice à improdutividade e mostra como os idosos resistem às limitações impostas pela sociedade, bem como às situações de estigma e discriminação, por meio de estratégias que lhes permitem manter uma identidade positiva, e inverte dessa forma as expectativas sociais.

A antropologia urbana brasileira, apresentada por Eckert (2002) em *Cultura do medo e as tensões de viver na cidade*, em Porto Alegre, e por Alves (2002) sobre as narrativas de fragilização de mulheres idosas no Nordeste de Amaralina, em Salvador, ajuda a contextualizar o impacto das transformações urbanas na vida dos idosos em bairros como Tsalala. Embora tratem de contextos diferentes do que abordo neste estudo, ambos evidenciam dinâmicas de violência e insegurança que também marcam a realidade de Tsalala. Alves (2002) destaca a importância das histórias pessoais para compreender a saúde mental das idosas, que leva em conta as dimensões biológicas, sociais e culturais. Já Eckert (2002) mostra como a cultura do medo nas grandes cidades reduz a autonomia e limita as interações sociais dos idosos. Em conjunto, os dois estudos revelam que, mesmo diante das dificuldades do cotidiano, os idosos encontram formas de resistir, preservar vínculos comunitários e reconstruir suas identidades frente à fragilização subjetiva e à violência urbana.

Os estudos sobre envelhecimento em Moçambique (Francisco, Sugahara e Fisker, 2013; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003) mostram que esse processo é marcado por pobreza, violência, exclusão e dependência de redes informais. Na literatura da antropologia brasileira, percebe-se que Debert (1998; s/d), Featherstone (1989), Barros (s/d) e Motta (2002) evidenciam como a velhice é socialmente construída em meio a tensões entre juventude e velhice, tradição e modernidade, autonomia e fragilização. Eckert (2002) e Alves (2002) apontam que a violência

e o medo também afetam o envelhecimento em contextos urbanos. Já Cohen (1998) na Índia, critica a universalização da gerontologia ocidental e destaca a importância das narrativas locais para compreender a velhice. É a partir desse olhar que descrevo a realidade local e procuro mostrar como a velhice se constrói socialmente em um cenário de vulnerabilidade urbana.

1.5. Uma revisão bibliográfica de conceitos

Esta seção explora os conceitos de pobreza, envelhecimento, identidade narrativa, vulnerabilidade e a definição de pessoa idosa.

Fernandes (2018), em sua análise sobre a precariedade das condições de vida dos moradores de ocupações urbanas no Rio de Janeiro, expande a compreensão da pobreza para além da mera escassez material. Para a autora, a pobreza é também um processo simbólico de exclusão e estigmatização. Contudo, Fernandes (2018) enfatiza que, mesmo em cenários de extrema precariedade, os indivíduos não são apenas vítimas passivas, eles atuam como agentes que resistem e ressignificam suas condições. Nessa linha, Frangella e Rui (2017) introduzem o termo "positivação da precariedade". Este conceito descreve a maneira pela qual os indivíduos, mesmo em situações de marginalização, encontram formas de ressignificar suas experiências, criar novos sentidos e estabelecer novas territorialidades que desafiam as normas sociais estabelecidas.

A positivação da precariedade (Fassin, 2014) revela um campo de luta social em que a pobreza é compreendida como uma condição política, resultante de relações desiguais de poder que perpetuam a marginalização, estigmatização e exclusão social. Contudo, esse campo também pode ser transformado em um espaço de resistência, como demonstrado nas interações sociais de moradores em situação de vulnerabilidade no Rio de Janeiro (Fernandes, 2018). Por meio da ressignificação de suas condições de vida, esses indivíduos criam redes de apoio e solidariedade (Fernandes, 2020), elementos fundamentais para transformar a pobreza de um estado de passividade em um processo de reinvenção e superação (Frangella & Rui, 2017).

No contexto do envelhecimento, o conceito da pobreza apoia-se em estudos (Fassin, 2014; Fernandes, 2018; Frangella & Rui, 2017) que o caracteriza como uma condição estrutural, complexa e em constante transformação. Esses estudos permitem compreender a pobreza não apenas como insuficiência material, mas como um processo de exclusão influenciado por dinâmicas históricas, políticas e culturais, cuja precariedade expõe determinados grupos à vulnerabilidade.

A palavra "vulnerabilidade" deriva do latim *vulnerare*, que significa ferir ou lesar e *bĭlis* que significa susceptível. Essa definição etimológica ajuda a compreender como o

conceito foi incorporado às ciências sociais e à bioética (Carmo e Guizardi, 2018). No âmbito da saúde e da assistência social, a vulnerabilidade é entendida como uma característica inseparável à existência humana, evidenciada por uma maior predisposição devido a desigualdades sociais ou econômicas. Contudo, os autores enfatizam que essa condição não é fixa, pode ser superada através do desenvolvimento de habilidades individuais e da melhoria nos contextos em que as pessoas estão inseridas.

Oviedo e Czeresnia (2015) identificam três componentes interrelacionados na construção do conceito da vulnerabilidade; o individual**,** ligado a conhecimentos e comportamentos que promovem proteção; o social ou coletivo, associado a fatores como gênero, etnia, religião e exclusão social; e o programático ou institucional, que abrange a capacidade dos serviços e políticas públicas de mitigar contextos de vulnerabilidade. Essa abordagem integradora reconhece a vulnerabilidade como um fenômeno multidimensional, resultante da interação entre exposições e capacidades de enfrentar os obstáculos.

Nesse cenário, especialmente quando se trata do envelhecimento, é crucial articular o conceito de vulnerabilidade ao de identidade narrativa. As condições sociais, políticas e culturais que geram ou acentuam a vulnerabilidade impactam diretamente como os indivíduos constroem e ressignificam suas identidades ao longo da vida. Essas narrativas são cruciais para entender como os idosos organizam sua experiência no tempo (Silva, 2017). Suas ações e vivências só ganham sentido quando são contadas e organizadas por eles mesmos, pois a identidade de uma pessoa é revelada ao narrar a história de sua vida, como Paul Ricoeur (Silva, 2017) apresenta, a narrativa não apenas descreve a vida, mas a constrói, dando forma à sua identidade narrativa e, ao mesmo tempo, molda a própria história narrada.

De acordo com Paul Ricoeur (Silva, 2017), a identidade narrativa se manifesta na intersecção entre permanência e mudança. Essa concepção desdobra-se em duas dimensões centrais: a “mesmidade” (*idem*) e a “ipseidade” (*ipse*). É no encontro entre essas duas dimensões, quando o indivíduo narra a própria vida, que a história do “si” se organiza, dando sentido tanto às continuidades (mesmidade) quanto às transformações (ipseidade) (Ricoeur, 1991). A experiência da vulnerabilidade, portanto, afeta essa capacidade de narrar e reconfigurar o “si” diante do envelhecimento.

Nesse contexto, o envelhecimento pode ser compreendido não apenas em sua dimensão biológica, mas como uma construção social, histórica e cultural (Matta, 2010; Brigeiro, 2024). Esse fenômeno é influenciado por fatores sociais, culturais e históricos que variam conforme o tempo, o espaço e as relações em que os sujeitos estão inseridos. Assim como a identidade

narrativa, o envelhecimento é vivido e significado de formas diversas, configurado pelas trajetórias individuais e pelas condições coletivas que estruturam a vida dos indivíduos.

Enquanto Matta (2010) mostra que a vivência no envelhecimento é influenciada pelas condições específicas de cada época, como acontecimentos históricos, transformações econômicas e mudanças culturais, que condicionam as formas pelas quais os indivíduos envelhecem e atribuem sentido a essa fase da vida, Brigeiro (2024) acrescenta que essa experiência depende das ideias e valores de cada sociedade. Os critérios e representações sobre o envelhecimento variam conforme o contexto histórico e social, bem como pela influência das disputas políticas, culturais e econômicas, das desigualdades sociais, dos avanços tecnológicos e dos valores culturais, que influencia a maneira como as pessoas envelhecem.

Com base na concepção de Brigeiro (2024), e Matta (2010) o envelhecimento é um processo vinculado às condições históricas, sociais e culturais de cada época e geração, que reflete as trajetórias de vida e os contextos sociais responsáveis por definir oportunidades e direitos. Essa perspetiva reforça a importância de analisar o envelhecimento de forma crítica, considerando suas múltiplas dimensões, como as relações sociais, os valores culturais e as estruturas sociais que influenciam a experiência das pessoas idosas.

Nessa linha, a Organização Mundial da Saúde (OMS) considera idosas as pessoas com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento e 65 anos ou mais nos países desenvolvidos. Esse marco etário serve como referência internacional e indica o início de uma fase que exige atenção especial, devido às transformações biopsicossociais características dessa etapa da vida (Alves et al., 2016). A definição apresentada pela OMS é abrangente e contrasta com a política da Pessoa Idosa em Moçambique, estabelecida pela Resolução nº 48/2012, que considera pessoa idosa a mulher com 55 anos ou mais e o homem com 60 anos ou mais. No entanto, a Lei n.º 3/2014, de 5 de fevereiro, Lei de Proteção e Promoção dos Direitos dos Idosos, adota o critério de considerar pessoa idosa todo indivíduo com 60 anos ou mais em Moçambique.

A perspectiva teórico-metodológica que orienta a pesquisa é a da identidade narrativa de Paul Ricoeur (1991) que permite compreender como o indivíduo se entende e se constitui ao longo do tempo, no âmbito da sua intersecção entre a permanência e a mudança no sujeito.

De acordo com Ricoeur (Silva, 2017) a compreensão da identidade narrativa se desdobra em duas dimensões essenciais, por um lado a mesmidade (*idem*) os aspetos estáveis da identidade, que permitem ao indivíduo ser reconhecido como a "mesma" pessoa ao longo do tempo, sua singularidade, semelhanças, continuidade genética e o caráter adquirido, que configuram a dimensão de constância. Por outro lado, a ipseidade (*ipse*), a capacidade da identidade mudar e se desenvolver, mas essa mudança é enriquecida por obras da cultura que

a pessoa assimila e aplica a si mesma, representando sua contínua capacidade de autointerpretação e reconfiguração (Silva, 2017).

Assim, a identidade de uma pessoa se revela quando ela narra, descreve e constrói sua própria história. Cada narração reconfigura a vida, de modo que a identidade não permanece fixa, podendo ser construída, reconstruída ou transformada a cada relato, enriquecendo o "si", segundo Ricoeur (1991). O autoconhecimento, nesse contexto, surge como resultado de uma vida refletida, esclarecida pelas narrativas históricas e fictícias presentes na cultura (Silva, 2017).

A identidade narrativa não surge no vazio, mas se constrói em meio às experiências da vida. As pessoas se relacionam com o ambiente natural e social, que influencia suas interações (Silva, 2017). A teoria de Ricoeur (1991) permite entender como os idosos do bairro de Tsalala vivenciam o envelhecimento em um contexto de vulnerabilidade urbana, construindo e reconstruindo seus "sis" a partir de seus estilos de vida, trajetórias sociais, formas de sociabilidade, condições de acesso à saúde e visões de mundo.

Focar na identidade narrativa ajuda a compreender como os idosos dão sentido às suas vidas, porque os seus relatos não são apenas histórias que contam sobre o que viveram, mas formas pelas quais interpretam o que passaram e aquilo que ainda esperam viver (Eckert e Rocha, 2013). Com base nas autoras, quando alguém narra a própria trajetória, não descreve apenas fatos, organiza experiências, escolhe momentos importantes e interpreta acontecimentos a partir do lugar que ocupa no presente.

No trabalho etnográfico, esses relatos, para além de fornecer informações, mostram igualmente como as pessoas idosas constroem sua existência no tempo, recorrem à memória, revisitam escolhas, reafirmam identidades e, por vezes, guardam dores e conflitos em silêncio. Ouvir as narrativas biográficas dos idosos (Eckert e Rocha, 2013) exige sensibilidade, porque cada história carrega emoções, expectativas e modos próprios de entender o mundo. Nesse processo, eles equilibram aquilo que permanece em suas vidas com as mudanças trazidas pelo envelhecimento e pelo contexto urbano, que revela sua ipseidade e a forma como constroem o *si mesmos* em Tsalala.

CAPÍTULO 2 – Moçambique, Maputo, Matola e o bairro de Tsalala: contextos da pesquisa

Este capítulo apresenta os contextos geográfico, histórico e político que sustentam a pesquisa, situa Moçambique, a cidade de Maputo, o município de Matola e, em particular, o bairro de Tsalala. A exposição desses elementos permite delinear o campo de investigação e compreender as condições em que se inscrevem o envelhecimento e a vulnerabilidade urbana.

2.1. Moçambique

Moçambique localiza-se na costa sudeste da África, banhado pelo oceano Índico, com uma extensão territorial de aproximadamente 799.380 km². Faz fronteira com seis nações: Tanzânia, Maláui, Zâmbia, Zimbábue, África do Sul e Essuatíni, o que lhe confere um papel fundamental como corredor logístico para países do interior, através dos portos de Maputo, Beira e Nacala (Fernando, 2021; Paloma Guitarrara [s/d]).

Moçambique foi colônia de Portugal desde o século XVI e conquistou a independência em 1975, após a luta de libertação nacional liderada pela FRELIMO. Em 1977, o país mergulhou em uma guerra civil que se prolongou até 1992, deixando marcas profundas cujos efeitos socioeconômicos ainda se fazem sentir.

Fernando (2021), em *O outro lado da história de Moçambique: surgimento da RENAMO entre 1977 e 1992*, mostra como a FRELIMO, ao adotar um modelo de Estado socialista, centralizador e de partido único, desconsiderou a diversidade étnica e cultural do país. A imposição de um projeto de nação homogênea, simbolizado pela construção do "homem novo", gerou forte descontentamento, sobretudo nas regiões centro e norte, onde práticas culturais e lideranças tradicionais foram reprimidas. Nesse cenário, Fernando situa a gênese da RENAMO, que não surge apenas como instrumento de desestabilização externa, mas também como expressão interna de populações marginalizadas que reagiam ao projeto centralizador da FRELIMO.

Moçambique é uma república presidencialista que enfrenta desafios estruturais, desigualdades sociais e carências em serviços básicos, apesar dos avanços institucionais alcançados no período pós-guerra civil. Segundo Guitarrara (s/d), embora o país tenha adotado formalmente a democracia multipartidária após 1992, ainda persiste a dificuldade em construir um Estado inclusivo, pois o poder permanece concentrado na FRELIMO desde a independência, fator que contribuiu para o surgimento da guerra civil. Para Fernando (2021), mesmo após a assinatura dos Acordos de Paz de Roma, a transição para a democracia não

desfez as estruturas centralizadoras herdadas do socialismo, e as tensões regionais e identitárias continuam a marcar o cenário político contemporâneo de Moçambique.

Figura 1 – Mapa de Moçambique e países limítrofes



Fonte: Guitarrara, Paloma. (s/d) *Moçambique*. Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/mocambique.htm. Acesso em: 28 maio 2025.

2.2. Província de Maputo

A província de Maputo está situada no extremo sul de Moçambique, faz fronteira com a África do Sul e Eswatini e possui acesso direto ao Oceano Índico. Essa posição estratégica (POCA 2018; Stacciarini et al., 2023), assegura à província um papel central na integração

regional, favorece o comércio transfronteiriço e facilita a circulação de mercadorias, fatores essenciais para a dinâmica econômica local.

Na cidade de Maputo, a divisão espacial e social revela fortes desigualdades. De um lado, está a chamada "cidade de cimento", planejada e modernizada, onde se concentram infraestrutura, investimentos e poder econômico. De outro, encontram-se as extensas periferias informais, conhecidas como "cidade de caniço", que abrigam a maior parte da população em condições de vulnerabilidade, marcadas pela precariedade, ausência de serviços básicos e insegurança socioespacial (Stacciarini et al., 2023). Essa disparidade territorial não é casual, mas fruto de processos históricos que se iniciaram na colonização portuguesa, quando a segregação racial e social foi institucionalizada para separar economicamente os grupos, criando uma cidade dual.

De acordo com Stacciarini et al. (2023), mesmo após a independência, o modelo segregacionista continuou presente, intensificado pela guerra civil, pelas migrações internas e por políticas urbanas que marginalizaram ainda mais as populações periféricas, e perpetuou as desigualdades estruturais no espaço urbano e rural. Essas heranças históricas afetam as dinâmicas econômicas, como a agricultura, na qual a produção se concentra em áreas mais favorecidas e a dependência dos mercados externos mantém os pequenos agricultores em situação de fragilidade e exclusão.

No campo político, o Plano Operacional da Comercialização Agrícola da Província de Maputo (POCA) está inserido em um conjunto de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável da agricultura, articula ações entre os níveis central, provincial e distrital do governo moçambicano e alinha-se às estratégias nacionais para modernizar o setor e integrar os agricultores familiares aos mercados. Essas estratégias (Stacciarini et al., 2023) viradas a políticas que reproduzem a exclusão social, especialmente por meio das dinâmicas neoliberais do mercado imobiliário e da gestão da terra pelo sistema de DUAT (Direito de Uso e Aproveitamento da Terra), favorecem a expansão da "cidade de cimento" em detrimento das periferias, o que amplia as desigualdades e dificultam o acesso das populações vulneráveis a recursos, serviços e participação política. A tensão entre desenvolvimento formal e exclusão periférica configura, portanto, um dos desafios persistentes, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais da província, onde a agricultura familiar e as comunidades locais buscam garantir acesso à terra, infraestrutura e mercados.

Figura 2 – Mapa da Província de Maputo



Fonte: Koehne, André (2006).

2.3. Cidade Municipal de Matola

A Cidade de Matola situa-se na região sul de Moçambique, na província de Maputo, faz fronteira ao norte e noroeste com o distrito de Moamba, a oeste e sudoeste com o distrito de Boane, ao sul com a Cidade de Maputo, especificamente através do Distrito Municipal da Katembe, e a leste e nordeste com a própria Cidade de Maputo e o distrito de Marracuene. Sua proximidade com a capital e com a fronteira da África do Sul consolida Matola como um importante centro logístico, industrial e econômico, tanto em âmbito nacional quanto regional (Matule et al., 2017; Ribeiro, 2022).

O território da Matola, com aproximadamente 368 km², caracteriza-se por um relevo plano, o que historicamente favoreceu a expansão urbana, mas também gerou desafios ambientais associados, como drenagem precária e enchentes recorrentes, conforme destacam Matule et al. (2017). A estrutura urbana da cidade é marcada pela divisão em três zonas: urbana, suburbana e periurbana, sendo que Ribeiro (2022) complementa essa análise ao observar que os bairros localizados no Norte preservam características rurais, enquanto as zonas centro e sul concentram os bairros urbanos e periurbanos, onde se localizam as principais atividades industriais, comerciais e de serviços.

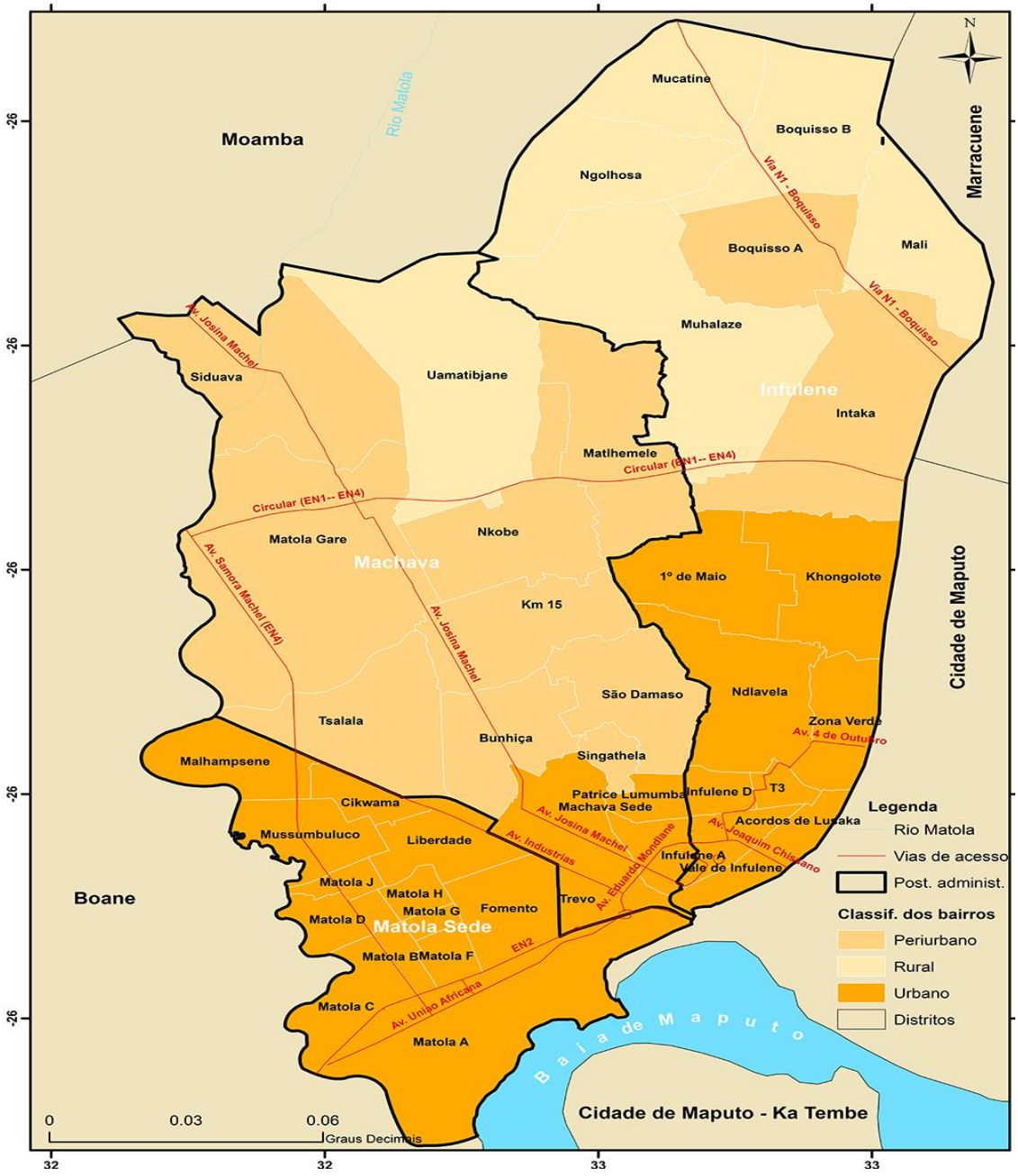
Historicamente, a formação e o desenvolvimento da Matola estão relacionados aos processos coloniais, à industrialização e às dinâmicas migratórias internas. Ribeiro (2022) traça um panorama que remonta à primeira metade do século XX, quando a instalação de unidades fabris, cooperativas e infraestruturas logísticas, como o porto industrial e o complexo ferroviário dos Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM), consolidaram Matola como um dos principais centros industriais do país. Este desenvolvimento foi acelerado a partir da década de 1950, consolidando uma configuração urbana que atraiu trabalhadores de diversas regiões.

Com a independência em 1975 e, posteriormente, durante a guerra civil (1976-1992), Matola tornou-se um importante polo de recepção de deslocados internos, processo que intensificou o crescimento populacional e a expansão desordenada, principalmente nas áreas periurbanas. Matule et al. (2017) complementam este diagnóstico, destacando que, nas décadas seguintes, a urbanização acelerada foi impulsionada também pela reabilitação da Estrada Nacional Nº 4 (EN4), que conecta Maputo à África do Sul. Essa infraestrutura não só dinamizou o comércio e o transporte, mas também fomentou a ocupação de novos territórios, muitas vezes sem planeamento, o que resultou em degradação ambiental, perda significativa de cobertura vegetal e comprometimento dos sistemas ecológicos locais.

Na esfera política, a administração municipal, liderada pelo Conselho Municipal da Cidade da Matola (CMCM), enfrenta desafios estruturais para gerir o crescimento urbano desordenado, a pressão sobre os serviços públicos e os conflitos fundiários. Matule et al. (2017) enfatizam que, embora haja instrumentos de planeamento como o Plano de Estrutura Urbana de 2010, sua implementação é limitada por falta de recursos, capacidade técnica e pela pressão constante do crescimento populacional. Ribeiro (2022) aprofunda essa discussão ao demonstrar como a gestão fundiária em Matola reflete as tensões entre a legislação moçambicana, que estabelece a terra como propriedade do Estado, e a prática cotidiana, marcada pela existência de um mercado informal de terras e pela influência de interesses econômicos, tanto nacionais quanto estrangeiros.

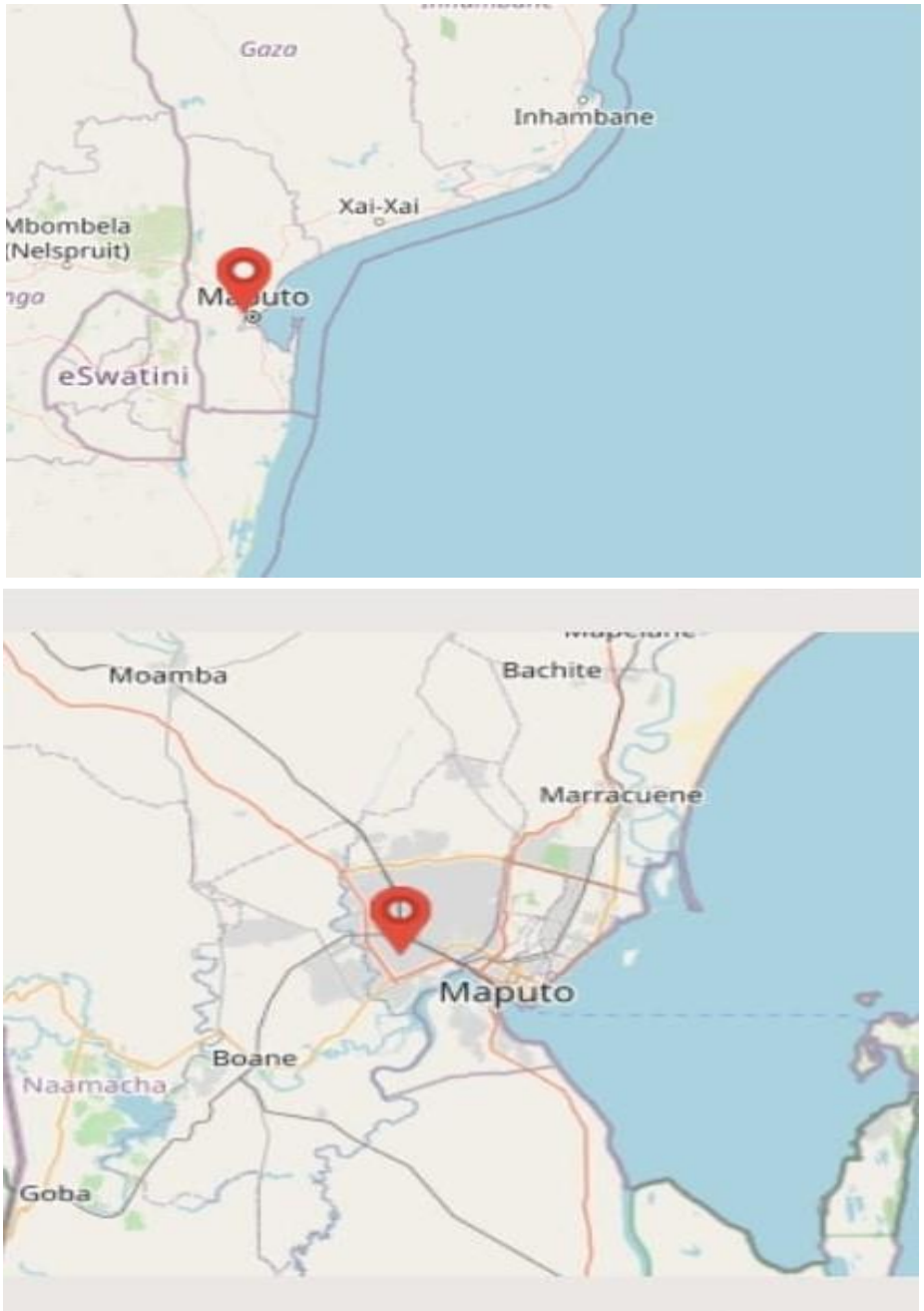
A proliferação dos Espaços Residenciais Fechados (ERF) desde a década de 1990 reflete uma nova dinâmica de urbanização, orientada pela segregação socio espacial e pela privatização de parcelas significativas do território urbano (Ribeiro, 2022). Esse fenômeno não só redefine a paisagem urbana, como também aprofunda as desigualdades, contrapondo bairros informais, carentes de infraestrutura, a problemas residenciais de alto padrão, equipados com segurança privada e serviços exclusivos. Essa configuração revela a persistente tensão entre os interesses coletivos e os privados, onde os princípios constitucionais que regem o uso social da terra são subvertidos por processos de mercantilização do espaço.

Figura 3 – Mapa da cidade de Matola



Fonte: Ribeiro, Ester Tomás Natal (2022)

Figura 4 – Mapas de localização da cidade de Matola na Província de Maputo



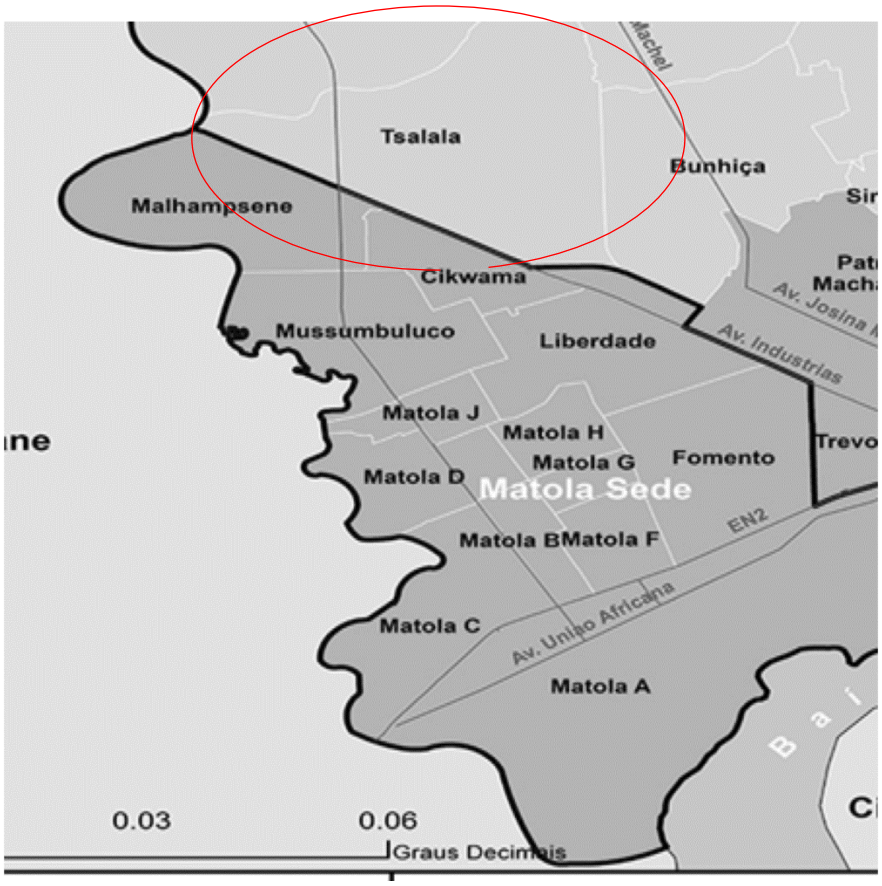
Fonte: Maptons. *Matola, Moçambique: mapa de localização, hora exata, informações geográficas e demográficas.* Disponível em: https://mo.maptons.com. Acesso em: 31 maio 2025.

2.4. Bairro de Tsalala

De acordo com o mapa digital extraído da plataforma do Conselho Municipal da Cidade da Matola, no dia 28 de maio de 2025, que apresenta os *Limites Administrativos da Cidade da Matola e Postos Administrativos*, o bairro de Tsalala localiza-se na região norte da cidade. Faz fronteira, ao norte, com os bairros da Machava e Matola Gare; ao sul, limita-se com

Malhampsene e, mais adiante, com os bairros de Mussumbuluco e Cikwama; e, a leste, é vizinho dos bairros de Bunhiça e Km 15.

Figura 5 – Mapa do bairro de Tsalala, localizado na cidade da Matola



Fonte: Ribeiro, Ester Tomás Natal (2022); Organização, Autor (2025).

Originalmente uma zona agrícola (Tiago Massingue), antes de ser Tsalala, o bairro era uma zona de mata densa e habitada por animais selvagens como gazelas, coelhos, hienas (…), a ocupação humana foi impulsionada pela chegada de criadores de gado e aves vindos da África do Sul, que desbravaram a área para instalação de fazendas. Com o tempo, a presença das atividades agrícolas atraiu mais pessoas e deu início ao processo de construção de habitações, donde começou o processo de transformação do território em uma zona de ocupação residencial permanente (Ernesto Alberto Matola).

O bairro de Tsalala surgiu a partir da expansão e da divisão dos territórios tradicionais que, inicialmente, estavam sob a jurisdição do Regulado de Hanhane uma autoridade tradicional com sede na região da Matola. O régulo Hanhane, descendente de Sigauque, era

uma figura central no exercício do poder tradicional local, com autoridade para nomear chefes (régulos) em diversas zonas do então Conselho Administrativo da Matola.

A expansão territorial e administrativa foi impulsionada pela presença colonial portuguesa. Ao constatar as dificuldades enfrentadas pelas populações locais para se deslocarem à Marracuene pagar impostos, as autoridades coloniais expandiram o posto administrativos para a Machava e, posteriormente, para a Matola. Esse processo resultou na descentralização do poder e na criação de novas subdivisões administrativas.

A origem do nome "Tsalala" remonta a um episódio do período colonial. Nessa época, alguns membros das famílias locais escondiam-se em grandes seleiros tradicionais, chamados *tsala*[8] na língua Ronga. Esses seleiros, utilizados para armazenar produtos agrícolas como milho, feijão nhemba, amendoim, entre outros, tornaram-se esconderijos para aqueles que se recusavam a pagar impostos coloniais ou a serem recrutados à força. Quando se questionava sobre o paradeiro dessas pessoas, os que sabiam da estratégia respondiam: *"wa tsalene*[9]*"*, expressão que significa "estão no *tsalene*", ou seja, dentro do *tsala*. Com o tempo, essa prática tornou-se associada ao local, e o termo "Tsalala" passou a designar o bairro uma derivação de "*tsala"*. Assim, o nome carrega uma forte memória de resistência, sobrevivência e proteção familiar diante da opressão colonial.

O bairro de Tsalala também possui uma ligação profunda com a família Matola, uma linhagem de liderança tradicional na região. Madzilane José Alberto Matola, pai de Ernesto Madzilane, foi escolhido ainda jovem para exercer o cargo de régulo. Inicialmente, recusou a nomeação e fugiu para a África do Sul. Mais tarde, foi capturado e trazido de volta pelas autoridades coloniais para assumir a função. Durante sua ausência, um primo conhecido como "Mada swa ku Handza" ocupou o cargo temporariamente, até que Madzilane retornasse e assumisse o poder, agora, o regulado de tsalala, está na responsabilidade de Alberto Erneto Matolo, filho de Madzilane José Matola. Esse episódio ilustra como a nomeação dos régulos

[8] *Tsala* - na língua Ronga significa celeiro tradicional. Uma estrutura utilizada para armazenar produtos agrícolas, como milho, feijão nhemba, amendoim, entre outros. Esses celeiros eram comuns nas zonas rurais e tinham grande importância na vida comunitária, pois permitiam conservar os alimentos por longos períodos, especialmente durante as épocas de escassez. No contexto histórico de *Tsalala,* além da sua função agrícola, os *tsala* também serviram como esconderijos para membros das famílias locais durante o período colonial, o que contribuiu para o surgimento do nome do bairro.

[9] A expressão "wa tsalene" na língua Ronga significa literalmente "estão no tsalene" ou "estão dentro do tsala". Neste contexto, "wa" é uma forma do verbo "estar" na terceira pessoa do plural; "tsalene" é uma forma locativa derivada da palavra "tsala" (celeiro), que indica o interior ou localização dentro do *tsala*. Portanto, "wa tsalene" pode ser traduzido como "eles/elas estão no seleiro" ou "estão escondidos no seleiro", dependendo do contexto. No caso de Tsalala, essa expressão era usada de forma discreta para indicar que alguém estava escondido dentro de um *tsala*, muitas vezes para fugir da repressão colonial (como cobrança de impostos ou recrutamento forçado). Com o tempo, o uso frequente dessa expressão acabou influenciando o nome do bairro.

estava, e continua ligada à linhagem familiar, e como o poder era concentrado e transmitido entre os descendentes do régulo Matola.

Tsalala passou por um processo de urbanização impulsionado pelo crescimento demográfico da província de Maputo. Atualmente, cerca de 99% da sua área está destinada à habitação, restando pouco espaço para as atividades agrícolas que, no passado, não apenas abasteciam o bairro, mas contribuíam para a alimentação de toda a província de Maputo. Historicamente, a economia local era sustentada pela agricultura e pela pecuária. Muitos moradores viviam da terra, cultivava e criava animais, até que o avanço da urbanização transformou por completo esse modo de vida.

A composição social do bairro mudou significativamente devido ao aumento populacional e à migração de jovens em busca de terrenos para estabelecer suas residências, o que provocou o deslocamento de muitos moradores originais, incluindo idosos. Hoje, a população jovem e adulta predomina, enquanto os idosos, que carregam a memória do bairro, vivem em condições mais precárias, como mostram as imagens a seguir.



Fotografia 1 *– Sr. Fernando Januário Machava em sua casa.* ***Fonte:*** *Foto do autor. Maputo, 25 de Setembro 2024*



Fotografia 2 – Dona Amália Samuel Chipendane e Sr. Josias Azarias em sua casa. Fonte: Foto do autor. Maputo: 19 de Julho de 2024



Fotografia 3 – Casa da dona Marcela Francisco Murura. Fonte: Foto do autor. Maputo: 16 de julho de 2024

O bairro de Tsalala, cuja história está ligada à prática agrícola, passou por profundas transformações sociais, econômicas, políticas e territoriais ao longo das últimas décadas. Do antigo território sob a jurisdição do Regulado de Hanhane à atual configuração urbana, dominada por residências, Tsalala revela as tensões entre memória, identidade e

desenvolvimento, assim como as desigualdades no acesso a recursos e políticas públicas, especialmente para os idosos. Essa população, guardiã de saberes, experiências e memórias essenciais à história do bairro, sofre um processo de invisibilização tanto nas instituições quanto nas relações comunitárias. A fragilidade do apoio social, aliada à má gestão e ao desvio de recursos por parte de lideranças locais, torna essa vulnerabilidade ainda mais intensa.

2.5. Caminhando pelo bairro Tsalala, o que eu observo, o que eu fotografo

O caminho que percorro desde o Bairro de Kongolote (minha casa) segue pelo bairro Primeiro de Maio, onde apanho o primeiro *chapa*[10] em direção ao bairro de Nkobe. Em seguida, pego o segundo *chapa*, com destino ao bairro do Km 15. Ao longo desse trajeto, os pontos de referência se constituem como territórios vivos (Eckert e Rocha, 2020**),** onde veículos, bicicletas, carrinhas, motorizadas e pessoas a pé se misturam no fluxo cotidiano.

Às margens da estrada, a paisagem se compõe de pequenas tendas improvisadas, bancas de madeiras, onde vendedores ambulantes organizam suas mercadorias, sacos de carvão, mandioca, tomate, peixe seco, amendoim. As vozes se sobrepõem em ofertas, negociações e interações, compondo uma sonoridade própria que dá ritmo e textura à vida urbana (Eckert e Rocha, 2020**).** São cenas que, embora rotineiras, carregam densidade social e revelam dinâmicas econômicas de subsistência que atravessam os corpos e os espaços. Esses registros, inicialmente capturados pela observação, antecede minha chegada ao bairro de Tsalala.

O terminal dos *chapas* do Km 15 situa-se próximo ao bairro de Tsalala. A partir desse ponto, o percurso avança por ruas abertas e por outras resultantes de um processo parcial de parcelamento formal no interior do bairro. Esse ordenamento urbano cria uma cartografia própria de Tsalala, onde ruas antigas ganham novas formas e se entrelaçam com aquelas definidas por diretrizes oficiais. Essas diretrizes recebem constantes reinterpretações pelos usos cotidianos, pelas dinâmicas de circulação e pelas relações sociais presentes no bairro. As imagens a seguir apresentam alguns desses pontos, que oferecem uma leitura visual inicial dessa territorialidade complexa e viva.

[10] No contexto moçambicano, *"**chapa**"* é a designação popular para um tipo de transporte coletivo informal, realizado geralmente por minibuses**.** Este sistema é predominante nas zonas urbanas e periurbanas, especialmente nas grandes cidades como Maputo, Matola, Beira, Nampula, Quelimane e outras, mas também é utilizado em conexões intermunicipais. Os chapas cumprem rotas específicas, conectando bairros periféricos aos centros urbanos, mercados, terminais rodoviários, escolas, hospitais e locais de trabalho. Embora existam linhas e paragens definidas, o funcionamento é muitas vezes flexível, adaptando-se à demanda dos passageiros.



Fotografia 4 *– Rua da casa de Dona Beatriz em direção ao Km 15. Fonte: Fotografia do autor. Maputo, 3 de abril de 2024.*



Fotografia 5 *– Moradias a bermas de rua abertas, crianças em circulação.* ***Fonte:*** *Maputo, 17 de Março de 2024.*



Fotografia 6 *– Ruas abertas, concertação de pessoas, árvores, barracas e acúmulo de materiais de construção nas bermas.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 07 de Agosto de 2024*



Fotografia 7 *– Ruas de areal, montões de areia e pedras de construção, quintais de vegetais (espinhosas).* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 28 de março de 2024*



Fotografia 8 *– Materiais de construção acumulados nas ruas de circulação.* ***Fonte:*** *Registro fotográfico realizado. Maputo, 18 de Maio de 2024*



Fotografia 9 *– Ruas parcialmente coberta de pedras e terra abatida, delimitada por muros de blocos.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 20 de Maio de 2024*



Fotografia 10 *– Rua de areal com traços de ordenamento do espaço urbano no bairro.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 21 de Maio de 2024*



Fotografia 11 *– Ruas alagada, evidenciando os desafios da mobilidade urbana na rotina dos moradores nos tempos antecedidos pelas chuvas* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 11 de Abril de 2024*

Nesse deslocamento, torna-se possível perceber a transformação da paisagem. O bairro apresenta um ambiente híbrido, onde diferentes formas habitacionais coexistem:

algumas construídas em alvenaria, outras erguidas com caniços, evidenciando as desigualdades sociais presentes em Tsalala. As imagens a seguir mostram essas variações no tecido urbano, e oferecem pistas sobre as maneiras de habitar, resistir e adaptação que caracterizam o cotidiano dos moradores.



Fotografias 12



Fotografias 13

***Fotografias** 12; 13. Construções em alvenaria **Fonte**: Fotografia do autor: Maputo, 25; 28 março de 2024*



Fotografias 14



Fotografias 15

Fotografias 14; 15 *– Construções em caniços.* ***Fonte****: Fotografia do autor: Maputo, 25 março de 2024*

Minha percepção inicial sobre o bairro de Tsalala formou-se a partir de uma paisagem registrada em fotografias que não apenas captavam imagens, mas também revelavam marcas do tempo (Eckert e Rocha, 2020) e do contexto cultural em que as interações cotidianas se manifestavam, o permitiu apreender diferentes camadas e ritmos temporais. Nesse primeiro momento, contudo, eu ainda me sentia, em muitos aspectos, desconectado da realidade empírica. As conversas espontâneas, surgidas em encontros ocasionais e ainda sem um recorte definido, foram decisivas para iniciar a construção de um primeiro enquadramento do campo.

As primeiras impressões sobre Tsalala como campo de pesquisa ganharam forma a partir do vínculo estabelecido com Dona Ana Marta, presidenta da Associação Hi-Phunane da Pessoa Idosa. Essa associação mantém uma *machamba*, onde os mais velhos cultivam a terra não apenas como fonte de sustento, mas também como espaço de fortalecimento comunitário e de promoção da sociabilidade.

Em uma de nossas conversas, Dona Ana Marta me relatou que coordena um grupo de pessoas idosas que enfrenta inúmeras dificuldades no cotidiano. Enquanto me apresentava o território, ela selecionou algumas mulheres idosas para que pudéssemos juntos visitar. No dia marcado, fui muito bem-recebido, sobretudo pelo respeito que todas as pessoas demonstram por Dona Ana Marta, a quem se referem carinhosamente como "nossa mãe". A partir desse contexto relacional, passei também a adotar essa expressão para me dirigir a ela, compreendendo que, ao me apropriar dessa categoria nativa, eu não apenas fortalecia nosso vínculo, mas também me alinhava aos códigos afetivos e simbólicos que estruturam as relações dentro da associação.

A imersão nos ambientes de vida dos idosos, observada ora pelas lentes da câmera do celular, ora pelos próprios olhos, levou-me a buscar os traços do envelhecimento que se manifestam não apenas nos corpos, mas também nas paisagens que os rodeiam. A fotografia, como destacam Eckert e Rocha (2020), capta mais do que imagens, ela revela camadas de emoção e o ritmo do tempo que atravessa as interações sociais. Muros com reboco gasto, marcados pela passagem dos anos; árvores antigas que guardam o tempo vivido; ruas de areia onde a umidade denuncia as marcas da água acumulada nas chuvas, todos esses elementos formam uma paisagem que também envelhece, conserva memórias e expressa modos de vida das pessoas. As imagens a seguir dialogam com essa paisagem, e revelam fragmentos do cotidiano e vestígios da história material e simbólica do viver urbano das pessoas idosas.



Fotografia 16 *- Parte externa da residência da Dona Rosa Faife.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024.*



Fotografia 17 *- Parte interna da residência da Dona Rosa Faife.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024*



Fotografia 18 *- Dona Rosa Faife, caminhado pelo espaço doméstico.* ***Fonte****: Foto de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024*

Em seguida, registrei em fotografias os espaços onde se concentra a vida doméstica, construções em alvenaria, com paredes sem acabamento, fissuras e marcas do tempo, revelam a precarização urbana que caracteriza esse território. O corpo da mulher idosa, vestido de capulana, carrega significados de identidade histórica das mulheres moçambicanas, transmitidos entre gerações. Cada detalhe captado pela fotografia, a panela apoiada sobre pedras numa cozinha improvisada, a varanda modesta com cadeiras plásticas, narra fragmentos da vida cotidiana dos idosos. Essa realidade registrada configura-se como um território social e simbólico, onde se reproduzem práticas diárias, modos de habitar e estratégias de sobrevivência. As imagens a seguir oferecem registros visuais que permitem, compreender essa dinâmica territorial, revela aspetos do cotidiano e das formas d0e organização social que marcam o espaço vivido.



Fotografia 19 *– Dona Amelia Samuel Chipendane em sua residência.* ***Fonte.*** *Fotografia de autor. Maputo, 17 de Março de 2024*



Fotografia 20 *– Sr. Jossias Azarias em sua residência.* ***Fonte.*** *Fotografia de autor. Maputo, 18 de Maio de 2024*

Apresento aqui um registro fotográfico que mostra as construções recentes que ocuparam o lugar de uma antiga associação de agricultores comunitários. Esse espaço, que já foi liderado por um chefe local e sustentou a vida de muitos moradores do bairro, hoje traz uma memória viva para Dona Ana Marta, que sempre o recorda com emoção. Pelos relatos que ouvi, o terreno foi vendido pelo mesmo chefe de bairro, figura de forte influência junto ao município da Matola, a um empresário interessado apenas em ocupar a área. Movido por interesses pessoais, ele pôs fim às atividades

agrícolas comunitárias e abriu caminho para a construção de moradias destinadas ao arrendamento.

Ao observar essa transformação, sinto que a decisão beneficiou apenas um grupo restrito, enquanto prejudicou muitas famílias que dependiam da agricultura para sobreviver e garantir a segurança alimentar. A fotografia que apresento traduz bem essa mudança: o espaço que antes reunia os moradores de Tsalala em práticas produtivas foi tomado por condomínios residenciais, revelando um processo de ocupação que desconsidera os vínculos sociais e econômicos que se formaram ali ao longo da história.



Fotografia 21 *– Vista dos condomínios e do ambiente no entorno da Associação Hi-Phunane.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 27 de fevereiro de 2024.*

Como forma de enfrentar a falta de espaços de cultivo, percebo que muitos idosos abrem pequenas machambas em seus quintais. Ali plantam hortaliças, milho, mandioca e também plantas medicinais, unindo saberes locais e práticas de cuidado com a vida. Os canteiros, muitas vezes improvisados, mostram o esforço diário de transformar o quintal em fonte de alimento e em sinal de autonomia. Para mim, o quintal se apresenta como um território vivo, onde o modo de viver se constrói no cotidiano. As imagens que apresento a seguir mostram esses quintais e deixam ver práticas que são, ao mesmo tempo, cuidado e resistência diante das transformações do tecido urbano.



Fotografia 22 *– Senhor Banda Alexandre Nhocuane em frente aos seus canteiros de cultivo.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 13 de Maio de 2024*



Fotografia 23 *– Dona Amélia Muamba em sua residência, diante de seus canteiros de cultivo.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, 20 de maio de 2024*



Fotografia 24 *– Dona Amélia Samuel, diante de seus canteiros de cultivo em sua residência.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 18 de maio de 2024*

O senhor Gabriel aparece de costas, regando a horta em seu quintal. Enquanto cuida das plantas, ele me diz que aquele espaço é a fonte da sua vida e o lugar onde sente a ligação com a terra. Conta que sofre com a falta de água para irrigação, pois depende de um poço precário que, no tempo das chuvas, costuma transbordar. Isso lhe traz muitos transtornos e obriga a fazer reparos constantes. As imagens que apresento a seguir mostram essa realidade:





Fotografia – 25 **Fotografia 26**

Fotografias 25; 26 *– Sr. Gabriel Muianga em actividades da machamba.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 07 de agosto de 2024.*

No dia 8 de dezembro de 2024, uma forte chuva fez o poço do senhor Gabriel, já muito precário, desabar, e quatro semanas depois, quando a chuva cessou, ele ainda tentava encontrar rapazes do bairro que o ajudassem, mas não teve sucesso. Sem apoio imediato, ligou para mim e pediu ajuda para esvaziar a cova tomada pela água e reconstruir o poço. Atendi ao chamado,

estivemos lado a lado, mãos na terra, retirando lama, carregando baldes, reorganizando pedras e reforçando os suportes. Esse momento de trabalho conjunto foi mais do que uma simples ajuda, mostrou-se como um gesto de colaboração[11] que rompe a distância entre pesquisador e interlocutor. Ali partilhamos a ação, e percebi que o conhecimento também nasce no fazer junto, no esforço compartilhado, no engajamento do corpo e do afeto.

Ser etnógrafo, nesse contexto, significou abandonar a posição de observador distante e viver uma experiência de convivência, escuta e construção de sentidos ao lado de quem me acolhe. A antropologia deixa de ser apenas interpretação e se torna prática ética e relacional, caminhar com, aprender com e também se transformar junto às pessoas. As imagens a seguir mostram esse momento vivido. São registros de colaboração, afeto e troca, que sustentam uma etnografia feita *com* as pessoas, e não apenas *sobre* elas.



Fotografia 27



Fotografia 28

Fotografias 27;28 *– Sr. Gabriel e o autor.* **Fonte:** Fotografia de Lázaro Galengale. *Maputo, 08 de janeiro de 2025*

[11] A antropologia se torna colaborativa quando o antropólogo deixa de ser um mero observador externo para atuar em parceria efetiva com as pessoas pesquisadas, contribuindo para enfrentar os desafios reais que elas enfrentam em seu cotidiano - MOREIRA, João Vitor de Freitas. Ensaios metodológicos em antropologia engajada. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 427-434, jul./dez. 2019.



Fotografias 29



Fotografias 30

Fotografias 29; 30 *– Sr. Gabriel ajustando escada e descendo para o interior do peço* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 8 de Janeiro de 2025*



Fotografias 31 *– Poço de Sr. Gabriel com matope já esvaziado.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 08 de Janeiro de 2025*



Fotografias 32*– Poço de Sr. Gabriel após a conclusa de reconstrução.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 15 de Janeiro de 2025*

As fotos que fiz na Associação Hi-Phunane mostram os impactos duros da invasão popular. Vi pessoas a ocupar o espaço dos idosos para se apoderar dele. Esses grupos aproveitaram a instabilidade social e política que surgiu depois das eleições de 9 de outubro de 2024 e usaram discursos de intimidação e ameaça contra os mais velhos. A invasão aconteceu

de forma súbita e deixou claro um ato de violência, tanto simbólica quanto material, contra a vida dos idosos. Situação parecida já foi relatada por Mbiza (2022) em Katembe, Maputo, onde também descreve a violência contra idosos e a marginalização social que afeta pessoas de idade em várias regiões do país. O que vi na Associação Hi-Phunane confirma isso e mostra ainda mais a importância da educação em direitos humanos para garantir uma vida digna e respeitosa aos idosos, como lembra Terezinha da Silva (Lodovici e Santos, 2011).

O que verifiquei naquele lugar foi uma ocupação forçada. Máquinas escavadoras abriram ruas, derrubaram árvores e destruíram plantações. Pessoas descarregaram blocos e pedras para levantar construções, demarcaram áreas e chegaram até a vender partes do terreno a terceiros. Essa situação ameaça o território que os idosos construíram e cuidaram por tantos anos. Também revela as disputas pela terra e a fragilidade na proteção dos direitos fundiários, sobretudo para a população idosa. Minhas fotografias registram essa realidade e contam, de forma visual, a história do que a Associação Hi-Phunane se tornou, um espaço marcado pela invasão e pela interrupção forçada das práticas comunitárias que antes davam vida ao lugar.



Fotografias 33 *– Ruas abertas na inovação de Associação Hi-Punane.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025*



Fotografias 34 *– Arvores derrubadas, início das construções no interior da Associação.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025*



Fotografias 35 *– Culturas destruídas pela máquina escavadora, abrindo ruas na área da associação.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 10 de Janeiro de 2025*

A caminhada pelo bairro Tsalala não se resume a um simples percurso físico por um território urbano. Para mim, ela se torna uma experiência de adentrar um espaço vivo (Eckert e Rocha, 2021), marcado por histórias, interações sociais e vida cotidiana. As fotografias que

apresento dessa caminhada revelam meu olhar etnográfico, que me leva a refletir sobre as dimensões materiais, afetivas e simbólicas do envelhecimento naquele contexto.

2.5.1. Práticas comunitárias, que registo a partir de observação, fotografia e anotações

Durante o trabalho de campo, registrei, por meio de fotografias e anotações, encontros ligados à Poupança e ao Xitique, espaços carregados de significados econômicos, sociais, culturais e afetivos. Nos momentos que acompanhei, as idosas organizavam suas contribuições financeiras e discutiam estratégias para enfrentar os desafios do cotidiano. Ali, ouvi e vi histórias de vida que atravessam gerações, relatos de trabalho, migração, luta, família e resistência. Para mim, aquele espaço se apresentava como um lugar onde a vida se revelava, se compartilhava e se interpretava coletivamente.

Ao lado das palavras, percebo também os silêncios, pausas carregadas de significado, que dizem tanto quanto os relatos falados. São silêncios que revelam dores, perdas, traumas e desafios que muitas vezes não encontram tradução verbal, mas se manifestam no olhar, no gesto e na presença solidária das companheiras. Para mim, trata-se de uma verdadeira "teia de significados", construída pelos próprios sujeitos no contexto do envelhecimento. Nesse sentido, como propõe Geertz (1973), a antropologia deve interpretar esses significados a partir de uma observação etnográfica sensível, comprometida com a descrição[12] densa, capaz de analisar os múltiplos níveis de sentido presentes nas ações humanas.

Esses encontros funcionam como espaços de cuidado e de construção de sentido, onde o bem-estar vai além da dimensão econômica e alcança o emocional, o social e o espiritual. O Xitique não é apenas um sistema de poupança rotativa; é também uma prática social de solidariedade, reciprocidade e resistência diante das vulnerabilidades que afetam as mulheres idosas. Ao observar as idosas, percebo que o fortalecimento econômico caminha junto com o fortalecimento emocional, cultural e identitário. As rodas de poupança tornam-se rodas de memória, de afeto e de esperança. Para mim, elas representam verdadeiros patrimônios

[12] A *descrição densa*, segundo Geertz em *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura* (1973/1978), é uma estratégia interpretativa fundamental da antropologia que busca desvendar os significados incorporados nas práticas humanas. Em vez de descrever apenas o que as pessoas fazem, ela procura entender *por que* fazem, contextualizando os gestos dentro dos sistemas simbólicos próprios de cada cultura. Para Geertz, interpretar a cultura é como ler um texto, onde cada ação social é um signo que precisa ser decifrado. Assim, a antropologia se torna uma ciência interpretativa em busca de significados, e não apenas de regularidades. A descrição densa, portanto, é um esforço de traduzir mundos simbólicos complexos a partir da perspectiva dos próprios sujeitos.

culturais imateriais, que sustentam as comunidades e preservam saberes ancestrais muitas vezes invisibilizados pelos discursos hegemônicos do desenvolvimento.

Acompanhar esses encontros, é testemunhar um processo vivo de resistência, cuidado coletivo e produção de conhecimento situado. Vejo um saber que nasce da vida cotidiana, da experiência compartilhada e da solidariedade entre mulheres idosas que, mesmo diante das dificuldades, ensinam, cuidam e transformam suas realidades. As imagens a seguir registram fragmentos desses momentos, mostrando gestos de força, afeto e sabedoria que mantêm viva essa prática coletiva e inspiradora.



Fotografias 36 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 15 de Maio de 2024*



Fotografias 37 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor. Maputo, 17 de Junho de 2024*



Fotografias 38 *– Popança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Fotografia do autor Maputo, 02 de Agosto de 2024.*



Fotografias 39*– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024.*



Fotografias 40– *Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 01 de Outubro de 2024.*



Fotografias 41– *Popança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Novembro de 2024*



***Fotografias 42**– Popança e Xitique das pessoas idosas. **Fonte**: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Novembro de 2024*

Ana Marta da Cossa, presidente da Associação Hi-Phunane de Idosos, desempenha um papel central na coordenação e supervisão dos grupos de Poupança Rotativa e Xitique. Durante minhas observações, percebi que ela se dedica também à formação de jovens da comunidade. Como disse a uma integrante mais jovem do grupo: "Você deve aprender bem este trabalho, porque eu quero deixar tudo consigo". Para mim, essa declaração vai muito além de ensinar uma técnica econômica. Ela revela um compromisso com a continuidade de um saber comunitário (Lodovici e Santos, 2011), que, se não for preservado, corre o risco de se perder.

O que está em jogo não é apenas a reprodução de uma prática financeira solidária, mas a preservação de um patrimônio cultural que carrega valores de coletividade, reciprocidade. A transmissão desse conhecimento surge como uma estratégia de cuidado entre gerações, garantindo que os saberes dos mais velhos não desapareçam, mas cheguem às novas gerações. As imagens que apresento mostram momentos em que Dona Ana Marta orienta uma jovem sobre os modelos de gestão da poupança e do Xitique, revelando a transmissão intergeracional desses saberes.



Fotografias 43 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024*



Fotografias 44 *– Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de Maio de 2024*

Por meio da fotografia e da observação, descrevo as ações e práticas das mulheres idosas na Associação Hi-Phunane. Nesse espaço, o cultivo da terra se mistura com a convivência, e suas interações fortalecem os laços afetivos. A rotina começa cedo. Entre 6h e 7h, as mulheres vão para suas parcelas na machamba (campo agrícola) e trabalham no cultivo. Por volta das 10h, depois de terminar as tarefas no campo, elas se reúnem à sombra de uma grande mangueira no centro da machamba. Essa árvore funciona como ponto de encontro, uma

espécie de sala comunitária a céu aberto, onde compartilham experiências do trabalho e refletem sobre a vida.

Nesses encontros, o trabalho da terra dá lugar à palavra, ao canto e à dança. Pelas fotografias que faço, procuro mostrar a alegria e os gestos de afirmação identitária que surgem nesses momentos de diversão. As canções têm força simbólica. Quando cantam *"O envelhecer não se compra por dinheiro"*, afirmam que a velhice não é um peso, mas um valor que não pode ser comprado nem medido economicamente, pois representa um estado de existência. Em outro cântico, dizem: *"Eu sou linda, eu sou linda, mas se eu deixar de trabalhar, quem vai cultivar na machamba?"* Essa frase expressa autoestima e reconhecimento da beleza e do valor da mulher idosa, mas também consciência da centralidade de seu trabalho, tanto para o sustento material quanto para a continuidade da vida comunitária. Nesse verso, unem cuidado de si, trabalho coletivo e responsabilidade intergeracional, lembrando que sua ausência comprometeria não apenas a produção agrícola, mas também as relações sociais que mantêm a comunidade.

O que observo nesses encontros são práticas sociais que funcionam como verdadeiras pedagogias comunitárias. A oralidade, a música, a dança e o trabalho partilhado aparecem como instrumentos de fortalecimento social, emocional e de construção de futuros possíveis. As imagens que apresento mostram as mulheres reunidas sob a mangueira, dançando, conversando e partilhando momentos do cotidiano. Esses registros revelam dimensões afetivas e educativas que sustentam a vida comunitária e reafirmam o valor social da velhice.



Fotografias 45 *– Idosas na Associação Hi-Phunane, em seus encontros habituais e conversas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 1 de Maio de 2024*



Fotografias 46 *– Idosas na Associação Hi-Phunane, em momentos de cânticos e danças.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 1 de Maio de 2025*

Ao registrar por meio de fotografias e anotações, acompanho o senhor Gabriel em suas redes de interação e procuro mostrar sua vida religiosa de pertença a igreja Adventista. No convívio que estabelecemos, conheci o projeto que ele sonha desenvolver junto com Daniel, seu irmão da igreja. Ambos me convidaram a participar do Curso do Lar, uma formação obrigatória para todos os membros da congregação. Durante essa formação, percebi que minha presença não era tratada como algo circunstancial, pelo contrário, Gabriel e Daniel me integraram às suas trajetórias de fé e passaram a me considerar parte efetiva do seu círculo comunitário. Esse gesto fez com que intensificassem minha participação nas lições, acelerando a conclusão dos conteúdos. Essa dinâmica revelava, ao mesmo tempo, o compromisso deles com a minha formação e o desejo de me inserir em sua rede espiritual.

Notei também que, embora viva sozinho, Gabriel encontra na igreja uma família construída pelos laços da fé. Eu mesmo passei a ser parte dessa rede de relações, incluído em sua agenda, seus planos e expectativas. Essa experiência me coloca dentro de uma etnografia engajada e compartilhada (Moreira, 2019), na qual não apenas observo, mas me torno parte das dinâmicas que descrevo. A colaboração aparece como elemento central, marcada por compromissos e responsabilidades mútuas que surgem em diferentes episódios do campo.

Essa vivência me ajuda a compreender como a espiritualidade, para muitos moradores de Tsalala, funciona como um dispositivo poderoso na construção de laços sociais, capaz de enfrentar a solidão, a precariedade econômica e as incertezas da vida. Nesse contexto, a igreja ultrapassa o espaço do culto e se transforma em território de acolhimento, reconstrução de pertencimentos e produção de futuros coletivos. As imagens que apresento a seguir mostram a

convivência religiosa do senhor Gabriel com outros membros da comunidade. Nelas, ficam visíveis os vínculos afetivos, a força espiritual que sustentam esses encontros.



Fotografias 47 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel nos estudos Bíblicos.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 22 de setembro de 2024*



Fotografias 48 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel o autor numa oração.* ***Fonte****: Registro fotográfico do Lazaro Galengale, Maputo, 27 de setembro de 2024*



Fotografias 49 *– Sr. Gabriel e Irmão Daniel e o autor nos estudos bíblicos.* ***Fonte****: Registro fotográfico do Lazaro Galengale, Maputo, 07 de Outubro de 2024*



Fotografias 50 *– Sr. Gabriel e os Irmão da igreja Adventista num estudo Bíblico.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor, Maputo, 15 de Outubro de 2024*



Fotografias 51 *– Sr. Gabriel no culto numa congregação.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor, Maputo, 05 de novembro de 2024*

Nas práticas comunitárias que registro por meio da observação, da fotografia e das anotações, apresento os múltiplos sentidos que se articulam na vida urbana das pessoas idosas. A fotografia, nesse processo, tornou-se uma linguagem etnográfica capaz de revelar os ritmos e afetos (Eckert e Rocha, 2020) que transformam o cotidiano de Tsalala. Cada imagem que capto narra uma história e me conduz a refletir sobre o envelhecimento como um processo social situado[13], atravessado por desigualdades, violências, saberes, vínculos e formas de reconstrução da vida.

[13] Escorsim, Silvana Maria (2021) ajudam-no a entender o envelhecimento como um "processo social situado**"**, ao recusar a ideia de que ele, é um processo natural e homogêneo. Para a autora, envelhecer é um fenômeno atravessado por determinantes históricos, políticos, econômicos e de classe, que refletem as desigualdades acumuladas ao longo da vida**.** O envelhecimento da classe trabalhadora, marcado por precariedades e exclusões, é profundamente distinto daquele vivido pelas classes dominantes. Assim, não há um único modo de envelhecer, mas sim múltiplas formas que expressam as trajetórias sociais e os lugares ocupados nas relações de produção**,** revelando as contradições do capitalismo e a necessidade de uma análise crítica que considere as condições objetivas e subjetivas da existência.

CAPÍTULO 3 – Questões metodológicas e apresentação dos/as idosos/idosas, parceiros da pesquisa

3.1. Trajetória pessoal em direção ao tema do envelhecimento

Minha trajetória acadêmica em direção ao tema do envelhecimento começou na graduação em Antropologia, na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, em Moçambique. Em 2016, tive a oportunidade de realizar um estágio profissional no Conselho Municipal da Vila de Boane, na Província de Maputo, na área de Ação Social. Nesse período, trabalhei com a AINSO, uma associação sem fins lucrativos que desenvolvia atividades voltadas às pessoas idosas. No início, meu interesse estava em compreender os processos de integração social dos idosos a partir das dinâmicas promovidas pela associação. Porém, durante a fase de observação e coleta de dados, algo chamou minha atenção, os idosos faziam refeições na associação apenas dois dias por semana, e apenas uma vez nesses dias.

Essa constatação me levou a uma pergunta que passou a orientar minha reflexão: como essas pessoas idosas garantiam sua alimentação e sobrevivência nos outros dias da semana? A partir daí, meu olhar se ampliou para além da dinâmica institucional, e comecei a investigar as estratégias de reprodução social dos idosos em seu cotidiano, no distrito de Boane. Esse percurso resultou na defesa da minha monografia de graduação.

Após concluir a graduação em março de 2017, manifestei o desejo de continuar os estudos na mesma área do envelhecimento. Entrei em contato, por e-mail, com a professora Cornelia Eckert, pedindo sua orientação no mestrado. Ela, com muita gentileza, aceitou e passou a me acompanhar desde então. Candidatei-me ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS), por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG). Fui contemplado com uma carta de aceite para ingresso em 2018, mas não consegui avançar, pois não tinha recursos para tratar a documentação do visto nem para custear a passagem.

Em abril de 2021, fui contratado pela Fundação Ariel Contra o Sida Pediátrico, em Maputo, para atuar como Supervisor das Atividades Comunitárias, Mobilização e Engajamento Masculino aos Serviços de Saúde, sendo alocado ao Centro de Saúde de Tsalala. No exercício das atividades no bairro, ao observar a paisagem local, reviveu-se em mim o interesse em estudar o envelhecimento. Posso dizer que essa retomada ganhou força a partir de 2022, quando passei a me inserir mais profundamente no Centro de Saúde e no próprio bairro de Tsalala.

Essa experiência me levou a refletir sobre o envelhecimento da população local como um problema social. Essa percepção se tornou clara quando constatei as condições das moradias dos idosos, muitas vezes marcadas pela precariedade, as dificuldades de acesso aos serviços de saúde e a ausência de programas específicos de apoio à velhice.

Considero que minha inserção no campo ganhou vida no dia 1º de dezembro de 2022, durante a cerimônia alusiva ao Dia Internacional da Pessoa Idosa, realizada no Círculo do Bairro de Tsalala. O evento, organizado pelo Chefe dos Serviços Municipais de Bairro, Tiago Massingue, reuniu diversas organizações comunitárias, entre elas a Associação Hi-Phunani de Idosos, representada por sua secretária executiva, Ana Marta da Costa. Fui convidado a participar por conta do meu trabalho no Centro de Saúde de Tsalala.

Ao final do evento, dona Ana Marta, por intermédio do conselheiro comunitário Jacinto Chiconela, meu colega de trabalho, manifestou o desejo de receber nossa equipe na associação para desenvolver atividades de saúde voltadas às pessoas idosas. Atendemos a esse pedido com uma visita, que acabou se transformando em algo maior: não apenas cumprimos a demanda inicial, mas estabelecemos um vínculo permanente e colaborativo. Desde então, esse laço tem alimentado minhas reflexões e aprofundado meu olhar sobre as experiências de envelhecimento no bairro de Tsalala.

Foi nesse contexto de atuação profissional que o tema do envelhecimento se consolidou como objeto de continuidade da minha formação em Antropologia, com o propósito de desenvolver um estudo etnográfico junto a pessoas idosas residentes no Bairro de Tsalala, em situação de vulnerabilidade. Para viabilizar essa proposta, busquei minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), visando a realização do curso de mestrado, tendo como meta a elaboração de uma dissertação dedicada a essa temática. Iniciei formalmente o programa em 2024, porém, ainda sem contar com bolsa de estudos que viabilizasse meu deslocamento ao Brasil, fui orientado a dedicar-me integralmente ao trabalho de campo em Maputo, aprofundando as interações com os sujeitos da pesquisa e consolidando a construção etnográfica.

A pesquisa de campo, no âmbito da minha formação no mestrado em Antropologia, pode ser considerada formalmente iniciada em março de 2024, quando passei a intensificar minha presença junto às pessoas idosas residentes no Bairro de Tsalala. Esse movimento marcou uma transição importante, saindo de uma atuação do domínio profissional, vinculada às atividades comunitárias em saúde, para um etnográfico qualificada, orientada pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Antropologia. A partir desse momento, aprofundei minha inserção no cotidiano das/os idosas/os, participando de encontros, rodas de conversa,

visitas domiciliares e das atividades promovidas pela Associação Hi-Phunani, bem como de outros espaços informais de sociabilidade existentes no bairro.

A pesquisa me permite compreender, de forma sensível e crítica, os desafios enfrentados na velhice, sobretudo em contextos de precarização das condições de vida, de acesso limitado aos serviços públicos e de fragilidade dos laços familiares e institucionais de apoio. No convívio cotidiano, tive acesso a narrativas de vida que revelam trajetórias atravessadas por deslocamentos, trabalho e lutas comunitárias na experiência de envelhecer.

3.2. A pesquisa etnográfica

Na pesquisa antropológica, entendo que a etnografia ultrapassa a simples coleta de dados (Malinowski, 1922), trata-se de uma imersão prolongada na realidade vivida (Eckert e Rocha, 2008), que me permitiu a me envolver diretamente na convivência com as pessoas idosas, registrando suas histórias do cotidiano num ambiente de interação constante. Nesse processo, as hipóteses e perguntas nasceram do próprio campo (Eckert e Rocha, 2008), o que me levou a ajustar, em cada momento, as abordagens teóricas de acordo com a realidade observada e as respostas oferecidas pelo terreno.

Na metodologia etnográfica que utilizei, integrei diferentes técnicas; observação direta, observação participante, entrevistas não-diretivas, fotografias, filmagens e análise de redes de interação, fundamentais para compreender os estilos de vida, rotinas diárias, padrões e variações entre os indivíduos.

A observação direta foi essencial para captar práticas sociais e culturais no próprio contexto da convivência a partir da imersão no universo (Eckert e Rocha, 2008) dos idosos. Pude observar suas relações familiares, amizades, práticas sociais e formas de participação comunitária, isso ajudou identificar tanto os padrões como as variações nas experiências individuais, atividades cotidianas e nos momentos de sociabilidade. A observação participante aprofundou ainda mais essa imersão, permitindo registrar interações sociais e os contextos culturais (Guber, 2001) que cercam os idosos com mais riqueza de detalhes.

As entrevistas não-diretivas também tiveram um papel central, nas conversas com os idosos, ofereceram espaço para que eles expressassem suas opiniões e sentimentos sem o peso de perguntas previamente direcionadas (Thiollent, 1982), abertura é especialmente importante, possibilita revelar aspetos culturais e sociais que, em geral, são ignorados por pesquisas mais estruturadas. Os idosos compartilharam livremente fatos, emoções e preocupações que

influenciam suas realidades. Além disso, esse técnico ajudou construir um ambiente acolhedor e empático no trabalho de campo.

A fotografia e a filmagem acrescentaram a dimensão visual à pesquisa, ao registrar detalhes do tempo, emoções e contexto cultural das interações do cotidiano, com apontam Eckert e Rocha (2020) em "*A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento"*, esses recursos captam mais que simples imagens, revelam camadas de emoção e o ritmo do tempo presente nas interações sociais urbanas. O estudo das redes sociais também permitiu acompanhar a teia complexa de relações interpessoais que atravessa a vida cotidiana e as dinâmicas comunitárias (Velho et al., 2015; Acioli, 2007), ajudando a compreender melhor como os idosos se conectam e interagem num ambiente de vulnerabilidade urbano.

3.3. Inserção na pesquisa de campo

A inserção formal no campo de pesquisa começou no dia 23 de fevereiro de 2024, quando a dona Ana Marta teve uma consulta médica no Centro de Saúde de Tsalala. Depois da consulta, ela entrou em contato comigo para me cumprimentar, nesse momento, aproveitei a ocasião para apresentar o interesse em realizar uma pesquisa com os idosos de sua associação para fins académicos, aceitou colaborar e se ofereceu para indicar aqueles que, segundo a sua percepção, eram os mais adequados para partilhar suas experiências.

No primeiro encontro que marcamos, dona Ana Marta me apresentou Amália Samuel Chipendane, de 74 anos, natural de Inharime, Inhambane, e Amélia Muamba, de 66 anos, nascida em Tenga, Maputo. Depois, conheci Beatriz Elias Nhone, de 66 anos, oriunda de Guijà, Gaza, e Marcela Francisco Murura, de 68 anos, de Massinga, Inhambane. No terceiro encontro, ela me apresentou Rosa Faife Nhalingue, de 94 anos, nascida em Vilanculos, Sofala. Todas vivem no Bairro de Tsalala, e foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e aceitaram participar livremente.

Os contatos ultrapassaram as indicações da dona Ana Marta. Conheci também Jossias Azarias, marido de Amália Chipendane, com quem estabeleci relação após visitar sua esposa em um sábado. Outros contatos surgiram fora da rede da associação. Conheci Sr. Banda Alexandre Nhocuane, de 71 anos, no Centro de Saúde de Tsalala, durante consultas médicas. Com o tempo, passei a visitá-lo em sua casa e, dessa convivência, nasceu uma amizade. Nesse ambiente de confiança, compartilhei meu interesse pela pesquisa, expliquei os objetivos e obtive sua colaboração. Eduardo Albino Tembe, de 73 anos, chegou até mim por meio da diretora do Centro de Saúde, Jorgete Tonela, que me pediu acompanhar em visita domiciliar

em 2022, desde esse período construirmos um relacionamento de confiança, negociei sua participação na pesquisa, e ele aceitou.

Durante a caminhada pelo Tsalala, encontrei o senhor Fernando Januário Machava, sua situação me chamou atenção: vivia sozinho em uma casa precária, enfrenta problema de saúde, locomoção debilitado por AVC. Aproximei na sua residência para conversar, apresentei o objetivo da pesquisa e pedi sua colaboração, que ele aceitou de imediato. Em outra ocasião, conheci o senhor Gabriel Muianga, de 70 anos, durante uma caminhada pelo bairro. Fui até sua casa para comprar hortícolas e, nesse encontro, apresentei a pesquisa e pedi sua autorização para incluí-lo como participante. Ele aceitou de forma simpática e me convidou a conhecer sua Igreja Adventista do Sétimo Dia, que passei a frequentar aos sábados. Esse gesto abriu espaço para uma troca de valores e fortaleceu nossa relação de confiança. Atendendo aos requisitos da igreja, participei também de um estudo bíblico, o que consolidou ainda mais minha inserção naquele espaço.

Para obter informações sobre o bairro e integrar a pesquisa às instituições ligadas ao envelhecimento, procurei o Círculo Municipal do Bairro de Tsalala. Na ocasião, o Chefe dos Serviços, Tiago Massingue, explicou que só poderia disponibilizar os dados mediante a apresentação de uma credencial que comprovasse meu vínculo acadêmico. Solicitei o documento à minha orientadora, Cornelia Eckert, que o emitiu prontamente. Voltei ao Círculo Municipal com a credencial em mãos, mas fui informado de que deveria encaminhá-la ao Conselho Municipal. Fiz a submissão e, uma semana depois, o despacho foi enviado à sede municipal de Matola e, em seguida, ao Posto Administrativo de Machava, onde acabou arquivado. Após um mês sem retorno, decidi voltar à sede municipal de Matola e descobri que o documento já havia sido remetido ao bairro de destino.

Com o despacho finalmente em mãos, apresentei-o ao Círculo de Bairro, o que me permitiu articular a pesquisa com outras autoridades locais. Nesse processo, entrei em contato com Helder Quifaz, responsável pelos assuntos sociais do Posto Administrativo de Machava; com o próprio Tiago Massingue, Chefe dos Serviços Municipais do Bairro de Tsalala; e com Ernesto Madzilane, régulo do bairro, que me ofereceu valiosas informações sobre o histórico de Tsalala.

Ao buscar mais informações sobre a situação dos idosos em outras instituições da Matola, deparei-me com exigências burocráticas do Instituto Nacional de Ação Social e dos Serviços Provinciais de Gênero, Criança e Ação Social. Essas instituições solicitaram credenciais específicas para autorizar entrevistas, o que dificultou o acesso a dados que considerei relevantes para ampliar a pesquisa.

Desde o primeiro contato com a comunidade, percebi que a negociação do consentimento dos participantes exigia confiança e respeito pelas dinâmicas sociais locais. A mediação ética tornou-se fundamental, sobretudo no caso de interlocutores fora da associação, como o senhor Fernando e o senhor Gabriel, cujas práticas sociais e religiosas precisei reconhecer e respeitar para consolidar nossa relação de confiança. No plano burocrático, enfrentei obstáculos constantes, que iam desde a solicitação de credenciais até longas esperas por autorizações. Esse processo mostrou como as estruturas institucionais regulam o acesso à pesquisa e ressaltou a importância da adaptabilidade e da perseverança para obter as informações necessárias no desenvolvimento do estudo.

3.4. Considerações metodológicas

Realizar uma pesquisa etnográfica com pessoas idosas em situação de vulnerabilidade significou enfrentar desafios metodológicos, emocionais e éticos de grande complexidade. Logo percebi que o campo não era um espaço neutro de observação, mas um território atravessado por desigualdades sociais, urgências cotidianas e expectativas colocadas sobre mim como pesquisador. Em muitos momentos senti-me afetado pelas condições de precariedade que marcam a vida de vários interlocutores: casas improvisadas, dificuldades persistentes de acesso à saúde, solidão e memórias atravessadas por perdas, traumas e silêncios da dor. Mais do que participantes da pesquisa, muitas vezes eles me viam como alguém capaz de responder às suas necessidades imediatas. Essa expectativa me colocava diante de um conflito constante entre o compromisso ético da escuta e os limites concretos da minha atuação como pesquisador.

Essas experiências exigiram de mim sucessivos rearranjos metodológicos e reflexões críticas sobre minha posição no campo. A vulnerabilidade, nesse contexto, deixou de ser apenas um objeto de investigação e passou a constituir uma dimensão que reconfigurava a própria relação entre pesquisador e interlocutores. O campo etnográfico mostrou-se um espaço de implicações mútuas, no qual afetos, tensões e silêncios também se tornaram dados etnograficamente relevantes para compreender o modo de envelhecer naquele contexto de precaridade urbana.

Pesquisar no contexto de vulnerabilidade não é apenas um exercício técnico ou analítico, mas uma experiência atravessada por dilemas éticos, deslocamentos subjetivos e aprendizagens que desafiaram as fronteiras tradicionais da pesquisa acadêmica. O trabalho etnográfico, nessas circunstâncias, exige mais do que domínio metodológico: requer a presença, escuta comprometida e responsabilidade ética diante da dor do outro. Em muitos

momentos encontrei-me em meio a um ambiente de tensão, no qual a escuta atenta se cruzava com o sofrimento dos interlocutores e com a consciência dos limites da minha capacidade de resposta.

3.5. Apresentação das pessoas idosas, parceiros desta pesquisa

Neste subcapítulo apresento as pessoas idosas parceiras da pesquisa. Seus perfis serão construídos através de suas narrativas biográficas para compreender suas experiências de envelhecimento.

Ana Marta da Costa

Dona Ana Marta, mulher idosa de 65 anos, residente no bairro de Tsalala, concedeu-me sua narrativa biográfica em uma entrevista realizada em sua residência, no dia 13 de março de 2024, por volta das 14 horas. Ao chegar, encontrei-a dentro de casa. Assim que percebeu minha presença, pediu ao neto que providenciasse uma cadeira para que eu me sentasse. Acomodei-me na varanda, aguardando. Cerca de três minutos depois, dona Ana Marta saiu, cumprimentou-me dando boas-vindas e iniciamos uma breve conversa informal, que se estendeu por aproximadamente cinco minutos. Esse diálogo inicial teve como propósito criar um ambiente de confiança e descontração, facilitando o andamento da entrevista.

Em seguida, ela autorizou formalmente a gravação da conversa, dando início à construção de sua trajetória de vida, desde as experiências da infância até sua inserção no mundo do trabalho.

Ana Marta narra que nasceu em Magude, distrito da província de Maputo, se mudou de terra de nascença ainda pequena, motivo pelo qual guardou poucas lembranças desse local. Seu pai, na altura funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, por motivos de trabalho, viajava com frequência e raramente permanecia por longos períodos em um único lugar. Quando passou a trabalhar em Maputo Cidade, decidiu reunir a família, trazendo consigo a esposa, sua filha (Ana Marta) e sua sobrinha, filha de sua irmã falecida, que, antes de morrer, havia pedido que deixasse a menina sob a responsabilidade da cunhada (mãe da Ana Marta) para cuidar.

A família foi se instalar na cidade de Maputo, mais precisamente no bairro de Chamanculo, na zona conhecida como *JUNTA*, onde Ana Marta cresceu até aos onze (11) anos de idade. No entanto, devido à construção de uma estrada que passava pela zona onde moravam, foram obrigados a sair da casa. Foi nesse momento que o pai dela, comprou um terreno no bairro da Machava, na zona de Baião, onde posteriormente moraram. Ana Marta, nessa altura tinha onze (11) anos, já frequentava a Escola Primária de Lhanguene, em

Chamanculo. Porque o pai era assimilado, teve acesso à chamada Escola Piloto, onde concluiu a 3ª classe e continuou os estudos na Machava até 4ª classe. Posteriormente, ingressou na Escola Preparatória da Matola, onde estudou do 1º ao 2º ano. Como essa escola oferecia apenas o ensino até o 2º ano, ela regressou à Escola Secundária de Lhanguene, onde, coincidentemente, o ensino secundário tinha acabado de ser introduzido. Foi ali que concluiu o 4º ano. Já era mais crescida, e foi também nessa fase que começou a namorar.

O seu ingresso no mundo do trabalho aconteceu de forma inesperada. Uma amiga sua, mais velha, que trabalhava no Ministério do Magistério, ao saber que Ana Marta frequentava um curso de dactilografia, recomendou-a à chefe dos Recursos Humanos. Mesmo sem ter concluído o curso, Ana Marta foi chamada pela irmã, a pedido da amiga. A princípio, hesitou, pois ainda não pensava em trabalhar. No entanto, acabou por ir se apresentar. Questionada sobre as suas habilidades, explicou que ainda estava a aprender dactilografia. Apesar disso, foi aceita e admitida. Assim, com apenas 19 anos, Ana Marta da Costa iniciou a sua vida profissional no Ministério do Comércio Externo, marcando o começo de uma nova etapa da sua trajetória.

Rosa Faife Nhalingue

Rosa Faife Nhalingue, de 94 anos, moradora do bairro de Tsalala, foi entrevistada no dia 18 de maio de 2024, em sua casa. Nesse dia, estive acompanhado de dona Ana Marta, que me apresentou a ela. Dona Rosa nos recebeu com simpatia, convidou-me a entrar e me saudou com respeito. A conversa começou de forma informal, e então pedi sua autorização para gravar a entrevista. Diante do pedido, ela sorriu e, bem-humorada, perguntou: *"Afinal, vocês trabalham nas rádios? Porque lá ouvimos coisas que nos fazem rir, e outras nem tanto."* Expliquei que não, que se tratava de um trabalho acadêmico, e, sem dificultar, ela consentiu com a gravação da nossa conversa.

Rosa Faife conta que nasceu em Vilanculos, em 1º de janeiro de 1930. Lembra-se claramente do dia em que foi registrada, sua idade acabou sendo aumentada, como ela mesma relata. Naquele tempo, não havia arquivos oficiais de nascimento e muitas crianças vinham ao mundo em casa. Quando os pais as levavam ao registro civil, as autoridades apenas estimavam a idade e atribuíam uma data qualquer para oficializar o documento, como ela explica a seguir. *"Eu lembro no dia que fui pôr meu nome nos papéis… disseram que meus anos eram poucos, aí aumentaram mais. Disseram que com aquela idade não dava, tinha que ter mais. Então ficou assim, com mais anos do que eu tinha."* (…) cresceu em Vilanculos, onde passou grande parte da sua infância e juventude. Mais tarde, decidiu deixar a sua terra natal e mudou-se para

Maputo, onde reside até hoje. A mudança aconteceu quando o seu filho, proprietário da casa onde atualmente mora, foi buscá-la para viver com ele. Rosa viveu ao lado do filho até o seu falecimento, após a morte do filho, ela permaneceu na casa, agora acompanhada pelo seu neto e pela esposa deste.

Amália Samuel Chipendane e Josias Azarias

As entrevistas com Amália Samuel Chipendane e Josias Azarias ocorreram em dois momentos distintos. A primeira conversa foi realizada apenas com Amália Samuel, enquanto, no segundo encontro, participaram ambos, o que possibilitou observar as dinâmicas compartilhadas do casal e complementar as narrativas individuais. A primeira entrevista com dona Amália aconteceu no dia 17 de março de 2024 e teve continuidade em 18 de maio, um sábado, ocasião em que seu marido, senhor Josias Azarias, encontrava-se em casa, uma vez que, nos fins de semana, não se desloca para o Posto Administrativo do Conselho Municipal da Machava, onde exerce suas funções.

No dia 17 de março, fui à residência do casal com o objetivo específico de entrevistar dona Amália. A visita já havia sido previamente agendada, pois, alguns dias antes, estive em sua casa acompanhado de dona Ana Marta para combinar o encontro. Cheguei por volta das 9 horas da manhã, e ela já me aguardava. Inclusive, não foi à machamba naquele dia justamente para estar disponível para a entrevista. Como de costume, iniciamos uma conversa informal, de saudação e aproximação. Logo em seguida, pedi seu consentimento para gravar a entrevista, o que foi prontamente autorizado.

Retornei no dia 18 de maio, conforme combinado, e, dessa vez, encontrei também o senhor Josias em casa. Nossa conversa se deu em changana, língua predominante no bairro e em grande parte da província de Maputo. No decorrer do diálogo, descobrimo-nos que ambos pertencemos ao grupo machope, compartilhando a mesma língua materna, o xichope. Esse reconhecimento mútuo gerou uma conexão imediata, e passamos naturalmente a conversar nessa língua, que desde esse dia em diante, conversávamos em Chope.

Ao explicar os objetivos do meu trabalho de pesquisa, dona Amália se dirigiu ao marido e disse: *"Papa, nós nos conhecemos na associação, ele trabalha no hospital e quer saber como nós, idosos, vivemos nas nossas casas."* Diante disso, o senhor Josias respondeu de forma acolhedora: *"Não há problema, podemos trabalhar."* Com o consentimento de ambos, iniciamos a gravação da entrevista, que transcorreu de maneira bastante fluida e colaborativa.

Tal como Rosa, Amália Samuel Chipendane também tem uma trajetória marcada por deslocamentos e memórias ligadas às suas origens. Com 74 anos, vive no Bairro de Tsalala.

Ela nasceu em Inharime, distrito da província de Inhambane, mais especificamente no bairro de Guambene, onde cresceu até ir ao lar. A sua zona de origem, onde o lar da família estava localizado, é na localidade de Nhapadjana, em Guambe Grande. Os seus pais tiveram somente três filhas, sem nenhum homem.

Como a esposa (Amelia Samuel) Josias Azarias, de 78 anos de idade, nasceu em Guambene, no distrito de Chicuanene, na província de Inhambane. Desde a sua infância, viveu naquela região, em um ambiente simples e familiar. Seus pais, como muitos da época, trabalhavam na machamba para garantir o sustento da família. As lembranças de infância de Josias estão ligadas à vida no campo e à convivência com seus familiares. Ele cresceu com uma forte conexão à sua terra natal e à cultura local, que moldaram sua visão de mundo e sua trajetória ao longo da vida.

Amélia Muamba

A entrevista com dona Amélia Mumba realizou-se no dia 20 de maio de 2024. No dia em que fui apresentado a ela por dona Ana Marta, trocamos contatos telefônicos, o que facilitou o agendamento da visita. Ao entrar em contato para confirmar sua disponibilidade, ela prontamente aceitou o convite e concordou em me receber na data que eu havia sugerido, dia 20 de maio.

Cheguei pela manhã, por volta das 9 horas. Dona Amélia estava ocupada regando seus canteiros quando me avistou e, com um sorriso, saudou-me dizendo: *"Hoio Hoio, Papá"*, expressão da língua *changana*, e em português significa *"Seja bem-vindo, papá"*. Deixou imediatamente o regador de lado, foi buscar duas cadeiras e, com gentileza, acomodou-me em frente aos seus canteiros, onde nos sentamos para conversar. No início da conversa, solicitei sua autorização para gravar, ao que respondeu, com naturalidade, que não havia problema. A partir daí, seguimos com a entrevista, que fluiu de maneira leve e respeitosa.

Como Josias, cuja infância foi marcada pelo ambiente familiar, Amélia Muamba também conta que cresceu sob os cuidados de pessoas próximas. Ela, nasceu em 1958, no Bairro de Tenga, em Maputo, de 66 anos de idade, desde a infância, a sua vida foi marcada por uma relação estreita com os avós, que a criaram. Quando nasceu, seus pais decidiram entregá-la aos avós para juntos viverem, o que, na época, era uma prática comum. Amélia não achou estranho esse arranjo, pois era algo normal na cultura local. A razão pela qual foi entregue aos avós, ela não sabe ao certo, mas acredita que tenha sido por ser a primeira filha nata da casa. Seus avós cuidaram dela com muito carinho e foram responsáveis pela sua educação até que ela crescesse e começasse a compreender o mundo ao seu redor**.**

Amélia estudou até a segunda classe do antigo sistema de ensino, embora não tenha aproveitado tanto o conhecimento escolar, aprendeu a escrever o seu próprio nome. Durante a sua infância em Tenga, além dos estudos, ela também aprendeu muito sobre os trabalhos da machamba e os afazeres domésticos, atividades comuns na vida rural. Quando ela se casou, seus avós ficaram muito felizes, o dinheiro do lobolo eles se dividiram com os pais de Amélia. Essa conexão familiar e a vida simples em Tenga moldaram sua infância e suas lembranças mais queridas.

Beatriz Elias Nhone

A entrevista com Dona Biatriz, foi realizada no dia 3 de abril de 2024, em sua residência. Cheguei por volta das 15 horas e a encontrei sentada numa cadeira de plástico, na entrada da sua casa, junto a alguns molhos de carvão que estava a vender. No momento da minha chegada, uma criança, aparentemente com cerca de 10 anos de idade, também se aproximava para comprar carvão. Cada pequeno plástico de carvão custa 30 meticais. A criança trazia consigo uma nota de 50 meticais, e, como Dona Beatriz não tinha troco naquele momento, perguntou-me, com muita gentileza, se eu poderia ajudá-la. Eu lhe passei 20 meticais, e ela garantiu que mais tarde me devolveria. Assim, conseguiu facilitar o troco para a criança.

Logo após, quando a criança foi embora, Dona Beatriz entrou em casa, trouxe outra cadeira e me convidou para irmos sentar debaixo de uma laranjeira, no quintal, onde começamos nossa conversa. Durante a entrevista, nossa conversa era frequentemente interrompida pela chegada de clientes que vinham comprar carvão. Sempre que possível, retomávamos de onde tínhamos parado, mantendo o fluxo da entrevista.

Em determinado momento, pedi a ela autorização para gravar a nossa conversa, o que foi por ela aceito. Assim, seguimos dialogando sobre sua vida, suas memórias e suas experiências. Nesse percurso de conversas, Dona Beatriz conta que vivenciou uma infância enraizada nos valores familiares e nas tradições locais. Nasceu em Guijá, no distrito de Chokwè, e tem 63 anos de idade. Cresceu na sua terra natal, onde o régulo da região era conhecido como Chomane, líder dos Wa-ka-Inconjane Zitha. Durante a sua infância, Beatriz viveu com a sua família, mas, em determinado momento, foi para o lar, numa família da mesma região, os Wa-ka-Zitha. Esse foi um período importante de sua vida, em que continuou a viver no local, apesar de muitas mudanças. Quando a Guerra dos Matsanguas, também conhecida como Guerra dos 16 anos, começou a afetar a região, os seus pais decidiram sair de Guijá e se mudar para Maputo. No entanto, Beatriz optou por ficar em casa dos seus sogros, pois estava

cumprindo o compromisso que tinha com o lar, apesar de toda a sua família ter deixado a cidade. Essa escolha marcou a sua infância e as memórias que carrega até hoje.

Marcela Francisco Murura

No dia 21 de maio de 2024, fui à casa de dona Marcela para realizar nossa conversa. Havíamos trocado contatos telefônicos anteriormente, no dia em que ela esteve no Centro de Saúde de Tsalala para uma consulta. Já a conhecia, pois, em uma visita anterior, fui apresentado a ela por dona Ana Marta. Na ocasião da troca de contatos, manifestei meu interesse em visitá-la para conversarmos com mais calma, ao que ela respondeu que bastava eu ligar para combinarmos.

De fato, liguei no dia 19 e ela confirmou a disponibilidade. No dia 20, retomei a ligação para consolidar o combinado, e ela reafirmou que poderia me receber no dia seguinte. Ao chegar em sua casa, no bairro de Tsalala, percebi que ela realmente estava me esperando. Estava sentada sobre uma esteira, na companhia de algumas sobrinhas e de crianças que brincavam de futebol em frente à sua casa.

Dona Marela se levantou, ajeitou a capulana sobre a saia, trouxe uma cadeira e um bidão que usamos como assento. Afastamo-nos um pouco das crianças e fomos nos acomodar sob a sombra de uma laranjeira. Após as saudações iniciais, percebi que ela se mostrava bastante séria, com uma expressão que denotava certa preocupação. Para quebrar o gelo e tornar o ambiente mais descontraído, comecei a comentar sobre as crianças que brincavam por perto, perguntando se eram seus familiares ou conhecidos. Isso abriu espaço para uma conversa mais leve e espontânea.

Diante do clima mais acolhedor, mencionei que nossa conversa estava fluindo muito bem e perguntei se ela permitiria que eu gravasse. Ela consentiu, e assim demos continuidade à entrevista. Ao longo dessa entrevista, Marcela Francisco Murura, ela conta que nasceu e cresceu em Massinga, na província de Inhambane. Quando era ainda muito pequena, sua mãe a abandonou, e, por causa disso, seu pai soube da situação e a foi buscar para levá-la a viver com ele em Vilanculos, onde ele trabalhava. Cresceu com seu pai e foi viver em um lar na mesma cidade. Sua história de vida, porém, foi marcada por muitos desafios e sofrimento. Durante o período da guerra entre a Renamo e a FRELIMO (a Guerra dos 16 anos), a situação na sua vida se complicou. Quando o seu pai decidiu sair de Vilanculos e se mudar para Massinga, Marcela ficou no lar e, durante a guerra, ela e o seu marido foram atacados. Os membros da Renamo invadiram a casa onde estavam, mataram o seu marido e levaram-na para a base deles. Marcela foi forçada a ser mulher de um comandante da Renamo, um episódio

doloroso que ela prefere não recordar, pois foi uma experiência traumática e muito difícil em sua vida.

Banda Alexandre Nhocuane

Banda Alexandre Nhocuane nasceu em 1953, na zona de Lozalite, no bairro de Tsalala, onde cresceu e vive até hoje. Esta biografia resulta de uma entrevista que realizei com ele em sua residência, no dia 13 de junho de 2024. Cheguei à sua casa por volta das 8h30, conforme havíamos combinado. No entanto, não o encontrei. Na porta, encontrei sua esposa, que se preparava para sair a fim de comprar pão para revenda. Perguntei por ele e ela respondeu que havia ido até a casa de uma das filhas, em Lozalite, levar comida para os patos, mas que não demoraria a regressar. Pediu-me que aguardasse, pois, assim que ele chegasse, me atenderia. Ela, então, seguiu para o seu trabalho, enquanto eu permaneci sozinho na casa, à espera.

Por volta das 10 horas, o senhor Banda retornou, chegando de bicicleta. Ao me ver, cumprimentou-me com um sorriso e disse: *"Papá, desculpa. Eu precisei sair. Os meus patos estavam com fome, e a minha filha pediu que eu fosse levar comida para eles. Mas já estou de volta. Podemos trabalhar."* Em seguida, saímos juntos em direção à capoeira onde ele cuida dos seus patos. Enquanto os alimentava, fomos conversando informalmente. Cerca de cinco minutos depois, ele trouxe duas cadeiras, que colocou em frente à entrada da sua casa, e ali nos sentamos. Após me cumprimentar novamente e perguntar sobre a minha saúde, iniciamos a nossa conversa de forma mais formal. Solicitei a ele a autorização para gravar o nosso diálogo, o que ele prontamente concordou.

Ao logo da conversa, Sr. Banda canta que na época da colonização, ele e sua família foram forçados a deixar Lozalite pelos colonos, liderados por um homem chamado Teixeira, que possuía negócios de criação de bois na área. Os colonos disseram que eles não podiam mais viver naquele local e, por isso, a família foi deslocada para Mutwine, onde Banda Alexandre ainda reside até hoje.

Banda Alexandre menciona que o nome "Tsalala" em algumas partes, está sendo alterado para "Malhampswene", ele expressa seu espanto e tristeza com essa mudança, pois considera que o nome original, Tsalala, é o que deve ser preservado. Ele também questiona as autoridades locais sobre essa alteração, uma vez que muitos dos atuais líderes do bairro não conhecem a verdadeira história da comunidade. Segundo ele, esses líderes foram influenciados por fatores externos e não têm um vínculo profundo com a história de Tsalala. Ele acredita que a verdadeira identidade do bairro está sendo perdida devido a essa falta de entendimento. Banda, relata ainda que foi chefe de quarteirão durante o período em que Paulo Cofene

Nhangave era o responsável pela área, e na época dos milicianos. Ele descreve sua gestão como positiva, pois conseguia reunir as dez casas do bairro para realizar contribuições e criar uma estrutura comunitária. Porém, isso gerou conflito com outras autoridades locais, que o acusaram de tomar uma posição que deveria ser deles. Ele se orgulha de ter tentado melhorar a gestão do bairro, reunindo as famílias para discutir suas preocupações de maneira organizada.

Ele também reflete sobre como as divisões do bairro, antes baseadas nas células, agora são feitas por blocos numerados, o que ele considera um marco de mudança na organização do bairro. Para ele, Tsalala tem uma identidade única, que é importante preservar. Ele conhece profundamente a região e descreve as fronteiras do bairro, que começam no riacho e se estendem até a zona de Mafureira, incluindo áreas como Sosumole e Circulo, e que faz limites com o bairro de Tchumene e com a estrada de Matola Gare.

Ao longo da sua vida, Banda Alexandre viu muitas mudanças no bairro, mas continua a lutar pela preservação da memória e da identidade de Tsalala, com a esperança de que as futuras gerações compreendam e respeitem a verdadeira história da sua terra.

Fernando Januário Machava

A entrevista com o Sr. Fernando foi realizada no dia 11 de setembro de 2024, em sua residência. Ele vive nas proximidades do Centro de Saúde de Tsalala. Em um dos meus momentos livres, aproximei-me de sua casa para agendar a entrevista, que ficou marcada para esse mesmo dia, 11 de setembro. No horário combinado, cheguei à sua casa e o encontrei sentado numa cadeira, debaixo de uma laranjeira. No local já havia mais duas cadeiras, pois, no momento da minha chegada, ele estava à conversar com outra pessoa. Poucos minutos depois, com a minha chegada, esse terceiro interlocutor se despediu e se retirou.

Antes disso, conversamos, nós três por alguns minutos, tratando de assuntos gerais e do cotidiano. Quando ficamos apenas eu e o Sr. Fernando, nossa conversa começou a se direcionar mais especificamente para os temas da pesquisa. Foi então que pedi a ele a sua autorização para gravar a nossa conversa, e ele aceitou. A partir daí, seguimos com a entrevista, na qual ele compartilhou sua história de vida, suas memórias e experiências.

Ss. Fernando Januário Machava, mais conhecido na zona como Nandó, conta que nasceu no dia 2 de fevereiro de 1968 na Matola, Moçambique, e tem 57anos de idade. Ele compartilha um pouco de suas narrativas de vida e suas memórias, começando pela sua infância e suas experiências de vida em família. Seu pai, que trabalhava nos Correios de Moçambique, comprou uma casa no Chamanculo, mas devido à falta de transporte, ele decidiu construir uma

casa na Matola e levou sua esposa para morar lá. Quando Fernando ainda não havia nascido, seus pais mudaram-se para a Matola. Ele é o último de quatro filhos, dois homens e duas mulheres, e, após a morte de uma de suas irmãs, restaram apenas três. Na Matola, as condições de vida eram mais fáceis em termos de moradia, já que havia parcelamento e terreno disponível. Mas quando a família foi transferida para o Bairro de Mussumbuluco, a situação tomou um rumo complicado.

Fernando descreve como a comunidade foi enganada por uma empresa de construção, a Trak, que prometeu melhorar as condições de moradia da população. As casas precárias, feitas de caniço, seriam substituídas por moradias melhores. No entanto, as promessas não foram cumpridas. As famílias foram realocadas, mas as novas casas eram ainda mais precárias. Houve um sentimento de traição e engano pelos líderes comunitários que se beneficiaram da situação, deixando muitos moradores em condições ainda mais difíceis.

Durante sua infância e juventude, Fernando estudou na Escola Primária de Liquleva, depois na Escola Secundária da Matola, e em seguida, a guerra civil o forçou a buscar refúgio em Chamanculo. No período de guerra, ele teve que se mudar novamente para a casa de sua irmã, uma medida preventiva devido à violência da época. Quando tinha 16 anos, ele foi recrutado para trabalhar em várias empresas, incluindo Texilon, onde trabalhou na tecelagem. Porém, seu destino tomou outro rumo quando sua mãe lhe pediu para parar de trabalhar na empresa devido ao recrutamento para o exército, já que havia medo de que muitos jovens fossem mortos durante a guerra.

Depois, Fernando conseguiu um trabalho em uma pastelaria e, eventualmente, em uma empresa de manutenção de casas. Ele foi recrutado para aprender a canalização, e com muito esforço e aprendizado prático, tornou-se um profissional da área. Em seu novo trabalho, ele foi treinado para instalar sistemas de canalização em casas de banho e cozinhas, e com o tempo, se tornou um dos melhores trabalhadores na sua empresa. Depois de anos de dedicação e aprendizado, ele recebeu um certificado que atestava suas habilidades, permitindo-lhe trabalhar em qualquer empresa.

Aos 33 anos, Fernando trabalhou na empresa Gandson, mas, após o fechamento da empresa Dinamarquesa onde ele começou, ele seguiu para os biscatos. Ao longo dos anos, ele ficou conhecido no mercado como um bom canalizador, sendo chamado para diversas manutenções em condomínios e obras. No final, ele percebeu que estava se destacando e, em vez de continuar como freelancer, decidiu oferecer seus serviços como contratado fixo.

Essa trajetória de Fernando é marcada por dificuldades, mas também por superação e aprendizado. Ele encontrou maneiras de transformar as adversidades em oportunidades, o que

o levou a se tornar um profissional respeitado na sua área. A narrativa de sua vida reflete o esforço, as mudanças e as experiências que ele viveu ao longo de sua jornada.

Gabriel Muianga

No dia 07 de agosto de 2024, realizei uma entrevista com o Sr. Gabriel em sua residência. Havíamos combinado essa conversa dois dias antes. Na data marcada, cheguei à sua casa por volta das 8 horas da manhã. Ele estava ocupado preparando a terra para ampliar seus canteiros de alface. Aproximei-me, cumprimentei-o, e ele respondeu de forma muito acolhedora. Enquanto conversávamos, chegaram seis senhoras, membros da sua igreja Adventista de Sétimo dia que vieram visitá-lo. Disseram que fazia tempo que não o viam na igreja. O Sr. Gabriel explicou que havia viajado para Gaza, onde passou algum tempo, mas que, assim que retornou, pretendia voltar a frequentar os cultos.

As senhoras, então, fizeram uma oração por ele, pedindo que superasse a preguiça e as tentações do diabo, para que se reerguesse espiritualmente e voltasse à igreja. No meio da conversa, elas também sugeriram que eu passasse a frequentar a igreja junto com o Sr. Gabriel. Após isso, despediram-se e seguiram seu caminho. Em seguida, continuei conversando com o Sr. Gabriel, que gentilmente autorizou que eu gravasse nossa conversa.

Sr. Gabriel conta que nasceu em 1954, na Província de Gaza, na localidade de Chonguene, em uma família de agricultores. Sua infância foi marcada por uma convivência estreita com seus pais e avós, onde a vida girava em torno da agricultura e criação de gado. Durante esse período, Gabriel descreve uma experiência de troca e solidariedade, com pessoas de outros lugares buscando recursos e abrigo em sua casa. No entanto, problemas com práticas de curandeirismo e dificuldades financeiras abalaram a vida de sua família.

Aos 9 anos, a família se mudou para Maputo, onde Gabriel começou a frequentar a escola. As dificuldades financeiras e familiares eram constantes, mas ele se destacou nas aulas. Gabriel iniciou seus estudos na escola primária em Gaza, em 1966, estudando na escola ligada à Igreja Anglicana. Lá, a educação começava pelo chamado "pré", dividido em níveis "A" e "B", e quem passasse por essas fases seguia para a 1ª Classe. Gabriel descreve que esse sistema preparava bem os alunos: ao completar a 2ª Classe, já se falava fluentemente português e se tinha condições de trabalhar para os colonos. Sua trajetória escolar foi marcada por uma resistência constante à realidade econômica da família, que não tinha recursos suficientes para apoiar sua educação.

Ele frequentou várias escolas, começando pela Escola Primária 4 de Outubro, e depois ingressando na Escola Secundária Comercial de Maputo, onde seguiu com os estudos na área

de ciências econômicas. Durante esse período, a vida de Gabriel foi repleta de desafios, como o trabalho forçado do pai e a falta de apoio para a continuidade dos estudos. Mesmo assim, ele se destacou, especialmente nas matérias de português e matemática, que sempre foram suas favoritas. Ao longo dos anos, Gabriel enfrentou dificuldades financeiras e familiares. A pressão para ajudar a sustentar a casa o levou a trabalhar em diversas funções, desde servente nas obras até trabalho com outras famílias. Mesmo com essas responsabilidades, ele nunca desistiu de seus estudos. Na escola, ele seguiu um caminho acadêmico sólido, destacando-se em sua formação inicial e continuando a estudar durante a adolescência, apesar de não poder frequentar a escola com a mesma regularidade.

Em 1974, ele tentou continuar seus estudos, mas foi interrompido por questões de saúde e pela morte do pai. A partir desse sucedido, a vida familiar ficou ainda mais difícil, com conflitos internos e questões de herança. Sua saúde também foi prejudicada, levando-o a uma longa recuperação. No entanto, sua paixão pela educação nunca o deixou. Embora não tenha continuado em uma escola formal após esse período, Gabriel buscou aprender de outras maneiras, estudando livros e se dedicando ao aprendizado de assuntos como direito e administração, áreas nas quais demonstrava grande interesse.

Embora sua trajetória acadêmica tenha sido cheia de obstáculos, Gabriel sempre teve grandes ambições. Inicialmente, ele desejava ser enfermeiro, para ajudar as pessoas, mas depois se interessou por direito, sonhando em se tornar advogado. Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, ele procurou adquirir livros para se aprimorar e ajudar sua família. Mais tarde, Gabriel tornou-se responsável pela construção da casa de seus pais e pela educação de suas irmãs, impulsionado pelo desejo de contribuir para o bem-estar de sua família.

A narrativa de Gabriel Muanga é um testemunho de superação, luta constante contra as adversidades e uma busca incessante por conhecimento e estabilidade. Ele enfrentou dificuldades econômicas, pessoais e familiares, mas nunca abandonou seus sonhos de construir um futuro melhor para si e para aqueles ao seu redor.

Eduardo Albino Tembe

O Sr. Eduardo é um homem idoso que passa a maior parte do tempo em casa, devido aos problemas na coluna que enfrenta há bastante tempo. No dia 5 de setembro de 2024, fui até sua residência para realizar a entrevista. Ao chegar, encontrei-o deitado no sofá, dentro de casa. Ele me recebeu com carinho, pediu que eu entrasse e solicitou à esposa que me trouxesse uma cadeira.

Sentei-me, e, em seguida, decidi me aproximar mais dele, sentando-me junto ao sofá, enquanto trocávamos cumprimentos. Durante esse momento, ele se queixava frequentemente de dores nos joelhos, algo que, aliás, é recorrente sempre que nos encontramos. Ainda assim, demonstrou disposição, dizendo: "Esta é a minha doença, mas isso não pode me impedir de conversarmos." Com algum esforço, tentou se levantar e pediu que eu aproximasse uma cadeira de plástico, que ele costuma usar como apoio para conseguir se erguer. Saímos juntos para o lado de fora da casa, onde ele preferiu não se sentar. Em vez disso, apoiou-se num congelador antigo que fica do lado de fora, explicando: "Assim sinto-me mais equilibrado para falar. Quando sento, fico muito cansado, por isso estou quase sempre deitado naquele sofá."

Enquanto conversávamos e percebendo que estávamos entrando nos temas da pesquisa, pedi sua autorização para gravar a entrevista. Ele prontamente aceitou, pois já havíamos conversado anteriormente sobre essa possibilidade. Na sua fala, Eduardo Tembe conta que nasceu no dia 15 de junho de 1951, no bairro de Matola Gare, localidade de Ka-Ma Tsolo, província de Maputo. Hoje, aos 73 anos, relembra uma vida marcada por desafios, resiliência e transformação social. Durante a infância, Eduardo enfrentou muitas dificuldades, especialmente no que diz respeito à alimentação. Para conseguir pão, era necessário caminhar longas distâncias do Bairro de Mwamatidzwana até à Estação de Matola Gare. Não havia transportes, e qualquer necessidade desde pão a outros produtos básicos exigia esse deslocamento a pé.

Essa realidade começou a mudar com a introdução das cooperativas, que garantiam, por exemplo, um quilo de arroz por pessoa. No entanto, ainda era preciso caminhar até Matola Gare para levantar os mantimentos, pois era naquele lugar que se localizavam as lojas cooperativas. Após a independência nacional, houve uma melhoria: o número de lojas aumentou e Eduardo passou a ter um ponto fixo onde levantava comida mensalmente, com ou sem pagamento. Os produtos eram entregues até com transporte, numa loja pertencente a um comerciante branco.

Embora Eduardo tenha nascido em Matola Gare, a sua origem familiar remonta à Katembe, de onde seus avós emigraram antes de se estabelecerem na Matola. Ele é o filho primogênito de uma família de nove irmãos: José, o falecido Vasco, Matilde, França, Cristina, Afonso, Maria, entre outros. A família vivia unida até ser afetada pela guerra civil de 16 anos, durante a qual França e Afonso perderam a vida. A guerra dispersou a família e trouxe grandes mudanças no dia a dia. Durante esse período, soldados e veículos blindados ocupavam o bairro. Eduardo e sua família eram obrigados a dormir em acampamentos militares, com horários

rígidos de entrada e saída. Quem trabalhava tinha que sair cedo e voltar diretamente ao acampamento.

O pai de Eduardo trabalhou nos Caminhos de Ferro até a aposentadoria. Pouco depois da reforma, adoeceu repentinamente e faleceu. A mãe, por sua vez, sustentava a família através do cultivo agrícola produzia alface, hortaliças e outros alimentos da machamba, que eram consumidos em casa. Eduardo viveu duas guerras marcantes: a guerra colonial portuguesa e a guerra dos 16 anos, esse período deixou marcas profundas nas suas relembranças, era necessário fugir para a mata coberta de espinhos com a esposa e os filhos sempre que surgia perigo, chovesse ou fizesse calor, era obrigatório procurar refúgio. Apesar de ter perdido muitos familiares e amigos, sente-se abençoado por não ter sofrido perdas graves dentro do seu próprio lar. Um episódio particularmente traumático ficou gravado na sua memória. Um antigo recruta da Renamo levou amigos da base militar para visitar a casa dos pais. Durante a visita, um grupo de soldados entrou na residência, onde várias pessoas, familiares e vizinhos, estavam a conviver e consumir bebida de caju, tradicional da época. Subitamente, os soldados começaram a disparar, matando quase dez pessoas, incluindo o pai do ex-recruta e todos os homens presentes. As mulheres foram poupadas. Quando questionados sobre a razão daquele massacre, responderam com frieza: “Se você mata os pais dos outros, também pode perder os seus”, zombando do amigo.

Esse acontecimento mostrou a Eduardo o quanto a guerra foi cruel, injusta e impiedosa. Foi um período marcado pelo medo constante e pela insegurança. Hoje, ao narrar sua história, Eduardo Albino Tembe transmite não apenas a dor daqueles tempos difíceis, mas também o orgulho de ter resistido e sobrevivido, sustentado pela esperança e pelos laços familiares.

As narrativas biográficas analisadas neste subcapítulo revelam a complexidade das trajetórias dos idosos participantes da pesquisa, centradas nas experiências de envelhecimento e na construção da identidade narrativa, elas têm origem em vivências pessoais que evidenciam como cada um se compreende e se constitui ao longo do tempo, ideia fundamental em Ricoeur (Silva, 2017). Esses relatos, marcados por deslocamentos forçados, guerras, lutos, trabalho árduo, espiritualidade e vínculos comunitários, compõem um repertório de memórias que expressa, ao mesmo tempo, dor e resistência, e ao dar visibilidade a essas experiências, o estudo defende a centralidade das pessoas idosas como sujeitos ativos na construção de suas histórias e dos territórios em que vivem.

CAPITULO 4 – Estilos de vida e rotinas diárias: o dia a dia dos/das idosos/as

Neste capítulo, apresento e interpreto dados sobre os estilos de vida e rotinas diárias que compõem o cotidiano das pessoas idosas, com o objetivo de identificar padrões e variações entre elas. Tais padrões refletem as singularidades das experiências diárias, que se articulam com a vida comunitária. Rosa Faife Nhalingue, por exemplo, vive atualmente em um contexto de limitações físicas e dependência, marcado por uma vida doméstica simples e solitária. Com problemas nas pernas, ela relata que já não consegue fazer muitas atividades como antes. Ainda assim, mantém uma rotina de pequenos cuidados com o lar: faz a limpeza da casa e rega os canteiros onde cultiva couve e Mboa, que ajudam na sua alimentação diária.

Embora já tenha trabalhado na machamba, assim como na Associação dos idosos Hi-Phunane, hoje isso não é mais possível. "*A enxada já não consigo*", lamenta. Seu cotidiano gira em torno do esforço para manter a casa em ordem, mesmo com as limitações impostas pela idade e pela saúde. A maior parte do tempo, permanece sentada, esperando pela ajuda dos netos, os únicos que, de vez em quando, conseguem preparar algo para ela comer, esses, também depende dos *biscatos* para sobreviver, em dias difíceis, ela chega a dormir sem comer, ou se alimenta apenas uma vez por dia. Apesar disso, não se queixa dos netos: "*Não posso culpar ninguém*", diz, com seriedade. Ela aceita que sua capacidade de sustento já não é a mesma: "*Eu, a dona de vida, já não tenho força para trabalhar*". A neta, sempre que sai, procura deixá-la com comida pronta, e avisa com carinho: "*Vovó, está aqui a comida, vai ficar a comer*". Mas, mesmo com esses gestos de cuidado, Dona Rasa enfrenta momentos de profunda tristeza e solidão, a ponto de expressar desejos de descanso definitivo: "*Chega uma fase que digo que se Deus me levasse, era melhor*" Dona Rosa vive em um espaço doméstico onde a rotina já não guarda as mesmas energias de antes. Sentada sobre uma cama simples, no interior de seu quarto, rodeada por paredes de blocos escurecidos pelo tempo e cobertores empilhados, sua expressão revela serenidade mesclada a traços de melancolia. Permanece quase sempre sozinha em sua casa modesta, onde o silêncio ocupa cada canto. As imagens a seguir captam esse cotidiano solitário, trazendo à tona aspetos sutis de sua vivência e da atmosfera que a envolve.



Fotografia 52– Dona Rosa Faife. **Foto do autor**. Maputo, 18 de Maio de 2024



Fotografia 53 – Dona Rosa Faife. **Foto do autor**. Maputo, 18 de Maio de 2024

As paredes no interior da sua casa sem reboco nem pintura visualizam a precariedade e os limites materiais do cotidiano que a cerca, nota-se a ausência de janelas instaladas na estrutura da casa, apenas uma abertura com ripas de madeira que permite a entrada de luz. Os raios solares penetram suavemente por entre as aberturas, iluminando parcialmente o espaço

escuro. No chão, vê-se alguns objetos espalhados, como sacolas e utensílios, reforçando a simplicidade e a precariedade do ambiente.

No caso de Dona Amélia Samuel Chipendane, sua rotina está ligada à prática agrícola, tanto nas proximidades de sua casa quanto na machamba coletiva da Associação Hi-Phunane, uma organização local que destina espaços de cultivo às pessoas idosas. Essa relação com a terra, é expressa por ela, conforme o trecho a seguir:

> A minha vida é na machamba, desde pequena aprendi com meus pais, e no meu lar também, que é a enxada que tira fome da gente. Mesmo com dor nos pés, eu não paro não (…) aqui em casa tenho meus canteirinhos, planto couve, alface, todo dia eu acordo cedo pra ir regar. Quando tô melhor, vou lá na machamba da Phunane, que tenho lá meu pedacinho de terra. E quando é dia de trabalho com os outros, eu saio logo cedo, faço um bocadinho na machamba do grupo, depois vou cuidar da minha. É a terra que me dá força, me faz sentir viva. Mesmo sendo já velha, continuo a trabalhar com gosto, ajudando onde posso.

Mesmo com como problemas nos pés, e da idade, Dona Amélia mantém uma rotina ativa, acorda cedo para regar os canteiros, cuida da produção de couve, alface (…) em sua própria casa, como explica: *"A enxada é o melhor instrumento para salvar a pessoa da fome... se não trabalho aqui em casa, vou na machamba Phunane..."* Nos dias de trabalho coletivo, ela se organiza para dividir o tempo entre a machamba comunitária e o seu espaço individual, o que demostra um forte compromisso com o trabalho e vínculos coletivos. A agricultura não é apenas uma tarefa, mas uma filosofia de vida que aprendeu desde o lar e carrega como valor de vida até hoje.

A rotina de Dona Amélia revela um envelhecimento ativo, sustentado pelo trabalho, pelo vínculo com a terra e pela participação em iniciativas comunitárias. A machamba é, ao mesmo tempo, memória da família e estratégia de sobrevivência. O cultivo e a organização coletiva dão ritmo ao seu dia e ajudam a preservar sentido e identidade na velhice.

À semelhança de Dona Amélia Samuel, a rotina diária de Dona Amélia Muamba também é marcada pelo trabalho agrícola, uma prática herdada de seus avós e mantida com dedicação ao longo da vida. Em suas palavras, essa relação com a terra e com a memória familiar é expressa no excerto a seguir:

> A minha vida é sempre na machamba, assim como meus avôs me ensinaram. Quando o dia ainda tá nascendo, eu faço meu chá pro mata-bicho. Depois pego meu cesto, minha enxada, o saco, e vou pra machamba (…) às vezes é lá em Temga, outras vezes em Phunane, ou mesmo aqui em casa. Tem dias que eu vou logo pra Machava, pra vender o que colhi no dia antes, nhangana, cacana, mboa, matapa. Eu também faço poupança e xitique com meus colegas da Associação. Já temos dia certo pra isso.

Mesmo na velhice, Amélia Muamba mantém uma rotina dinâmica, trabalha na machamba e se engaja em redes de apoio comunitário. Sua jornada começa nas primeiras horas da manhã, com o preparo do chá, o "mata-bicho", que lhe dá forças para o trabalho. Logo em

seguida, com o cesto, a enxada e o saco às costas, dirige-se para uma das várias machambas onde cultiva, seja em Temga, em Phunane ou nos canteiros ao redor da sua própria casa. O cultivo é fruto de um saber transmitido pelos avós e representa muito mais do que um meio de subsistência, é expressão de identidade e continuidade de uma memória ancestral. Parte dos produtos colhidos, como *nhangana*, *cacana*, *mboa e matapa*, são levados por ela própria à Machava, onde os vende. A circulação entre o espaço rural de cultivo e o urbano de comércio revela uma vida ativa e multifacetada, na qual Dona Amélia mostra sua resiliência na resposta da vida cotidiana, como pode ser observado na imagem a seguir, que mostra a casa onde ela mora.



Fotografia 54: *Residência de Dona Amélia Muamba.* ***Fonte:*** *Fotografia do autor. Maputo, data. 20 de Maio de 2024*

Ao fundo do seu pátio, vê-se uma horta pequena crescendo próximo à casa. Isso indica uma prática de agricultura importante tanto para alimentação, quanto para venda. O cenário de Dona Amélia Muamba nos apresenta a sua vida construída na base do esforço cotidiano, marcada pela força e conhecimento. Ela é guardiã da casa, da memória e do território, sua rotina é cheia de significados, mesmo quando parece "simples". Além das atividades agrícolas, comerciais e domésticas, Dona Amélia também participa ativamente de encontros com colegas da associação, onde realizam poupanças coletivas e praticam o xitique. Essa dimensão de sua rotina é evidenciada na narrativa a seguir:

> (…) junto dinheiro com os colegas da Associação (…) a gente faz poupança e xitique, tem dias próprios pra isso, os encontros começam às nove da manhã, mas antes eu trato das coisas de casa. Varro o quintal, lavo a loiça ou a roupa, e depois vou pro encontro (…) Às vezes acaba lá pras treze horas, mas quando tem xitique e poupança no mesmo dia, aí demora mais (…) só termina lá pras catorze ou até quinze horas, porque tem muito trabalho. Esse dinheiro que a gente junta ajuda muito cá em casa, pra comprar comida, pagar a luz, água (…) e também dá pra guardar um bocadinho. Com isso, estou a levantar uma dependência com dois quartos, quero arrendar pra ter um rendimento. Mas tá a levar tempo, porque o que ganho é pouco e tenho que dividir com as despesas todas.

Esses encontros, são momentos fundamentais não apenas para a organização financeira, mas também para o fortalecimento dos vínculos sociais entre as participantes. As imagens a seguir ilustram essas ocasiões de convivência, cooperação e solidariedade comunitária.



Fotografia 55



Fotografia 56

Fotografias 55; 56– *Poupança e Xitique das pessoas idosas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 15 de dezembro de 2024.*

Dona Amélia Muamba organiza o tempo de forma a cumprir as tarefas de casa antes dos encontros do grupo: varre o quintal, lava a louça e a roupa, equilibrando o cuidado do lar com a vida coletiva. Com os recursos obtidos em suas diferentes atividades, está a construir uma pequena dependência com dois quartos independentes. A intenção é arrendá-lo no futuro, para garantir uma fonte de renda mais estável e segura. A imagem a seguir mostra esse investimento em andamento, que evidencia o esforço de Dona Amélia para fortalecer sua autonomia econômica e projetar o futuro com dignidade.



Fotografia 57 *– Dependência de Dona Amelia Muamba em Construção.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 20 de Maio de 2024.*

No entanto, o avanço da obra é lento, pois o que arrecada precisa ser dividido entre alimentação, energia, água e outras despesas do dia a dia. No caso de Dona Beatriz Nhone, seu quotidiano revela a força de uma mulher idosa cuja rotina é marcada pelo trabalho árduo, pela gestão cuidadosa dos recursos e pela solidariedade familiar. Sua vida cotidiana é um verdadeiro testemunho de resistência, sabedoria prática e amor por seus filhos e netos. A narrativa a seguir aprofunda essa vivência, apresentando em detalhes sua rotina diária, sustentada sobretudo pelo trabalho na machamba, espaço central de produção, sustento e afirmação de sua autonomia.

> (…) Tenho duas machambas, uma lá no Tenga e outra no Km-25, a machamba do Tenga era pra meu filho construir e viver lá, mas no fim fui eu que fiquei com ela pra cultivar. Um tempo até tentei vender, mas como ninguém não quis comprar, decidi continuar a trabalhar nela mesmo. Depois passou fio de corrente da EDM por cima da minha machamba e me deram uma indenização. Com esse dinheiro abri uma conta no banco, mais tarde, voltaram a me chamar, assinei mais papelada, e me deram outro valor porque fiquei um tempo sem conseguir plantar. Depois deixaram a gente voltar a cultivar, só não pode construir nada lá. Desde esse tempo, nunca mais parei de trabalhar na machamba (…) com o que tiro de lá, vendo verdura no mercado do Km-15, aqui em casa também vendo carvão (…) é assim que a vida vai andando, e quando meu segundo marido morreu, mesmo a gente já estando separado, a família dele reconheceu a nossa união e me chamaram pra receber o dinheiro da Segurança Social. Com esse valor, ajudo minhas filhas, e quando elas conseguem alguma coisa na África do Sul, também me ajudam, sempre digo: não quero que elas sofrem como eu sofri. Os tempos mudaram, e eu passei por muita coisa ruim. Não quero passar esse peso pra elas. Meus filhos e sobrinhos sabem: aqui em casa não tem pai nem irmão, sou eu que tomo conta de tudo. Quando tem que conversar,

> acordo cedo e chamo pra conversar. Eu acredito muito na força da palavra. Aqui nunca precisou polícia por causa de briga. Com a pensão e o dinheiro que ganho, faço minhas coisinhas, fico feliz, e também ajudo minhas filhas e netos. Foi assim que construí o primeiro quartinho da casa. Quando meu filho estava vivo, ele fez outra parte da casa. Eu não queria ficar no melhor lugar e deixar ele num cantinho. Aí comecei a juntar blocos, ele ainda fez a fundação pra aumentar a casa, mas morreu antes de terminar. Depois tive um sonho com ele, ele pedia pra eu ocupar o quarto dele. Orei uma semana, pedi orientação. Com apoio da família e da igreja, mudei de quarto e comecei a arrendar o espaço maior. Hoje recebo 2500 meticais do arrendamento. Desses, usamos 1000 pra dividir a luz, e o resto vai pras outras coisas. Já tentei guardar dinheiro no banco, mas me senti enganada, não me deram os juros que falaram. Desde esse tempo, prefiro guardar em casa mesmo. E assim vou levando… com esperança e vontade.

Dona Beatriz mantém-se economicamente ativa através da agricultura, atividade que exerce com dedicação e perseverança. Ela possui duas machambas: uma em Tenga e outra no Km-25. Embora uma dessas terras tenha sido, a princípio, destinada à construção de uma casa para seu filho, Dona Beatriz decidiu transformá-la em espaço de cultivo, garantindo assim o sustento diário da família. Cultiva quase todos os dias e comercializa os produtos no mercado do Km-15, inserindo-se ativamente nas dinâmicas econômicas locais. Mesmo após ter enfrentado a interrupção temporária do cultivo devido à passagem de fios de alta tensão sobre sua machamba em Tenga, situação pela qual foi indenizada, ela não desistiu. Retomou a produção e destinou parte do valor recebido para realizar pequenas aplicações financeiras e melhorias em sua residência. A imagem a seguir mostra essa transformação da sua casa, evidenciando sua capacidade de adaptação e reinvenção.



Fotografia 58 *– Residência da dona Beatriz Elias Nhone.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 03 de Abril de 2024*

Além do trabalho agrícola, Dona Beatriz complementa sua renda com a venda de carvão em sua própria casa, demonstrando a diversidade de estratégias econômicas que adota para

garantir a estabilidade do lar. Essa atividade, realizada com organização e senso prático, reforça sua capacidade de adaptação diante dos desafios cotidianos. Na entrada de sua residência, é possível observar os plásticos de carvão já medidos para venda, além de outras quantidades armazenadas em bacias, prontas para serem comercializadas. A imagem a seguir ilustra esse especto de sua atividade econômica, que revela mais uma faceta de seu esforço contínuo para sustentar a família com dignidade.



Fotografia 59 *– Dona Beatriz Elias Nhone em sua residência vedendo carvao de cozinha.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 07 de Dezembro de 2025.*

Dona Beatriz é uma mulher que planeja e administra seus recursos com prudência e senso estratégico. Em diferentes momentos, já realizou poupanças a prazo no banco, embora tenha enfrentado frustrações com o sistema bancário, que, segundo ela, não lhe garantiu os juros devidos. Diante dessa experiência, e com a orientação de seu irmão, optou por guardar parte do dinheiro fora das instituições financeiras formais, direcionando os recursos diretamente para a construção e melhoria da própria casa. Entre os investimentos, destaca-se a edificação de dependências para arrendamento, como forma de ampliar sua renda e garantir maior segurança econômica no futuro. A imagem a seguir registra esse esforço, revelando a determinação de Dona Beatriz na construção de alternativas sustentáveis de geração de renda.



Fotografia 60 *– Quarto de Beatriz Elias Nhone em arrendamento.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 07 de Dezembro de 2025*

Com esses rendimentos, consegue custear energia elétrica, água e outras despesas da casa. O aluguel de uma dependência, por exemplo, rende-lhe 2.500 meticais, parte dos quais é partilhada com o inquilino para pagar contas partilhadas. A rotina de Dona Beatriz vai além do trabalho físico. Ela desempenha um papel central na condução da vida familiar, exercendo uma liderança baseada na conversa, orientação e espiritualidade. Levanta-se entre quatro e cinco da manhã, quando tem algo importante a tratar, e chama suas filhas e sobrinhos para conversar em casa. Para ela, "a educação vem da conversa", e por isso, desde sempre, evita conflitos e valoriza o diálogo como forma de resolução de problemas. Dona Beatriz também se guia por sinais e sonhos. Um deles, envolve seu filho falecido, foi decisivo para a decisão de mudar-se para o quarto que havia sido dele. Antes de o fazer, consultou a igreja, irmãos e filhas, e fez orações durante uma semana, buscando confirmação espiritual. Essa forma de lidar com as decisões mostra o quanto a espiritualidade e o respeito pelos mortos fazem parte da sua rotina.

No caso do Sr. Jossias Azarias, sua rotina é marcada por um ritmo intenso de trabalho e por uma notável persistência diante das adversidades. Sua trajetória revela um cotidiano de esforço contínuo e resiliência, características que sustentam sua luta pela sobrevivência e dignidade. A narrativa a seguir aprofunda esses aspetos, oferecendo um retrato mais detalhado de sua vida diária e dos desafios que enfrenta com coragem e determinação.

> O meu dia-a-dia é só entre casa e o Município da Matola, onde ainda trabalho até hoje (…) esse trabalho consegui por causa da minha esposa (…) foi ela que me levou pras patrões dela, naquela altura tavam a fazer uma casa lá na Machava e precisavam de alguém pra guardar os materiais. Foi ali que conheci um senhor que depois me ajudou a entrar no município como guarda. Mas depois as coisas ficaram difíceis (…) um dia fui acusado à toa de roubo no serviço, não tinha culpa nenhuma, mas mesmo assim fui preso. Fiquei um ano na cadeia. Quando saí, tentei voltar pra emprego, mas diziam que a vaga já era de outro. Mesmo assim, não desisti. Andei muito, a pé mesmo, de Tsalala até à cidade da Matola, várias vezes (…) foi com muita luta que consegui voltar a trabalhar. Depois disso ainda tive outro sofrimento (…) no serviço fui atacado por bandidos. Me bateram muito, desmaiei, fiquei três meses em casa pra recuperar. Quando voltei, mudaram meu turno, agora trabalho de dia, faço limpeza das casas de banho e latrinas do município. Tô firme no trabalho, mas o salário que era 5.800 meticais, cortaram pra 3.000. Parece que tô a trabalhar só pra não morrer, porque viver mesmo, tá difícil. Tem um jovem aqui do bairro que tá me ajudando, ele tá a tratar os papéis pra eu poder falar com o Presidente do Município e ver se minha situação melhora. Mas eu continuo a lutar, porque sou cabeça dura (…) se eu não fosse assim, já tinha largado tudo faz tempo.

Como presente na sua narrativa, o percurso diário de Sr. Jossias é resumido de forma simples, porém significativa: “Casa - Município da Matola, Município - Casa”. Esse vai-e-vem diário entre o bairro de Tsalala, onde vive, e o seu local de trabalho no Município da Matola, traduz muito mais que uma rotina funcional, é símbolo de uma longa luta por dignidade no mercado de trabalho, mesmo em idade avançada.

Sr. Jossias começou sua jornada profissional como guarda de construção no bairro da Machava, graças à esposa, que o apresentou aos antigos patrões dela. Esse primeiro emprego abriu portas: lá conheceu alguém que o ajudou a ingressar no Município da Matola, onde permanece até hoje. No entanto, sua trajetória não foi linear, foi marcada por episódios dolorosos que exigiram coragem e persistência.

Entre esses momentos difíceis, destaca-se um episódio de injustiça: ao ser vítima de um roubo no local de trabalho, foi responsabilizado por algo que não cometeu, resultando em um ano de prisão. Ao sair, teve de enfrentar uma série de barreiras burocráticas para recuperar sua vaga. “*Eu fui uma pessoa de cabeça dura*”, diz ele, e é essa “cabeça dura” que o sustentou em meio às adversidades, inclusive diante da recusa inicial do seu retorno. Mesmo após conseguir retornar ao cargo, Sr. Jossias enfrentou novos episódios de violência. Chegou a ser agredido por bandidos no trabalho, o que lhe causou ferimentos graves na cabeça e afastamento por três meses no trabalho. Desde então, foi transferido para o turno do dia e hoje atua na limpeza de casas de banho e latrinas do Município. Além das condições físicas e emocionais exigidas pelo trabalho, enfrenta também injustiças salariais. Seu vencimento foi reduzido de 5.800 para 3.000 meticais após sua saída da cadeia, sem qualquer explicação ou compensação. Essa situação o levou a buscar ajuda de um vizinho, “aquele jovem que vive em frente”, que está auxiliando no processo de tentar resolver seu caso diretamente com o Presidente do Município. Mesmo enfrentando um cenário de insegurança laboral, saúde fragilizada e baixa remuneração, Sr.

Jossias continua a trabalhar diariamente. Seu cotidiano, embora exaustivo, reflete um forte senso de responsabilidade e de luta por reconhecimento. Ele expressa frustração com a precariedade da sua condição, dizendo: “Essa maneira de trabalhar não é trabalhar para viver”. Ainda assim, permanece esperançoso e ativo na busca por justiça, apoiando-se nas redes informais de solidariedade, como o vizinho que o ajuda com a documentação e a articulação com as autoridades.

De forma semelhante, Dona Marcela Murore revela em sua rotina, a vida de uma mulher idosa que resiste no quotidiano às adversidades por meio do trabalho agrícola, do cuidado dedicado aos netos e da gestão cuidadosa dos poucos recursos de que dispõe. Sua experiência reflete a força silenciosa e persistente das mulheres mais velhas na sustentação da vida familiar e comunitária. A narrativa a seguir aprofunda esses aspectos, permitindo compreender as estratégias de sobrevivência, afeto e resistência mobilizadas por Dona Marcela em seu dia a dia.

> Pra eu conseguir viver, só mesmo com a machamba. Trabalho lá no Km-18, e também tenho um cantinho dentro da nossa associação Hi-Phunane. Mas lá no Km-18 tá muito difícil (…) os bois dos outros entram nas nossas machambas, comem tudo que a gente planta, e os donos nem ligam. A gente não tem onde reclamar, então só ficamos a ver as nossas plantações a serem destruídas, sem poder fazer nada. Aqui em casa, moro com minhas netas, que são filhas das minhas filhas. Uma das minhas filhas tá na África do Sul com o marido. Eu já fui casada, mas meu marido me batia muito (…) quando ele morreu, a segurança social começou a me pagar 2.000 meticais por mês, porque ele ganhava 4.000. Mas hoje esse dinheiro não dá pra nada. Só um saquito de arroz já leva quase tudo. Por isso não posso depender só desse dinheiro, eu aposto mesmo é na machamba. Mesmo com todos os problemas, fico lá quase o dia todo, só volto quando o sol já tá a baixar, porque é quando os bois já não andam soltos. É sofrimento, sim (…) porque ainda tenho que cuidar das crianças, fazer comida, mandar elas pra escola. Mas se eu ficar só em casa, a comida também não vai aparecer sozinha (…)

Dona Marcela tem uma rotina dia a dia marcado por resiliência, compromisso familiar e enfrentamento silencioso das negligências sociais. A principal fonte de sustento de dona Marcela é a agricultura. Ela trabalha numa machamba no Km-18, e no espaço que pertence à sua associação Hi-Phunane. No entanto, no Km 18, o seu trabalho é ameaçado constantemente pelos bois soltos, deixados à vontade pelos moradores do bairro, que invadem as machambas e destroem as culturas. Mesmo diante da falta de proteção e de instituições que possam escutar suas queixas, Dona Marcela continua a cultivar a terra. Para proteger sua produção, ela adapta sua rotina: trabalha durante o dia e só retorna para casa ao entardecer, quando os animais deixam de circular.

Apesar de receber 2000 meticais mensais da segurança social, valor correspondente à pensão de viuvez após a morte do marido, ela reconhece que esse montante é insuficiente para sustentar a casa. Como ela mesma afirma: *“Só de ir comprar um saquito de arroz, acabou, e ficamos sem mais nada.”* Por isso, a agricultura se torna não apenas uma tradição, mas uma

estratégia de sobrevivência. Ela insiste na machamba porque sabe que depender da pensão não é suficiente para alimentar a família, especialmente quando está responsável por sobrinhas-netas, filhas das suas filhas, uma delas residente na África do Sul. Dona Marcela vive com crianças sob sua responsabilidade e, mesmo com o trabalho exigente da machamba, precisa dividir seu tempo com tarefas domésticas: cozinhar, orientar as meninas para irem à escola, garantir a organização da casa. Ainda assim, diante da urgência de manter a machamba sob vigilância, muitas vezes ela é forçada a deixar as meninas com parte das tarefas da casa: *"Mesmo ficando ou deixando os bois a comer na machamba, a comida não vai vir sozinha."* Esse dilema revela o peso da dupla (ou tripla) jornada que ela enfrenta como trabalhadora da terra, cuidadora e chefe do lar.

Dona Marcela Murore representa o exemplo de idosos/as que, apesar da idade e das adversidades, seguem trabalhando, cuidando e garantindo a sobrevivência de suas famílias com pouco ou nenhum apoio externo. Sua rotina é um retrato da persistência cotidiana diante da injustiça estrutural, da sobrecarga de trabalho e da exclusão social. Sua história demonstra o papel ativo dos idosos/as como protagonistas na manutenção da vida doméstica e comunitária, mesmo quando enfrentam abandono, perdas e a dureza do trabalho físico.

Outro exemplo de estilo de vida e rotina entre os idosos é o de Banda Alexandre Nhocuana, cuja vivência é marcada por um modo de vida ativo. Seu tempo é distribuído entre o cuidado com os animais, o cultivo de plantas, a locação de materiais de construção e a administração da casa. Essa dinâmica revela um envelhecimento produtivo, no qual a sabedoria acumulada ao longo dos anos se converte em estratégias concretas para garantir autonomia e sustento. A narrativa a seguir dá voz a essa experiência, permitindo conhecer em detalhes como ele organiza seu cotidiano e enfrenta os desafios da vida com engenhosidade e persistência.

> Meu dia começa sempre cedo. A primeira coisa que faço é cuidar dos meus bichos (…) vejo se têm água, comida, e se faltar, vou ao mercado buscar resto de couve ou alface pra dar pra eles. Enquanto estou nessa, também apanho latas de cerveja, plásticos e garrafas pra vender, assim dá pra reforçar um pouco o bolso. Aqui em casa, eu e minha esposa nos ajudamos. Quando ela chega, eu já varri o quintal, fiz algumas coisas. Não posso deixar tudo pra ela só porque é mulher (…) a vida hoje precisa de união. Tenho um pequeno negócio de aluguel de madeira pra andaime. Eu e minha esposa decidimos entrar nisso depois de ver outros fazerem. Fomos comprando de vagar, até conseguir umas trinta madeiras. Quando alguém precisa, eu mesmo vou ver o lugar da obra e trato direto com o dono. Cobro 30 meticais por cada madeira grande, se for preciso juntar duas pequenas, também ajusto o preço. Mas o problema é que nem sempre tem cliente (…) às vezes passo dois ou três meses sem alugar. Quando é assim, eu limpo a madeira, passo óleo pra não apodrecer. Também arrendei um quarto da casa por 1.300 meticais. Esse dinheiro ajuda na comida, mas nem sempre corre bem. Os inquilinos às vezes atrasam o pagamento e não ajudam com a energia, mesmo tendo combinado. E a energia pra cozinhar tá cara, isso complica. Além disso, comecei a produzir plantas. Tenho mangueiras, limoeiros, laranjeiras, tangerinas, atas, flores e até ananás. Faço enxertias, aprendi algumas técnicas pra cuidar bem delas. Vendo as plantas aqui em casa e numa esquina perto da estrada. Agora já não consigo levar pra lá por causa das dores nos pés, mas continuo a cuidar da horta e dos viveiros. Daqui tiro mandioca, matapa, pera bacata (…) é o que nos dá de comer. Também crio patos.

> Eles vão se multiplicando, e quando preciso, vendo alguns pra pagar as despesas. Já pensei em fazer um novo quarto onde está agora a capoeira, pra deixar esse espaço atual pras visitas ou pros netos. Tenho muitos sobrinhos e netos espalhados (…) uns em Mulotane, outros na Machava e no Km-15. Mas estamos muito distantes uns dos outros, cada um no seu canto. Já houve confusão por falta de convivência (…) teve um caso de dois parentes que se envolveram sem saber que eram irmãos. Foi um alerta (…) precisamos estar mais juntos. É assim que vou vivendo (…) trabalhando, criando, plantando, tentando manter a casa e a família de pé, mesmo com as dificuldades.

O dia-a-dia de Sr. Banda começa cedo, sempre com atenção ao bem-estar dos seus animais. Ele verifica o estado da sua criação, certifica-se de que têm água e alimentação e, em seguida, dirige-se ao mercado local para recolher restos de couve ou alface descartados, utilizados como ração. Nesse mesmo processo, recolhe latas, plásticos e garrafas para venda informal como recicláveis, o que também contribui para reforçar a renda da casa.

Apesar de reconhecer a contribuição da esposa nas tarefas domésticas, Sr. Banda enfatiza a ajuda mútua como valor central: "*Eu não posso lhe deixar sobrecarregada do trabalho alegando que é uma mulher...*" Ele realiza diversas tarefas domésticas antes do retorno da esposa, que sai diariamente em busca de pão para revenda. Entre essas atividades, estão, varrer o quintal e organizar os espaços da casa, evidenciando sua compreensão de que o cuidado com o lar é uma responsabilidade compartilhada. Um dos pilares do sustento de Banda Alexandre é o aluguel de materiais de construção, especialmente madeiras utilizadas em andaimes. Essa atividade constitui uma importante fonte de renda e reflete sua capacidade de identificar oportunidades econômicas a partir dos recursos disponíveis. As madeiras, cuidadosamente organizadas na varanda de sua casa, evidenciam o caráter prático e empreendedor de sua rotina. As imagens a seguir ilustram esse especto de sua vida cotidiana, revelando como ele transforma o espaço doméstico em base para iniciativas econômicas sustentáveis.



Fotografia 61 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, na varanda da sua residência diante do seu material de aluguer.*
Fonte*: Registro fotográfico do autor Maputo, 08 de Agosto de 2024*



Fotografia 62 *– Jovens a alugar material de construção em casa do Sr. Banda Alexandre Nhocuane, enquanto ele monitora sentado.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor Maputo, 13 de Junho de 2024.*

Ele e a esposa investiram juntos nesse pequeno negócio, inspirados em outros moradores da região. Hoje, ele possui cerca de 30 peças de madeira que são alugadas a um preço acessível (30 MZN cada). Antes de qualquer transação, ele visita os locais onde o material será utilizado e confirma diretamente com o dono da obra, mantendo o controle sobre os seus bens. No entanto, reconhece a instabilidade do negócio, afetado pela crise no setor de construção civil: *"Acabam dois a três meses sem ter aparecido alguém para alugar..."*. Durante esses períodos, dedica-se à manutenção do material, limpando e aplicando óleo para evitar deterioração. Outro eixo fundamental do cotidiano de Banda Alexandre é a produção de plantas e mudas, que ele cultiva com dedicação em viveiros caseiros montados ao redor de sua residência. Essa prática não apenas complementa sua renda, mas também expressa seu vínculo com a terra e o conhecimento acumulado sobre o cuidado com as plantas. As imagens a seguir ilustram esse trabalho minucioso, revelando a organização dos viveiros e a diversidade das espécies cultivadas.



Fotografia 63 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane falando da sua produção de plantas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 15 de Julho de 2024.*



Fotografia 64 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, apresentando a sua diversidade de mudas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 08 de Julho de 2024*



Fotografia 65 *– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, apresentando a sua diversidade de mudas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 10 de Outubro de 2024*



Fotografia 66*– Sr. Banda Alexandre Nhocuane, falado das suas plantas.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 15 de Julho de 2024*

Sr. Banda tem uma impressionante variedade de espécies, laranjeiras, tangerineiras, limoeiros, atas, peras, ananás, matapa e flores ornamentais. Ele domina técnicas como enxertia, tratamento de sementes e cuidados com pragas, como o uso de óleo queimado em plantas doentes. As mudas são vendidas em sua casa ou numa esquina próxima ao mercado de Malhampsene, onde antes levava as plantas com a sua carroça de mão. Devido a problemas

nos pés, atualmente prefere permanecer em casa, vendendo diretamente aos que o visitam. Os preços são ajustados com sensibilidade social: *"Faço a 250 MZN, se reclamar faço a 200... é um preço normal, as pessoas não negam."* O Sr. Banda também mantém uma criação de patos, que representa mais uma estratégia de geração de renda em sua rotina. Os animais são vendidos conforme a necessidade, servindo como um recurso de reserva para cobrir despesas emergenciais ou complementares. Alguns exemplares são mantidos para garantir a continuidade da criação por meio da procriação. As imagens a seguir, registradas no espaço da capoeira em sua residência, mostram os patos que permanecem sob seus cuidados, evidenciando mais uma dimensão do seu modo de vida multifuncional e sustentado pela diversidade de práticas produtivas.



Fotografia 67



Fotografia 68

Fotografia 67; 68 – Criação de Sr. Banda Alexandre Nhocuane. **Fonte**: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 12 de Agosto de 2024

Para complementar sua renda, ele arrendou parte da casa por 1.300 meticais mensais. Apesar de o valor contribuir para a alimentação e outras despesas, enfrenta dificuldades com atrasos e falta de diálogo por parte dos inquilinos, sobretudo no compartilhamento da conta de energia: *"Eu só tenho energia para carregar telefone, ver lâmpadas... energia para cozinhar não posso ter."* Sr. Banda conhece muitos de seus sobrinhos e netos espalhados por bairros como Mulotane, Machava e Km-15. No entanto, lamenta a distância emocional e física que tem se instalado entre os membros da família: *"Cada um vive no seu canto, nós não conseguimos nos unir..."* Ele recorda um episódio de incesto ocorrido entre familiares próximos, um alerta sobre os riscos do desconhecimento das raízes e vínculos familiares, e defende que os encontros entre parentes devem ser retomados como forma de preservar a identidade e evitar tragédias.

A rotina de Sr. Banda Alexandre ilustra diversos saberes e práticas que o idoso/a mobiliza vulnerabilidade, seu dia a dia é construído por meio da reinvenção de atividades, da solidariedade com a esposa e da persistência em manter pequenos empreendimentos vivos. O seu cotidiano revela o envelhecimento de adaptação contínua, capacidade de gerar renda, e vontade com a manutenção dos vínculos familiares e comunitários. Em consonância com outras trajetórias de vida apresentadas neste estudo**,** o Sr. Fernando Machava conduz uma existência marcada pela simplicidade, pelo esforço cotidiano e por uma notável resiliência diante das adversidades. O excerto a seguir aprofunda essa realidade, evidenciando aspectos de sua trajetória, as estratégias de sobrevivência que adota e os valores que sustentam sua rotina.

> Eu acordo cedo, pego na vassoura e varro todo o quintal, é o meu primeiro exercício do dia, depois dou umas voltas aqui dentro de casa, tomo banho e, se tiver algo, tomo um copo de chá (…) quando não tem nada, engulo a saliva e sigo o dia, apesar do meu estado de saúde, tenho uma machambinha pequena onde planto um pouco de nhangana, tseque e até uns tomatinhos, quando me falta dinheiro para comprar verdura na banca, recorro ao que cultivo aqui, para renovar a terra, sento numa cadeira e começo a limpar, lanço sementes (…) já não consigo fazer muita coisa, dependo dos irmãos da igreja e dos vizinhos para me alimentar, nem preciso pedir, eles vêm trazer comida (…) trabalhei em empresas onde descontavam para a Segurança Social desde 1992, mas em 2001 a empresa parou de canalizar, quando fiquei doente e fui requerer apoio receber o meu dinheiro na Segurança Social, disseram que estou inscrito há apenas cinco anos, isso me revolta, levei todos os documentos: atestado médico, junta médica (...) mas nada, fui até lá e questionei, mostrei meu cartão, disseram que era assim mesmo, falaram que para ter acesso ao subsídio de invalidez, faltam 60 meses de contribuição, e que preciso fazer isso de forma individual, mas se estou sem trabalho, onde vou buscar esse dinheiro? Mas a verdade é que dói, dói muito. Tenho dinheiro lá guardado e não consigo mexer nele, eu só queria mesmo um apoio básico, nem que fosse 150 por mês, só pra poder comprar carvão e cozinhar, às vezes me pergunto: mesmo que eu consiga pagar esses meses que faltam, quando fizer 60 anos, será que vão liberar o dinheiro? Não sei. Só sei que essa situação está a me deixar muito abatido, a documentação está toda ali, eles confirmam isso, mas liberar o dinheiro, nada.

Sr. Fernando Machava sua rotina diária começa nas primeiras horas da manhã, quando acorda e imediatamente pega a vassoura para varrer o quintal, uma atividade que ele chama de

seu “primeiro treino do dia”. Em seguida, dá algumas voltas dentro do próprio quintal como forma de se movimentar, e depois toma banho. Quando há possibilidade, prepara um copo de chá utilizando uma chaleira elétrica; caso contrário, conforma-se com o que há, por vezes chegando a “engolir saliva” diante da ausência de alimentos ou recursos. Apesar das limitações físicas e de saúde, o Sr. Fernando mantém uma pequena machamba no seu quintal, onde cultiva produtos como nhangana, tseque, matapa e tomates. A machamba é uma forma de garantir parte do seu sustento, sobretudo nos dias em que faltam condições financeiras para adquirir alimentos. Adaptado à sua condição física, realiza os trabalhos agrícolas sentado, utilizando ferramentas emprestadas pelos vizinhos, já que não tem forças para manejar os instrumentos maiores. Por vezes, depende diretamente da solidariedade dos vizinhos e dos membros da igreja, que lhe oferecem ajuda sem que ele precise pedir. Apesar disso, ele procura não abusar dessa generosidade, preferindo recorrer a eles apenas quando a necessidade é extrema. Um dos principais desafios enfrentados por ele é a falta de carvão para cozinhar. Como teve reações adversas ao uso de uma resistência elétrica, optou por utilizar um fogão a carvão, embora nem sempre consiga adquiri-lo. Em muitos dias, por falta desse recurso, simplesmente não consegue preparar suas refeições.

Além das dificuldades materiais, o Sr. Fernando enfrenta uma batalha burocrática com a Segurança Social. Após anos de trabalho formal e contribuição ao sistema desde 1992, viu-se impedido de acessar o subsídio de invalidez ao adoecer. Mesmo com toda a documentação em dia, incluindo atestados médicos e relatórios da junta médica, e recebeu como resposta que sua inscrição no sistema conta apenas a partir dos últimos cinco anos. Isso o deixou muito frustrado, pois sabe que contribuiu por um período mais longo, mas sente-se injustiçado por não ter domínio das leis que regem o sistema. Recentemente, foi informado que, para ter direito ao benefício, ainda precisa completar 60 meses de contribuição individual, o que o coloca diante de mais uma barreira financeira.

A história de vida do Sr. Fernando Machava revela o cotidiano de muitos idosos que, mesmo tendo contribuído para o sistema formal de proteção social, enfrentam exclusão e desamparo. Sua rotina revela não apenas as estratégias de sobrevivência diante da escassez, mas também a importância das redes de apoio comunitárias e da fé como pilares de resistência. Ainda que suas condições de vida sejam difíceis, ele mantém a esperança, agarrando-se à solidariedade dos que o rodeiam e à pequena horta que cultiva com esforço e carinho.

De forma complementar, o Sr. Gabriem Muanga leva uma rotina do trabalho agrícola, tendo na machamba, seu pequeno espaço de cultivo, a principal fonte de sustento. Sua relação com a terra é marcada por esforço diário e conhecimento tradicional, que se expressam nos

gestos simples de plantio e colheita. As imagens a seguir ilustram esse vínculo cotidiano, revelando momentos de sua rotina na machamba e a importância do cultivo para sua sobrevivência e continuidade da vida.



Fotografia 69 – *Sr. Gabriel Muianga colhendo verduras em sua machamba.**Fonte**: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 07 de Novembro de 2024*

É ali, naquele pedaço de terra, que o Sr. Gabriel cultiva couve, nhangana, tseke, matapa, folha de abóbora, alface e outros produtos hortícolas que, além de servirem para o seu próprio consumo, também são vendidos à vizinhança. Com o dinheiro obtido dessas vendas, ele consegue adquirir outros itens essenciais para a alimentação e a sobrevivência. As imagens a seguir ilustram essa dinâmica de troca e solidariedade, evidenciando a relação construída entre o Sr. Gabriel e a comunidade local por meio da comercialização dos produtos de sua machamba.



Fotografia 70



Fotografia 71

Fotografias 70 e 71 *– Sr. Gabriel Muianga atendendo moradores interessados na compra de verduras e colhendo os produtos diretamente em sua machamba.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 12 de Outubro de 2024*



Fotografia 72 *– Sr. Gabriel Muianga a vendendo verduras em machamba da sua residência.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor em sua visita. Maputo, 02 de Fevereiro de 2025*

A rotina do Sr. Gabriel é, assim, marcada pelo esforço contínuo de produção, pela adaptação às limitações físicas e materiais, e pela busca de alternativas que lhe permitam continuar a viver. Seu dia a dia reflete não só as dificuldades enfrentadas pelos idosos em contextos de precariedade, mas também sua perseverança e capacidade de manter-se ativo e produtivo, mesmo diante das transformações sociais e econômicas que o cercam.

Em contraste com essa rotina de trabalho agrícola, o cotidiano do Sr. Eduardo Tembe é estruturado em torno da sua condição de reformado, sendo a pensão mensal a sua principal (e praticamente única) fonte de sustento. A cada dia 15, ele se dirige ao banco para levantar os trocados da reforma, como ele mesmo chama, por considerar o valor insuficiente para cobrir as necessidades básicas da casa. Com um rendimento de 4.000,00 meticais por mês, ele e a esposa enfrentam grandes dificuldades para arcar com as despesas diárias, especialmente diante do constante aumento do custo de vida.

Segundo o Sr. Eduardo, se a reforma correspondesse ao salário que recebia durante os anos de trabalho, sua alimentação e qualidade de vida seriam melhores. No entanto, expressa a frustração com o fato de que, ao aposentar-se, o valor que lhe é atribuído não representa aquilo que foi descontado ao longo da vida laboral. Ele acredita que parte desse dinheiro é retido pela própria Segurança Social, o que gera um sentimento de injustiça.

O discurso do Sr. Eduardo revela uma rotina centrada na sobrevivência e na gestão cuidadosa de recursos limitados. O dia a dia é pautado pela preocupação com as finanças, e o desejo de ter uma vida mais confortável aparece com clareza, especialmente no que diz respeito

à alimentação e ao bem-estar geral do casal. A sua narrativa revela os desafios comuns enfrentados por muitos idosos que, mesmo após anos de trabalho formal, vivem com rendimentos que mal cobrem as necessidades básicas, sendo obrigados a adaptar seus hábitos e expectativas à realidade da escassez.

Na interpretação dos estilos de vida e das rotinas que compõem o cotidiano das pessoas idosas, identifiquei alguns padrões e também variações que refletem as singularidades de suas experiências. Entre os padrões, o trabalho aparece como elemento central: mesmo em idade avançada, os idosos continuam ativos, seja no cultivo da machamba, no cuidado da casa ou na participação em iniciativas comunitárias. Esse trabalho não é apenas meio de sustento, mas também forma de afirmar dignidade e identidade. Outro especto recorrente é a presença das redes de solidariedade, que se tornam fundamentais diante da ausência de políticas públicas efetivas. O apoio de vizinhos, a ajuda da comunidade e até a fé cumprem papel essencial na manutenção da vida. Além disso, há uma experiência comum de sofrimento social, marcada pela precariedade, pela exclusão e pela frustração diante da falta de reconhecimento institucional.

Ao mesmo tempo, encontrei variações significativas nessas rotinas. Em alguns casos, há um envelhecimento ativo, marcado pelo equilíbrio entre trabalho doméstico, agricultura e pequenos projetos que visam gerar renda. Em outros, aparece um cotidiano mais silencioso e solitário, vivido com serenidade, mas também com traços de melancolia. Há ainda aqueles que carregam a sobrecarga de sustentar a família com poucos recursos, revelando o peso das desigualdades sociais na velhice. Também se destacam situações em que a frustração decorre das falhas institucionais, assim como trajetórias em que a adaptação às limitações físicas e materiais não impede a busca por alternativas de sobrevivência.

O que une essas diferenças é a luta por dignidade em meio à precariedade. No entanto, cada pessoa enfrenta esse desafio à sua maneira, de acordo com sua história de vida, suas condições materiais, suas redes de apoio e a forma como se relaciona com o presente.

CAPITULO 5 - Trajetórias sociais das pessoas idosas, incluindo suas ocupações, papeis familiares e status social ao longo da vida

O percurso das pessoas idosas revela diversas funções que exerceram ao longo da vida seja no contexto familiar, nas atividades laborais ou na participação comunitária. A trajetória de vida de Dona Ana Marta, apresentada no excerto a seguir, ilustra essa realidade da experiência vivida.

> (…) nasci numa família grande, eramos doze (12) irmãos onze (11) meninas e um (1) rapaz. Mas muitos dos meus irmãos foram morrendo ainda pequenos (…) eu sou a primeira filha viva, porque as que nasceram antes de mim faleceram. A minha mãe passou por muitas perdas, e eu também puxei isso. No meu casamento, tive oito (8) filhos, mas perdi três (3), uma (1) com seis (6) meses, outra com três (3) anos e outra com sete (7) anos, aqui mesmo em Tsalala, quando tínhamos acabado de chegar. Tive também um (1) aborto. Ficaram cinco (5) filhos: dois (2) rapazes e três (3) meninas (…) comecei a trabalhar cedo, com dezanove (19) anos, no Ministério do Comércio Externo, depois que casei, fui viver com o meu marido em Choupal. Em 1981, ele foi transferido para a Beira e eu fui com ele (…) em 1984 voltamos para Maputo, e fomos morando em várias casas, arrendadas, dos sogros, do meu pai (…) mais tarde comecei a fazer negócios, primeiro com a Suazilândia, depois com a África do Sul. Vendia carne, refrescos, depois roupas. No começo até dava, mas depois a polícia começou a complicar, abandonei o trabalho formal sem garantia nenhuma, e quando o meu marido também perdeu o emprego, a vida ficou muito difícil, fiquei doente, mas continuei a lutar, mesmo assim, nunca deixei os meus filhos ficarem sem escola, sempre fui firme nisso. O meu filho mais velho até se desviou um pouco, mas depois voltou aos estudos, fez informática (…) trabalhou na Movitel, mas acabou deixando porque os patrões dele o dificultavam para ir à escola, nós dissemos: 'deixa o emprego e continua com a escola, e ele seguiu, depois que o meu marido morreu, em 2014, tive que tomar conta de tudo. Participei num projeto do Fórum da Terceira Idade, divulgando a Lei da Pessoa Idosa, e com aqueles trocados consegui manter os filhos e netos na escola.

Ana Marta, nascida numa família numerosa, herdou da mãe não apenas a experiência da maternidade, mas também o peso das perdas precoces. Enfrentou perdas dolorosas de crianças, abortos, experiências da dor que marcaram seu percurso familiar. Dos oito filhos, cinco em vida dois rapazes e três meninas. Apesar das dificuldades, sempre valorizou a educação, garantindo que os filhos continuassem os estudos mesmo em tempos de crise. Sua própria origem familiar lhe coloca numa trajetória de perdas e resistência. Filha mais velha em vida cresceu numa casa com onze irmãs e um irmão, a maior parte deles faleceram ainda jovens ou na infância. A morte precoce de irmãos e, mais tarde, do próprio marido em 2014, influenciou ser uma mulher forte e responsável na gestão da família. Aos 19 anos, Dona Ana Marta iniciou sua vida profissional no Ministério do Comércio Externo. Após o casamento, acompanhou o marido em uma transferência para a cidade da Beira (…) Em 1984, retornou a Maputo, passando por diversas residências, de casas arrendadas, a imóveis herdados do pai, até se estabelecer. Mais tarde ingressou no setor informal, dedicando-se ao comércio transfronteiriço com a Suazilândia e, posteriormente, com a África do Sul. Inicialmente obteve sucesso, mas as mudanças políticas e a repressão policial tornaram o negócio inviável. Após

abandonar o trabalho formal sem garantias, enfrentou dificuldades econômicas acentuadas, agravadas pela perda do emprego do marido.

Mesmo com a saúde debilitada, não deixou de sustentar a casa, especialmente durante o período em que passou a cuidar também de netos. Participou de um projeto no Fórum da Terceira Idade, ligado à divulgação da Lei da Pessoa Idosa, que lhe proporcionava alguma renda. Demonstrou grande habilidade de gestão doméstica, usando poucos recursos para manter os filhos e netos na escola. A mobilidade geográfica é um traço marcante em sua trajetória. Depois do casamento, mudou-se com o marido para a Beira, retornando alguns anos depois a Maputo. Passou por diversos bairros da cidade, Choupal, Liberdade, Museu e finalmente Tsalala.

Ao longo da vida, Dona Ana Marta desempenhou múltiplos papéis sociais: filha, irmã, esposa, mãe, avó, trabalhadora formal, comerciante informal e ativista comunitária. O status social dela oscilou, passando de uma condição de funcionária pública estável para comerciante informal e, posteriormente, cuidadora familiar em meio a dificuldades. No entanto, sua autoridade moral e papel central na família se fortaleceram, especialmente após o falecimento do marido. Os filhos, com destaque para o primogênito, que superou dificuldades iniciais e se formou em informática, e os outros que conseguiram empregos estáveis demonstram a transmissão de valores, de perseverança e superação que ela cultivou ao longo da vida.

A trajetória de Dona Rosa Faife também revela os desafios vividos por muitas mulheres idosas moçambicanas, especialmente no cuidado familiar e na reconstrução da vida após perdas significativas. Sua história no excerto a seguir, oferece um testemunho sobre força, afeto e superação da vida na velhice.

> (…) fui ao lar ainda estando na Massinga, o meu marido é do Magudo Ka-Vilanculos, nos conhecemos em Massinga porque ele trabalhou lá um tempo (…) depois ele me levou, fomos viver em Vilanculos, e lá ele morreu, quando ele perdeu a vida, eu decidi voltar para a casa dos meus pais em Massinga, voltei com os meus filhos (…) o meu marido morreu quando tínhamos três filhos, todos homens, não tive nenhuma menina, saí com os meus filhos de Vilanculos para Massinga, quando vivíamos em Massinga, o meu filho mais velho saiu para Maputo à procura de trabalho, depois, os mais novos também seguiram, vieram viver com ele aqui em Maputo, nesta casa onde estamos a viver, mas ele faleceu, só fiquei com dois em vida "(…) um trabalha por conta própria, está a cortar árvores, comprou uma motosserra, o outro, meu filho, é sapateiro. Os meus filhos, de vez em quando, vêm me visitar, este que é sapateiro vive sozinho, não tem mulher, faleceu há muito tempo.

A trajetória de Rosa Faife é marcada por deslocamentos, perdas, e forte vínculo com a família, ela, viveu diferentes fases de sua vida entre os distritos de Massinga e Vilanculos, na província de Inhambane, antes de se fixar com os filhos em Maputo. Ainda jovem, conheceu seu marido enquanto morava em Massinga. Ele era natural de Magudo, Ka-Vilanculos, e, onde viveram como casal por algum tempo, o marido faleceu e deixando-a viúva com três filhos

pequenos. Após a morte do esposo, dona Rosa retornou à casa dos seus pais em Massinga, com os filhos para criar sozinha.

Com o passar do tempo, o filho mais velho migrou para Maputo em busca do trabalho, mais tarde seguido pelos irmãos mais novos. A família se reuniu novamente em Maputo, no entanto, o filho mais velho, responsável pela vinda dos irmãos, veio a falecer, deixando-a apenas com dois filhos vivos, ambos trabalham por conta própria: um é sapateiro e o outro trabalha com corte de árvores usando motosserra. Dona Rosa ao longo da vida, foi esposa, mãe solteira, trabalhadora informal e agora como idosa sob os cuidados dos netos e filhos.

De forma semelhante, dona Amélia Samuel Chipendade apresenta uma trajetória marcada por desafios sociais, deslocamentos forçados e o esforço contínuo para garantir o sustento familiar em meio à instabilidade econômica, com forme apresentado no excerto a seguir:

> Fui para o lar em Kugune, no bairro do meu marido, e lá crescemos juntos até termos cinco filhos (…) conheci meu marido por meio do pai dele, que foi em casa pedir para casarmos, e o meu pai aceitou (…) o meu marido trabalhava na África do Sul, e quando voltou, veio me lobolar (…) depois fui viver na terra dele, primeiro com os sogros, e começamos a construir nossa casa, mas veio a guerra dos Matsangas e paramos. Quando chegamos em Maputo, o meu marid não trabalhava e vivíamos de biscatos, íamos juntos cultivar nas machambas das pessoas para ter dinheiro e comida (…) a vida era muito difícil, mais tarde, ele começou a trabalhar como guarda numa obra em Machava, onde eu trabalhava, e depois arranjou outro emprego como guarda no Município da Matola. A partir daí, a vida começou a melhorar. Hoje, mesmo com dificuldades, temos pelo menos como comprar um saquinho de arroz.

Dona Amélia Samuel mostra um percurso vivido marcado por mudanças sociais e deslocamentos. dona Amélia conheceu o marido através do pai dele, que formalizou o pedido de casamento ainda na juventude. Após o regresso do noivo da África do Sul, o lobolo foi realizado, e ela passou a viver na terra do marido, inicialmente na casa dos sogros, o casal começou a construir a própria casa, mas o projeto foi interrompido pela guerra dos Matsangas, que obrigou a família a deslocar-se à Maputo.

As dificuldades econômicas marcaram a trajetória de Dona Amélia, mas também revelam sua capacidade de superação. Durante o deslocamento provocado pela guerra, ela conseguiu trabalho em Maputo e indicou o marido para atuar como guarda em uma obra de seus patrões. Mais tarde, ele foi contratado como guarda no Município da Matola, o que trouxe maior estabilidade econômica para a família. Hoje, Dona Amélia reconhece que, apesar dos desafios atuais, sua vida melhorou em relação ao passado. Sua história mostra como os deslocamentos forçados pela guerra, os ajustes conjugais e o trabalho informal foram elementos centrais na construção de sua vida.

Assim como dona Amélia, cuja vida foi moldada por desafios econômicos, deslocamentos e estratégias de superação, o Sr. Jossias Azarias, seu esposo, também sua trajetória foi marcada por deslocamentos, tradições familiares e esforço contínuo para garantir o sustento do lar, como se pode ver no exemplo a seguir:

> Consegui esposa graças ao meu pai, que a procurou para mim quando eu trabalhava na África do Sul (…) naquele tempo, não se namorava, os mais velhos é que conheciam o comportamento da menina e ajudavam a decidir (…) fiquei feliz quando a conheci, senti que estava a crescer (…) somos do mesmo bairro, Guambene, mas de zonas diferentes (…) depois do lobolo, ela veio viver comigo e com os meus pais, que eram grandes machamberos (…) ela também começou a trabalhar com eles (…) iniciamos a construção da nossa casa ao lado, mas tivemos que parar por causa da guerra dos Matsangas e fugimos para Maputo (…) desde que casamos, sempre vivemos juntos, ela já tinha um filho, depois tivemos mais sete (…) a vida em Maputo foi difícil. No começo vivíamos no Baião, depois viemos para Tsalala e dependíamos de biscatos (…) trabalhei na machamba de um mulato que criava porcos (…) o filho da minha esposa, já crescido, ajudava quando podia (…) com a guerra da Renamo em Tsalala, fugimos para Benfica, para casa da irmã da minha esposa, comecei a recolher coisas nos contentores, garrafas, plásticos, latas que vendia no mercado de Benfica (…) tinha clientes certos. Durante a semana era essa a minha rotina, e a minha esposa fazia biscatos em Chamanculo (…) em 1996, fui contratado pelo Município, antes disso, a luta foi grande, mas recolher e vender materiais ajudou muito, mesmo recebendo pouco (…) andei por muitos bairros de Maputo à procura de garrafas de Xipotração, não tem por onde eu não andei!

O Sr. Jossias exemplifica as vivências marcantes de muitos homens idosos moçambicanos, especialmente aqueles oriundos de contextos rurais que migraram para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Sua história é marcada por três grandes pilares: os vínculos familiares, o trabalho informal e formal, e a capacidade de reinvenção diante das dificuldades da vida.

Desde jovem, Jossias teve a sua vida moldada pelas decisões familiares. O casamento com sua esposa foi arranjado por seu pai, seguindo os costumes tradicionais de então, nos quais os mais velhos tinham um papel decisivo na escolha do cônjuge. Apesar de que não conhecia a esposa antes do lobolo, ele rapidamente criou laços afetivos e de parceria com ela, consolidando uma família numerosa composta por oito filhos. Com raízes no bairro de Guambene, a família passou por vários deslocamentos forçados em razão da guerra civil, o que culminou na migração para Maputo.

A vida urbana, no entanto, apresentou novos desafios. Em Tsalala e mais tarde em Benfica, a sobrevivência era garantida por biscates, o casal se dividia entre os trabalhos temporários em machambas, serviços domésticos e, no caso de Jossias, a recolha de materiais recicláveis nos contentores da cidade, especialmente garrafas de “Xipotração”, que vendia no mercado de Benfica. Esse trabalho exigia grande esforço físico e um conhecimento detalhado dos bairros de Maputo, por onde ele circulava diariamente. A virada em sua trajetória profissional deu-se em 1996, quando foi contratado como guarda pelo Município, o que lhe

proporcionou uma certa estabilidade e melhorou as condições de vida da família. Ainda assim, sua ocupação anterior como catador foi fundamental para garantir a sobrevivência durante os tempos mais difíceis.

Hoje, como idoso, o Sr. Jossias é um exemplo de persistência e adaptação, sua trajetória evidencia os múltiplos papéis que desempenhou, filho obediente às tradições, marido resiliente, pai provedor, trabalhador informal e, mais tarde, funcionário público. Sua vida reflete o cruzamento entre estrutura familiar tradicional, instabilidade econômica, deslocamento forçado pela guerra. Outro percurso marcado por deslocamento, resiliência e reconfiguração dos vínculos familiares pode ser observado desde os primeiros momentos da vida conjugal da Dona Amelia Muamba apresentado no exemplo a seguir;

> Eu conheci o meu marido lá em Tenga, ele é de Mndjacaze, saiu de lá para vir viver em Tsalala (…) um dia, a paróquia dele veio rezar em Tenga, e foi ali, na casa da Vovó Vasco, que ele me viu, depois foi com a Vovó Marta falar com os meus avós para casar comigo (…) os meus avós aceitaram, fui lobolada e saímos para Tsalala por causa da guerra (…) naquela altura, o bairro não era habitado, o governo veio fazer o parcelamento dos terrenos, e como nós já vivíamos aqui, nos deram três terrenos. Nunca vivemos com os meus sogros, porque os pais do meu marido já tinham morrido quando ele saiu de Mndjacaze (…) só conheci a Vovó Marta, que até hoje vive aqui nas "16 casas". Construímos casa já com o apoio dela, no início, o meu marido não trabalhava, só engraxava sapatos na Machava, ele morreu há nove anos, quando ele morreu, continuei a viver dos meus trabalhos de machamba e redobrei os esforços (…) tivemos sete filhos, quase todos já têm casa aqui em Tsalala, porque os avós deram terrenos (…) só um ainda anda de um lado para o outro, os meus filhos vivem dos seus biscatos, às vezes, ligam para perguntar se há verduras aqui em casa, porque não conseguiram nada para dar de comer aos filhos (…) na machamba produzia milho, mandioca, amendoim, mas agora os donos das terras levaram (…) foi com isso que consegui criar os meus filhos, mesmo sem trabalho fixo, eles cresceram, mas continuam a viver de biscate em biscate (…) aqui em casa vivo com o meu sobrinho-neto, filho da minha filha, nasceu em 1982 e hoje tem 42 anos. Ele é deficiente, tem problemas de visão, pés e dedos (…) eu preparo tudo para ele, água, chá, comida, nunca conhecemos o pai dele. Eu penso que talvez Deus me deu essa missão, talvez seja a minha dádiva, quando saio, ele fica em casa, depois vai para a sua igreja dos 12 Apóstolos. Eu sou da Igreja Santidade, também vivo com o meu último filho, que tinha saído para casa de aluguel e agora voltou com a esposa, a filha e o meu sobrinho (…) vivemos seis pessoas nesta casa, o meu filho sai sempre para os seus biscatos, a vida agora está complicada, antes era melhor, agora, todos estamos sentados, ninguém tem nada (…)

Dona Amelia Muamba apresenta sua trajetória de deslocamento, escassez e reconstrução familiar, sempre marcada pela força do trabalho. Nascida e criada em Tenga pelos avós, conheceu o seu marido oriundo de Mndjacaze, Gaza, durante uma visita da paróquia de Tsalala à sua comunidade, ainda numa época em que as celebrações religiosas ocorriam nas casas. Foi nesse contexto que o relacionamento teve início, e após o lobolo, o casal mudou-se para Tsalala fugindo da guerra civil. Na época, o bairro ainda era pouco habitado, e ela foi testemunha do processo de parcelamento de terrenos feito pelo governo. Porque já residirem ali, receberam três terrenos, uma conquista rara em tempos de instabilidade.

Não chegou a viver com os sogros, pois o marido havia perdido os pais antes de migrar para o sul do país. Tiveram o apoio apenas de uma tia do marido, Vovó Marta, que vive até

hoje nas “16 casas” de Tsalala. Inicialmente, o companheiro trabalhava como engraxador de sapatos na Machava. Após seu falecimento, a cerca de nove anos, dona Amelia intensificou suas atividades nas machambas como a forma fundamental de sustentar a casa. Cultivava milho, mandioca e amendoim, em terras que mais tarde foram retomadas pelos seus donos.

Apesar das dificuldades, ela criou os filhos com os rendimentos do trabalho agrícola. Hoje, embora adultos, todos vivem com base em trabalhos informais (biscates), e em momentos de maior aperto ainda recorrem à mãe em busca de ajuda, como verduras da horta para alimentar os próprios filhos. Dona Amelia reconhece que, embora o passado tenha sido duro, a vida era mais organizada: “agora não vivemos bem”, diz ela, referindo-se à instabilidade atual. Seu papel como cuidadora continua sendo central. Vive com seis pessoas na mesma casa, incluindo o filho mais novo, a nora, uma sobrinha e um sobrinho-neto com deficiência, filho da sua filha mais velha. Esse rapaz de 42 anos, com limitações visuais e motoras, depende quase totalmente dos cuidados de Dona Amelia, que vê esse desafio como uma dádiva de Deus. A rotina é partilhada entre o cuidado com ele, as obrigações religiosas (pertencente à Igreja Santidade), e o esforço constante para manter a família unida e alimentada.

Ao longo da vida, dona Amelia Muamba foi neta criada pelos avós, esposa, mãe de sete filhos, agricultora e cuidadora familiar. Sua trajetória revela á resiliência, fé e um senso de responsabilidade familiar. Representa uma geração de mulheres que sustentaram seus lares com o esforço dos braços, mesmo sem emprego formal.

A trajetória de Dona Beatriz Nhone, assim como a de Dona Amélia Muamba, evidencia a força de mulheres que, mesmo diante de perdas, deslocamentos e tensões familiares, permanecem como alicerces de seus lares. Entre casamentos, migrações e batalhas pela subsistência, sua história revela o papel central desempenhado pelas mulheres na reconstrução da vida familiar em contextos de crise. No excerto a seguir, é a própria Dona Beatriz quem narra sua trajetória, oferecendo um testemunho vivo de resistência, cuidado e sabedoria acumulada ao longo dos anos.

> Eu tive dois casamentos (…) o primeiro foi com o Moisés. A gente se conheceu quando ele vinha das minas da África do Sul. Tivemos quatro filhos: dois rapazes e duas meninas. Mas os dois rapazes já morreram (…) a gente vivia lá em Gaza. Eu trabalhava na machamba com os sogros. O meu marido cresceu na família Zitha, mas ele não era mesmo de lá (…) a mãe dele nunca quis dizer o apelido certo dele, e isso trouxe muitos problemas. Mais tarde, com profecia, soubemos que ele era da família Quibe. Aí saímos da casa dos Zitha e fomos viver lá na Aldeia. O meu marido era trabalhador das minas de Africa de Sul (…) mandava comida, comprou bois, charruas, motobombas. Mas depois, com a guerra, levaram os bois todos. Aí eu comecei a alugar trator, pagar trabalhadores pra ajudar na lavoura. Com a guerra dos 16 anos, os meus pais foram viver em Maputo. Um dia, o meu marido achou dois panos brancos dentro da minha carteira, eu usava aquilo como remédio tradicional pra curar a nossa filha Janeta, que tava doente. Ele não gostou, levou o caso pros nossos pais. Eu expliquei tudo, que era só pra ajudar a criança. Os velhos entenderam, mas ele nunca mais voltou pra mim. Esperei ele seis anos (…) nunca me

> envolvi com outro homem nesse tempo. Mas depois, os meus irmãos me falaram pra seguir com a vida. Aí conheci outro homem lá na Malanga, onde o primeiro me deixou. Comecei a vender açúcar em canecas, vivia numa casa emprestada. Quando o primeiro marido voltou da África do Sul, ele nem quis saber mais de mim. Já tava com outra mulher, a Teresa. Eles brigaram e ele foi embora outra vez pra África do Sul (…) nunca mais voltou (…) Mais tarde, engravidei da minha filha mais nova. Tava com o pai dela, ele trabalhava lá perto do Hospital José Macamo. Eu vivia na casa do irmão da minha mãe, mas depois que meu pai morreu e o espaço ficou apertado, fui morar sozinha. Pra pagar a renda, comecei a vender carvão. Mesmo com muita dificuldade, fui lutando. Um tio meu conseguiu um espaço pra eu fazer minha casa. O segundo marido apareceu de novo, aí a gente foi viver juntos lá em Chinhembanine. Eu mesma construí casa de blocos (…) mas a vida não tava boa. Continuei com o carvão, mas um dia minha amiga Gina me traiu. A polícia pegou meu carro com 128 sacos. Tive que pagar oito mil meticais pra tirar o carro. Com lucro do carvão, comprei terreno aqui onde vivo agora, com meus filhos: a Sónia, o Lhone e a Janete. Terminei com o segundo marido porque ele começou a brincar, sair com outras mulheres (…) desde esse tempo, tô aqui com meus filhos, sigo assim, com luta e com Deus.

Desde cedo, Dona Beatriz a sua vida foi atravessada por experiências que exigiram força, adaptação e coragem. Viveu dois casamentos ao longo da vida. O primeiro foi com Moisés Mbanze, um homem que ela conheceu no retorno dele das minas da África do Sul, no período colonial. Dessa união nasceram quatro (4) filhos, dois (2) homens e duas (2) mulheres, mas apenas as filhas é que vivem.

A trajetória de trabalho de dona Beatriz foi marcada por atividades agrícolas e comerciais, revelando sua capacidade de adaptação frente aos desafios econômicos e sociais. Durante o primeiro casamento, trabalhou nas machambas com o marido e a família, utilizando recursos como bois e, posteriormente, tratores e motobombas para irrigação. Naquele período, viviam de forma relativamente autossuficiente, recebendo também apoio logístico da África do Sul. No entanto, a guerra civil trouxe deslocamentos forçados e instabilidade. Migrou para Maputo, onde enfrentou o abandono do marido e precisou sustentar os filhos sozinha por seis anos, marcando o início de uma nova fase de luta e independência. Em Maputo, iniciou sua atuação no comércio, vendendo inicialmente açúcar e, depois, dedicando-se à produção e venda de carvão vegetal. Tornou-se uma das principais fornecedoras da região, enfrentando adversidades como repressão policial, traições no meio comercial e exigências financeiras. Ainda assim, persistiu com criatividade, resiliência e fé, conseguindo sustentar a família e consolidar sua autonomia.

No segundo casamento, apesar de nutrir expectativas por uma nova fase de estabilidade, enfrentou novamente dificuldades emocionais e materiais. Ainda assim, teve um papel importante na melhoria das condições da nova família, chegando a construir uma casa de blocos em Chinhembanine. No entanto, as traições e a falta de apoio financeiro por parte do companheiro levaram à sua decisão de se separar mais uma vez. Mesmo diante de tantas rupturas, Dona Beatriz não apenas sobreviveu, mas reconstruiu a sua vida, com os lucros do

comércio de carvão, adquiriu um terreno e construiu uma casa própria, garantindo um lar seguro e estável para os filhos, sobretudo aqueles que cresceram sem a presença ativa dos pais.

Ao longo da vida, Dona Beatriz foi esposa, mãe, agricultora, comerciante, provedora e também construtora. Enfrentou lutos, abandonos e instabilidade econômica, mas assumiu a liderança da família, cuidou dos filhos e buscou diferentes formas de sustento. Seu status social, fragilizado em alguns momentos pelas dificuldades, foi se fortalecendo com sua determinação. A casa onde vive hoje simboliza sua resistência e a capacidade de reconstruir a vida familiar.

Complementando essa perspetiva, a trajetória de Dona Marcela Murora revela as marcas profundas deixadas pela guerra em sua vida pessoal. Sua narrativa expõe a violência enfrentada por muitas mulheres em contextos de conflito armado, como ela conta a seguir:

> Ao longo da minha vida, muita coisa ruim aconteceu que eu nem queria lembrar, veja só eu fui ao lar naquele tempo de Guerra dos Matsangas, fui tirada do lar para ir ser esposa do comandante do Matsangas, esse lar não deixou com boas lembranças. Isso aconteceu eu a viver em Vilanculos, invadiram a nossa casa, mataram o meu marido e eu fui levada à força com eles para ir ser mulher do comandante. Fiquei nos Matsanga como esposa desse comandante três (3) anos, fiquei, fiquei porque uma mulher quando é pega por Matsanga, se ele lhe quer, não havia negociação, não escapava de ser mulher deles (…) quem não lhe queria, eles matavam logo na hora (…) eu não tive outra escolha, fiquei aqueles três anos dentro de sofrimento. Passando um tempo, aquele comandante foi transferido da nossa base para ir trabalhar noutro lugar, fiquei ali, nem passaram muitos dias e fiquei grávida de um outro Matsanga que me forçava a ter relações com ele (…) o comandante que era o suposto meu marido já não estava ali, e eu depois saí, consegui fugir. Voltei para casa, mas não para a Massinga nem para Vilanculos, mas para Sikila, na Maxixe, com a minha gravidez, e quando dei parto, saí de Sikila e fui viver em Morrumbene. Então de lá consegui ir para casa onde nasci, em Massinga, através dos contactos que vinha fazendo para localizar os meus familiares. O filho que nasci da gravidez que apanhei com Matsanga faleceu, mas já era grande.

A trajetória de dona Marcela Muroro é marcada por experiências de violência, deslocamento forçado e superação em contexto de guerra. Ainda jovem, ela vivia em Vilankulo com o seu marido quando, durante a Guerra dos Matsangas, sua casa foi invadida. O marido foi assassinado e dona Marcela foi levada à força pelos rebeldes para tornar-se esposa de um comandante do movimento. Sem possibilidade de resistência pois, segundo suas palavras, “quem não aceitasse ser mulher deles era morto na hora”, viveu sob coerção por três anos, sendo submetida a um regime de total submissão.

Quando o comandante foi transferido, permaneceu na base e acabou sendo violentada por outro combatente, com quem engravidou. Após algum tempo, conseguiu fugir e iniciou um percurso de retorno à vida civil, passando por Sikila (Maxixe), depois Murrumbene, até reencontrar parte da sua família na sua terra natal, em Massinga. O filho fruto da violência que sofreu cresceu, mas faleceu ainda jovem. Essa trajetória revela os impactos dolorosos da guerra

na vida de muitas mulheres moçambicanas, que foram violentadas, deslocadas e marcadas por perdas irreparáveis. Dona Marcela, embora tenha vivenciado situações extremas, construiu caminhos de resistência e reconexão com sua origem familiar. Sua vida espelha as complexas camadas da condição feminina em tempos de conflito, bem como o peso histórico carregado por muitas idosas que hoje vivem em comunidades como a de Tsalala, tentando ressignificar o passado e encontrar dignidade na velhice.

De forma adicional, a trajetória de Banda Alexandre, também marcada por perdas e resistência, evidencia os desafios enfrentados pelos homens idosos diante das transformações sociais e familiares. Assim como no caso das mulheres, sua história revela estratégias de enfrentamento e reinvenção em meio às ruturas vividas ao longo da vida. No excerto a seguir, é ele quem compartilha, em suas próprias palavras, fragmentos dessa vivência.

> Eu sou Banda Alexandre, vivi quase toda a minha vida nesta casa, onde morei com a minha primeira esposa, a Dona Maria Cacílda Francisco Mpumo, tivemos quatro filhos, três meninas e um rapaz, mas infelizmente o meu único filho homem faleceu. Conheci a minha esposa quando trabalhávamos juntos na empresa Pró-Caljú, no bairro da Machava, perto da Linha Férrea. Eu era chefe da secção de embalagem e também soldava latas para exportação de castanha, ela trabalhava na selecção, fiscalizando a qualidade (…) gostei muito de trabalhar na Pró-Caljú, ao contrário da África do Sul, onde o trabalho nas minas era duro e desumano. Lá trabalhei por pouco tempo, porque vi a morte de um colega na minha frente (…). Fiquei tão assustado que nunca mais quis voltar (…) com a minha esposa tivemos uma boa vida, tínhamos brigas de casal, principalmente quando eu passava dos copos, mas fora isso, vivemos bem e conseguimos criar os nossos filhos. Uma das minhas filhas vive em Skwama, outra em Witbank (Matola) e outra em Mulotane. Todas têm os seus lares. Depois que a minha esposa faleceu, fiquei muito tempo sozinho, sem pressa de arranjar outra mulher, mais tarde, casei de novo, mas com a segunda esposa não tivemos filhos juntos, cada um tem os seus (…) quando a Pró-Caljú fechou, por causa da unificação com outras empresas como a Cajuca e a Caju Industrial, tudo se perdeu (…) fomos espalhados, ninguém sabia mais o que fazia e nem recebi a minha indemnização, cansei de correr atrás (…) aí fui trabalhar na machamba da minha mãe em Chumene I, Ka Mucavele. Naquele tempo, se pedia terreno aos donos e eles emprestavam, hoje já não é assim, construíram prédios por cima da minha antiga machamba (…) viemos de Lozalite viver aqui, eu, meus pais e meus irmãos. Meus pais tiveram cinco filhos, mas agora só eu estou vivo. No tempo da guerra civil, fugi para Patrice, onde vivi com minha esposa, depois, voltei para cuidar do meu pai doente (…) na época colonial, também vi muita coisa, conheci o próprio Eduardo Mondlane, quando ele fazia campanha entre os jovens (…) O Chico Feio, agente da PIDE, era o maior terror, ele maltratava, batia e matava (…) andava nas lojas a espiar conversas das pessoas, basta falar de Mondlane e era preso, e no dia da independência, finalmente mataram o Chico Feio, até usaram feitiço para descobrir o segredo que o protegia (…) Durante a guerra dos 16 anos, vivia em Patrice, mas trazia alimentos para os meus pais que ainda estavam aqui, minha mãe criava porcos e fazia aguardente, quando os guerrilheiros da Matsanga viam isso, ficavam a beber e deixavam ela em paz (…) Naquele tempo, as pessoas tinham medo de construir casas de blocos, achavam que iam ser enfeitiçadas ou presas por supostamente terem muito dinheiro, mas dava para comprar material a crédito e pagar aos poucos, mesmo assim, o medo falava mais alto (…) As regras tradicionais também se perderam, antes, o régulo e os chefes locais é que resolviam as coisas, hoje já não se respeita a tradição, só porque o líder comunitário não estudou (…) na igreja também mudou tudo. Antes era lugar de fé e respeito. Hoje, se não tiver roupa bonita ou dinheiro para oferta, é discriminado. A igreja virou lugar de aparência.

A trajetória de vida do Sr. Banda Alexandre revela as dinâmicas sociais e políticas que marcaram a vida de muitas pessoas idosas em ao longo do tempo. Suas histórias revelam

percurso marcado por deslocamentos forçados e reinvenções familiares. Desde jovem, Sr. Banda Alexandre esteve inserido no mundo do trabalho, exercendo funções variadas com destaque para seu papel na empresa Pró-Caljú, onde foi chefe de secção de embalagem e soldador de latas. Ele desenvolvia um trabalho técnico e especializado, com domínio de processos como o empacotamento de cajú para exportação de castanha, o que lhe conferiu prestígio e reconhecimento profissional. Entretanto, a desestruturação dessa empresa após a unificação das companhias de caju levou à perda do emprego e da estabilidade, sem qualquer compensação financeira, evidenciando a fragilidade dos direitos laborais na época.

A vivência na África do Sul, especialmente nas minas, é narrada com dor e revolta. Ele descreve o trabalho como desumano, comparando-o à escravidão, e relata a experiência traumática de quase ter morrido em um desabamento episódio que o marcou e consolidou sua decisão de nunca mais regressar àquele país. Esse período revela não apenas a dureza das condições de trabalho dos migrantes moçambicanos, mas também a precariedade e o risco permanente a que estavam expostos.

No campo familiar, Sr. Banda construiu uma trajetória marcada por laços afetivos fortes, especialmente com sua primeira esposa, dona Maria Cacilda, com quem teve quatro filhos. A convivência familiar é lembrada com carinho, apesar das dificuldades comuns, como discussões ocasionais. Após a morte da esposa, passou um longo período sozinho até se unir a uma segunda companheira, embora sem filhos em comum.

Sr. Banda também desempenhou um papel de cuidador, tanto com os filhos quanto com os próprios pais, a quem assistiu durante a doença. A memória dos deslocamentos internos, especialmente no período da guerra civil (tempo dos Matsangas), revela sua constante busca por segurança e proteção da família, em contextos de deslocamento e violência.

Sua atuação na agricultura, após a perda do emprego formal, demonstra resiliência e capacidade de adaptação. Cultivar a machamba arrendada tornou-se uma forma de sustento e autonomia, até que a expansão urbana tomou conta do terreno. Essa passagem da vida rural para a pressão urbana é outro marco em sua trajetória. Politicamente, Sr. Banda traz um testemunho sobre a luta de libertação nacional. Ele lembra, com detalhes, encontros com Eduardo Mondlane e os temores causados pela repressão colonial, em especial pela figura de Chico Feio, agente da PIDE. Suas reflexões sobre a tradição, a igreja e o status social mostram um profundo senso crítico. Ele lamenta a desvalorização dos líderes tradicionais e denuncia as práticas excludentes nas igrejas contemporâneas, que privilegiam os que têm poder econômico. Seu depoimento revela a perda de um senso comunitário e espiritual que outrora dava coesão e dignidade às relações sociais.

Ao longo de sua trajetória, o senhor Banda Alexandre trabalhou nas minas da África do Sul, atuou como trabalhador formal na Pro-Cajú, foi pai, marido e camponês. Viveu perdas, mas também experiências de resistência e reinvenção. Sua vida revela muito sobre o envelhecimento em contextos africanos marcados por mudanças, onde a memória e a experiência dos mais velhos se tornam fontes de saber e força. A história do senhor Banda Alexandre reflete as transformações familiares e sociais que atravessou, aspectos que também aparecem na experiência do senhor Fernando, apresentada a seguir.

> Com a minha esposa, eu me conheci nos condomínios de Malhampswne, onde eu fazia trabalhos e ela trabalhava como secretária doméstica. No primeiro dia, brinquei dizendo "esta é minha" e ela respondeu "eu sou teu". Juntos tivemos três filhos, duas meninas e um rapaz. Eles não moram comigo, mas aparecem de vez em quando. A mais velha, de 18 anos, não consegue olhar para mim e culpa a mãe por nossa situação. Ela diz que tudo o que estamos passando é por culpa da mãe, pois papá já não trabalha, é inapto, depende de vizinhos para comer (…) quando vêm me visitar, nem ficam muito tempo. Às vezes falamos por telefone, ou eles me ajudam com a roupa que lavo sozinho, mas não têm problemas comigo e eu também não tenho com eles. A mais velha está na 12ª Classe, a segunda filha está com a mãe na África do Sul. Isso me deixou muito mal, principalmente porque ela não se comunicou comigo. O último filho, o Júnior, tem 13 anos e está com a avó materna, na Liberdade. Não sei como ela vive ou se trabalha, nem procuro saber para não me incomodar. Os filhos praticamente estão com a mãe, e mesmo quando estão mal, sabem que não posso fazer nada. Eles me contam, mas sabem que eu não posso agir, o que me dói muito.

O Sr. Fernando Januário compartilha uma trajetória marcada por experiências de trabalho, relações familiares intensas e mudanças em sua vida social e afetiva. Ele conheceu sua esposa enquanto trabalhava em condomínios na zona de Malhampswene, onde fazia pequenos serviços. A esposa, por sua vez, trabalhava como secretária doméstica para uma família residente nesses condomínios. O início do relacionamento foi leve e espontâneo, nascido de brincadeiras que logo se transformaram em afeto mútuo. Dessa união nasceram três filhos: duas meninas e um menino. Embora os filhos não residam com ele atualmente, há um vínculo que se mantém, ainda que permeado por tensões familiares. A filha mais velha, atualmente com 18 anos e frequentando a 12ª classe, enfrenta dificuldades emocionais em relação à mãe, a quem responsabiliza por problemas familiares e pela condição de vida atual do pai. A rutura conjugal entre o Sr. Fernando e a mãe de seus filhos, marcada por conflitos e ausência de diálogo, teve repercussões diretas na estrutura e no cotidiano familiar.

A segunda filha foi levada para a África do Sul pela mãe, decisão tomada sem consulta prévia ao pai. A menina tinha entre 15 e 16 anos, mas ainda estava nas classes iniciais do ensino fundamental, o que revela um possível atraso escolar que preocupa o Sr. Fernando. O filho mais novo, Júnior, de 13 anos, permanece com a avó materna no bairro da Liberdade. O Sr. Fernando não tem informações claras sobre a condição de vida da avó nem acompanha de perto dessa parte da família, em parte para evitar conflitos ou sofrimento emocional.

Atualmente, o Sr. Fernando encontra-se em situação de vulnerabilidade social e física. Sem trabalho, considerado inapto para atividades laborais, depende da ajuda de vizinhos para se alimentar. Apesar disso, procura manter sua autonomia no que pode, como lavar suas próprias roupas e organizar sua casa. Os filhos o visitam ocasionalmente e mantêm algum contato por telefone, demonstrando afeto e preocupação, embora conscientes das limitações do pai. Sua trajetória evidencia uma mudança significativa em seu status social: de trabalhador ativo com responsabilidades familiares para uma figura dependente da solidariedade comunitária. Com a separação conjugal, veio também um afastamento afetivo e físico da família, o que ampliou seu isolamento e fez crescer a sensação de não conseguir atender às necessidades dos filhos.

A trajetória do Sr. Fernando mostra que ao longo do tempo construiu sua vida entre o trabalho em condomínios e a formação de uma família. O casamento, iniciado de forma leve e afetiva, resultou em três filhos, mas terminou em separação marcada por conflitos e ausência de diálogo. A ruptura conjugal gerou distanciamento familiar e dificuldades no acompanhamento dos filhos, agravadas por decisões unilaterais da ex-esposa. Hoje, vive sem trabalho e com limitações físicas, dependendo do apoio de vizinhos para se alimentar. Apesar da vulnerabilidade, busca preservar sua autonomia em pequenas tarefas diárias. Os filhos mantêm contato, ainda que de forma limitada, demonstra afeto e preocupação. Sua trajetória expõe os desafios da velhice em contextos de crise econômica, fragilidade familiar e insuficiência de redes de apoio, aspetos que também marcam a trajetória do Sr. Gabriel Muanga, como se apresenta a seguir;

> Em 1978, casei-me com minha esposa, a conheci em Matola Gare, (…) no ano de 1983, houve aquela grande crise de fome e pedimos um espaço na família dela para conseguirmos enfrentar a situação econômica (…) tivemos a ideia de fazer uma machamba, mas infelizmente, ela acabou se envolvendo com um soldado, alguém com quem ela tinha certos relacionamentos (…) foi aí que um Oficial das Forças Armadas de Moçambique tirou a mulher de mim. Naquela altura, tínhamos três filhos (…) quando nos separamos, fiquei com os dois primeiros filhos, e o bebê ficou com ela, que passou a viver com aquele oficial. Em 1985, voltei para a casa dos meus pais e fiquei com eles até 1987. Foi quando, ao ver que ela tinha filhos com aquele oficial, ela veio tentar roubar os filhos de volta (…)

A trajetória do Sr. Gabriel Muanga reflete as transformações sociais e familiares vivenciadas ao longo de sua vida, marcadas por eventos de crise, separação. Casado em 1978, ele conheceu sua esposa em Matola Gare, e, após o casamento, enfrentaram a crise de fome de 1983. Buscando superar a situação, pediram um espaço na família dela para cultivar machambas para suprir a fome. Contudo, a vida do Sr. Gabriel tomou um rumo difícil quando o casamento chegou ao fim após o envolvimento de sua esposa com outro homem, o que levou à ruptura da relação.

Após a separação, o Sr. Gabriel levou consigo os dois filhos mais velhos, enquanto o bebê permaneceu com a esposa e o oficial. Em 1985, após a separação, ele retornou à casa de seus pais, onde viveu até 1987. Durante esse período, sua esposa, agora com filho do Oficial das Forças Armadas, tentou recuperar os filhos de Gabriel. A trajetória do Sr. Gabriel é um reflexo das tensões entre os papéis familiares, a luta pela sobrevivência e as adversidades de um contexto sociopolítico em transformação. Seu percurso também revela os desafios enfrentados pelas pessoas idosas, que, muitas vezes, veem suas identidades e status social alterados por fatores externos, como as relações familiares e as crises econômicas e políticas.

A trajetória do Sr. Eduardo Tembe ilustra, de forma vivida, como a história individual se cruza com os processos sociais mais amplos. A seguir, ele próprio narra os caminhos que percorreu ao longo da vida, marcados por deslocamentos, trabalho, perdas e resistência.

> Agora vivo aqui em Tsalala, posso dizer que sou daqui porque me entreguei mesmo, depois de sair de Matola Gare por causa da guerra dos 16 anos. Passei por Liberdade, e daqui cheguei a viver em paz, sem mais medo nem confusões (…) quando cheguei, Tsalala era só mato, poucas casas, sem água nas ruas, mas hoje é um bom lugar que me identifica (…) desde jovem sou casado com minha esposa, com quem tive 10 filhos, mas perdemos três e ficamos com sete, cinco homens e duas mulheres (…) nos conhecemos em 1969, ela morava em Nkobe e eu em Matidzana, os bairros eram vizinhos, dava para ir a pé. Casamos e fomos viver na minha casa em Matidzana, até que a guerra nos fez mudar para Liberdade e depois para Tsalala (…) trabalhei na empresa Momental desde os 15 anos, comecei como servente e, com avaliações, fui subindo até ao 2º escritorado. A empresa fazia vagões de caminhos de ferros para países como Angola e Zimbabwe (…) depois que os colonos saíram, entrou a empresa TATA, e pedi minha indemnização para sair. Pouco depois, um primo me levou para trabalhar na Sasseca (…) me deram motorizada para entregar encomendas, mas tive o azar de ser roubado três vezes. Isso criou confusão com meu chefe, até que fui mandado embora (…) depois disso, trabalhei aqui no bairro como guarda, mas uma doença me enfraqueceu e já não consigo trabalhar, estudei até à 4ª classe no tempo colonial, meu pai já era reformado, não teve mais como me aprofundar nos estudos, ele tinha trabalhado na África do Sul e nos Caminhos de Ferro, a vida familiar era melhor quando havia trabalho (…) Eu e meu filho mais velho sustentávamos a casa, mas depois que as empresas fecharam, tudo ficou mais difícil, meus outros filhos aprenderam ofícios, são pedreiros, sabem montar tijoleiras, alguns tentaram ir para a África do Sul, mas voltaram, estão nas suas casas, às vezes ligam ou aparecem aqui em casa (…)

O Sr. Eduardo Tembe identifica-se hoje como morador de Tsalala, bairro para onde se mudou durante a guerra civil (conhecida como a Guerra dos 16 anos). Inicialmente natural de Matola Gare, sua trajetória inclui passagens por Liberdade até se estabelecer em Tsalala, onde encontrou paz e estabilidade. Segundo ele, Tsalala "identifica a sua vida", marcando um ponto de viragem onde deixou para trás experiências de medo e sofrimento. O bairro, descrito como anteriormente pouco povoado, transformou-se ao longo dos anos, acompanhando também as transformações na vida do próprio Eduardo. Casado desde jovem com sua esposa, com quem se conheceu em 1969, Eduardo construiu uma longa vida familiar. Eles se conheceram nos bairros vizinhos de Nkobe (onde vivia sua esposa) e Mwamatidzana (onde ele morava), e juntos tiveram 10 filhos, dos quais perderam três, mantendo uma família extensa com sete filhos

(cinco homens e duas mulheres). Durante períodos de maior estabilidade financeira, Eduardo e seu filho mais velho sustentavam a família com seus empregos. Apesar das adversidades econômicas e da morte precoce de alguns filhos, a ligação com os demais permanece.

A trajetória ocupacional do Sr. Eduardo começou cedo, aos 15 anos, na empresa *Momental Comental*, onde passou de servente de escritório ao cargo de "3º escritorado", e posteriormente ao "2º escritorado", através de avaliações internas. A empresa tinha um papel importante na economia regional, fabricando vagões de comboio para países como Angola, Botswana, Malawi e Zimbabwe. A descontinuidade causada pela saída dos colonos e a chegada da empresa TATA provocou mudanças nas condições de trabalho. Nessa altura, aos 28 anos, Eduardo decidiu reformar-se. Pouco tempo depois, conseguiu um novo emprego na empresa *Sasseca*, com ajuda de um primo. Atuava como entregador de encomendas (expediente), usando uma motorizada fornecida pela empresa. No entanto, enfrentou problemas recorrentes com o roubo dos motociclos, o que abalou sua relação com o empregador, levando à sua demissão após um episódio de desconfiança e acusação de negligência. Posteriormente, já aposentado, trabalhou como guarda em quintas locais no bairro, até que uma doença o impediu de continuar. Eduardo estudou até a 4ª classe durante o período colonial. Iniciou os estudos em Matidzuana, passando pela Machava e sendo aprovado na 4ª classe. Contudo, devido à falta de condições financeiras, uma vez que o pai já estava reformado dos Caminhos de Ferro, não pude prosseguir os estudos. Isso limitou as possibilidades de ascensão escolar, mas não impediu sua inserção precoce no mercado de trabalho e posterior crescimento profissional. O Sr. Eduardo valoriza a paz, a união familiar e o respeito mútuo.

De modo geral, as trajetórias de vida das pessoas idosas mostram como suas ocupações, papéis familiares e status social mudaram ao longo do tempo, revelando experiências humanas diante de grandes desafios sociais, econômicos e políticos. Cada história é única, mas existem semelhanças que conectam essas trajetórias. Essas pessoas assumiram diferentes funções na vida: filhos e filhas, esposos e esposas, mães e pais, avós e cuidadores familiares, trabalhadores formas, trabalhadores informas. Para muitas, essa multiplicidade de papéis não era apenas uma escolha, mas uma necessidade diante das circunstâncias.

As dificuldades econômicas e os deslocamentos forçados, muitas vezes causados por conflitos, marcaram suas vidas. A transição entre empregos formais e informais ocorre com frequência, mostrando a capacidade de adaptação e a persistência dessas pessoas para sustentar suas famílias. As mulheres demonstraram grande força, mantendo os lares e cuidando de todos mesmo sem emprego fixo. Apesar da instabilidade econômica, das perdas e das mudanças de emprego, a autoridade dessas pessoas se fortaleceu. A experiência acumulada ao longo da vida

tornou-se um capital moral e social que serve de referência para a família e a comunidade. Suas histórias ensinam a importância da perseverança e mostram como a luta de uma geração sustenta a próxima. Essas trajetórias revelam que a vida exige constantes ajustes e ressignificações, elas mostram o encontro entre estruturas familiares tradicionais, dificuldades econômicas e eventos históricos marcantes, como a guerra.

CAPITULO 6 – As redes de interação, formas de sociabilidade (familiares, amizades) e participações comunitárias ou institucionais

Neste capítulo, analiso as redes de interação social e as formas de sociabilidade que marcam o cotidiano de pessoas idosas no Bairro de Tsalala, incluindo relações familiares, vínculos de amizade e formas de participação comunitária. A trajetória de Dona Ana Marta, por exemplo, expressa essa conexão entre os vínculos afetivos, a convivência comunitária e o engajamento institucional, especialmente ao longo de sua permanência em Tsalala.

> (…) sou Secretária da Associação Hi-Phunane, uma associação dos idosos de Bairro de Tsalala, conheci a Associação Hi-Phunane em 2009 por causa de doença (…) tive muitos problemas de saúde, eu ia ao hospital, mas não sabiam dizer o que era, um ano desses conseguiram diagnosticar que eu era hipertensa, com tensão alta. Comecei a fazer consultas e depois o controlo, na altura ia de 15 em 15 dias, depois passei a ir mensalmente. Mas o médico dizia que eu não estou a entender (...) "eu estou a tratar muitas pessoas com o mesmo problema, mas o problema da senhora é que a sua tensão nunca baixa. Porquê?" Fez-me perguntas e eu disse que eu trabalhava e, depois de deixar de trabalhar, fiz negócios e agora não estou a trabalhar, o meu negócio caiu. O médico disse: "agora estou a entender o seu problema. Na altura você pegava dinheiro e agora não pega dinheiro, já é dependente". Eu disse: "mais ou menos isso". Depois ele perguntou se eu vivia no Bairro de Tsalala, eu disse que sim. Ele disse: "o Bairro de Tsalala ainda é um bairro em expansão, arranja uma machambinha e começa a trabalhar nela". Eu disse: "machamba?" Ele disse: "sim". Eu, na altura, disse: "esse médico que diz que eu tenho que arranjar machamba, será que ele mesmo me conhece? Será que ele está bem de cabeça?" Não, eu não gostei da ideia, mas naquele momento eu não questionei nada. Eu saí dali, vim para casa contar para o meu marido. Disse: "sabes o que me disse o médico? Ele disse que tenho que procurar machamba". Mas eu olhava para mim mesma, tipo: "eu fazer machamba?" O meu marido disse: "ele não te gozar, ele está a tentar fazer uma terapia contigo. Custa procurar machamba?" Eu disse: "eu não sei como apanhar machamba". Ele disse: "eu vou te arranjar machamba aqui atrás, nessa associação aqui. Eu sei que é uma associação de pessoa idosa (…) Ele disse: "aquele senhor, meu amigo, parece que ele é grande dali, vou falar com ele para te arranjar uma machambinha ali". Ele não dificultou. Disse ao meu marido que eu precisava falar com ele. Me chamou, foi me dar o nome da pessoa que eu tinha que ir falar com ela para me dar a machambinha. Eu fui lá, me deram a machambinha. Eu, quando entrei na associação, trabalhei muito. Porque quando você entra como nova, é dado primeiro um espaço para cultivar na machamba coletiva como uma forma de pagar por aquilo que vão te dar. Depois te dão uma porção de 15 por 15 para ser seu espaço particular. Depois deste passo, você é integrado nas normas de funcionamento da associação. Durante a semana, nas segundas e sextas-feiras, é obrigatório que todos os membros vão para machamba. Nas primeiras horas, todos vão trabalhar na machamba coletiva, depois todos vão sentar em baixo de uma árvore, uma mangueira que se encontra no meio da machamba. Sentamos ali, falamos como foi o trabalho, falamos das coisas da nossa vida fora da machamba, colocamos as nossas preocupações gerais. Sentamos mais ou menos uma hora de tempo, das sete às oito horas. Quando eu entrei, ainda tinha muitas pessoas, aproximadamente 350 pessoas idosas trabalhavam na machamba. Então eu comecei a frequentar e ver aquele ambiente e gostei do ambiente. Gostei. Ia sempre para lá. Na altura tínhamos um patrocinador, tínhamos muita coisa ali na machamba, tínhamos água. Um mês depois veio uma visita desses doadores da HelpAge. Então foi necessário que alguém fizesse um relatório. Olharam para mim e pediram. Eu disse: "como é que vocês sabem que eu sei escrever?" Eles disseram: "nós sabemos que a senhora sabe escrever, estamos a pedir". Pronto. Eu já havia trabalhado, trabalhei nos Recursos Humanos. Às vezes eu ficava lá a substituir a secretária do diretor quando ela não estivesse. Então eu tinha noção de fazer um relatório ou uma ata. Eu fiz aquele relatório. Foram entregar ao coordenador. Ele perguntou: "quem é essa senhora que fez este relatório? Porque da machamba nunca se fez uma ata igual". Disseram que é uma senhora nova que acaba de entrar. Ele disse: "eu quero conhecer essa senhora, quero passar a trabalhar com ela. Ela vai ser a secretária da associação". Vieram me dizer isso. Só que no meio disso tudo, lá mesmo, já tive muitos problemas com as outras. Começaram a falar que eu quero arrancar lugar. Tinha um aí

> que elas achavam que era essa pessoa que fazia os relatórios. Só que ela fazia à maneira dela. Então, quando chegou o dia, eu fui com eles à Mahubo, em Boane. Me apresentaram lá naqueles doadores: "esta senhora que vai passar a ser a nossa secretária da associação". Fiquei assim mesmo e comecei a trabalhar com o coordenador. Houve uma formação na saúde para a terceira idade. Eu fui escolhida para participar dessa formação. Aí como formadora. Então voltei. Depois fui formar as ativistas aqui na associação e das outras associações em Mulotane e em Beleluane. Pronto. Fiquei assim. Comecei a trabalhar na área da saúde, na área da monitoria. Trabalhei também na área dos para-legais. Então comecei a trabalhar assim mesmo. O chefe, como andava doente, ele costumava dizer: "eu quero que aprendas tudo isto aqui, porque um dia você vai me substituir quando eu não aguentar mais, porque eu ando doente". Pronto. Comecei a fazer este trabalho. Em 2016 o coordenador da associação faleceu. Mas antes de falecer, uma semana ou duas antes, ele veio aqui. Já estava muito mal. Veio fazer muitas mudanças e disse aos membros aqui, convidou também o Fórum da Terceira Idade para vir dizer: "eu já não aguento mais, mas quem fica é a Dona Ana Marta, ela é que vai ficar a fazer o trabalho que eu fazia". Então, desde lá, eu é que estou a assegurar a associação da Hi-Phunane. Mas para eu chegar ali, começou com doença.

A dona Ana Marta apresenta uma trajetória marcada por redes de interação, formas de sociabilidade e participação comunitária, que se integrou na Associação Hi-Phunane em 2009, como resposta dos problemas de saúde. Após uma série de consultas médicas sem sucesso, foi diagnosticada com hipertensão. O médico, percebendo que a origem do problema era também emocional e social, sugeriu que ela procurasse uma machamba como forma de terapia e de reinserção na vida ativa. A princípio, Ana Marta não estava de acordo com a ideia, mas foi incentivada pelo companheiro, que reconheceu o valor da proposta como uma estratégia de terapia. Foi ele quem usou as suas próprias conexões para facilitar a entrada da esposa na Associação Hi-Phunane, mostrando como a rede familiar atuou como mediadora entre o problema pessoal e a solução comunitária. Esse momento marca o início de uma transformação importante na sua vida, com a reconstrução de sua identidade através do trabalho coletivo e da convivência com outras pessoas idosas da comunidade.

Na associação, Ana Marta integrou-se inicialmente por meio do trabalho na machamba coletiva, o que era uma prática comum para novos membros. É um espaço que exigia disciplina, mas também promove sociabilidade: às segundas e sextas-feiras, todos trabalham juntos e depois se reúnem debaixo de uma mangueira para conversar sobre a vida, os problemas e os acontecimentos do bairro. Esses encontros revelam uma forma de sociabilidade marcada pelo cuidado mútuo, pela escuta e pela construção de vínculos afetivos entre os membros. Mesmo diante de dificuldades internas e resistências por parte de algumas colegas, Ana Marta foi ganhando reconhecimento e ocupando um espaço de destaque.

A viragem na sua trajetória dentro da associação deu-se quando lhe pediram para redigir um relatório para uma visita de doadores da HelpAge. A qualidade do seu trabalho chamou a atenção do coordenador, que a convidou para ser secretária da associação. A partir daí, ela passou a ocupar uma posição de liderança e a envolver-se em diversas áreas, como saúde,

formação de ativistas, monitoria e direitos das pessoas idosas. Também passou a representar a associação em outras localidades, expandindo suas redes de interação para além do bairro de Tsalala. Em 2016, com o falecimento do coordenador, Ana Marta assume oficialmente a liderança da Associação Hi-Phunane, conforme desejo manifestado por ele pouco antes de morrer. Desde então, ela tem assegurado o funcionamento da associação, mesmo diante da escassez de recursos e do enfraquecimento de alguns apoios institucionais. A associação, contudo, continua a ser um espaço vital de solidariedade e pertença para muitas pessoas idosas.

Assim, a trajetória de Ana Marta ilustra como as redes familiares, as relações de amizade e as organizações comunitária atuam na reabilitação da vida de uma pessoa. A associação não foi apenas um local de cultivo agrícola na vida de Anana Marta, mas também um local de terapia e reinvenção. Ela transformou a dor e a crise pessoal em motor de ação coletiva, tornando-se uma referência dentro da comunidade e contribuindo ativamente para o bem-estar e a dignidade das pessoas idosas no Bairro de Tsalala.

De seguida, a forma de sociabilidade de Amélia Samuel Chipendane está ligada à sua participação na Associação Hi-Phunane. Através da sua narrativa, percebe-se que sua entrada e permanência na associação estão conectadas não apenas a acesso à produção agrícola e ao sustento, mas também a um sentido de pertença, partilha e interação com outros membros da comunidade, como narra a seguir:

> Eu faço parte da associação Hi-Phunane, que sempre nos ajudou muito, antigamente era bom, nós tínhamos machamba com muita produção, couve, tomate, alface, não havia muito sofrimento. Mas tudo mudou quando roubaram a motobomba, a machamba secou, e agora só dependemos da época da chuva (…) isso desanimou muita gente, dá preguiça de ir trabalhar porque já não é como antes (…) depois que o Vovô Massangue morreu, as coisas começaram a estragar. Ele era quem criou a associação, e desde que ele se foi, tudo caiu (…) já não temos ajuda como antigamente, antes traziam sementes, comida, amendoim, milho (...) hoje não temos nada disso. A nossa Mama, a Dona Ana Marta, também está sempre doente, já não aparece muito, e quando vem só diz "trabalhem lá". Mas a maioria de nós está doente, e cada um faz o que pode. A associação está a cair porque está sem condições, ainda por cima, agora a chuva também já não é como antes, tudo o que plantamos morreu por causa do calor, e quando veio a chuva, foi tanta que destruiu o que ainda restava. As mandioqueiras morreram, a mandioca apodreceu. Outros anos ainda colhíamos alguma coisa, mas este ano não tem nada. A água invadiu a machamba, e até hoje não sabemos se foi Deus que se zangou connosco (…) o amendoim que semeamos também não deu nada, perdemos tudo, só ficamos a ver as sementes morrerem pelo calor, por isso digo, a associação está mesmo a cair.

A dona Amelia Samuel, mostra como a forma de sociabilidade está ligada à sua participação na Associação Hi-Phunane. Através dessa narrativa, percebe-se que sua entrada e permanência na associação estão conectadas não apenas a uma necessidade prática, acesso à produção agrícola e ao sustento, mas também a um sentido de pertença, partilha e interação com outros membros da comunidade. Amélia participa da associação há vários anos e descreve o impacto que essa participação teve em sua vida. Em tempos passados, a associação era uma

fonte importante de apoio tanto material como emocional. A produção agrícola na machamba permitia uma subsistência digna: os membros colhiam couve, tomate, alface e outros produtos que abasteciam os mercados da região. A produção era constante graças ao apoio institucional, doações de sementes, alimentos e equipamentos como a motobomba de água. Além da prática agrícola, a associação funciona como um espaço de convivência, troca de experiências, solidariedade e entreajuda.

Contudo, Amélia relata com tristeza a decadência dessas condições. Após o falecimento de figuras-chave como o "Vovô Massangue", fundador da associação, e com a saúde debilitada da atual coordenadora, Dona Ana Marta, a dinâmica interna da Hi-Phunane enfraquece. Sem liderança ativa, o senso de responsabilidade coletiva diminui. As doenças que atingem muitos dos membros, juntamente com a perda da motobomba e o impacto das mudanças climáticas chuvas irregulares, calor excessivo e inundações comprometem a produção agrícola e desmotivam a participação ativa. As redes de interação vão-se tornando mais frágeis, e a forma de sociabilidade comunitária transforma-se, marcada agora mais pela memória de um passado de cooperação e fartura do que pela realidade atual de abandono e incerteza. Mesmo diante desse cenário adverso, é evidente que Amélia mantém um vínculo afetivo e identitário com a associação. Ela continua a referir-se à Hi-Phunane como "a nossa associação", revelando um sentimento de pertença persistente. A sua forma de sociabilidade é caracterizada pela valorização da coletividade, pela partilha das dificuldades e pela memória coletiva de tempos melhores. As redes de interação comunitária, embora fragilizadas, ainda existem como referências simbólicas importantes. A sua participação institucional, apesar das limitações, representa um esforço de manter vivo um espaço que antes era sinônimo de apoio mútuo, dignidade e solidariedade entre os idosos do bairro. Assim, a história de Amélia Samuel Chipendane ilustra não apenas a importância das associações comunitárias na vida das pessoas idosas, mas também como essas redes se reconfiguram diante de crises institucionais, problemas de saúde, mudanças climáticas e perdas humanas. Mesmo enfraquecidas, essas formas de sociabilidade ainda resistem, sustentadas por laços de memória, afeto e esperança de reconstrução. Na mesma sequência, a forma de sociabilidade de Dona Amélia Muamba revela-se estruturada em torno das redes de amizade, da solidariedade comunitária e da participação ativa na Associação Hi-Phunane, no bairro de Tsalala

> Eu sou membro da Associação Hi-Phunane, entrei há muito tempo quando as coisas ainda saíam bem na machamba. Fui convidada por uma amiga minha, Mamana Amélia Samuel, trabalhávamos juntas no Km-25, mas depois tiraram as machambas para construir e ficamos sem opção. Eu ia em Tenga na machamba dos meus avós, mas era muito longe e gastava muito em transporte. Pediu para me receberem na associação e me aceitaram. Quando entrei, minha vida começou a mudar, tinha produtos sem precisar ir longe. Dávamos sementes para a

> sementeira e vivíamos bem. Mesmo com calor, tínhamos água, a produção era boa, e eu já não precisava ir vender longe. As pessoas vinham aqui comprar alface, couve, mboas. Mas agora está difícil, roubaram o sistema de água e sem água nada cresce. Nem conseguimos contribuir para repor. Hoje em dia acordamos sem saber o que comer. A associação não está como antes, faltam patrocinadores, mas continuamos a trabalhar, agora dependendo da chuva. Ainda produzimos alguma coisa, quando colhemos dividimos ou vendemos e repartimos o dinheiro, até damos parte a quem não consegue trabalhar. Além da machamba, fazemos poupança. Consegui rebocar minha casa com esse dinheiro. Faço xitique com o grupo da associação de 15 em 15 dias e outro com minha vizinha semanal. A poupança é mensal, e recebemos o valor acumulado de seis em seis meses. No xitique, cada um dá 100 meticais, juntamos e dividimos por sete. Isso ajuda muito, principalmente quem está mais a precisar. Na próxima vez, outras pessoas recebem, e assim vamos nos ajudando.

A forma de sociabilidade de Dona Amélia Muamba se estrutura em redes de amizade, da solidariedade comunitária e da participação ativa na Associação Hi-Phunane. A sua entrada na associação ocorreu através do convite de uma amiga próxima, Mamana Amélia Samuel, com quem já partilhava experiências de trabalho no Km-25. Esse vínculo de amizade foi essencial para que Dona Amélia encontrasse uma nova alternativa de sustento após perder o acesso à machamba anterior. A sua integração na associação permitiu-lhe reorganizar a sua vida, principalmente na segurança alimentar. A associação transformou-se, assim, num espaço de apoio mútuo e de melhoria das condições de vida, onde não apenas se produzia alimento, mas se construíam laços de pertença e entreajuda. Contudo, com o tempo, a situação da associação declinou-se devido a fatores externos, como o roubo da motobomba que fornecia água para irrigação. Esse episódio afetou muito a produtividade da machamba e gerou frustrações entre os membros, que já não conseguiam contribuir financeiramente para recuperar a infraestrutura. A escassez de água e a irregularidade climática agravaram ainda mais a situação, afetando o bem-estar dos associados, que passaram a depender simplesmente da chuva.

Apesar das dificuldades, Dona Amélia destaca que os membros da associação continuam ativos e procuram soluções coletivas. Para além da atividade agrícola, participam em sistemas comunitários de apoio financeiro como a poupança rotativa e a xitique. Através destes mecanismos, ela conseguiu rebocar a sua casa e continuar a gerir pequenos negócios, o que demonstra uma forma de sociabilidade baseada na economia solidária. A xitique quinzenal, que organiza com membros da associação, e outro semanal, que partilha com a vizinha, reforçam os laços de confiança e apoio mútuo, tanto entre os membros da associação quanto no seio do bairro. Assim, a sociabilidade de Dona Amélia Muamba é produzida por meio de laços interpessoais (amizades), práticas de partilha (poupança e xitique) e pela pertença a uma organização comunitária que, mesmo em tempos difíceis, continua a ser uma rede essencial para a sua sobrevivência e bem-estar. A seguir, a forma de sociabilidade de Beatriz Nhone está

marcada pela sua participação na Associação Hi-Phunane, onde ela trabalha na machamba e integra um sistema de poupança comunitária com as suas colegas.

> Eu trabalho na machamba da Associação Hi-Phunane e lá faço poupança com as minhas colegas. A gente recebe o dinheiro da poupança de seis em seis meses. Quando preciso, posso pedir emprestado, mas tenho que pagar direitinho, porque se não pagar, outras pessoas ficam prejudicadas. Esse dinheiro me ajuda muito compro comida e outras coisas que planejo. Mesmo sem viver na fartura, consigo organizar a vida com as minhas filhas. Não está tudo fácil, mas também não posso dizer que está tudo difícil. O importante é planificar.

A forma de sociabilidade de Beatriz Nhone está marcada pela sua participação na Associação Hi-Phunane, onde ela trabalha na machamba e integra um sistema de poupança comunitária com as suas colegas. Essa rede de interação com outras mulheres da associação revela laços de solidariedade e apoio mútuo, fundamentais para sua organização cotidiana e sustento familiar. Através da poupança, Beatriz consegue aceder a pequenos créditos, que utiliza com responsabilidade para comprar comida e realizar planos pessoais, sempre se comprometendo a pagar para não prejudicar o grupo. Este compromisso coletivo demonstra não apenas confiança e responsabilidade mútua, mas também a existência de uma ética comunitária que rege as relações do grupo. Mesmo enfrentando limitações econômicas, Beatriz afirma que, ao lado das suas filhas, consegue planificar sua vida e garantir o essencial, mostrando resiliência e capacidade de organização familiar. Sua fala revela uma visão positiva e prática da vida, onde, mesmo sem fartura, há uma gestão consciente dos recursos e um sentimento de pertença a um grupo que se apoia mutuamente. Portanto, a sociabilidade de Beatriz se constrói na intersecção entre relações familiares (com as filhas), amizades e laços de confiança dentro da associação, e participação ativa numa estrutura comunitária que envolve trabalho, finanças solidárias e estratégias coletivas de sobrevivência. A forma de sociabilidade de Sr. Banda Alexandre revela redes de interação marcadas por vínculos familiares e pela tentativa de inserção comunitária, embora sem grande sucesso prático até ao momento, como narrado a seguir:

> (…) com o pouco material que eu tinha da confrangem, tentei pedir espaço no mercado para trabalhar, mas lá só consegue quem é forte (…) na altura diziam que os nativos de Tsalala teriam espaço, que estavam a organizar, mas no fim só alguns conseguiram bancas ou estaleiros, eu e minha esposa não conseguimos nada. Seria com esse espaço que poderíamos ter juntado com outros e fazer a vida (…) os chefes nos levaram para sermos formados lá no antigo veterinário, mas no fim só formaram, quem teve espaço foi por sorte (…) esses chefes nem eram de Tsalala, vinham de Malhampswene, e acabaram distribuindo os espaços entre eles, nós que abrimos esse mato todo aqui fomos deixados de lado, como se eles não tivessem nos encontrado já cá. Não participo em grupos de poupança, isso só acontece quando se tem uma iniciativa e base para começar (…) tentamos fazer algo entre família, marcamos que seria aqui em casa, com meus primos do Km-15, mas nunca avançou. Eu, sendo o mais velho, achei que devíamos começar por aqui, mas ficou só na conversa. A ideia era ter encontros, juntar algum dinheiro para quando surgisse uma doença ou outra dificuldade, conseguirmos resolver, mas não foi para frente. Aqui na vizinhança há grupos de poupança, mas eu nunca entrei (…)

A partir desta narrativa, entende-se que a forma de sociabilidade de Sr. Banda Alexandre revela redes de interação marcadas por vínculos familiares e pela tentativa de inserção comunitária, embora sem grande sucesso prático até ao momento. Ele expressa frustração com a exclusão de processos decisórios e de distribuição de oportunidades no seu próprio bairro, Tsalala, apesar de ser um morador antigo e nativo da zona. Em termos institucionais, não participa em associações ou grupos formais de poupança, embora tenha demonstrado vontade de integrar-se e de melhorar suas condições de vida por meio dessas iniciativas. Tentou organizar um grupo de poupança com os seus primos, planejando encontros na sua casa, já que é o mais velho da família. O objetivo era criar uma rede de apoio mútuo para enfrentar dificuldades como doenças ou outras emergências, mas a ideia não avançou. Isso mostra uma tentativa de fortalecer os laços familiares e comunitários, mesmo que limitada pela falta de adesão e continuidade. Apesar de não participar ativamente em espaços organizados, Sr. Banda tem consciência da importância das redes de ajuda e organização coletiva, o que reflete uma forma de sociabilidade baseada no desejo de pertencimento e partilha, ainda que marcada por experiências de exclusão e desapontamento, como quando não conseguiu espaço no mercado, mesmo sendo da comunidade local. Seu relato também destaca um sentimento de injustiça e desvalorização dos "nativos" de Tsalala por parte de lideranças externas, o que afeta diretamente seu senso de pertença e a sua participação ativa nas dinâmicas comunitárias. No mesmo contexto, a forma de sociabilidade do Sr. Fernando Machava é marcada por vínculos fortes com os vizinhos, um distanciamento dos familiares e uma relação limitada com instituições formais. Embora não participe de nenhuma associação comunitária, ele já foi incluído numa ação de apoio após as inundações, quando recebeu alimentos por meio de uma organização ligada à administração do bairro, a narrativa a seguir detalha:

> O que eu tenho recebido são promessas. Nas últimas chuvas, apareceu uma senhora, não sei se é Secretaria do Bairro, mas ela sempre passa aqui e vê a minha situação (…) quando houve aquela doação por causa das casas inundadas, ela me meteu lá naquela organização, fui lá levantar comida, acho que era no Shopping de Tsalala, perto da EDM. Mas nunca vieram sentar comigo, só dizem: "Havemos de vir, papá, havemos de vir". Até agora, mesmo com campanha, passam só a prometer que vão voltar, mas tempo nunca têm. Na vizinhança, graças a Deus, me ajudam muito. Tem um senhor ali na frente, é professor, é muçulmano, ele tem me ajudado muito mesmo (…) ele não espera eu ir pedir, ele mesmo embala arroz, açúcar, peixe e traz pra mim. Ele tem me ajudado. Aqui na casa branca também me ajudam, e na esquina, naquela casa de zinco, também. Me dão até dinheiro de transporte pra hospital. Se eu conseguisse resolver as coisas da segurança social, muita coisa ia melhorar, mas estou a batalhar, hei de vencer. Me falaram que já conseguiram o número do Gabriel Júnior, que ajuda muita gente. Queria que ele mandasse a equipe dele aqui ver como estou, mostrar meus documentos da segurança social que não querem pagar o que é meu. Eu não quero dinheiro dele, só que me encaminhem, que me ajudem a pagar os meses que faltam pra eu começar a receber. Dos meus irmãos… este já é o quarto ano doente e ninguém vem. Não são todos, mas nenhum aparece. Se viessem só trazer dois pacotes de massa, um quilo de farinha, eu agradecia. A minha médica sempre me diz: "Papá, não pense muito nessas coisas, senão nunca vais melhorar". E é verdade, ela até conhece aqui a minha casa, veio comigo, viu que não tenho condições. Se

> dependesse dela, mandava vir os médicos pra melhorar a minha situação. Eu não tenho mágoa dos meus irmãos, só queria que eles deixassem de pensar mal de mim. Se cometi algum erro, a doença já veio, não deviam me abandonar. Eu evito pensar nessas coisas, fico a ler meus livrinhos, escuto rádio. Não tenho antena pra ver TV, queria ver o Balanço Geral, mas não tenho como comprar antena. A prioridade é comida, o resto há de se ver. Até pedir pra comprar antena seria brincadeira.

A forma de sociabilidade do Sr. Fernando Machava é marcada por vínculos fortes com os vizinhos, um distanciamento dos familiares e uma relação limitada com instituições formais. Embora não participe de nenhuma associação comunitária, ele já foi incluído numa ação de apoio após as inundações, quando recebeu alimentos por meio de uma organização ligada à administração do bairro. No entanto, relata que, apesar das promessas frequentes de visitas e apoio por parte dessas figuras institucionais, essas intenções raramente se concretizam, o que revela uma presença institucional fraca em sua vida cotidiana. Por outro lado, a vizinhança constitui uma rede de apoio fundamental. Fernando destaca especialmente um vizinho, professor e muçulmano, que o ajuda com frequência, levando alimentos como arroz, açúcar e peixe, e até o convida para almoçar em feriados. Outros vizinhos também contribuem com dinheiro para transporte ao hospital e com apoio sempre que ele precisa. Essa solidariedade entre vizinhos mostra uma forma de sociabilidade comunitária baseada na ajuda mútua e na empatia.

Em contrapartida, o laço com a família, especialmente com os irmãos, é ausente. Há quatro anos doente, Fernando lamenta o fato de que seus irmãos não o visitam nem oferecem qualquer ajuda, mesmo sabendo das suas dificuldades. Ainda assim, ele afirma não guardar mágoas, mas gostaria que eles se aproximassem, pois sente falta do cuidado familiar. Esse abandono influencia negativamente sua saúde emocional, algo que inclusive foi notado por sua médica, que o aconselhou a não se deixar abalar pelas mágoas. Apesar das dificuldades, Fernando demonstra resiliência. Ocupa seu tempo lendo, ouvindo rádio e alimentando a esperança de que sua situação, especialmente em relação à segurança social, será resolvida. Ele menciona que conseguiram o contato de um apresentador conhecido, Gabriel Júnior, e espera que sua equipe venha conhecer sua realidade e o ajude a regularizar sua situação. Seu desejo, porém, não é pedir dinheiro, mas sim um encaminhamento justo para receber o que lhe é de direito.

Sua sociabilidade é, portanto, caracterizada por uma forte rede de apoio comunitário, ausência de suporte familiar e um esforço contínuo por dignidade e reconhecimento institucional. Mesmo em meio à precariedade, Fernando se agarra à esperança, à fé e ao cuidado que encontra entre os vizinhos. Na mesma trajetória, Sr. Gabriel Muanga compartilhou suas

experiências de sociabilidade, destacando sua participação em uma associação local e as dificuldades que enfrentou ao longo desse processo.

> Eu, Gabriel Muanga, participei numa associação aqui em Tsalala depois da calamidade do ano passado (…) o chefe de quarteirão me convidou, e eu aceitei, porque disseram que seria para ajudar as pessoas carenciadas, e eu estava precisando. No começo, falaram que a associação iria nos ajudar, até com um terreno para fazermos alguns trabalhos, como preparar carvão com restos, que nós pedíamos nas casas que vendem carvão. A gente fazia o carvão de novo e vendia perto da esquadra, mas isso não durou muito. Depois, disseram que íamos receber um empréstimo de 5000 meticais para abrir um negócio, e esse dinheiro veio mesmo (…) mas, quando fomos levantar, parte do dinheiro foi retido pelos chefes, o que desanimou a gente. No final, com a calamidade que aconteceu, não conseguimos fazer nada com o dinheiro, pois tivemos que gastar para sobreviver, comprar comida. Hoje, estou tentando pagar o que me pediram para devolver, já paguei metade, mas, assim que completar, quero sair dessa associação. Não vale a pena continuar, porque com esse valor não dá para fazer nada. O dinheiro que recebemos, que já foi diminuído, mal dá para arranjar uma banca e ainda temos que pagar transporte. Então, não vejo mais benefício, e prefiro buscar outras formas de me virar.

Na sua narrativa, o Sr. Gabriel Muanga compartilhou suas experiências de sociabilidade, destacando sua participação em uma associação local e as dificuldades que enfrentou ao longo desse processo. Ele foi convidado pelo chefe de quarteirão para fazer parte de uma associação em Tsalala, inicialmente motivado pela promessa de apoio a pessoas carentes. Aceitou o convite e se inscreveu, esperando receber ajuda para melhorar sua situação financeira. No começo, a associação prometeu organizar atividades e fornecer um espaço para que os membros pudessem trabalhar. Eles foram envolvidos na preparação de carvão a partir de restos que conseguiam nas casas que vendiam carvão. Isso acontecia duas vezes por semana, mas logo a dinâmica começou a mudar. A associação prometeu ainda um empréstimo de 5000 meticais para ajudar a abrir negócios, mas a entrega desse valor foi marcada por problemas. Quando receberam o dinheiro, perceberam que uma parte do montante foi retida pelos líderes da associação para fins próprios, o que gerou desconfiança e desânimo.

As calamidades, como as chuvas e as inundações, agravaram ainda mais a situação. Parte do dinheiro que foi recebido foi gasto com a compra de alimentos, já que a prioridade era sobreviver. A promessa de devolver do empréstimo também gerou complicações, pois o valor não foi suficiente para abrir qualquer negócio significativo, como o próprio Sr. Gabriel relatou, pois, além de montar um negócio simples, era necessário arcar com o transporte e outros custos imprevistos. Hoje, ele já pagou metade do valor que deve, mas expressa seu desejo de sair da associação assim que liquidar a dívida, visto que as dificuldades continuam.

Em termos de sociabilidade, Sr. Gabriel interage principalmente com as pessoas da sua comunidade e com amigos próximos, como o chefe de quarteirão que o incentivou a entrar na associação. No entanto, ele expressa uma certa desilusão com a associação, considerando-a ineficaz e marcada por práticas que não o beneficiaram como esperado. Além disso, ele se

mostra ciente das limitações financeiras da sua situação, que impactam diretamente sua vida, sem apoio significativo da associação. O Sr. Gabriel segue com um espírito resiliente, tentando cumprir suas obrigações financeiras e procurando maneiras de melhorar sua vida, mas de forma independente, sem a intenção de continuar na associação que considera problemática. A forma de sociabilidade do Sr. Eduardo Tembe também é marcada por sua participação ativa no futebol, tanto como dirigente quanto jogador, como narra a seguir:

> Quando saí de Matola Gare e vim morar em Tsalala, comecei a trabalhar com um campo ligado à Escola Secundária Alfredo Namitete. Eu fui dirigente desse campo até ficar doente e não conseguir mais me locomover. No início da doença, ainda tentava ir ao campo para orientar os jogadores, mas agora já não consigo. Os jogadores que treinei, assim como outros amigos com quem joguei, sempre vêm me visitar. Antigamente, jogávamos por quase toda a província, fazendo campeonatos nos finais de semana. Aqui no bairro, eu nunca fiz distinção entre as pessoas. Convivemos todos juntos, crianças, jovens, adultos e idosos. O que mais nos unia era o futebol. Aos domingos, o campo ficava cheio e eu conversava com todos. Por isso, todos me conhecem e me chamam de "Madala Tembe", não importa onde eu vá jogar.

A forma de sociabilidade do Sr. Eduardo Tembe é marcada por sua participação ativa no futebol, tanto como dirigente quanto como jogador. Quando se mudou de Matola Gare para Tsalala, ele assumiu a liderança de um campo de futebol, onde orientava jogadores e organizava campeonatos, especialmente nas finais de semana, envolvendo várias pessoas de diferentes localidades de Maputo. Seu papel no campo fez com que ele fosse muito conhecido na comunidade, recebendo o apelido de "Madala Tembe" por parte dos outros jogadores e moradores. A relação do Sr. Eduardo com as pessoas no bairro é ampla e inclusiva. Ele não se limita a interagir com uma faixa etária específica, mas convive com todas as idades: crianças, jovens, adultos e idosos. Essa sociabilidade é fortalecida pela sua experiência no futebol, onde todos se encontravam aos domingos para jogar e interagir. Além disso, o fato de ele ser um nome reconhecido por muitos faz com que as pessoas se aproximem e o tratem com respeito.

No entanto, com a sua saúde debilitada, especialmente após a doença que o impede de se locomover com facilidade, ele não consegue mais ir ao campo para orientar os jogadores, o que tem limitado a sua participação ativa nas atividades comunitárias. Apesar disso, ele mantém contato com seus amigos e jogadores antigos, que continuam a visitá-lo, demonstrando o laço forte que ele construiu ao longo dos anos através do futebol. No convívio social atual, Sr. Eduardo sente a falta de poder participar das atividades físicas que o conectavam à comunidade, mas mantém a amizade com as pessoas que ele ajudou e com quem jogou ao longo dos anos e, o campo de futebol foi, e ainda é, um ponto central em suas interações sociais.

A partir das narrativas analisadas neste capítulo, percebi que as redes de interação social das pessoas idosas são fundamentais para sua sobrevivência, bem-estar e dignidade, elas

resultam de relações familiares, laços de amizade e participação em grupos comunitários, funcionando como uma teia de apoio que atravessa diferentes dimensões da vida, desde a economia até a saúde emocional. Nessa análise notei que, para muitos idosos e idosas, a participação em associações comunitárias representa uma força vital, a Associação Hi-Phunane, por exemplo, não se limita a ser um espaço de trabalho ou de atividades, ela se transforma num lugar de terapia, resiliência e protagonismo. Ali, algumas pessoas encontram um sentido de propósito e conseguem transformar crises pessoais em energia para a ação coletiva. A associação passa a ser uma rede de proteção onde a confiança e a responsabilidade mútua orientam as relações, permitindo o acesso a mecanismos de economia solidária, como a poupança rotativa e o xitique.

Apesar disso, percebi também que essas associações enfrentam crises, muitas vezes, os problemas de saúde, a morte dos membros ou a má gestão dos recursos destinados ao grupo enfraquecem as atividades. Em alguns casos, a injustiça praticada por lideranças quando se canaliza fundos para sustentar projetos dos idosos, e desvios de fundos para fins alheios, acaba gerando desconfiança e frustração. Diante disso, alguns idosos preferem buscar caminhos mais independentes, enquanto outros insistem em resistir, apoiados pela memória coletiva e pelos laços de afeto que os unem. Ainda nos relatos que acompanhei, a amizade aparece como uma das forças mais poderosas, amigos, vizinhos e ex-colegas de atividades, como o futebol, constroem uma rede de apoio que muitas vezes se mostra mais sólida que a própria estrutura das associações. Essas relações, baseadas no cuidado e na solidariedade, são cruciais para a saúde emocional e para a sobrevivência cotidiana. Em momentos de dificuldade, são os amigos que oferecem consolo, contato humano e ajuda prática. O vínculo de amizade é tão forte que, mesmo quando a saúde limita a participação em grupos, os laços construídos ao longo da vida continuam presentes, mantendo viva a conexão entre as pessoas.

Já as relações familiares revelam um cenário mais ambíguo. Para alguns idosos, o apoio das filhas e o esforço de organização familiar aparecem como fonte de resiliência. A família, nesses casos, é um porto seguro, onde se planeja a vida e se partilham recursos. Para outros, no entanto, a família se torna motivo de dor e decepção. A ausência de apoio de irmãos em situações de doença, por exemplo, gera sentimentos de abandono e fragilidade, assim, percebe-se que a família, embora idealizada como principal espaço de cuidado, nem sempre cumpre esse papel.

O que fica evidente nos relatos é que essas interações sociais não se resumem ao apoio pessoal, elas são também uma luta por dignidade e reconhecimento. A procura por apoio institucional, o esforço para resolver questões ligadas à proteção social e o sentimento de injustiça por

não encontrar lugar na própria comunidade revelam um desejo profundo de pertencimento e de reconhecimento da própria trajetória. As narrativas analisadas no bairro de Tsalala mostram que a vida social dos idosos é um tecido complexo**,** formado pela interseção entre família, amizades e associações comunitárias. As associações oferecem estrutura, mas são os laços de amizade e a força individual de resistência que asseguram a continuidade da vida quando as instituições falham. A luta por dignidade e reconhecimento aparece como eixo central dessas experiências, orientadas pela forma como os idosos criam, mantêm e transformam suas redes de convivência.

CAPITULO 7 – Questões de gênero, religião e geração

Este capítulo estuda como gênero, religião e geração influenciam as condições de vida, expectativas e desafios enfrentados pelas pessoas idosas no Bairro de Tsalala. O gênero aparece como um eixo estruturante das experiências de envelhecimento, influenciando tanto as responsabilidades cotidianas quanto as formas de resistência e reinvenção de papéis sociais. Entre os homens, observamos uma redefinição das masculinidades. Jossias Azarias, apresenta um envelhecimento que rompe com o modelo do provedor exclusivo, vivenciando uma relação de interdependência e parceria doméstica com a esposa. Ao falar em termos coletivos:

> Nós (os dois) fazemos tudo juntos aqui em casa (…) não há que dizer que isto é dela … isto é meu (…) durante a semana ainda vou lá no município trabalhar, mas no fim de semana fico mesmo em casa. Eu e minha mulher fazemos tudo juntos (…) eu também cozinho, varro, limpo onde for preciso. Homem também tem que saber cuidar da casa, né? Antes eu pensava que homem bom era só o que trazia dinheiro, mas agora já vejo diferente (…).

A narrativa apresentada por Sr. Jossias, aponta uma dinâmica de parceria conjugal na velhice, marcada pela interdependência nas atividades, há também uma sutil ruptura com o modelo masculino provedor, ao relatar uma rotina mais doméstica, o que me leva a pensar sobre as redefinições das masculinidades na velhice.

Sr. Banda vai além, assumindo de forma consciente tarefas domésticas, como varrer e organizar a casa, numa postura crítica à superioridade masculina e de solidariedade com a dupla jornada da mulher, ao afirmar que "*Eu não posso lhe deixar sobrecarregada do trabalho alegando que é uma mulher...*" Ele compreende que essa lógica é injusta e busca romper com essa naturalização da sobreposição de tarefas femininas no lar. Além disso, reconhece e valoriza o trabalho produtivo da esposa fora de casa, especialmente no mercado informal, onde ela enfrenta dificuldades e longas jornadas a busca de pão para a revenda, de modo garantir o sustento da família. Essa valorização do esforço feminino ultrapassa o espaço doméstico, destacando a importância das mulheres também na economia familiar e comunitária. Ao mesmo tempo, Sr. Banda demonstra consciência da jornada dupla enfrentada por sua esposa e atua de forma solidária e prática: assume tarefas domésticas sem esperar por ela, contribuindo para o equilíbrio da vida familiar. Sua postura revela uma masculinidade responsável, que busca justiça e colaboração no cotidiano conjugal.

Gabriel, por sua vez, expressa uma masculinidade marcada pela vulnerabilidade extrema. Sua trajetória de abandono, solidão e luta pela sobrevivência desconstrói o ideal de força e autossuficiência associado ao masculino, revelando uma outra forma de ser homem na velhice: solitário, economicamente frágil, mas também espiritualmente forte e criativo. Na sua

narrativa "*Chega um tempo que é difícil para mim, tudo eu devo fazer sozinho, esta mesma mão é que deve fazer tudo, não tenho companheira (...) devo acordar, varrer a casa, regar a machamba, fazer canteiros, e o dia fica pouco, se fosses dois, as coisas iriam ser melhor (...)"*Sr, Gabriel me ajuda compreender a ruptura dos papéis tradicionais atribuídos aos homens idosos. Tradicionalmente, no imaginário de gênero, espera-se que o trabalho doméstico e de cuidado (como limpar a casa, preparar alimentos, organizar a vida cotidiana) seja responsabilidade das mulheres. Já dos homens se espera que sejam provedores externos, cuidando do sustento material, mas não necessariamente das tarefas internas da casa. Quando Gabriel fala da sobrecarga de ter que "fazer tudo sozinho", ele está, de forma implícita, enfrentando o colapso dessa divisão de papéis tradicionais. A ausência de uma companheira que, nas normas convencionais de gênero, seria quem "naturalmente" cuidaria da casa, o coloca em uma posição de vulnerabilidade emocional, prática e simbólica: ele precisa assumir tarefas que, culturalmente, foram desvalorizadas e atribuídas ao feminino.

Além disso, Gabriel expressa um sentimento de solidão e de insuficiência: a percepção de que "o dia fica pouco" mostra que o trabalho da sobrevivência cotidiana é pesado e difícil de ser feito sozinho. A frase *"se fosses dois, as coisas iriam ser melhor"* traz a ideia de que o envelhecimento solitário não apenas agrava as dificuldades materiais, mas também anula um modo tradicional de organização da vida baseado em parcerias de gênero. Assim, a narrativa de Gabriel mostra como, na velhice, os homens podem ser forçados a assumir práticas historicamente femininas, revelando tanto a fragilidade da masculinidade tradicional quanto a necessidade de reinventar formas de ser e sobreviver para além das normas de gênero. Sr. Fernando, de maneira mais discreta, revela uma masculinidade menos rígida, aberta ao cuidado e ao apoio mútuo, reconhecendo a necessidade de ajuda e a importância da convivência no grupo dos Calebes da sua igreja Universal, onde recebe apoio e acompanhamento.

Nas experiências femininas, a questão de gênero aparece de maneira ainda mais explícita na sobrecarga de trabalho e nas estratégias de resistência. Dona Marcela Murore ilustra a realidade de muitas mulheres idosas que acumulam as funções de trabalhadora, cuidadora de crianças e responsável pela manutenção do lar, num contexto de abandono e insegurança alimentar. *Aqui em casa, moro com minhas sobrinhas, que são filhas das minhas filhas. Uma das minhas filhas tá na África do Sul com o marido, não ajudam de nada (...) eu aposto mesmo é na machamba.* No relato de Dona Marcela, a questão de gênero se manifesta de forma forte na sobrecarga de responsabilidades e na ausência de apoio familiar. Como mulher idosa, ela não apenas enfrenta a necessidade de garantir sua própria subsistência, mas também assume o cuidado de suas netas, numa lógica de continuidade do trabalho doméstico

e afetivo que recai historicamente sobre as mulheres. Assim, sua história revela que o gênero estrutura as expectativas sociais, impondo às mulheres idosas a continuidade do trabalho invisível e da responsabilidade pelo sustento familiar, enquanto elas desenvolvem estratégias silenciosas de resistência e sobrevivência.

Já Dona Beatriz Nhone revela um envelhecimento marcado pela liderança e autonomia, especialmente no âmbito familiar. Sua presença firme orienta a convivência com as filhas e a netos, organizando a rotina da casa e tomando decisões do dia a dia. Como se observa no excerto a seguir, sua voz é escutada e respeitada, refletindo uma forma de autoridade construída na experiência vivida no cotidiano.

> Meus filhos e sobrinhos sabem: aqui em casa não tem pai nem irmão, sou eu que tomo conta de tudo. Quando tem que conversar, acordo cedo e chamo pra conversar. Eu acredito muito na força da palavra. Aqui nunca precisou polícia por causa de briga. Com a pensão e o dinheiro que ganho, faço minhas coisinhas, fico feliz, e também ajudo minhas filhas e netos.

A sua história evidencia de maneira clara como as desigualdades de gênero atravessam o envelhecimento. Em um contexto de ausência de figuras masculinas na família, Dona Beatriz assume integralmente a gestão econômica, afetiva e moral da casa, rompendo com a expectativa tradicional de dependência feminina na velhice. Sua fala "*aqui em casa não tem pai nem irmão, sou eu que tomo conta de tudo*" revela a autonomia conquistada e a liderança exercida, características que historicamente eram atribuídas aos homens. Ao administrar a pensão, apoiar filhas e netos, manter a paz doméstica através do diálogo e da autoridade moral, Dona Beatriz exemplifica como as mulheres idosas, mesmo diante de perdas e dificuldades, continuam a carregar o peso da responsabilidade familiar, mas também reinventam seu lugar social. Sua trajetória mostra que, embora o envelhecimento possa intensificar as desigualdades de gênero, ampliando a sobrecarga de trabalho e o papel de cuidadora, ele também pode ser vivido como espaço de afirmação de força, sabedoria e protagonismo feminino. Dona Beatriz, assim, reconfigura as normas de gênero ao exercer autoridade, autonomia econômica e mediação social na velhice, demonstrando a potência transformadora das mulheres idosas frente às adversidades.

O gênero surge como eixo central na forma como homens e mulheres vivem o envelhecimento. Entre os homens, percebi uma ruptura com os papéis tradicionais de provedor e chefe de família. Alguns assumem tarefas domésticas, valorizam o trabalho das esposas e compartilham responsabilidades, rompendo com a ideia de que essas atividades pertencem apenas às mulheres. Outros vivem a solidão e a vulnerabilidade, precisando cuidar de tudo sozinhos, o que desmonta a visão do homem autossuficiente, outros por sua vez, constrói uma masculinidade baseada no apoio mútuo e na convivência comunitária. Nas experiências

femininas, o peso do gênero é ainda mais evidente. Muitas mulheres idosas acumulam trabalho na machamba, cuidados domésticos e a responsabilidade por netos, refletindo uma sobrecarga histórica. Outras, demonstram força e autonomia ao liderar a família, administrar recursos, mediar conflitos e garantir a sobrevivência dos filhos, rompendo com a expectativa de dependência feminina. Essas histórias mostram que o envelhecimento revela desigualdades de gênero, mas também abre espaço para a reconfiguração das identidades. Os homens precisam reinventar seu papel diante da perda da centralidade tradicional, enquanto as mulheres afirmam autoridade e protagonismo, construindo novas formas de viver e organizar a vida na velhice.

A religião emerge como espaço de construção de sentido, crítica social e fortalecimento comunitário. Seja como memória afetiva, prática de solidariedade ou campo de disputa moral, a fé ocupa lugar central nas trajetórias, influenciando a resiliência e a reorganização subjetiva dos idosos. As narrativas dos parceiros desta pesquisa revelam como a religião influencia as condições de vida, as expectativas sociais e os desafios enfrentados pelas pessoas idosas, especialmente em contextos de migração, vulnerabilidade e transformação social. A experiência religiosa do Sr. Jossias exemplifica como a fé se constrói ao longo da vida e atravessa diferentes contextos socioculturais. Sua religiosidade se manifesta como uma vivência forjada na migração e na vida urbana. Ele afirma que *"na nossa terra não tinha isso de ir rezar em nenhuma igreja"*, o que indica uma mudança significativa na sua visão de mundo após chegar a Maputo. A prática religiosa, especialmente vinculada à Igreja Zione[14], é descrita como uma aprendizagem adquirida em contexto urbano, o que revela como a fé pode ser um marcador identitário construído no trânsito entre territórios. Em sua terra natal, a ausência de práticas religiosas formais marcava seu horizonte espiritual, mas ao migrar para Maputo, ele adere à Igreja Zione, em um processo de aprendizagem urbana que também é uma forma de adaptação cultural. Sr. Banda, por outro lado, oferece um olhar crítico sobre a trajetória das igrejas. *"Na igreja se você não conseguir aproximar ao pastor com um dinheiro que basta... você vai manter no mesmo lugar... já são colocados versículos da bíblia que humilham os que não conseguem."* Seu relato denuncia a transformação da prática religiosa em uma lógica marcada pela mercantilização e pela exclusão dos mais pobres, contrastando com a vivência

[14] Igrejas Zione - são expressões do cristianismo afrocristão que se afirmaram em Moçambique como espaços de solidariedade comunitária, sobretudo durante períodos de crise, como a guerra civil e a seca. Elas oferecem apoio espiritual e material às populações vulneráveis, promovendo curas, acolhimento e reconstrução social. Embora se diferenciem dos cultos tradicionais por invocarem o Espírito Santo em vez dos espíritos dos antepassados, incorporam práticas locais e funcionam como mecanismos de recomposição dos laços sociais. Mesmo marginalizadas institucionalmente, exercem papel relevante na estruturação comunitária, sendo reconhecidas por sua forte capacidade de resposta às adversidades (Cruz e Silva, 2002).

de fé simples, comunitária e acolhedora que conheceu no passado. Essa crítica aparece de forma clara no excerto a seguir, onde expressa sua indignação diante das mudanças nas igrejas e da perda dos valores que antes orientavam a espiritualidade em sua comunidade.

> No tempo antigo, igreja era lugar de oração mesmo, lugar de ensinar a Bíblia, de ajudar o próximo. Igrejas como a Zione, Católica, Metodista Unida, Israel (...) essas eram igrejas de verdade. Agora não, agora virou negócio. Usam a Bíblia para humilhar quem é pobre, para tirar dinheiro das pessoas. Em vez de acolher, excluem. Eu fico triste de ver isso, porque a igreja devia ser casa de Deus, casa de respeito, e não esse negócio que virou hoje.

Sua crítica não rejeita a religiosidade, mas busca resgatar sua autenticidade, protestando contra o uso da Bíblia como instrumento de humilhação social e reafirmando a necessidade de uma fé enraizada nos valores de solidariedade e respeito. Para ele, a religião é também um campo de disputa moral, onde a dignidade dos pobres deve ser protegida. Já Sr. Fernando apresenta uma vivência positiva da religiosidade institucional através do grupo dos Calebes na Igreja Universal do Reino de Deus. Sua experiência demonstra como a igreja pode se transformar em uma rede de proteção concreta para idosos vulneráveis, oferecendo apoio material, visitas, transporte e fortalecimento comunitário. A fé, nesse caso, se expressa por meio da prática solidária, promovendo inclusão e reforçando a identidade coletiva na velhice. Ao defender a importância da participação ativa nos grupos religiosos, Fernando reposiciona a fé não apenas como crença individual, mas como prática comunitária que garante suporte emocional e material.

A história de Gabriel, por sua vez, revela uma trajetória singular de religiosidade crítica e autodidata. Ao se envolver com a Igreja Adventista do Sétimo Dia, Gabriel busca coerência doutrinária e verdade espiritual, rejeitando práticas que considera sincréticas ou inconsistentes. Sua adesão é fruto de uma escolha consciente e investigativa, em que a fé se torna uma ferramenta ativa de reorganização da vida, estabelecida em princípios claros e em uma busca pessoal por dignidade e retidão. Para Gabriel, a religião não é apenas um espaço de proteção social, mas um projeto de reinvenção subjetiva diante das experiências de abandono e exclusão.

Essas diferentes trajetórias mostram que a religião, longe de ser um elemento fixo ou homogêneo, atravessa a velhice como um marcador identitário dinâmico. Ela influencia não apenas as crenças, mas também as formas de sociabilidade, os modos de resistência e as estratégias de enfrentamento das dificuldades cotidianas. Para alguns idosos, a fé oferece acolhimento e proteção prática; para outros, é espaço de crítica e reivindicação moral; para outros ainda, torna-se um caminho pessoal de reconstrução existencial. Em todos os casos, a religião emerge como um elemento central na maneira como as pessoas idosas interpretam, enfrentam e ressignificam suas vidas no envelhecimento.

No caso das crenças tradicionais, mesmo com os poucos relatos que apresentamos, é possível perceber um campo complexo de tensões entre as religiões cristãs e os saberes espirituais locais. Essas tensões aparecem de forma marcante nos depoimentos que revelam conflitos, adaptações e novas interpretações entre o cristianismo e as crenças tradicionais. Embora essas questões nem sempre façam parte do cotidiano atual das pessoas, elas continuam vivas na memória e nos ajudam a compreender o papel das crenças tradicionais em sociedades moçambicanas.

Um exemplo dessa complexidade aparece no relato do Sr. Gabriel Muianga, que conta uma experiência vivida por sua família, marcada por perdas, sofrimento e disputas de sentido entre o curandeirismo e a fé cristã. Essa vivência, carregada de dor e de interpretações espirituais diferentes, aparece no excerto a seguir e mostra os conflitos e tensões que atravessam sua trajetória no campo religioso.

> (…) os meus pais também foram agricultores e criadores de gado, junto com o meu avô. Mas, com o tempo, acabámos perdendo aquele gado (…) as coisas começaram a estragar-se (…) uma das principais razões da nossa crise, naquela altura, foi o problema do obscurantismo, ou melhor dizendo, do curandeirismo. É que nós pertencíamos à Igreja Católica... aliás, à Igreja Católica Anglicana. E nessa igreja há aquela Lei do Êxodo 20, onde o "Senhor, criador dos céus e da Terra, se identifica e dá orientações ao povo de Israel". Nós, os modernos, os crentes, entendíamos que éramos os Israelitas de hoje. Como os meus avôs eram pregadores na igreja anglicana, seguiam essa lei à risca. Mas houve um momento em que foram traídos pelos irmãos, que diziam que não tinham sorte, que a vida não andava. Eles convenceram o meu avô a fazer uma espécie de missa (missa – se refere há cerimônia tradicional), um trabalho espiritual. Acabaram por convidar curandeiros para fazer esse ritual. Mataram bois, reuniram a família toda. E foi aí que começaram os problemas. Ainda durante esse encontro, naquela mesma noite, houve um acidente. O meu irmão, que vinha logo a seguir a mim, foi ferido na testa com uma mordida, enquanto brincava com a nossa tia. Tudo isso aconteceu poucas horas depois de o trabalho dos curandeiros ter começado. Começaram a ouvir-se barulhos estranhos, gritos (...) diziam que eram demônios que se estavam a manifestar (…) os demónios nos perseguiam, ficámos tão assustados que fugimos de casa e fomos dormir no mato. Escondemo-nos numa mata ali perto. Como era um grupo de curandeiros grande, houve até conflito entre eles, uns batiam-se contra os outros. Depois de algum tempo, quando viram que o ambiente tinha acalmado, começaram a nos chamar, e nós fomos saindo, devagar, do mato para voltar para casa. Na manhã seguinte, levaram o meu irmão para o hospital, porque a testa estava rachada com o ferimento. Antes de completar uma semana, o meu avô adoeceu seriamente. A doença foi muito pesada, e ele acabou por morrer. Um mês depois, faleceu. Depois disso, as coisas pioraram, o gado já começava a desaparecer, e aí começou também uma perseguição por parte dos chefes da terra (…) esse foi um período muito difícil.

O relato do Sr. Gabriel mostra uma experiência marcada por tensões e negociações entre diferentes crenças, especialmente entre o cristianismo e as cosmologias africanas tradicionais. Embora ele se identifique como membro da Igreja Católica Anglicana e use referências bíblicas, como a Lei do Êxodo 20, para justificar o afastamento do curandeirismo, sua narrativa também traz elementos ligados às práticas espirituais africanas. Ao contar sobre a perda do gado e as dificuldades da família, ele atribui a crise ao curandeirismo, mas, ao mesmo tempo,

revela que sua própria família recorreu a um ritual tradicional, com curandeiros, sacrifício de bois e a participação da comunidade. Esse ritual mostra que, mesmo com a força do discurso cristão, as crenças tradicionais ainda ganham espaço em momentos de dor e vulnerabilidade.

O uso de termos como "demónios" para descrever fenômenos espirituais no ritual, junto ao relato de possessões, acidentes e doenças, mostra uma interpretação cristã de experiências que, dentro das cosmologias africanas, seriam entendidas como a ação de forças ancestrais, espíritos insatisfeitos ou sinais de desequilíbrio espiritual. Já a referência a conflitos entre grupos de curandeiros envolvidos no ritual revela a complexidade do campo espiritual tradicional, marcado por hierarquias, rivalidades e lógicas próprias.

Dessa forma, o relato do Sr. Gabriel não apenas documenta uma experiência pessoal e familiar, mas também revela uma dinâmica ampla de hibridismo religioso, onde diferentes sistemas de sentido convivem, se interpenetram e se disputam no cotidiano das pessoas. O que se observa não é a ausência de crenças cosmológicas africanas, mas sim sua presença ativa, embora em constante tensão com os valores e prescrições das religiões missionárias. Trata-se, portanto, de um terreno fértil para a análise antropológica das formas de religiosidade e das cosmologias em contextos pós-coloniais africanos, onde a modernidade, a tradição e a fé dialogam em permanente movimento.

Essa tensão também aparece no testemunho do Sr. Eduardo Tembe, que conta sua trajetória entre a prática ancestral do curandeirismo e a posterior conversão à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Seu relato ajuda a compreender as rupturas e continuidades que marcam a vida religiosa de muitos idosos em Moçambique. Ele descreve as experiências pessoais e familiares que o levaram a deixar os saberes transmitidos por sua avó curandeira para seguir uma nova fé. Hoje, mesmo sem conseguir ir à igreja por causa das dificuldades de locomoção, mantém sua adesão espiritual com firmeza. No trecho a seguir, ele próprio conduz esse percurso de transformação e escolha.

> Eu fui curandeiro, tive esse dom da minha avó, que foi rejeitada pela família por acharem que era feiticeira. Cuidei dela até sua morte, e depois disso comecei a ter visões (…) via plantas medicinais na floresta, recebia sinais durante a noite (…) até me tornar um grande curandeiro (…) ajudava muitas pessoas, inclusive outros curandeiros, e nunca fixei preço pelo tratamento (…) o curandeiro, para mim, era como um médico (…) fazia consulta, identificava o problema e indicava o remédio. Hoje, o que vejo não é curandeirismo verdadeiro. Há muita gente a enganar o povo, usando publicidade, falsas cobras, banhos na casa de banho (…) estão a roubar dos mais pobres. Não têm conhecimento, nem ligação espiritual, é tudo inventado. Esses "curandeiros de cidade" fazem mal às pessoas, porque usam rituais falsos, sem raiz, sem floresta, sem tradição. Eu deixei o curandeirismo quando minha esposa adoeceu gravemente e quase se enforcou. Os tratamentos não ajudavam, meus filhos também adoeciam, até que ela foi curada numa oração da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ali percebi que havia algo mais forte. Entreguei tudo à igreja: colares, pulseiras, tudo que me ligava ao

> curandeirismo. Sofri muito no início (…) perdi clientes, fiquei mal (…) mas insisti no caminho de Jesus. Um ano depois, as coisas começaram a melhorar. Hoje, não pratico mais, mas conheço muitos remédios e sei que o verdadeiro curandeirismo existiu. Infelizmente, os mais jovens usam esses conhecimentos apenas para ganhar dinheiro, criando desgraça na vida dos outros (…)

O depoimento de Eduardo Tembe é uma fonte importante para entender as relações entre saberes tradicionais, religiosidade, envelhecimento e mudanças sociais em Moçambique. Sua história mostra tensões entre o passado e o presente, entre o curandeirismo herdado da família e o que ele chama de práticas "falsas" ou "mercantilizadas" dos curandeiros de hoje. Eduardo critica a transformação do curandeirismo em negócio, afastado de sua origem espiritual e do vínculo com a comunidade. Para ele, o verdadeiro curandeiro não cobra preço fixo. Atua como um médico tradicional: escuta, consulta os espíritos e orienta tratamentos a partir de um saber sagrado. Já os curandeiros atuais, principalmente os que se anunciam nas redes sociais, seriam oportunistas que usam de forma superficial esses conhecimentos para explorar financeiramente as pessoas. Ele diz ainda que alguns chegam a forjar poderes, como criar cobras domesticadas para enganar a população e simular força espiritual.

Essa crítica à perda de autenticidade está ligada à sua experiência pessoal de conversão religiosa. Após vivenciar momentos intensos de sofrimento familiar, com doenças persistentes da esposa e dos filhos, Eduardo abandona o curandeirismo e adere à fé adventista do sétimo dia. Esse processo de conversão marca uma ruptura simbólica e ontológica com sua vida anterior. Ao entregar seus colares e pulseiras à igreja, ele renuncia publicamente aos poderes herdados de sua avó curandeira, reinterpretando sua prática anterior como associada ao mal e à ação demoníaca. Essa mudança de perspetiva revela não apenas um realinhamento espiritual, mas também uma profunda transformação identitária. O que antes era fonte de prestígio e função comunitária passa a ser lido como fonte de sofrimento, culpa e ameaça.

Do ponto de vista antropológico, a trajetória de Eduardo pode ser entendida dentro dos estudos sobre a religiosidade contemporânea na África, especialmente no contexto da expansão das igrejas evangélicas e pentecostais. Essas igrejas costumam romper com práticas tradicionais, muitas vezes reinterpretando-as como expressões demoníacas. Birgit Meyer e colaboradores (2003), em *Magic and Modernity: Interfaces of Revelation and Concealment*, analisam esse processo como parte de uma transformação das formas de mediação espiritual na modernidade. Citada por Carly Machado (2025) na revista *Religião e Sociedade*, essa reflexão mostra como diferentes "economias religiosas" disputam legitimidade espiritual e moral, buscando controlar corpos, crenças e destinos individuais e coletivos. No caso de Eduardo, essa disputa também assume um carácter geracional. Ele se coloca como guardião de

um saber legítimo, herdado e vivido, enquanto critica os "miúdos de agora", que, segundo ele, perderam a dimensão espiritual e transformaram o curandeirismo em prática motivada apenas pela ganância.

Sua narrativa expressa, portanto, uma memória geracional em confronto com os valores emergentes da modernidade urbana. Eduardo lamenta a perda da conexão com o território, com o mato, com as raízes espirituais que, segundo ele, dão poder verdadeiro ao curandeiro. Ao afirmar que "o medicamento morreu na cidade", ele denuncia a deslocação simbólica e espiritual que caracteriza a vida urbana, onde o sagrado se dissolve na lógica do mercado. Esse sentimento de perda está relacionado também à sua posição como pessoa idosa, que vê seus saberes desvalorizados ou até condenados, e que enfrenta um processo de marginalização epistêmica em um mundo que já não reconhece a autoridade dos antigos.

No entanto, mesmo tendo abandonado a prática, Eduardo demonstra ainda grande domínio e conhecimento das medicinas tradicionais, das plantas, dos rituais, dos efeitos de diferentes ingredientes espirituais. Isso revela a persistência de uma memória viva, que continua a habitar seu corpo e sua fala, ainda que reinterpretada à luz da sua nova fé. A tensão entre o saber tradicional e a nova religiosidade é, nesse sentido, constitutiva de sua subjetividade. Seu testemunho nos convida a refletir sobre como os processos de envelhecimento, conversão religiosa e transformação sociocultural se entrelaçam, produzindo trajetórias marcadas por rupturas, reinterpretações e disputas simbólicas.

O caso de Eduardo Tembe ilustra igualmente as dificuldades enfrentadas por muitos idosos em contextos urbanos africanos, onde suas práticas, saberes e posições sociais são frequentemente deslegitimadas. O curandeirismo, enquanto prática relacional e espiritual, é atravessado por disputas de poder, moralidade e pertencimento, e a experiência de Eduardo evidencia como essas disputas afetam a vida daqueles que, como ele, foram formados em uma lógica ancestral de cuidado e espiritualidade, mas vivem agora em um mundo marcado pela descontinuidade, pelo ceticismo e pela emergência de novos regimes de verdade. Trata-se, portanto, de um depoimento que nos ajuda a compreender não apenas a figura do curandeiro em transformação, mas também os desafios do envelhecimento e da busca por sentido e reconhecimento em tempos de profundas mudanças sociais.

Na dimensão geracional, as histórias de vida dos idosos mostram como o envelhecimento afeta expectativas, desafios e modos de viver em contextos urbanos periféricos. A trajetória de Dona Ana Marta da Costa é um bom exemplo disso, pois traz a memória viva da transformação do "mato" em espaço habitado e comunitário. No trecho a

seguir, ela conta como participou desse processo, ajudando a reconstruir o lugar e a vida ao longo dos anos.

> Quando cheguei aqui no Tsalala, isto tudo era mato, ninguém vivia aqui. O município estava começando a fazer o parcelamento dos terrenos, e as habitações eram distantes e dispersas. Nós é que fundamos este bairro. Vi todos que hoje vivem aqui chegar e construir. De 2005 para cá começaram a aparecer muitas pessoas, e agora é um bairro muito habitado.

Sua trajetória, marcada por ruturas familiares, deslocamentos forçados e a constante busca por estabilidade, evidencia as tensões intergeracionais em torno da moradia e da autonomia na velhice. Essas questões ganham forma no excerto a seguir, onde Dona Ana Marta compartilha, em suas próprias palavras, os desafios enfrentados para manter seu espaço e sua independência diante das mudanças familiares e sociais.

> Vim para Tsalala com meu marido e filhos depois de muitos conflitos com meu pai, que havia nos deixado morar em seu prédio em Maputo. Para fugir daquela situação, nos mudamos para a Matola-Rio, onde uma conhecida prometeu nos ceder um pedaço de terreno. Levamos nossas chapas, montamos uma casa e começamos a viver, mas logo percebemos que ela apenas queria que zelássemos por sua propriedade. Quando o terreno foi vendido sem aviso, ficamos desamparados e iniciamos uma nova busca. Eu frequentava o Conselho Municipal da Matola em busca de um espaço. Um dia, meu marido reencontrou um antigo colega, então diretor da Vereação de Ordenamento Territorial. Depois de conversarem, ele nos ajudou, e, com perseverança, conseguimos o terreno onde hoje vivemos."

A narrativa de Dona Ana Marta da Costa revela de forma clara as experiências da geração fundadora dos bairros periféricos urbanos, marcada pelo deslocamento, pela conquista da moradia e pela construção de pertencimento. Sua história mostra como, diante da falta de políticas públicas de habitação e da fragilidade dos vínculos familiares, ela precisou recorrer a redes informais de apoio e a estratégias próprias para garantir acesso à terra e estabilidade residencial. Os conflitos com o pai impulsionaram sua busca por autonomia e pela própria casa, que se tornou símbolo de independência e dignidade. Ao confiar em conhecidos para superar a ruptura familiar, Dona Ana Marta enfrentou novas dificuldades: promessas não cumpridas e instabilidade reforçaram a precariedade estrutural vivida por muitos jovens na época, quando lutavam para conquistar seu espaço na cidade.

A superação desse ciclo de incertezas, por meio da articulação com antigos laços, como o reencontro com o colega do marido, mostra a capacidade dessa geração de agir estrategicamente mesmo diante de instituições frágeis. A paciência e a persistência destacadas por Dona Ana Marta refletem valores compartilhados entre os pioneiros dos bairros periféricos: a luta silenciosa, a resiliência cotidiana e a construção do bairro "com as próprias mãos". Essas experiências moldaram profundamente o sentido de pertencimento e a identidade social da comunidade. Assim, a história de Dona Ana Marta revela não apenas a luta pela moradia, mas

também como sua geração deixou registrada no território a memória de resistência, fundação e transformação dos espaços urbanos que hoje se consolidaram.

Similarmente, a trajetória de Dona Amélia Samuel ilumina a experiência da geração marcada pela guerra dos 16 anos e o deslocamento forçado. Sua migração para Maputo, após buscar refúgio em Inharrime, evidencia os limites da solidariedade familiar em tempos de escassez e o desejo intenso por autonomia. A chegada a Tsalala e a obtenção de terra através da confiança e da solidariedade mostram como o pertencimento era estruturado na responsabilidade social, não no poder econômico. Contudo, a mudança contemporânea, com a mercantilização da terra, trouxe sentimentos de perda e um choque de valores para sua geração, que viveu um tempo em que o espaço era um bem comum.

Sr. Jossias também vivenciou a migração forçada da guerra, experimentando a transição do mundo rural para o urbano. Sua narrativa ressalta não apenas as mudanças espaciais, mas também as transformações religiosas e comunitárias. Se antes a solidariedade e a confiança mútua estruturavam as relações, hoje ele observa uma sociedade marcada pela lógica do dinheiro e pela dissolução dos antigos laços. Para ele, envelhecer é viver a memória ativa da transformação, onde fé, valores e práticas sociais foram profundamente reconfigurados.

A história de Dona Amélia Muamba reforça a importância dos laços comunitários em tempos de guerra. Ao fugir da violência dos "Matsangas" e receber apoio para se estabelecer em Tsalala, Dona Amélia viveu a solidariedade como elemento fundador da vida comunitária. Seu papel como mulher provedora, cultivando alimentos para o sustento da família, revela a força invisibilizada das mulheres da sua geração. Sua memória coletiva é de reconstrução e cuidado, em contraste com o atual predomínio do individualismo e da mercantilização do espaço urbano.

Dona Beatriz Nhone, por sua vez, ilustra a resistência silenciosa das mulheres que enfrentaram abandono conjugal, perdas de filhos e instabilidade material. Ela construiu com esforço a própria casa, enfrentando a informalidade fundiária e a ausência de suporte jurídico. Através de seu testemunho, fica evidente o papel central das redes de apoio e a importância da mediação afetiva. Seu envelhecimento é vivido como liderança silenciosa, sabedoria prática e capacidade de se reorganizar cotidianamente, enfrentando as adversidades com dignidade. Ela reconhece que os tempos mudaram e acredita na força da palavra e do diálogo para orientar as novas gerações, sem impor o peso das dores passadas.

A vida de Marcela Murore traz à tona a dor profunda da geração de mulheres marcadas pela guerra e pela violência patriarcal. Após a morte do marido, forçada a se casar com o cunhado e estigmatizada por suposta relação com um comandante dos Matsangas, Marcela

viveu abusos e deslocamentos constantes. Sua trajetória expõe a dupla violência sofrida pelas mulheres: a física e a simbólica. Hoje, Marcela vive com medo e solidão, evidenciando que para sua geração a guerra nunca terminou completamente, pois os traumas sociais e emocionais continuam a assombrar sua vida.

Sr. Banda Alexandre representa uma geração diretamente moldada pela opressão colonial. Nascido em 1953, ele enfrentou o trabalho forçado nas minas sul-africanas, o medo da repressão da PIDE, e de participar dos processos de luta pela independência. Para ele, a terra e o trabalho agrícola são expressões de resistência, autonomia e dignidade, num gesto político de resgate da identidade camponesa.

Por outro lado, Sr. Fernando pertence à geração que construiu os bairros periféricos no pós-guerra civil, enfrentando a escassez urbana e a ausência de políticas públicas. Ao chegar a Tsalala, viu-se diante do desafio de criar infraestrutura a partir do nada, simbolizando o esforço coletivo dessa geração. Apesar das dificuldades, ele mantém uma visão menos nostálgica e mais conciliadora, valorizando as melhorias como a chegada de eletricidade e água, e reconhecendo qualidades positivas nas novas gerações.

A experiência do Sr. Gabriel revela as duras condições daqueles que envelheceram à margem das redes familiares e institucionais. Sua trajetória de vida, marcada por anos nas ruas e rejeição social, reflete o impacto da precarização urbana e a exclusão de corpos "envelhecentes" que não se encaixam nos padrões tradicionais de comunidade ou produtividade. Mesmo estabilizado em Tsalala, Gabriel sente a persistente sensação de não pertencimento. Sua trajetória mostra a complexidade da geração que sofreu deslocamento forçado tanto pela guerra quanto pela urbanização. Sua história é marcada pela esperança nas promessas do Estado, mas também pela frustração diante do não cumprimento dessas promessas, como a dificuldade de acesso ao DUAT e à segurança fundiária. Seu relato expressa a tensão constante entre a memória da luta e a realidade da insegurança territorial, que afeta a velhice das populações periféricas.

Os idosos no bairro de Tsalala em Moçambique refletem a experiência de geração diante de deslocamentos, guerras, ausência de políticas públicas e precariedade social. As histórias revelam a construção da moradia, a busca por autonomia, o pertencimento comunitário e a sobrevivência em contextos de fragilidade institucional. As mulheres mostram força, cuidado e solidariedade, enquanto os homens destacam resistência, trabalho e consolidação do território. As narrativas expõem tensões entre gerações, transformações sociais e religiosas, e a luta contínua por dignidade, memória e estabilidade na velhice. O

capítulo evidencia como diferentes gerações interagem, influenciam-se mutuamente e moldam o espaço urbano e comunitário ao longo do tempo.

No Bairro de Tsalala, as condições de vida, expectativas e desafios enfrentados pelos idosos encontram sua influência no gênero, na religião e geração. No campo de gênero, entre os homens, alguns rompem com os papéis tradicionais de provedor e chefe de família, assumindo tarefas domésticas, reconhecendo o trabalho das esposas e valorizando o apoio comunitário. Outros vivem a solidão e a vulnerabilidade, precisando lidar sozinhos com responsabilidades que antes eram compartilhadas. As mulheres, por sua vez, enfrentam uma sobrecarga histórica, combinando trabalho na machamba, cuidados domésticos e cuidado de netos. Ao mesmo tempo, muitas assumem liderança familiar, administram recursos, mediam conflitos e garantem a sobrevivência da família, mostrando força e autonomia. Essas experiências revelam reconstrução das identidades na velhice, com homens e mulheres redefinindo seus papéis sociais.

A religião atua como outro eixo central na vida dos idosos, oferecendo diferentes formas de acolhimento, proteção e sentido da vida. Para alguns, a fé garante apoio prático; para outros, é espaço de crítica moral e reivindicação; e para outros ainda, se torna um caminho de reconstrução pessoal. O curandeirismo, enquanto prática espiritual e relacional, reflete disputas de poder, moralidade e pertencimento. O depoimento de Eduardo mostra como essas disputas impactam a vida daqueles formados em tradições ancestrais, que agora vivem em um contexto marcado por ceticismo e novos regimes de verdade.

As histórias de vida em Tsalala revelam os efeitos da guerra, do deslocamento, da ausência de políticas públicas eficazes e da precariedade social. As mulheres destacam-se pela força, cuidado e solidariedade, enquanto os homens evidenciam resistência, trabalho e consolidação do território. As narrativas também expõem tensões intergeracionais, mudanças sociais e religiosas, e a luta contínua por dignidade, memória e estabilidade. Em conjunto, essas experiências mostram como o gênero a religião e geração marcam a vida dos idosos em Tsalala, onde homens e mulheres reinventam seus papéis, e a fé ou práticas espirituais ajudam a enfrentar dificuldades, manter vínculos, numa geração que vem se adaptando às mudanças sociais e urbanas em contexto de vulnerabilidade na velhice.

CAPITULO 8 – As condições de acesso e de atendimento à saúde pública dos/das idosos/as

Este capítulo traz as experiências de idosos do Bairro de Tsalala no acesso à saúde pública. Eles enfrentam dificuldades como a falta de medicamentos, a ausência de acompanhamento médico e a fragilidade dos laços familiares. Esses relatos revelam situações de exclusão social e mostram a necessidade urgente de políticas públicas mais próximas e humanas para a velhice. Amélia Samuel Chipendane destaca que, desde a pandemia de COVID-19, a saúde dos idosos da comunidade piorou. A dificuldade de acesso aos serviços médicos e o enfraquecimento das redes de apoio agravaram ainda mais sua condição. Sua narrativa, apresentada a seguir, mostra em detalhes como a pandemia deixou marcas profundas na vida dessas pessoas.

> Quando o coronavírus chegou, a nossa saúde piorou muito. Antes disso, a gente estava bem, sem muitas doenças, mas depois da pandemia começar muitos problemas. Eu, por exemplo, tenho os pés sempre a doer, custa-me até caminhar. Não tenho acompanhamento no hospital, só o meu marido é que faz o controle, porque ele ficou muito doente e deram-lhe um cartão. Eu, às vezes, fico com preguiça de ir ao hospital, e quando vou, não tem medicamentos. Dizem para comprar na farmácia, mas os remédios são caros e a gente não tem dinheiro.

Amélia Samuel conta que a saúde dos idosos da comunidade piorou depois da pandemia de COVID-19. Ela lembra que, antes do coronavírus, a população idosa estava relativamente bem e não sofria das doenças que hoje se tornaram comuns. No seu caso, enfrenta um problema crônico nos pés, com dores constantes que afetam sua qualidade de vida. O acesso à saúde pública é limitado, e enquanto o marido consegue acompanhamento regular no Hospital Geral de Machava, Amélia encontra mais obstáculos. Sem cartão de atendimento, muitas vezes precisa adiar a ida ao hospital. Por isso, prefere buscar ajuda no centro de saúde de Tsalala, no entanto, quase sempre é informada de que não há medicamentos disponíveis. Recebe apenas a receita, com a indicação de farmácias onde os remédios custam caro, o que dificulta ainda mais o tratamento de que precisa.

A falta de apoio e a escassez de recursos no sistema de saúde pública são problemas recorrentes para os idosos da comunidade. Muitas vezes, os medicamentos indicados pelos profissionais de saúde não estão disponíveis no hospital e precisam ser adquiridos nas farmácias, onde os preços são altos, tornando-os inacessíveis para muitos idosos, como Amélia e seu marido. Dona Amélia Muamba, também enfrenta diversas dificuldades no acesso à saúde pública. Apesar de apresentar dores constantes nos pés, braços e músculos, ela não realiza acompanhamento médico regular, pois não possui cartão de saúde.

> Eu tenho muitas dores nos pés, braços e músculos, e às vezes nem consigo dormir bem. Não faço acompanhamento médico regular porque não tenho cartão de saúde. Quando vou ao hospital, quase nunca há medicamentos, mandam comprar na farmácia, mas os preços são muito altos e não posso pagar. Por isso, confio em Deus e na minha igreja Santidade para enfrentar essas dificuldades. A igreja me apoia muito, é lá que encontro força quando estou doente ou preocupada, porque ajuda do sistema de saúde mesmo, quase não temos.

Dona Amélia Muamba, enfrenta diversas dificuldades no acesso à saúde pública. Apesar de apresentar dores constantes nos pés, braços e músculos, ela não realiza acompanhamento médico regular, pois não possui cartão de saúde. Quando procura atendimento, muitas vezes os medicamentos prescritos não estão disponíveis nos hospitais, sendo orientada a comprá-los em farmácias privadas, onde os preços são elevados e inacessíveis para a sua condição financeira. Além das limitações no atendimento médico, Dona Amélia Muamba, recorre principalmente à sua fé e ao apoio da igreja como forma de enfrentar os problemas de saúde. A ausência de um sistema de cuidados estruturado e eficaz para os idosos em sua comunidade evidencia uma negligência das autoridades públicas em garantir o direito à saúde na velhice. O Sr. Banda Alexander também enfrenta sérias dificuldades de saúde, principalmente relacionadas a um problema persistente na perna, que lhe causa dor e limitações na mobilidade, como narrado a seguir

> Na parte da saúde, eu sofro com um problema no pé que nunca sara, e até hoje nunca vi doutor. Falei com meus filhos, mais com a mais nova que tá lá em Skwama, pedi pra me levarem no hospital, pra ver se me metem naquelas máquinas, né? Mas o genro respondeu que tem medo de me internarem e o povo pensar mal da família. Aquilo me desanimou, acabei por desistir (…) Eles também não têm trabalho certo, até pra virem me ver é difícil. Se eu não for nas casas deles com os maridos, ninguém aparece. Só a mais velha, que mora aqui perto das Bombas, é que às vezes vem saber como estamos. O resto (…) nem vale a pena. Quando eu trabalhava na Procaju, cuidei bem dos meus filhos. Eu e a minha esposa fazíamos de tudo, usávamos até um livrinho pra tirar coisa no armazém da empresa e pagar no fim do mês. Só queria que tivessem vida direita. Mas agora, me sinto esquecido. Já não há convivência, nem ajuda. Mesmo assim, gosto de todos, não escolho nenhum, mas já não tem aquela união como antes.

O Sr. Banda Alexander enfrenta sérias dificuldades de saúde, principalmente relacionadas a um problema persistente na perna, que lhe causa dor e limitações na mobilidade. Apesar da necessidade evidente de cuidados médicos, ele nunca foi examinado por profissionais de saúde nem teve acesso a exames mais aprofundados, como os realizados por máquinas de diagnóstico. Essa situação agrava-se pela falta de apoio familiar efetivo, especialmente dos filhos que, embora informados de seu estado, demonstram resistência em acompanhá-lo ao hospital. Um dos genros chegou a afirmar que tinha receio de que o internassem, temendo que a família fosse mal interpretada caso isso acontecesse. Essa negligência no cuidado e a ausência de suporte revelam um contexto de fragilidade nas relações familiares e refletem, também, limitações no acesso ao sistema público de saúde. A falta de

acompanhamento e de orientação profissional contribui para o agravamento da sua condição. Além disso, o Sr. Banda sente-se desamparado: relata que, com exceção de uma filha que vive próxima, os demais filhos não o visitam nem demonstram preocupação com seu bem-estar.

No passado, quando ainda trabalhava na empresa Procaju, ele se esforçava para garantir boas condições de vida à sua família, evitando que suas filhas enfrentassem necessidades ou se envolvessem em situações de risco. Contudo, hoje, sente-se esquecido e isolado, sem o apoio que esperava receber na velhice. Essa narrativa evidencia como o envelhecimento, aliado à precariedade do acesso à saúde pública e à fragilidade dos vínculos familiares, compromete a qualidade de vida dos idosos.

As condições de vida do Sr. Machava, especialmente no que diz respeito ao acesso e atendimento à saúde pública, revelam um cenário de grande resiliência individual em meio a dificuldades estruturais e sociais. A partir do seu relato, podemos destacar os seguintes aspetos:

> O meu nome é Fernando Machava. Em 2020, levei um AVC quando voltava de um biscato. Estava a lavar loiça e de repente caí. Os vizinhos é que viram e correram para me ajudar. No começo pensaram que era por causa de bebida, mas depois viram que era coisa séria. Me levaram para o Hospital Provincial. Lá disseram que não dava para me internar, só iam controlar a tensão, que estava muito alta. Eu fiquei sem sentidos, só acordei depois que meteram um comprimido debaixo da língua. Foi um susto grande, mas a doutora conseguiu me estabilizar. Depois disso, fiquei um ano sem andar. Tinha que me carregar até o banheiro. Fazia fisioterapia e ia ao hospital com ajuda da vizinhos. Fui melhorando devagarinho. Um dia tentei me levantar, com esforço consegui chegar até o quintal. Desde aí, já consigo ir às consultas sozinho, mas preciso dos jovens para atravessar a estrada. Os chapeiros também me ajudam, deixam eu sentar na frente. Me mandaram depois para o Hospital Santo Egídio. Lá sou atendido sem pagar e até recebo remédio de graça. Às vezes até ligam para avisar que tem remédio. Fizeram isso porque o outro hospital era muito longe e às vezes nem tinha chapa. Agora só apanho chapa até Malhampswene e o resto faço a pé. Eu acho que fiquei mais doente por causa do sofrimento com a minha esposa. Tivemos muitos problemas. Um dia fui preso, disseram que bati nela, mas foi mentira. A cadeia foi dura, comida ruim, água com soda que estragou meu estômago. Só melhorei quando os doutores pediram para a família levar água e comida de casa. Fiquei lá quatro meses. Quando saí, não consegui mais viver com ela. Ela foi para a África do Sul e nunca mais voltou. Mesmo com tudo isso, sigo lutando. Cuido de mim como posso. A doutora que me trata tem me ajudado muito. Mas é verdade, nós idosos sofremos demais para ter saúde, para andar, até para ter alguém que nos escute. Se não fosse o povo da comunidade e alguns bons profissionais, eu já nem sei se ainda estava aqui.

A vida do Sr. Machava mostra força diante de muitos desafios de saúde. Em 2020, ele sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) enquanto fazia tarefas de casa, foi socorrido pelos vizinhos e levado ao Hospital Provincial. Lá, não foi internado de imediato, disseram apenas que iriam controlar a pressão, que estava muito alta. Só depois, quando teve dificuldade para segurar a urina e queda de pressão, os médicos reconheceram a gravidade e deram um remédio debaixo da língua. Após esse episódio e os primeiros atendimentos do AVC, o Sr. Machava passou um ano sem conseguir andar. Precisava ser carregado até o banheiro e fez sessões de fisioterapia. Apesar das limitações, continuou indo ao hospital para consultas e

exames. Esse cuidado só foi possível graças ao apoio dos vizinhos e da comunidade, que garantiram sua presença nos tratamentos.

Atualmente, o Sr. Machava vai sozinho às consultas, mas enfrenta obstáculos no deslocamento, especialmente ao atravessar ruas movimentadas. Ele conta com a ajuda informal de jovens vendedores de crédito e dos motoristas de transporte coletivo (chapeiros), o que mostra a ausência de um sistema institucional de apoio à mobilidade de idosos. Após a estabilização, foi transferido do Hospital Provincial para o Hospital Santo Egídio, onde não paga pelos medicamentos. Ele relata que, em algumas ocasiões, chegam a ligar para ele avisando sobre a disponibilidade de medicamentos, um indicativo positivo de acompanhamento da unidade hospitalar Santo Egídio. A escolha do novo hospital também visou reduzir a distância e facilitar o acesso, o que demonstra certa flexibilidade do sistema de saúde em adaptar-se à realidade do paciente.

O Sr. Machava associa o início da sua doença ao sofrimento emocional gerado por conflitos familiares e uma passagem pela prisão. Ele relata estresse intenso, desamparo e ausência de apoio emocional que contribuíram para o agravamento da sua saúde. Isso reforça a necessidade de um olhar mais integrado entre saúde física, mental e social na velhice. O caso do Sr. Machava revela que, apesar de haver canais públicos de acesso à saúde, esses estão longe de oferecer uma resposta ágil, eficiente e humanizada para as necessidades dos idosos. O apoio da comunidade, a iniciativa pessoal, e o esforço de alguns profissionais de saúde têm sido fundamentais para sua sobrevivência e recuperação

O Sr. Eduardo Tembe construiu sua vida com base numa rotina ativa, marcada pelo trabalho e pela prática desportiva, especialmente o futebol, no qual era destaque nos finais de semana. Essa vivência reforça uma identidade positiva e saudável, que o acompanhou durante grande parte da sua trajetória, sem esperar que uma doença cronica atrapalhasse a sua vida.

> Eu cresci com saúde, jogava muito à bola e também trabalhava. Nos fins de semana a gente não trabalhava, então eu aproveitava pra jogar. Era conhecido como bom jogador, todos gostavam de me ver jogar. Essa doença que tenho agora começou faz uns cinco anos, mas no começo eu nem sentia nada. Só depois de um tempo é que fui notando que o corpo já não estava bem. Fui ao hospital, fizeram muitos exames e deram comprimidos, mas nunca disseram qual era mesmo a doença. Lá só tinha técnicos, então pedi pra me mandarem pro hospital provincial da Matola. Fiquei lá internado quinze dias, depois me mandaram pro Hospital Central de Maputo. Marcaram raio-X pro dia 19 de outubro, mas justo nesse dia começaram as manifestações, e não consegui mais voltar. Agora estou em casa, só esperando o país acalmar, pra poder voltar e continuar o tratamento.

O Sr. Eduardo Tembe desenvolveu sua trajetória de vida com base em uma rotina dinâmica, marcada pelo envolvimento no trabalho e na atividade física, especialmente o futebol, que contribuíram para a formação de uma autoimagem ligada à força e ao bem-estar.

Contudo, aproximadamente cinco anos atrás, começou a notar sinais físicos que indicavam o início de um problema de saúde mais sério. Inicialmente, não identificava com clareza os sintomas nem suspeitava de nenhuma doença grave, mas, com o tempo, decidiu procurar ajuda médica. Ao dirigir-se ao hospital local, foi submetido a diversos exames e recebeu vários medicamentos, porém, em nenhum momento foi informado sobre o diagnóstico. Essa falha na comunicação se deve, em parte, à ausência de médicos na unidade, onde apenas técnicos prestavam atendimento. Incomodado com a falta de clareza e em busca de melhores cuidados, o Sr. Eduardo tomou a iniciativa de solicitar transferência para o Hospital Provincial da Matola, onde foi internado por quinze dias e, posteriormente, foi encaminhado ao Hospital Central de Maputo, para realização de um exame de raio-X. Contudo, no dia marcado para o exame, 19 de outubro, surgiram manifestações e conflitos sociais no país, o que impossibilitou sua ida ao hospital. Desde então, aguarda que a situação se normalize para retomar o acompanhamento médico.

Esse episódio revela como fatores externos e instabilidade política comprometem o acesso de idosos aos serviços essenciais de saúde. O relato do Sr. Eduardo evidencia as dificuldades enfrentadas por pessoas idosas no acesso e no atendimento à saúde pública. A falta de médicos nas unidades de base, a ausência de diagnóstico claro, a necessidade de deslocamento para hospitais de maior complexidade e a interrupção do tratamento por motivos externos são obstáculos recorrentes. Apesar disso, ele demonstra consciência sobre sua condição e uma forte vontade de se cuidar, o que reforça sua resiliência diante de um sistema que ainda apresenta muitas fragilidades. A história de vida e saúde do Sr. Eduardo aponta para a urgência de políticas públicas que garantam atendimento humanizado, contínuo e descentralizado às pessoas idosas, com atenção especial à comunicação, à presença de profissionais qualificados e à criação de condições seguras para o acesso aos cuidados, mesmo em contextos sociais instáveis.

De forma geral, as experiências dos idosos mostram muitas dificuldades no acesso à saúde pública. Eles relatam a falta de medicamentos, a ausência de médicos, problemas na comunicação dos diagnósticos e um atendimento pouco humano, fatores que aumentam sua vulnerabilidade. Diante dessas falhas, a fé e a solidariedade da comunidade se tornam os principais apoios, ocupando o lugar do cuidado que deveria ser garantido pelo Estado. O caminho até os serviços de saúde é cheio de barreiras e, muitas vezes, só é possível superá-las com esforço pessoal, ajuda de vizinhos ou a dedicação de alguns profissionais sensíveis.

Mesmo assim, os relatos também revelam força e criatividade. Muitos idosos reorganizam sua vida com base na fé e na solidariedade. Ainda assim, a luta por cuidados de

saúde mostra a urgência de um Estado capaz de reconhecer suas necessidades e garantir acompanhamento médico, acesso gratuito a medicamentos, transporte adequado, apoio psicológico e condições de vida dignas.

O envelhecimento não deve ser visto como um problema individual, mas como uma questão coletiva e política. As trajetórias desses homens e mulheres nos lembram que a saúde é um direito que precisa ser garantido de forma concreta e respeitosa. Mais do que isso, apontam para a importância de ouvir, valorizar e integrar a experiência e o conhecimento das pessoas idosas nas políticas públicas, como parte essencial de uma sociedade justa e inclusiva.

CAPITULO 9 - As aspirações futuras, sonhos e visões de mundo das pessoas idosas, considerando suas perspetivas sobre o envelhecimento e as mudanças sociais

Este capítulo mostra os sonhos e desejos das pessoas idosas, assim como a forma como veem o mundo. Mesmo com dificuldades econômicas e situações de exclusão, elas mantêm a vontade de mudança, de viver com dignidade e de lutar por justiça. Suas falas sobre o envelhecimento trazem vozes críticas, mas também cheias de esperança e ligadas ao bem de todos. Dona Ana Marta, que é Secretária Executiva da Associação Hi-Phunane, demonstra uma consciência social profunda e um compromisso firme com a dignidade e o cuidado das pessoas idosas da comunidade, sobretudo das que vivem em maior vulnerabilidade.

> Sou a Secretária Executiva da Associação Hi-Phunane e, ultimamente, tenho enfrentado muitas dificuldades financeiras para manter as nossas atividades agrícolas. A minha força vem dos vovós que não têm ninguém para os ajudar. Eu acredito que hoje a machamba pode não produzir, mas amanhã pode ser diferente. A vocação da nossa associação é animar os idosos, mostrando que eles não estão esquecidos. Aqui em Tsalala, a situação é complicada. A 1ª Secretaria do Bairro e o INAS têm os seus próprios grupos de idosos, mas a nossa associação muitas vezes é deixada de lado. O que se vê é que só alguns idosos privilegiados são beneficiados, enquanto outros que realmente precisam ficam de fora. Isso me preocupa muito, porque não é justo que só quem tem alguma coisa continue a receber ajuda. Desde 2020, todos os nossos idosos estão sem subsídios. Já pedi apoio à Secretaria Municipal do Bairro várias vezes, mas nunca tive resposta. O que aconteceu este ano na nossa machamba foi muito triste, e a minha maior preocupação é com os vovôs que dependem dessa produção para se alimentar. Outro grande desafio é conseguirmos o DUAT para legalizar o terreno da associação. Sem isso, não conseguimos avançar com os nossos planos. Se conseguirmos o DUAT, tenho muitas ideias para melhorar a vida da comunidade, como trabalhar com empresários para abrir lojas, criar espaços de lazer e organizar atividades desportivas. Isso ajudaria muito na proteção da nossa produção e na geração de renda para os idosos. Tenho também o sonho de reativar o Observatório das Associações de Idosos. A ideia é visitar outras associações que ainda estão ativas e criar uma rede para partilharmos experiências e fortalecermos a nossa voz. A Lei da Pessoa Idosa (Lei 3/2014) precisa de ser aplicada, mas parece estar esquecida. É importante revisitar essa lei e lutar para que ela seja posta em prática de forma correta. Apesar de todas as dificuldades, não vou desistir. A luta continua. Com o apoio certo, acredito que vamos conseguir recuperar a nossa associação e garantir um futuro melhor para todos os nossos idosos.

Dona Ana Marta, Secretária Executiva da Associação Hi-Phunane, mostra uma consciência social forte e um compromisso verdadeiro com a dignidade e o bem-estar das pessoas idosas da sua comunidade, principalmente das mais vulneráveis. Sua visão se apoia na solidariedade, na justiça social e na esperança de mudança coletiva, mesmo em meio a dificuldades financeiras e problemas que persistem há muito tempo. Para ela, o envelhecimento não é apenas algo biológico, é também uma etapa da vida em que o papel social e político das pessoas idosas precisa ser reconhecido e valorizado. Dona Ana Marta acredita que o cuidado e o respeito aos idosos não devem depender de privilégios ou de ligações políticas, mas ser um direito de todos. Sua postura crítica diante da exclusão feita por algumas instituições locais, que atendem uns e deixam outros de lado, mostra sua luta por equidade e inclusão.

Seus sonhos e aspirações giram em torno de três grandes eixos:

1 . fortalecimento da produção agrícola comunitária apesar das adversidades climáticas e da falta de apoio.

Dona Ana Marta vê na machamba da associação um campo essencial para garantir segurança alimentar e autonomia das vovós da comunidade. Ela sonha com a legalização do terreno por meio da obtenção do DUAT, o que permitiria projetos de desenvolvimento local, como parcerias com empresários para instalação de lojas, espaços de lazer e atividades desportivas. Essa diversificação seria uma forma sustentável de gerar renda, segurança e bem-estar para os idosos.

2. Outro ponto é revitalização do observatório das associações de idosos.

Dona Ana Marta sonha em reativar o Observatório, que serviria como uma rede de articulação entre diferentes associações de idosos. Para ela, é necessário reconstruir essas pontes, mesmo com o desafio de que muitas organizações já não estão ativas. Acredita que, com apoio do Diretor da Associação, será possível retomar o projeto, documentar experiências, identificar boas práticas e pressionar por políticas públicas mais eficazes e inclusivas e revalorização e aplicação da Lei da Pessoa Idosa (Lei 3/2014). Dona Ana Marta vê na Lei da Pessoa Idosa uma ferramenta legal importante, mas "adormecida".

3. Para ela, o conteúdo da lei precisa ser revisitado, debatido e aplicado de forma prática.

A sua visão é de um movimento coletivo que envolva ministérios, parlamentares e a sociedade civil na luta por um envelhecimento digno, com políticas de saúde, mobilidade, alimentação e participação efetiva dos idosos nas decisões que lhes dizem respeito.

A visão de Dona Ana Marta é comunitária, combativa e esperançosa. Ela não se vê como uma mera beneficiária de políticas, mas como protagonista de transformação social. Seu compromisso não é individualista, mas voltado à coletividade, especialmente àqueles que mais precisam. Acredita que a mudança começa "de baixo para cima", com ações locais organizadas e com consciência crítica. Seu discurso é marcado por uma ética de cuidado, resistência e fé no potencial humano, mesmo quando as instituições falham. Dona Marcela Murore expressa um profundo desejo de ver seu sofrimento e o de outros idosos do bairro minimizado, como se pode ver na narrativa a seguir:

> Eu só queria que o sofrimento dos idosos daqui do bairro diminuísse. Aqui em casa não tenho água, não tenho luz. Meus filhos não ajudam em nada. Deixaram os filhos deles comigo, não mandam nada, nem perguntam como estamos. Eu criei eles com muito sacrifício, agora estou a criar os netos, na esperança de um dia eles olharem por mim. Minha filha mais velha foi pra África do Sul, deixou a filha comigo e nunca mais ajudou. Ela devia dar o exemplo, mas parece que se livrou de mim. Isso dói no coração, porque mesmo depois do meu marido morrer, continuo sofrendo pelos filhos. Meu sonho era ver a nossa associação Hi-Phunane voltar a funcionar como antes. Quando ainda tinha água, a machamba ajudava muito. Mas roubaram tudo, agora está parada. Queria que alguém nos ajudasse com água, sementes, cerca, e até um

> guarda. Talvez assim a gente voltava a ter um pouco de dignidade. Mas... isso é só um sonho meu.

Dona Marcela expressa um profundo desejo de ver seu sofrimento e o de outros idosos do bairro minimizado. Vive em condições precárias, sem acesso à água e à energia elétrica em casa, e lamenta a falta de apoio dos filhos, que, em vez de ajudá-la, aumentam sua carga de responsabilidades, deixando os netos sob seus cuidados sem oferecer nenhum tipo de suporte. Mesmo diante das dificuldades, ela cuida dos netos com esperança de que, no futuro, sejam eles a cuidar dela. O abandono por parte dos filhos, especialmente da filha mais velha que vive na África do Sul, é uma das dores mais profundas de Dona Marcela. Ela esperava que, ao menos, essa filha pudesse dar o exemplo e cuidar da mãe, mas sente-se esquecida. Para ela, é especialmente doloroso quando o sofrimento vem dos próprios filhos, pois relembra o quanto lutou por eles no passado. Seu maior sonho é ver a Associação Hi-Phunane novamente ativa como era antes. Acredita que, com acesso à água, sementes, segurança e apoio técnico, a machamba (horta coletiva) poderia voltar a ser uma fonte de dignidade e sustento para os idosos. Ela lembra com saudade da época em que, com o apoio de organizações como a HelpAge, a associação florescia. No entanto, a vulnerabilidade do espaço, sem vedação e sem segurança, levou à perda dos poucos recursos conquistados, como os sistemas de água, frequentemente roubados.

Dona Marcela sonha com parcerias que tragam infraestrutura para a associação, como muros de proteção, guardas e sistemas de irrigação, elementos que considera essenciais para a segurança do espaço. Apesar das incertezas, mantém a esperança de que alguém escute o clamor dos idosos e colabore com esse sonho coletivo. Sua visão de mundo reflete resiliência e confiança no poder da coletividade. Para ela, envelhecer traz perdas e dificuldades, mas também significa lutar por dignidade, reconhecimento e um futuro melhor, não apenas para si, mas para todos os idosos da comunidade. Na mesma direção, o Sr. Banda Alexandre projeta sua vida a partir de sonhos marcados por sua condição social, pelos limites econômicos que enfrenta e pela experiência de envelhecer em um contexto onde os mais velhos muitas vezes permanecem invisíveis.

> Eu tenho muitos sonhos, mas quase tudo precisa de dinheiro. Queria abrir um negócio, talvez uma banca, uma ferragem pequena, ou acabar uns quartos pra arrendar. Mas não sei como começar. A minha esposa, mamana, vende pão, acorda cedo, luta muito pra nos ajudar. Um dos maiores desejos do meu coração é que a família dela me aceite como parte. Quero que saibam que ela vive comigo, que somos um só. Isso dá respeito. Quando eu trabalhava, era fácil arranjar crédito, materiais, até comida. Agora, sem emprego, sem banco, tudo está difícil. Aqui em casa e no bairro temos muitas dificuldades. Quando não há comida, surgem brigas. E às vezes, quando tento resolver as coisas, minha companheira não entende. Temos que andar juntos, com verdade. Mas

> o bairro não ajuda. Quando falamos, dizem que somos agitadores. Os chefes não escutam, só ignoram. Nunca recebi ajuda nenhuma nem da Corona, nem dos telefones, nem do dinheiro que prometeram. Já entreguei documentos várias vezes, mas nada. Os chefes só ajudam quem eles gostam. Nós, os velhos, somos esquecidos. Também tenho um problema com meu terreno. Um homem, Ernesto, tomou à força um pedaço que é meu, está registrado. Eu queria dar esse terreno pra minha esposa, pra ela ter uma casa dela. Mas os filhos dela disseram pra não aceitar. Mesmo assim, continuo a lutar, porque ela merece. O que mais quero é dignidade, paz na minha casa, um futuro com minha esposa, e que respeitem os idosos. Nós já vivemos muito, já fizemos muito. Agora, merecemos justiça e apoio.

O Sr. Banda Alexandre sonha com uma vida melhor, mas seus projetos estão atravessados pela condição social, pelas limitações econômicas e pela experiência de envelhecer em um contexto onde os mais velhos muitas vezes são invisibilizados. Seus desejos vão além do pessoal: revelam também uma crítica à forma como a sociedade marginaliza os idosos, nega reconhecimento e dificulta o acesso a direitos e oportunidades. Um de seus maiores sonhos é melhorar suas condições de vida por meio de um pequeno negócio, seja uma banca, uma mini-ferragem ou a conclusão de quartos para arrendar. Mais do que renda, o que busca é dignidade, mas reconhece que tudo parece depender do dinheiro, recurso cada vez mais escasso. Quando diz que "quando não tem dinheiro não há nada que se pode fazer", expressa uma realidade vivida por muitos idosos, marcada por obstáculos estruturais e pela falta de políticas públicas inclusivas. Além do trabalho, traz também um sonho afetivo, ser reconhecido formalmente pela família de sua companheira, Mamane, com quem construiu sua vida. Esse reconhecimento significa mais do que afeto, é respeito, aceitação e segurança. A ausência desse gesto o "acaba por dentro do coração", mostrando como as relações familiares têm impacto direto no bem-estar emocional dos idosos.

A visão de mundo do Sr. Banda inclui uma crítica direta às lideranças locais, ele denuncia a corrupção, o clientelismo e o autoritarismo dos chefes de quarteirão, que deveriam representar a comunidade, mas acabam usando o poder para excluir e silenciar. Sua experiência com a distribuição de apoios sociais, como os fundos da COVID-19 e os telefones para idosos, deixou um forte sentimento de exclusão: "*aqui eu me encontro como estivesse perdido num espaço vazio*". O Sr. Banda também revela um profundo senso de justiça em relação à terra onde vive. Quer garantir um futuro seguro para sua companheira, construindo uma casa e entregando a ela os documentos legalizados do terreno. O conflito com o vizinho Ernesto mostra como a insegurança fundiária pesa ainda mais na velhice, quando a terra pode ser o último bem de um idoso. No plano comunitário, sonha com um ambiente em que os mais velhos sejam respeitados e ouvidos. Rejeita a imagem de "agitador" que recebe quando tenta se manifestar e critica a forma como os idosos são desvalorizados: "os vovós não são vistos aqui

como nada". Sua visão carrega um apelo à solidariedade entre gerações, à valorização da palavra dos mais velhos e à construção de uma comunidade onde envelhecer não signifique desaparecer.

Portanto, as aspirações de Sr. Banda não se reduzem ao desejo de ter mais recursos materiais, mas envolvem sonhos de reconhecimento, de justiça, de amor legitimado e de pertencimento social. Ele sonha com uma velhice vivida com respeito, em que o passado seja valorizado e o futuro, apesar de incerto, possa ser construído com dignidade. O Sr. Fernando nos oferece um testemunho comovente sobre o que significa envelhecer num cenário de precariedade, onde os direitos básicos, como habitação, alimentação, segurança e saúde permanecem como promessas distantes.

> O que eu mais queria na vida era conseguir melhorar a minha casinha. Se eu tivesse um pouco daquele dinheiro da segurança social, fazia logo a viga, o caimento, punha as travessas. Quando chove forte, a água entra toda e eu passo a noite acordado, sem conseguir dormir. A casa abana, as chapas ameaçam cair (…) é um sofrimento mesmo. O meu maior sonho é ter uma casa segura, onde eu possa dormir em paz, sem medo de chuva ou vento. Não peço dinheiro para gastar à toa. Só queria que alguém viesse ver com os próprios olhos a minha situação e ajudasse a pôr o básico a funcionar. O dinheiro que eu precisava era só para pagar a água, a corrente e ir ao hospital quando a saúde falha. As panelas, muitas vezes, estão vazias. Vivo com pouco. Quando tenho carvão, faço uma comida que dá para dois dias. E só um copo de chá já muda o meu dia, me dá força para continuar. Às vezes fico olhando para os quadros que tenho na parede e lembro dos tempos bons, quando fui trabalhar em Cabo Delgado e em Bilene. Comprei aqueles quadros lá na praia de Wimbi. Eram dias felizes, com esperança. Hoje só rezo para que alguma organização nos veja, a nós os idosos, que já demos o nosso contributo. Não queremos luxo, só um pouco de dignidade, para viver sem tanto sofrimento.

Na sua narrativa, o Sr. Fernando seu maior sonho, expressado com clareza e repetição, é melhorar sua casa. A habitação, para ele, representa não apenas um teto, mas um símbolo de estabilidade e segurança emocional. Na imagem a seguir, o Sr. Fernando aparece sentado no interior de sua casa, vestindo um agasalho vermelho com camisa azul por baixo. O ambiente ao seu redor revela um espaço modesto e sobrecarregado de objetos, com roupas penduradas nas paredes, utensílios empilhados e uma mesa improvisada com vários itens do cotidiano, como recipientes plásticos, sacolas e garrafas. Ao fundo, um tecido vermelho funciona como cobertura, sugerindo a tentativa de organização e privacidade dentro das limitações estruturais da moradia. A expressão séria e o olhar distante do Sr. Fernando reforçam a dimensão emocional que ele atribui à casa, não apenas como abrigo físico, mas como um espaço extremamente ligado ao seu desejo de dignidade, segurança e reconstrução pessoal.



Fotografias 73 *- Sr. Fernando dentro da sua casa atividades.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 13 de Setembro de 2024*

Na sua casinha, o Sr. Fernando sonha em colocar a viga, ajeitar o telhado e reforçar a estrutura para não passar mais noites sem dormir por causa da chuva. O medo de a casa desabar e a dor de não conseguir descansar em paz mostram como envelhecer, em meio à exclusão, se transforma em uma experiência de ansiedade e desgaste. O tempo de chuvas, para ele, não é apenas uma estação, mas um período de risco e sofrimento. O Sr. Fernando não deseja luxo, apenas um lar que lhe dê proteção e tranquilidade. Seu pedido por apoio não nasce da ambição, mas da busca por dignidade e estabilidade. Ele insiste que não quer dinheiro, e sim uma ajuda direta: "que alguma organização venha avaliar e colocar as condições para funcionar". Essa fala mostra sua consciência da própria vulnerabilidade e o desejo de viver com mais segurança. As imagens a seguir revelam a precariedade da sua moradia e reforçam o apelo por melhorias urgentes nas condições de vida.



Fotografias 74 *– Residência do Sr. Fernando Januário Machava.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 11 de Setembro de 2024*



Fotografia 75 *– Estrutura do banheiro construído por Fernando Januário Machava em sua residência.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 11 de Setembro de 2024.*

Com base em seu depoimento, o Sr. Fernando não pede dinheiro, mas busca uma ajuda direta das entidades solidárias para melhorar as condições de sua moradia. Ao mesmo tempo, sua fala evidencia a fragilidade do Estado em assegurar uma vida digna à população idosa,

sobretudo em contextos de maior vulnerabilidade. Além da casa, ele cita necessidades básicas como acesso à saúde, eletricidade e água, direitos que se tornam quase impossíveis de alcançar sem algum apoio material.

Há também uma memória afetiva muito forte em sua fala, que ganha intensidade quando seus olhos se voltam para os quadros na parede. Essas imagens não servem apenas como decoração, elas guardam lembranças, relações e histórias que marcaram sua trajetória de vida e de trabalho.



Fotografia 76



Fotografia 77



Fotografia 78

Fotografia 76; 77; 78 *– Obras artística pendurados na parede de Casa do Sr: Fernando Machava.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 25 de Outubro de 2024.*

Ele revive os bons momentos da juventude, quando trabalhava e podia viajar, como nas idas à praia de Wimbe, em Pemba, capital da província de Cabo Delgado. Essas lembranças não são apenas nostálgicas, funcionam como contraponto ao presente difícil e mostram que sua identidade vai além da velhice e da pobreza. Fernando carrega uma história de movimento,

trabalho e alegria, seu desejo de viver com dignidade nasce desse passado que ainda o sustenta emocionalmente. Sua visão de mundo combina realismo e esperança, reconhece que os idosos são esquecidos, mas acredita que alguma instituição pode intervir e fazer a diferença. Nesse sentido, ele expressa o anseio coletivo de muitos idosos deixados à margem das garantias constitucionais, seu sonho é também de ser visto, ouvido e tratado com respeito. Nesse mesmo contexto, o Sr. Gabriel surge como um homem cuja visão de mundo se apoia no trabalho, na espiritualidade e na esperança de um futuro melhor, mesmo diante das adversidades.

> O que eu mais gosto de fazer é trabalhar na machamba. Se eu tivesse dinheiro, o meu sonho era ter uma parcela maior, comprar uma motobomba, fazer um furo e irrigar bem a terra. Assim, podia produzir mais e vender nos mercados, se tivesse também um carro para transportar os produtos. Há muito terreno disponível por aí, em Muamba e até em Xai-Xai, mas a falta de recursos trava o meu desejo de crescer na agricultura. Esse espaço onde estou hoje foi-me oferecido. Eu perdi o meu antigo espaço por causa de uma confusão com o Município. Já tinha construído e plantado lá, mas me obrigaram a sair. Desde então, tenho vivido aqui, onde tento continuar a trabalhar apesar das dificuldades. Plantei mangueiras, e agora estou a tentar negociar para pelo menos receber algo por elas. Outro grande sonho meu é publicar uma revista contando a minha história de vida religiosa, o meu percurso até hoje na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quero deixar esse testemunho registrado. Junto com o irmão Daniel, também estou a lutar para abrir uma filial da igreja aqui em casa, ligada à Igreja da Machava-Socimol. Vemos que muitos fiéis estão sem acompanhamento. Quando damos estudos bíblicos, depois não há quem continue o cuidado. Por isso, sinto que é minha missão começar essa filial. Quando ela estiver estruturada e com bastante gente, aí sim vou informar a igreja. Mas por agora, preciso agir com discrição para não ser impedido. Esse é o meu maior sonho.

O Sr. Gabriel tem uma visão de mundo marcada pelo trabalho, pela espiritualidade e pela esperança em um futuro melhor, mesmo diante das dificuldades. Sua vida se apoia na terra e na fé. Ele se reconhece como alguém que conhece bem o trabalho da machamba e sonha em ampliar essa atividade, transformando-a em fonte de rendimento económico.



Fotografias 79 *– Sr. Gabriel Muianga em suas atividades de machamba.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 13 de Setembro de 2024*

No entanto, a limitação financeira é uma das suas maiores preocupações. Ele sonha em ter recursos para adquirir uma motobomba, furar um poço e abrir uma grande machamba em um terreno fértil, como os que existem em Muamba ou Xai-Xai. Se tivesse um carro, gostaria de transportar os produtos agrícolas diretamente aos mercados, promovendo um pequeno empreendimento agrícola. Mas, como ele mesmo questiona: “de onde virá o dinheiro?” O sonho de empreender na agricultura esbarra nas dificuldades concretas de acesso à terra, aos equipamentos e ao crédito.

A história de Gabriel sobre o acesso à terra revela as contradições e fragilidades da regularização fundiária. O terreno onde vive e trabalha hoje surgiu de disputas e confusões entre o Município e herdeiros de antigos ocupantes. Ele conta que perdeu parte de seu espaço original por uma decisão arbitrária, mesmo depois de muitos anos morando ali, plantando mangueiras e construindo suas casas. A perda desse espaço é, ao mesmo tempo, simbólica e concreta, e marca sua trajetória como exemplo das dificuldades que muitos idosos enfrentam para assegurar o direito à moradia e à produção.

Além da vida na terra, o Sr. Gabriel guarda um sonho profundamente espiritual, ele deseja publicar uma revista para contar seu caminho de fé, desde os momentos difíceis até sua vida atual como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para ele, registrar essa história é uma maneira de deixar um legado. Mais do que relatar sua trajetória, é uma forma de compartilhar aprendizados que possam inspirar outras pessoas.

Outro projeto importante em sua vida é a criação de uma filial da igreja em sua própria casa, iniciativa que ele sonha e discute com o apoio do irmão Daniel. A construção desse espaço de culto representa, para ambos, não apenas um compromisso espiritual, mas também um gesto de fortalecimento comunitário e de solidariedade local. Na imagem a seguir, os dois aparecem em diálogo, refletindo sobre os planos e os desafios para tornar esse projeto realidade.



Fotografias 80 *– Sr. Gabriel Muianga e o Irmão Daniel.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 07 de Novembro de 2024*

Ele observa que muitos fiéis estão desamparados, sem acompanhamento espiritual, e acredita que os líderes religiosos atuais não têm conseguido atender a essa necessidade. Diante disso, decidiu tomar a iniciativa por conta própria: pretende reunir pessoas, iniciar estudos bíblicos e, somente após consolidar o grupo, comunicar sua intenção à igreja-mãe, receando que, se revelar antes, seu projeto seja impedido. Na imagem a seguir, o Sr. Gabriel aparece concentrado na leitura das Escrituras Sagradas, momento que integra sua rotina diária e representa uma fonte de inspiração e orientação para a realização do seu sonho de fundar uma nova filial da igreja.



Fotografias 81 *– Sr. Gabriel Muianga e o Irmão Daniel.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 06 de Janeiro de 2025*

Este desejo mostra sua postura proactiva e seu compromisso com a fé e com a comunidade. A visão de mundo do Sr. Gabriel revela um idoso que não se resigna à inatividade. Envelhecer, para ele, não é sinônimo de desistência, mas sim de buscar novos caminhos para continuar contribuindo com a sociedade. Suas preocupações não são apenas pessoais, elas apontam para o coletivo: a falta de oportunidades, o abandono das "ovelhas", a injustiça na distribuição de terras e a ausência de apoio para que os sonhos das pessoas mais velhas possam florescer. Diante das mudanças sociais que observa, ele destaca a burocracia, a falta de escuta institucional e a lentidão dos processos que, muitas vezes, não consideram a urgência das necessidades dos mais velhos. Ao mesmo tempo, mostra que ainda há espaço para a

criatividade, para a resistência e para a construção de novas possibilidades, mesmo que seja começando a partir de casa. O Sr. Gabriel, com sua experiência, nos lembra que o envelhecimento pode ser tempo de semear e cuidar, tanto da terra quanto das pessoas. Ele sonha com autonomia, reconhecimento e fé ativa. Seu testemunho convida a sociedade a reconhecer que os idosos continuam a sonhar, a lutar e a querer transformar o mundo ao seu redor, mesmo quando os caminhos parecem estreitos. No caso do Sr. Eduardo Tembe, trata-se de um homem idoso que mantém viva sua visão de mundo e seus projetos de vida, apesar das limitações físicas que enfrenta atualmente. Sua trajetória é marcada por um forte senso de dignidade e desejo de continuidade, como revela no excerto a seguir, onde compartilha, em suas próprias palavras, os desafios e esperanças que atravessam sua vivência cotidiana.

> O meu maior sonho hoje é recuperar a saúde. A doença tirou tudo de mim: a força, o movimento, a vida ativa que eu levava. Antes eu fazia muita coisa para sobreviver, hoje passo os dias deitado, com dores, sem conseguir andar. Até para sair do quarto, tenho que me apoiar numa cadeira. Nada se constrói quando se vive deitado. Eu rezo todos os dias para voltar a ter alguma mobilidade, mesmo que não seja como antes. Só quero deixar de sentir estas dores que me esgotam. Ainda tenho sonhos por realizar. Quero arranjar minha casa, raspar e pintar, consertar tudo o que ficou parado desde que adoeci. Também queria voltar a criar patos como antes. Era minha forma de me ajudar, mas roubaram todos, até os ovos. Aproveitaram-se da minha condição. Isso dói. Fiquei frustrado, mas entrego tudo nas mãos de Deus. O que mais desejo é viver em paz, sem conflitos, sem desobediência, sem maldade. A vida é melhor quando as pessoas vivem com respeito umas pelas outras. Quando conversamos com quem nos escuta e constrói junto, tudo melhora. Eu ainda sou responsável pelo campo de futebol de Tsalala, todos aqui sabem disso. Mesmo doente, as pessoas me reconhecem. Envelhecer com dignidade, com saúde, com respeito, isso é o que eu desejo para mim e para todos os mais velhos. A idade não tira nossa capacidade de sonhar, mas as condições da vida, essas sim, às vezes nos limitam.

O Sr. Eduardo Tembe é um homem idoso cuja visão de mundo e projetos de vida continuam vivos, mesmo diante das limitações físicas que hoje enfrenta. Sua principal aspiração é vencer a doença que o imobilizou e o impede de viver como antes. As dores constantes na coluna e nos pés não apenas afetam seu corpo, mas também o impedem de realizar tarefas simples, como se levantar, caminhar ou sair para comprar pão. Antes da doença, ele era ativo, criava animais e lutava pela vida com dignidade. Hoje, sua rotina é marcada pelo confinamento e pela dependência de uma cadeira para se locomover até mesmo dentro de casa.

Apesar disso, o Sr. Eduardo não deixou de sonhar. Ele deseja recuperar ao menos parte da sua saúde para poder reerguer o que se perdeu com o tempo. Um de seus maiores desejos é reabilitar sua casa, que se encontra em deterioração. Se tivesse condições, gostaria de raspá-la e pintá-la novamente, devolvendo-lhe a dignidade. Sonha também em retomar sua criação de patos, interrompida após sucessivos furtos. Relata com tristeza que, por estar doente e impossibilitado de sair de casa, algumas pessoas de má fé aproveitaram-se da situação e roubaram todos os patos e ovos que ele criava com tanto esforço. Essa experiência o faz refletir sobre a falta de solidariedade e respeito que, segundo ele, vem crescendo na sociedade.

Para o Sr. Eduardo, a melhor forma de viver é em paz com os outros, respeitando o que é do próximo e evitando a inimizade. Ele acredita no diálogo, na convivência harmoniosa e na construção de relações baseadas na escuta e no respeito mútuo. Sua fala revela uma preocupação com a perda de valores comunitários, mas também expressa esperança na possibilidade de relações mais humanas e solidárias. Mesmo com as dificuldades, ele se mantém como uma figura reconhecida no bairro, especialmente por seu envolvimento com o campo de futebol de Tsalala, do qual é responsável.

O envelhecimento, para o Sr. Eduardo, não representa o fim das capacidades, mas sim um momento que poderia ser vivido com dignidade se não fosse pela doença. Ele acredita que ainda poderia realizar muitas coisas se estivesse com saúde. Seu relato mostra que os idosos continuam tendo sonhos, desejos e vontade de contribuir com suas famílias e comunidades. Mais do que tudo, ele deseja recuperar forças para reorganizar a vida que ficou parada com a sua condição de saúde.

Ao refletir sobre o que deixaria como mensagem para as gerações mais novas, o Sr. Eduardo fala da importância de viver em paz, evitar destruir o que pertence ao outro e buscar relações que edificam. Seu testemunho carrega uma sabedoria acumulada com os anos, mas também revela as fragilidades sociais que atingem especialmente os idosos em situações de vulnerabilidade. Em meio às dores e dificuldades, o Sr. Eduardo segue com fé e esperança, entregando suas preocupações a Deus e mantendo vivos seus sonhos de reconstrução, autonomia e respeito. Sua história é um retrato profundo das aspirações de vida na velhice e um convite à escuta e à valorização daqueles que, apesar de tudo, continuam a acreditar na possibilidade de um mundo melhor.

Muitos idosos veem o envelhecimento como um tempo de esperança, resiliência e luta por dignidade e justiça social. Apesar de enfrentarem dificuldades econômicas e exclusão, eles mantêm a vontade de mudar e acreditam em um futuro melhor. As aspirações variam, mas geralmente se concentram em segurança, autonomia e pertencimento social. Alguns têm visões comunitárias e procuram fortalecer suas associações para garantir a segurança alimentar e o bem-estar dos mais vulneráveis. Eles sonham com a legalização de terrenos para permitir projetos de desenvolvimento e a criação de uma rede de associações para compartilhar experiências. Outros desejam melhorias nas condições básicas de vida, como uma moradia segura e acesso a água e eletricidade. Há quem sonhe com a reativação da associação, o que traria dignidade e sustento para a comunidade.

Muitos idosos buscam dignidade através da autonomia financeira e do reconhecimento familiar. Eles criticam a corrupção e a invisibilidade que a sociedade impõe aos mais velhos.

Outros procuram expandir suas atividades agrícolas e criar filiais de suas igrejas, mostrando que o envelhecimento não é sinônimo de inatividade, mas de novas possibilidades. Também há o desejo de recuperar a saúde para continuar ativo e reconstruir a vida que a doença parou, além de querer paz e respeito na comunidade. As aspirações desses idosos mostram que, mesmo com limitações, a vontade de sonhar e de contribuir para a sociedade permanece forte.

CAPÍTULO 10 - A situação de enterramento dos mortos no bairro de Tsalala, Matola, Maputo

Este capítulo, aborda as práticas funerárias no bairro de Tsalala, Matola, destacando a morte como experiência coletiva marcada por tradições culturais, crenças religiosas e adaptações urbanas.

No bairro de Tsalala, o processo de morte e sepultamento é uma experiência coletiva marcada por uma intersecção de tradições culturais, religiosas e adaptações às dinâmicas urbanas contemporâneas. Ela não é vista como um evento isolado, individual, mas como um momento em que se aciona redes sociais amplas, de parentesco, vizinhança, amizades e pertença comunitária, onde as práticas e valores tradicionais convivem (às vezes de forma harmoniosa, outras vezes em conflito) com novas influências sociais, religiosas e culturais, revelando disputas, adaptações e resistências na vivência coletiva e individual da morte.

Quando a morte acontece em casa, o processo inicia-se quase imediatamente com a comunicação do falecimento. A notícia se espalha rapidamente entre familiares, vizinhos e amigos, por meio de chamadas telefônicas, mensagens via celular, ou ainda pelo tradicional boca-a-boca. Essa divulgação ágil é fundamental para mobilizar a rede de apoio que ajudará nos preparativos do funeral, que envolvem decisões tanto práticas quanto simbólicas. Entre as primeiras preocupações estão quem assumirá a responsabilidade pela preparação do corpo, onde será realizado o velório, como será o transporte do corpo até o local de sepultamento, além de quais rituais serão observados, respeitando as crenças e costumes da família.

A condução dessas decisões é, em geral, coletiva e marcada pelo respeito à autoridade dos mais velhos, que possuem profundo conhecimento das tradições locais e da importância simbólica de cada rito. Em muitos casos, especialmente nas famílias que mantêm viva a cultura *ronga* e *changana*, as mulheres mais idosas assumem o papel de lavar e preparar o corpo do falecido. Esse ato, carregado de significado, é visto como um gesto de cuidado, honra e conexão com os ancestrais.

Tsalala, como está no contexto urbano periférico, se faz a adequação às exigências legais e sanitárias: o corpo costuma ser levado à morgue do Hospital Provincial da Matola para confirmação oficial da morte e, quando necessário, conservação até o dia do enterro. Esse procedimento institucional é encarado com naturalidade pela comunidade, embora possa representar um desafio financeiro e logístico, sobretudo para famílias de menor poder aquisitivo, que às vezes precisam manter o corpo na morgue por dias enquanto organizam o funeral.

O velório é um momento central na vivência do luto e pode ocorrer no quintal da casa do falecido ou em tendas montadas na rua, especialmente quando a residência não comporta o número de pessoas que desejam prestar suas condolências. A imagem a seguir ilustra essa dinâmica: nela, destaca-se uma grande tenda sendo montada sobre a via, sob a qual algumas pessoas se reúnem para preparar a realização de um velório. Registrei essa cena durante um dos meus percursos etnográficos, quando me dirigia à casa do Sr. Gabriel para mais uma conversa. Ao passar pela vizinhança, deparei-me com um grupo de pessoas esticando a lona. Ao perguntar sobre o acontecimento, o Sr. Gabriel informou-me que se tratava do velório do proprietário da casa de muro branco, cuja residência não possuía espaço suficiente para acolher todos os que desejavam prestar homenagens. A imagem, portanto, não apenas documenta um momento específico, mas também revela como os espaços públicos, como a rua, tornam-se extensões da vida doméstica em situações de luto, expressando formas coletivas de solidariedade e respeito.



Fotografias 82 *– Sr. Tenda a ser esticada no meio da rua para a realização de um velório.* ***Fonte****: Registro fotográfico do autor. Maputo, 06 de Janeiro de 2025*

Durante esse período de velório, que pode durar até a madrugada, a comunidade se reúne para orações, cantos e discursos de despedida. Em famílias cristãs, a presença de líderes religiosos, como pastores, catequistas e ministros, é frequente, orientando leituras bíblicas e reflexões que buscam consolar os enlutados, oferecendo esperança na vida após a morte. Nas

famílias que preservam as práticas tradicionais, é comum que haja rituais ligados à ancestralidade, como invocações dos espíritos dos antepassados e oferendas para garantir o bom encaminhamento da alma do falecido, fortalecendo a continuidade dos laços entre vivos e mortos.

Simultaneamente ao velório, os familiares se ocupam com a organização do enterro, que envolve a compra do caixão, contratação de transporte funerário, geralmente viaturas alugadas, pagamento das taxas necessárias para o cemitério e reserva do local da sepultura. Em Tsalala, o Cemitério municipal de Bedene Machava, é o espaço mais utilizado para enterros, sendo administrado pela Conselho Municipal da Matola e oferecendo sepulturas que atendem às demandas de uma população crescente. Entretanto, muitas famílias optam por sepultar seus mortos em cemitérios familiares, localizados dentro dos bairros residenciais. Esses espaços, tradicionais e carregados de significado afetivo, ainda que importantes para a preservação da memória familiar, trazem desafios para a convivência urbana, pois os caminhos entre as sepulturas são frequentemente utilizados pelas crianças para ir à escola, gerando situações que exigem negociação entre os moradores.

Outro fenômeno relevante observado nas práticas funerárias em Tsalala diz respeito ao traslado dos corpos para as zonas rurais de origem, sobretudo para províncias como Gaza, Inhambane ou outras regiões de onde a pessoa falecida era natural. Quando um residente do bairro falece, e é originário de uma dessas províncias, é comum que a família opte por levar o corpo de volta à sua terra natal para o sepultamento. Essa prática, recorrente em muitas famílias, está profundamente enraizada em concepções culturais e simbólicas sobre pertencimento, ancestralidade e reintegração espiritual.

O retorno do corpo à terra de origem é visto como uma forma de restabelecer o vínculo entre o falecido e os seus ancestrais, reforçando a ideia de que o cemitério familiar não é apenas um espaço físico de descanso, mas um território simbólico de pertença e continuidade da linhagem. Nesse sentido, enterrar o ente querido no local natal reafirma a identidade familiar e comunitária, mesmo diante do deslocamento urbano provocado por processos migratórios.

Contudo, essa escolha implica uma série de exigências práticas. O traslado do corpo requer planejamento detalhado, autorizações legais e recursos financeiros consideráveis para cobrir os custos de transporte, alimentação e estadia dos acompanhantes. Em função disso, o processo de sepultamento pode ser adiado por vários dias, enquanto se organizam as condições necessárias para a viagem e o ritual final. Ainda assim, muitas famílias se empenham para concretizar essa prática, demonstrando o peso simbólico e afetivo do retorno à terra, e a

importância das redes de solidariedade e apoio mútuo que tornam possível essa última travessia.

O funeral propriamente dito geralmente ocorre no dia seguinte ao falecimento, ou em até dois dias, dependendo das condições logísticas e financeiras da família. O cortejo que acompanha o corpo até o cemitério é um momento de forte emoção coletiva, reunindo parentes, amigos e vizinhos. No cemitério, uma breve cerimônia marca a despedida, com orações, cânticos e discursos, seguida pelo sepultamento em si, quando os presentes lançam punhados de terra sobre o caixão, simbolizando o retorno do corpo à terra e o encerramento do ciclo da vida física. Posteriormente, a família costuma oferecer uma refeição simples para os participantes, momento em que se reforçam as relações de solidariedade comunitária e compartilham memórias afetivas do ente querido.

Nas semanas seguintes ao enterro, a família participa de cerimônias de luto que podem incluir o "sétimo dia" e o "trigésimo dia" após a morte, ocasiões marcadas por orações, recordações e reafirmação da fé. Em muitas famílias *ronga* e *changana*, rituais como o "kupfuka" (levantamento do luto) e a purificação dos objetos do falecido são realizados para simbolizar a reintegração dos vivos à vida cotidiana e o encerramento do ciclo de luto. Essas práticas ilustram como, mesmo em um contexto urbano e contemporâneo, a ancestralidade continua sendo um elemento fundamental para a compreensão e o manejo da morte e do luto.

Quando a morte ocorre no hospital, o processo de luto e sepultamento em Tsalala mantém o caráter comunitário e simbólico, ainda que envolva etapas institucionais adicionais. A equipe médica do hospital declara oficialmente a morte e emite a certidão de óbito, permitindo que o corpo seja encaminhado para a morgue hospitalar. A permanência na morgue pode variar conforme a situação financeira e logística da família, que precisa organizar a retirada do corpo, os serviços funerários e os preparativos para o velório e sepultamento. Em muitos casos, serviços funerários são contratados para auxiliar na preparação do corpo, que inclui lavagem, vestimenta e conservação, especialmente quando o velório se estende por mais de um dia.

O velório, seja na casa da família ou em tenda, continua a ser um espaço simbólico essencial, onde se realiza uma vigília que pode durar toda a noite, marcada por orações, cantos e reflexões conduzidas por líderes religiosos ou anciãos da comunidade. As famílias mantêm o cuidado de seguir suas tradições culturais e religiosas, reafirmando os vínculos com seus antepassados e a importância da solidariedade social em momentos de perda.

O enterro segue a dinâmica anteriormente descrita, com cortejo até o cemitério municipal ou cemitérios familiares, cerimônia de despedida, sepultamento e refeições coletivas

posteriores. O desafio para muitas famílias, especialmente as de baixa renda, é conciliar as exigências burocráticas e financeiras do processo hospitalar com as práticas culturais e religiosas, o que pode causar atrasos e tensão emocional.

A coexistência entre as práticas tradicionais e as influências religiosas ocidentais é um especto marcante dos funerais em Tsalala. Mesmo entre famílias evangélicas, que rejeitam formalmente rituais ancestrais, observa-se a incorporação sutil de elementos tradicionais, evidenciando a complexidade das identidades culturais locais. Por outro lado, a crescente influência das igrejas pentecostais tem trazido mudanças, como a redução de certos rituais comunitários, cânticos noturnos e refeições coletivas, e a ênfase em um discurso focado na salvação individual e na promessa da vida eterna, modificando o tom e o conteúdo das cerimônias fúnebres.

Além das questões culturais e religiosas, os funerais em Tsalala enfrentam desafios urbanos concretos, como a escassez de espaço nos cemitérios municipais, o que tem levado a comunidade a buscar alternativas, como o uso de terrenos privados para sepultamentos familiares. Essa prática, ainda que tradicional, gera conflitos com as autoridades municipais, principalmente quando não há regulamentação clara sobre o uso da terra para fins funerários. Os custos associados à reserva de sepulturas e à manutenção das mesmas, sobretudo quando há construções em cimento ou mármore, também representam um peso significativo para muitas famílias.

Para conferir sentido à descrição sobre a situação de enterramento dos mortos no bairro de Tsalala, Matola, recorro à dissertação de Danúbio Lihahe (2010), intitulada *A Indizível Cor da Dor: Morte, Sofrimento e Reintegração em Maputo*, apresentada ao Mestrado em Antropologia Social no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Lisboa. O trabalho de Lihahe analisa uma tragédia ocorrida no dia 22 de março de 2007, quando explosões acidentais no paiol militar localizado em Malhazine, um dos bairros da periferia norte de Maputo, resultaram na morte de mais de 106 pessoas. Essa tragédia, segundo Lihahe (2010), revelou com contundência como a morte, nesses contextos urbanos periféricos moçambicanos, não é encarada como um simples evento biológico, mas como uma ruptura profunda da ordem social, espiritual e simbólica.

O enterramento, nesse cenário, é compreendido como um processo complexo de reintegração, não apenas do morto ao mundo dos ancestrais, mas também da comunidade ao seu equilíbrio social e cosmológico. A análise de Lihahe oferece, assim, uma lente interpretativa valiosa para iluminar o contexto funerário de Tsalala, permitindo compreender como, diante das adversidades e transformações contemporâneas, os moradores elaboram

práticas de luto que preservam sentidos ancestrais e religiosos, articulando resistência simbólica, cuidado coletivo e reconstrução de vínculos.

Na dissertação, Lihahe mostra que, diante de mortes violenta, os rituais funerários assumem especial importância, mobilizando uma multiplicidade de repertórios, cristãos, islâmicos, e especialmente os saberes ancestrais transmitidos por curandeiros (*tinyanga*), no intuito de evitar que o falecido se transforme em um espírito perturbador (*mpfhukwa*) e garantir sua transição adequada para o mundo dos antepassados. Esse esforço ritual visa restabelecer a harmonia espiritual e proteger os vivos das consequências associadas a uma "má morte".

Tais elementos ressoam fortemente nas práticas funerárias observadas no bairro de Tsalala, onde, apesar dos constrangimentos econômicos, legais e urbanísticos, os funerais continuam sendo experiências coletivas e profundamente significativas. Como destaca Lihahe (2010), o ato de enterrar é também um gesto político e cosmológico, uma forma de resistência simbólica diante da fragmentação social e espiritual provocada pela morte. Em Tsalala, essas práticas revelam uma convivência, muitas vezes tensa, entre sistemas simbólicos tradicionais e novas formas religiosas urbanas, especialmente as igrejas pentecostais, que frequentemente rejeitam rituais ancestrais, como a missa do sétimo dia ou as cerimônias de purificação espiritual. Essa pluralidade religiosa, longe de anular os sentidos tradicionais, obriga as famílias a negociar, reinterpretar e adaptar suas práticas, num processo contínuo de produção cultural.

Assim como em Malhazine apresentado por Lihahe (2010) em Tsalala o enterro é mais do que um momento de despedida: trata-se de um ritual de recomposição da ordem social e espiritual. Ele articula sofrimento pessoal, solidariedade comunitária e memória coletiva. O cortejo fúnebre, as vigílias, os discursos, os cânticos e os ritos de purificação são expressões de um sistema de significados que ultrapassa a individualidade da perda, projetando-se no plano coletivo e transgeracional. Enterrar os mortos é religar os vivos entre si e com os seus ancestrais; é afirmar, mesmo diante da dor, uma continuidade cultural e espiritual que sustenta a vida em comunidade.

Considerações finais

Nesta pesquisa apresentei as contribuições teóricas e etnográficas que ajudam a compreender como as pessoas idosas vivenciam o envelhecimento em situação de vulnerabilidade urbana no bairro de Tsalala, em Moçambique. A análise baseou-se em narrativas biográficas abordadas a partir dos estilos de vida, trajetórias sociais, redes de interação, marcadores sociais, condições de acesso à saúde, rotinas diárias, aspirações futuras, visões de mundo e práticas de enterramento dos mortos no contexto estudado.

A literatura analisada articulou duas perspetivas teóricas sobre o envelhecimento em Moçambique. A primeira, centrada na vulnerabilidade, abordou os desafios estruturais enfrentados pelas pessoas idosas (Buchir, 2017; Francisco & Sugahara, 2008, 2012; Francisco, Fisker & Sugahara, 2013; Silva, 2011), e a segunda baseada nas experiências individuais e socioculturais (Daca, 2012; Fumo, 2017; Galengale, 2017; Luís, 2022; Mbiza, 2022; Nhampoca, 2003; Nhampossa, 2023; Nunes, 2003), valorizou as narrativas de vida e a diversidade cultural que configura o envelhecimento.

A perspetiva focada na vulnerabilidade apresentou a fragilidade econômica das famílias, a ausência de redes eficazes de proteção social e a insuficiência das políticas públicas, como base da sua análise, e em contraste, a segunda mostrou que práticas culturais, vínculos sociais e a transmissão oral de saberes permitem às pessoas idosas preservar a continuidade cultural e construir estratégias de resistência diante das adversidades. Além disso, o cenário apontou a inadequação das políticas públicas e propôs a necessidade de programas de proteção social às especificidades locais.

As duas perspetivas teóricas analisadas ofereceram contribuições relevantes ao estudo. A primeira evidenciou as suas conclusões na compreensão da precariedade das condições estruturais e da resistência às mudanças políticas, focando nos aspectos macro. A segunda aprofundou a dimensão simbólica e cultural do envelhecimento, abordando o nível micro. Contudo, ambas as perspectivas se mostraram insuficientes para capitalizar a complexidade da forma como as pessoas idosas vivenciam o envelhecimento em contextos de vulnerabilidade urbana. A limitação central residiu no facto das suas abordagens permanecerem excessivamente presas nas categorias de pobreza, violência e exclusão social, essa fixação impediu a plena apreensão dos pressupostos básicos da construção social da velhice nesses contextos urbanos.

Em contraste, a literatura da antropologia brasileira e britânica (Debert, 1998; [s/d]; Featherstone, 1989; Barros, [s/d]; Motta, 2002) contribuiu para essa compreensão ao

apresentarem o envelhecimento como uma construção social atravessada por tensões entre juventude e velhice, tradição e modernidade, autonomia e fragilidade; e nos contextos urbanos, essa produção evidenciou que a violência e o medo não apenas incidem sobre a velhice, mas modificam as experiências cotidianas das pessoas idosas (Eckert, 2002; Alves, 2002).

Assim, ao articular essas diferentes perspectivas, se compreendeu que o envelhecimento não pôde ser entendido apenas a partir das categorias pobreza, violência, exclusão social, dependência de redes informais, privações materiais ou das dimensões simbólicas isoladamente, mas como um processo complexo que envolve e articula as estruturas sociais, práticas culturais e desafios específicos da vida urbana.

Foi a partir dessas e de outras inquietações que esta pesquisa se desenvolveu no bairro de Tsalala, onde trabalhei com pessoas idosas em situação de vulnerabilidade para compreender como suas experiências se configuram nesse contexto urbano. As caminhadas, as observações e o uso da fotografia revelaram o bairro como um espaço vivo (Eckert e Rocha, 2021), marcado por histórias e memórias. Nesse percurso, a etnografia, sustentada pela escuta atenta, permitiu captar as dimensões afetivas e simbólicas do envelhecimento naquele cenário urbano pleno de conflitos e carestia.

As experiências das pessoas idosas, manifestadas em gestos, palavras e silêncios, revelaram diferentes camadas de sentido que se relacionam com a cidade, o corpo, a fé e a terra. A associação Hi-Phunane, por exemplo, se constituiu como um espaço representativo dessa articulação entre território, memória e dignidade. Nesse contexto, os saberes ancestrais são reconfigurados em práticas de resistência diante da precariedade urbana, da invisibilidade institucional e das formas de violência simbólica (Eckert, 2002) e material que afetam os corpos envelhecidos. Esses processos confirmam a capacidade de agência e reinvenção presente nas suas narrativas identitárias, especialmente a ipseidade (Ricoeur) ligada ao lugar onde as relações sociais acontecem (Tsalala).

A fotografia nesse processo, superou seu papel de mero recurso de documentação (Eckert e Rocha, 2020) e se configurou em uma linguagem etnográfica. Ela revelou os ritmos, afetos e marcas do tempo que reconfigura o cotidiano de Tsalala. Cada imagem capturada carrega não apenas um fragmento visual, mas uma narrativa, uma história inscrita em gestos, objetos e paisagens (Eckert e Rocha, 2020).

As narrativas biográficas compartilhadas revelaram trajetórias das pessoas idosas cheias de desafios, deslocamentos forçados, guerras, trabalho duro e laços comunitários. A partir de experiências pessoais, vivências emocionais e significados atribuídos ao passado, cada idoso/a construiu sua trajetórias e identidade social (Velho, 1998), nas suas memórias, convive

dor e resistência, falaram de perdas, de saberes do trabalho agrícola e de estratégias de solidariedade no dia a dia, essas pessoas guardam memórias coletivas, valores e conhecimentos que mantem viva a cultura de suas comunidades.

Nos seus estilos de vida apresentaram padrões e variações das suas rotinas diárias, sendo o trabalho o elemento central nos padrões encontrados, seja na *machamba*, no cuidado doméstico ou em iniciativas comunitárias. Galengale (2017), em seu estudo sobre estratégias de reprodução social de idosos em Boane, destacou a importância de reconhecer as contribuições dessas pessoas e as múltiplas formas de adaptação e resistência que garantem sua (re)produção social, desconstruindo a visão que os reduz a receptores passivos de cuidados. As práticas de agricultura, criação de pequenos animais, aluguel de bens e a participação em redes de poupança, *xitique* demonstraram que o envelhecimento não significa inatividade, é um sentido de ser e estar no mundo.

As rotinas distintas mostraram um envelhecimento ativo e equilibrado, contrastando com um cotidiano mais solitário e melancólico. As situações de sobrecarga e o peso das desigualdades sociais, as frustrações perante as falhas institucionais, foram evidentes, contudo, as narrativas mostraram que essas limitações físicas, materiais institucionais não impedem a busca por alternativas de vivências: A luta pela dignidade em meio à precariedade unifica essas experiências, sendo cada pessoa orientada por sua história, recursos e redes de interações.

As pessoas idosas assumiram diferentes funções na vida, incluindo ocupações, papéis familiares e status sociais. Foram filhos/filhas, esposos/esposas, mães/pais, avós, trabalhadores formais/informais, ativistas comunitárias, catadores, agricultores, cuidadores familiares, comerciantes (...). Para muitas, essa multiplicidade de papeis não foi apenas uma escolha, mas uma necessidade diante das circunstâncias emergentes ao longo da vida.

As dificuldades econômicas e os deslocamentos forçados, muitas vezes causados por conflitos, marcaram suas vidas. A transição entre empregos formais e informais ocorreu com frequência, mostrando a capacidade de adaptação e a persistência dessas pessoas para sustentar suas famílias. As mulheres demonstraram grande força, mantendo os lares e cuidando de todos mesmo sem emprego fixo. Apesar da instabilidade económica, das perdas e das mudanças de emprego, a autoridade dessas pessoas fortaleceu-se. A experiência acumulada ao longo da vida tornou-se um capital moral e social que serve de referência para a família e a comunidade.

Em meio a crises econômicas, mudanças climáticas e ausência de apoio institucional, os espaços comunitários surgem como lugares vitais de solidariedade e construção coletiva de sentido. A desigualdade no acesso às redes de apoio se contrastou com a força das redes informais (vizinhança, ajuda mútua, apoio entre pares), destacada como sustentação do

cotidiano e da esperança. A compreensão dessas redes e formas de sociabilidade é fundamental para reconhecer as estratégias de sobrevivência das pessoas idosas e subsidiar a reformulação de políticas públicas que fortaleçam o protagonismo dos idosos e valorizem iniciativas comunitárias.

As mulheres, marcadas pelo peso histórico do cuidado e da invisibilidade institucional, demonstraram notável liderança e capacidade de reinventar papéis sociais, enquanto os homens, diante da perda do modelo tradicional do provedor, enfrentam desafios de ressignificar suas masculinidades, muitas vezes assumindo práticas antes atribuídas ao universo feminino, como trabalhos domésticos.

A dimensão geracional ajudou a descrever que esses sujeitos viveram guerras, exclusões e instabilidades sociais, mas que também participaram ativamente da territorialização urbana e na resistência cotidiana. Os idosos são guardiões de saberes, construtores de memórias, mesmo num tempo que nem sempre se reconhecem suas contribuições. Suas vozes exigem políticas públicas e práticas sociais que estejam à altura de suas trajetórias.

Os idosos mostraram muitas dificuldades no acesso à saúde, relataram a falta de medicamentos, a ausência de médicos especializados para suas necessidades, problemas na comunicação dos diagnósticos e um atendimento pouco humanizado, fatores que aumentaram sua vulnerabilidade. Mesmo assim, os relatos por outro lado, revelaram força e criatividade, pois reorganizam sua vida com base na fé e na solidariedade. Ainda assim, na luta por cuidados de saúde os idosos apelaram a urgência de um Estado capaz de reconhecer suas necessidades e garantir acompanhamento médico, acesso gratuito a medicamentos, transporte adequado, apoio psicológico e condições de vida dignas. Essas narrativas apontaram para a importância de ouvir, valorizar e integrar a experiência e o conhecimento das pessoas idosas nas políticas públicas, como parte essencial de uma sociedade justa e inclusiva.

As visões de mundo expressas pelas pessoas idosas revelaram aspirações voltadas ao fortalecimento de suas associações, com o objetivo de garantir segurança alimentar e bem-estar coletivo. Manifestaram o desejo de legalizar os terrenos que ocupam, de modo a viabilizar projetos de desenvolvimento, e defenderam a criação de uma rede de associações capaz de promover a troca de experiências. Também destacaram expectativas relacionadas à melhoria das condições básicas de vida moradias seguras, acesso regular a água e energia e à reativação do observatório das associações, entendido como instrumento para recuperar dignidade e sustento comunitário. Somaram-se a isso propostas de expansão das atividades agrícolas, a criação de filiais religiosas e o anseio por melhores condições de saúde. Essas aspirações

mostram que, apesar das limitações enfrentadas, permanece viva a vontade de sonhar e de contribuir de forma ativa para a vida coletiva.

O enterramento dos mortos no bairro manifesta-se através da mobilização de redes de parentesco, vizinhança, amizade e comunidade. Esse momento evidencia tanto a força da solidariedade quanto as tensões entre tradições e novas influências religiosas e culturais. Os cortejos, vigílias, discursos, cânticos e ritos de purificação ultrapassaram a dor pessoal da perda, inscrevendo-a na memória coletiva e transgeracional, onde vida e morte se entrelaçam no tecido social.

As narrativas biográficas das pessoas idosas de Tsalala demonstraram que o envelhecimento em contexto de vulnerabilidade urbana se constrói na articulação de experiências individuais e relações coletivas. Nesses relatos, tornou-se evidente que suas trajetórias, marcadas por deslocamentos forçados, guerras, trabalho árduo e instabilidade económica, não se reduziam à condição de fragilidade, revelaram modos de existir sustentados por práticas cotidianas de resistência e solidariedade. Nos estilos de vida observados nos cuidados domésticos, na agricultura, nas redes de poupança ou nas iniciativas comunitárias o trabalho a parece como como eixo organizador principal da vida na velhice, e confere a dignidade e pertencimento das pessoas idosas nos lugares ondem se encontram. As trajetórias sociais ampliaram essa compreensão ao mostrar que homens e mulheres, atravessados por diferentes marcadores sociais, assumiram múltiplos papéis, reinventando maneiras de cuidar, prover e participar da vida coletiva.

As formas de sociabilidade, sobretudo as redes de vizinhança, de apoio religioso e de ajuda mútua, surgiram como pilares de sustentação da vida diante da ausência de políticas públicas eficazes, nessas narrativas, emergiu igualmente a dimensão simbólica da velhice marcado por relatos ritualísticos de enterramento dos mortos que registram vínculos, atualizam memórias e fortalecem a coesão comunitária. Nas aspirações dos idosos, legalização de terrenos, fortalecimento de associações, melhorias nas condições de vida ficou patente que, mesmo diante das limitações materiais, permanece viva a vontade de projetar futuros possíveis.

Estudar o envelhecimento em Tsalala significou reconhecer sujeitos que negociam diariamente as fronteiras entre precariedade e dignidade, articulando saberes, afetos e práticas que sustentam suas vidas e visões de mundo. Essas vivências marcadas por tensão entre vulnerabilidade e dignidade são sustentadas por trabalho, solidariedade e redes comunitárias; suas narrativas revelam criatividade; força para enfrentamento de precariedade; reinvenção de papéis sociais; manutenção de vínculos afetivos e simbólicos; negociação cotidiana das condições de vida e afirmação de pertencimento, memória e esperança e um devir mais justo.

Referências

ACIOLI, Sonia. "Redes Sociais e Teoria Social: Revendo os Fundamentos do Conceito". *Informação & Informação*. Londrina. Edição especial, vol. 1 2, 2 0 0 7. P. 1 – 12.

ALENCAR, Ana Lúcia Hazin. *Estilo de vida e sociabilidade: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco.* 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. P. 219.

ALVES, Paula et al. *Conceção dos idosos em relação à pessoa idosa*. Trabalho desenvolvido por Enfermeira e Docentes da Escola Superior de Saúde. Instituto Politécnico de Bragança (IPB). Bragança, 2016.

ALVES, Paulo César. Narrativas de nervosas. experiência de fragilização em mulheres idosas. In: MINAYO, Maria Cecilia de Souza e COIMBRA JR. Carlos E. A. (organizadores). *Antropologia, Saude e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. P. 153 - 174.

BASSIT, Ana Zahira. "Histórias de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice" In COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. "Coleção Antropologia e Saúde.", Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 175 – 189.

BARROS, Myriam Lins de. Entrevista concedida por Anita Neri sobre "Gerontologia estuda envelhecimento de forma global": *Antropóloga analisa situação de idosos sob a ótica dos próprios*. Rio de Janeiro. 2002.

BECKER, Howard. "Observação participante". In: *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.* São Paulo. 1993. P. 47-65.

BRIGEIRO, Mauro**.** *A gestão contemporânea da velhice e do envelhecimento, em 4 pontos.* Nexo Jornal, São Paulo, 13 nov. 2024. Disponível em: https://pp.nexojornal.com.br/perguntas-que-a-ciencia-ja-respondeu/2024/11/13/a-gestao-contemporanea-da-velhice-e-do-envelhecimento-em-4-pontos. Acesso em: 20 fev. 2025

BUCHIR, Tânia Evelina Samuel. *A Percepção Demográfica dos Idosos em Moçambique*. Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Demografia, 2017. P. 1 – 7.

CALDAS, Célia Pereira. "O idoso em processo de demência: o impacto na família". In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Coleção Antropologia e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. P. 51 – 102.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. "O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social". *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2018. P. 1 – 14.

COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza "Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento". In: COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Coleção Antropologia e Saúde., Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 11 – 24.

COHEN, Lawrence. "Não há velhice na India: Os usos da gerontologia". In . "A Aposentadoria e a invenção da Terceira Idade". In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998. P. 65 – 118.

CRUZ E SILVA, Teresa. "Religiões e espaços de solidariedade em tempos de guerra: O caso das igrejas Zione no distrito de Homoíne." In: CRUZ E SILVA, Teresa; MACAMO, Elísio (orgs.). *Religião e reinvenção da ordem social em África*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002. P. 32 – 54.

DACA, Timóteo. "Depressão, ansiedade e qualidade de vida das mulheres adultas e idosas participantes do programa "Envelhecimento Saudável" em Moçambique". *Revista Mineira de Educação Física,* Viçosa, Edição Especial, Núcleo de Investigação em Actividade Física e Saúde, Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Pedagógica, 2012. P. 2006 – 2013.

DEBERT, Guita Grin. *Envelhecimento e curso da vida*. [s.l.: s.n.], [s.d.].

DEBERT, Guita Grin. "Pressupostos da Reflexão antropológica sobre a velhice". In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998. P. 7 – 27.

DEBERT, Guita Grin & SIMÕES, Júlio Assis. "A Aposentadoria e a invenção da Terceira Idade". In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998. P. 29 – 44.

DESLANDES, et al. "O Idoso sob o Olhar do Outro" In. COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. "Coleção Antropologia e Saúde.", Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 191 – 209.

DOLL, Johannes. **"**Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade"**.** *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano***.** Passo Fundo. v. 3, n. 1, 2006.P. 9 –21.

ECKERT, Cornelia, & ROCHA, Ana Luiza. "A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento". *Revista Hawò*. 2020. P. 1 – 50.

ECKERT, Cornelia ROCHA, Ana Luiza Carvalho da;**.** *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana.* Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), PPGAS/UFRGS, 2001.

ECKERT, Cornelia, & ROCHA, Ana Luiza. Nunca en anexo! Pesquisa, ensino e escrita com imagens em Antropologia Audiovisual. *Trama*, v. 11, n. 11, 2020. P. 10-32. Disponível em: http://www.auas.org.uy/trama/index.php/Trama/article/view/196. Acesso em: 7 nov. 2024.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. p. 9-24. Série Graduação. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301. Acesso em: 22 set. 2024.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da**.** "Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica". In: *Eckert, Cornelia; Rocha, Ana Luiza Carvalho da**.** Etnografia da duração.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. P. 105–128.

ECKERT, Cornelia. "A Cultura do Medo e as Tensões do Viver a Cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre". In: COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. "Coleção Antropologia e Saúde.", Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 73 – 102.

ESCORSIM, Silvana Maria. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 142, 2021. P. 427-446. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0101-6628.258. Acesso em: 13 jun. 2025.

FANTASIA, Ana; LEITE, Pedro Pereira. **As** narrativas biográficas e as metodologias de investigação-acção sobre a memória e o esquecimento. In: EUROPEAN CONFERENCE ON AFRICAN STUDIES (ECAS), 5., 2013, Lisboa. *African Dynamics in a Multipolar World*. Lisboa: Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), 2014. ISBN: 978-989-732-364-5. P. 1147 – 1166.

FASSIN, Didier. "Compaixão e repressão: a economia moral das políticas de imigração na França". *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*, n. 15, 2014. P. 1 – 39.

FEATBERSTOZF, Mike. "O curso de vida: Corpo, cultura e o Imaginário no processo de envelhecimento". In DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998. P. 45 – 64.

FERNANDES, Adriana. "Pesquisando em zonas de vulnerabilidade: dilemas, tropeços e estar junto". *Ayé: Revista de Antropologia*, v. 2, n. 1, 2020. P. 168-171.

FERNANDES, Adriana dos Santos. "Imagens da precariedade, governo dos pobres e implicações etnográficas". *Soc. e Cult., Goiânia*, v. 21, n. 2, 2018. P. 219-240.

FERNANDO, Celestino Taperero. "O outro lado da história de Moçambique: surgimento da RENAMO entre (1977 e 1992) como alternativa para construção da democracia multipartidária e identidade moçambicana"**.** *Revista História em Reflexão*, Dourados, MS, v. 15, n. 29, 2021. P. 194-211. Disponível em: https://historiaemreflexao.ufgd.edu.br. Acesso em: 27 maio 2025.

FIRMO, Elizabeth Uchôa, Josélia O. A. & LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. de. "Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural" In COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza. E. A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. "Coleção Antropologia e Saúde.", Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 25 – 35.

FRANGELLA, Simone & RUI, Taniele. "Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade". *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, n. 47, 2017. P. 23-38.

FRANCISCO, António & SUGAHARA, Gustavo. Moçambique é o Penúltimo (95º) no Índice Global de Idosos: *Um dos piores países do mundo para viver e envelhecer*. 2014. P. 1 – 7.

FRANCISCO, António, FISKER, Peter & SUGAHARA, Gustavo. *Envelhecer em Moçambique: Dinâmicas do Bem-Estar e da Pobreza*. Instituto de Estudos Sócio Económicos - IESE, 2013. P. 1 – 78.

FRANCISCO, António & SUGAHARA, Gustavo. Idosos em Moçambique: Romper a conspiração do silêncio. *Idosos em Moçambique Desafios para Moçambique*, 2012. P. 295 – 331.

FRANCISCO, António A. da Silva; SUGAHARA, Gustavo T. L., et all. Ideias Nº37 – Envelhecimento populacional em Moçambique: ameaça ou oportunidade? *Economia, Recursos Naturais, Pobreza e Política em Moçambique*, Uma colectânea de textos, IESE, 2008. P. 309 – 314.

FUMO, Arménia António. "Acesso e aceitação da pessoa idosa em centros especializados: Uma análise da integração da pessoa idosa em dois centros em Maputo". Monografia de Graduação em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2017. 1 – 35.

GALENGALE, Abílio Pedro. "O quotidiano dos idosos: um estudo sobre estratégias de reprodução social a partir de um grupo de idosos no distrito de Boane". Monografia de Graduação em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 2017. P. 1 – 27.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura (1973). In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, P. 13-41.

GONSALVES, Marlene. "A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento" In *DEBERT. Guita Grin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP,1999*. Pro-Posições- 2002. 181 – 183.

GUBER, Rosana. "La observación participante" *in La etnografía: método, campo y reflexividad.* Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001. P. 60 - 88. (Enciclopedia latinoamericana de sociocultura y comunicación). ISBN 958-04-6154-6.

GUEDES, Simoni Lahud. "A Concepçao sobre a familia a Geriatria e na Gerontologia Brasileiras: Ecos dos dilemas da multidisciplinaridade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ISSN 0102-6909 versão impressa, 2000. P. 71 – 82.

GUÉRIOS, Paulo Renato. *O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas*. Revista Campos – Revista de Antropologia Social, v. 15, n. 1,

2014. P. 9-35. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/37795. Acesso em: 16 jun. 2025

GUITARRARA, Paloma. (s/d). "Moçambique"; *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/mocambique.htm. Acesso em 27 de maio de 2025.

KOEHNE, André. Mapa da Província de Maputo, em Moçambique. Criação: 7 abr. 2006. Carregamento: 7 abr. 2006. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maputo_Province_Map.png. Acesso em: 31 maio 2025

HECK, Rita Maria & LANGDON, Esther Jean Matteson. "Envelhecimento, Relações de Gênero e o Papel das Mulheres na Organização da Vida em uma Comunidade Rural" In: COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. "Coleção Antropologia e Saúde.", Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. P. 129 – 151.

HELPAGE INTERNATIONAL**.** *Global AgeWatch Index 2014: Norway tops the list, Latin America leads pension revolution, life expectancy continues to rise.* London: HelpAge International, 2014. P. 1 – 28.

LIHAHE, Danúbio Walter Afonso. *A indizível cor da dor: morte, sofrimento e reintegração em Maputo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa (através do ISCTE), 2010. P. 1 – 87.

LORENZ, Federico. Resistências. Tradução: Carlos Henrique Lopes de Almeida. *Margens – Revista Interdisciplinar*, v. 9, n. 13, 2015. P. 11-15. Disponível em: https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/margens. Acesso em: [16 de Junho de 2025].

LODOVICI, F. M. Moreira & SANTOS, D. Fátima. Pessoas idosas em Moçambique: com a palavra, Teresinha da Silva. *Revista Kairós Gerontologia, nº14, vol* 6. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil, 2011. P. 167 – 182.

LUÍS, Dício Agostinho. "Programas de Protecção Social aos Idosos em Tempos da Covid-19 na Cidade de Maputo: análise dos critérios para atribuição do subsídio social básico no bairro 25 de Junho- Kamubukwana (2019-2021) ". Monografia de Graduação em Serviços Sociais. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 2022.

MACHADO, Carly. A magia onde "não deveria estar": um novo olhar sobre os efeitos mágicos da modernidade. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, P. 189-201, 2005. Resenha de: MEYER, Birgit; PELS, Peter (orgs.). *Magic and modernity: interfaces of revelation and concealment*. Palo Alto, California: Stanford University Press, 2003. 400 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. In: Revista Horizontes Antropológicos Etnografias. Porto Alegre Ed. UFRGS, 2009. P. 129 - 156. https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. Londres: Routledge & Kegan Paul.1922.

MACEDO, Renata Mourão; MEDEIROS, Thamires Monteiro de**.** "Marcadores sociais da diferença, interseccionalidade e saúde coletiva: diálogos necessários para o ensino em saúde". *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 144. 2025. P. 1 – 14.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. REVISTA ESBOÇOS 11 - UFSC. (s/d). P. 65 – 71.

MATULE, Euclides Délio. Et al. "Análise espaço-temporal dos índices de cobertura vegetal no município da Matola, Moçambique". *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 29, n. 3, 2017. P. 371 385. Disponível em:https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/42752. Acesso em: 28 maio 2025.

MOTTA, Alda Britto da. Envelhecimento e sentimento do corpo In: MINAYO, Maria Cecilia de Souza e COIMBRA JR. Carlos E. A. (organizadores). *Antropologia, Saude e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. P. 37 – 50.

MOTTA, Alda Britto de. "A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento". *Revista Sociedade e Estado*, Vol. 25, No. 2, 2010. P. 2025 – 250.

MBIZA, Francisco Mário. Violência contra a pessoa idosa: estudo de caso na Aldeia dos Idosos - Distrito de Katembe (2020-2021). Monografia de Graduação em Serviços Sociais. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 2022.

MOÇAMBIQUE. Direcção Provincial da Indústria e Comércio de Maputo. *Plano Operacional da Comercialização Agrícola da Província de Maputo (POCA), 2018*. Maputo: DPIC, 2018. 23 p.

MOÇAMBIQUE. Lei n.º 3/2014, de 5 de Fevereiro. Lei de Protecção e Promoção dos Direitos dos Idosos. Boletim da República: I Série, n.º 11, de 5 de Fevereiro de 2014

MOÇAMBIQUE. *Politica para a Pessoa Idosa e estratégia da sua Implementação*. lBoletim da Republica, I Série nº 45, 12 de Novembro de 2012.

MOREIRA, João Vitor de Freitas. Ensaios metodológicos em antropologia engajada. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2019. P. 427-434.

NHAMPOCA, J. M. Dausse. O idoso e mendicidade: Sua integração social: Caso da Cidade da Beira 1995 – 2000. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003. 54p

NHAMPOSSA, Lídia Luís. Pessoa Idosa em situação de pobreza: papel do assistente social na integração da pessoa idosa no subsistema de segurança social básica ─ Estudo de Caso do Bairro de Chamanculo "B" 2019-2021. Monografia de Graduação em Serviços Sociais. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 2023. 53p

NUNES, Carlos Miguel. A transformação do papel social do: Transmissão oral das praticas e dos valores tradicionais nas comunidades rurais. Dissertação apresentada na Unidade de Investigação e Formação em Ciências Sociais de Universidade Eduardo Mondlane como

requisita parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Sociologia (UFICS), Maputo, 2003.

OVIEDO, Rafael Antônio Malagón e Czeresnia, Dina. O conceito de vulnerabilidade e o seu caracter Biossocial. *Comunicação, Saúde, Educação*. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) v. 19, n. 53, 2015. P. 237-249.

RICOEUR, Paul. *O si mesmo como um outro*. Campinas, Sp, Papirus, 1991.

RIBEIRO, Ester Tomás Natal. Espaços residenciais fechados: o acesso diferenciado e desigual à terra na cidade da Matola, em Moçambique**.** *Revista GEOUSP: Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 26, n. 2, e192614, 2022. P. 1 – 16. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.192614.pt. Acesso em: 28 maio 2025.

ROSA, José M. da S. Rosa. "Da Identidade Narrativa Paul Ricoeur: leitor de Santo Agostinho". *Texto publicado em Cassiano REIMÃO (Org.), & Manuel Cândido PIMENTEL (Coord.), in Os Longos Caminhos do Ser. Homenagem a Manuel Barbosa da Costa Freitas,* Lisboa, Universidade Católica Editora, 2003. P. 3 – 54.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula; NUNES, João Arriscado**.** Epistemologias do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 23-71**.**

SILVA, Terezinha da. Violência contra a pessoa idosa: do invisível ao visível. *Revista Kairós Gerontologia.* ISSN 2176-901X, São Paulo, 2011, P. 65-78.

SILVA, Maurício Ferreira da. "A Identidade narrativa em Paul Ricoeur e a relação com o lugar". *Revista Razão Fé*, Universidade Católica de Pelotas. 2017. P. 61 - 70

STACCIARINI, João Henrique Santana, et al. *Maputo, a cidade dividida: fragmentação e (re)qualificação.* Soc. Nat., v. 35, 2023. P. 1 – 13.

SCOTT, R. Parry. "Envelhecimento e Juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva" In COIMBRA JR. Carlos. E. A & MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadores). *Antropologia, Saude e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2002. P. 103 – 209.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Sociabilidade: etnografia de um conceito.* In: DAMO, Arlei Sander; SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo Marques Carraro (Orgs.). *Vinte anos de diálogos: os esportes na antropologia brasileira.* São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2016. P. 24 – 41

THIOLLENT, Michel J. M. (1982). Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquete Operária. Com textos metodológicos de Pierre Bourdieu, Liliane Kandel, Guy M,Jchelat. Jacques Maltre, Raniero Panzjeri e Dário Lanzardo. 3ª Ed. Editora Polis 1982.VELHO, Ana Paula Machado et al. "Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores". *Educ. Pesqui*., São Paulo,. 2015. vol. 41, nº. 4, p. 863-881.

VELHO, Gilberto. (1988). “Memoria, Identidade e Projeto” In *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.

VELHO, Gilberto. Cultura enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 49-55.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

VELHO, Ana Paula Machado et all. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 4, 2015. P. 863-881.. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612. Acesso em: [21 de Adril de 2025